

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**EMÍLIA BEZERRA DE MIRANDA**

**NARRATIVAS DE AMIZADE ENTRE JOVENS MULHERES:**  
experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento

Recife

2018

EMÍLIA BEZERRA DE MIRANDA

**NARRATIVAS DE AMIZADE ENTRE JOVENS MULHERES:**  
experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jaileila de Araújo Menezes

**Área de concentração:** Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

M672n Miranda, Emília Bezerra de.  
Narrativas de Amizade entre Jovens Mulheres: experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento / Emília Bezerra de Miranda. – 2018.  
191f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof.<sup>a</sup> Dra Jaileila de Araújo Menezes.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2018.  
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Mulheres jovens. 2. Amizade. 4 Narrativas. 5. Território de crescimento econômico. I. Menezes, Jaileila de Araújo (Orientador). II. Título.

150 (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-065)

EMÍLIA BEZERRA DE MIRANDA

**NARRATIVAS DE AMIZADE ENTRE JOVENS MULHERES:**

experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovada em: 20/06/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jaileila de Araújo Menezes (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Luís Felipe rios do Nascimento (1º Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paloma Silva da Silveira (2º Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (1º Examinador Externo)  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Veriana de Fátima Rodrigues Colaço (2º Examinador Externo)  
Universidade Federal do Ceará

Para minhas filhas, Ana e Cecília: Por me ensinarem o que não está escrito em canto algum. Para meu pai, Edinaldo (i.m.): Que tanto experimentou amizades... Inspiração permanente neste trabalho.

Dedico

## AGRADECIMENTOS

### *AGRADECIMENTO ESPECIAL I*

A Jaileila

Orientadora-amiga. Pelo sim. Pela paciência. Pela inteira disponibilidade. Pela doçura. Pelo compromisso. Por me ensinar sobre muito mais do que conceitos, autores e temas. Pelas lições de ética, política e estética. Obrigada por tudo. Meu desejo é que essa parceria não tenha fim.

### *AGRADECIMENTO ESPECIAL II*

A todas e todos do GEPCOL

Esse coletivo diverso – regido pela professora Jaileila - que inventa com arte modos pouco convencionais de relação no ambiente acadêmico, produzindo diferença e fugindo aos padrões de funcionamento hegemônicos.

Pelo doce convívio de encontros potentes nesses anos, particularmente: Jéssica, Keise, Laís Rodrigues, Laís Monteiro, Danda, Ju, Kátia, Rose, Antônio, Roberta, Dani(s), Bia, Vic, Edson e Débora. E a Leylly, que me ajudou nos contatos com as jovens entrevistadas. Agradeço o acolhimento, as trocas e a imensa solidariedade. Sem dúvida estiveram comigo na escrita deste trabalho.

\*\*\*

A Ana e Cecília, minhas pequenas, pelos sorrisos e pelos olhares com que me presentearam durante esses anos, me fazendo navegar quando era preciso.

A Pedro, *mon chou*. Por tudo que construímos a cada dia. Pelo desafio da relação. Meu amor-amigo. Meu colo. Sem ele não haveria tese.

A Lucila, minha mãe. Pelo aconchego da casa. Pela segurança da presença. Pela solidariedade incondicional da relação mãe-filha.

A “tio Lula”, meu tio-pai-amigo que, para minha sorte, a vida trouxe pra mais perto nos últimos anos. Por tudo.

A Zeca, meu irmão. E Lú, minha cunhada. Por estarem comigo em momentos de lazer e leveza (em Recife ou São Paulo), necessários de vez em quando. E ao meu pequeno primeiro sobrinho Tom, que me deu força imensa nos momentos finais deste trabalho.

A todas as minhas tias por tudo o que são pra mim. Sobretudo por manterem ativa a rede solidária familiar mais preciosa do mundo.

À minha sogra e ao meu sogro, pelo acolhimento amoroso sempre que precisei. Sempre que preciso. A Silvinha, Nane e Guila, mais do que cunhadas, amigas. Pelo convívio fraterno e pela solidariedade.

A Zilda e Cássia, que não só me ajudaram no cuidado com as crianças, mas sobretudo porque o fizeram com um carinho e uma paciência que não se explicam.

A todas as minhas amigas e a todos os meus amigos, por me fazerem experimentar os sabores e cores dessa relação chamada amizade. Tá tudo aqui.

Às amigas Kátia e Inês, pelos ouvidos, mãos e corações. Dois amores que ganhei de presente nos tempos do mestrado. Como a vida me foi boa ao trazê-las pra perto de novo no doutorado.

A Carla Gama, amiga-artista, que do traço primoroso trouxe um toque estético ao trabalho.

A Mariana, pelos nossos 38 anos de amizade.

\*\*\*

Ao corpo de docentes do Programa de Pós-graduação em Psicologia, especialmente às professoras Fátima Santos e Karla Galvão. Ao corpo de funcionários do Programa - João em especial.

Às professoras examinadoras Veriana Colaço, Mónica Franch, Karla Galvão e Paloma Silveira e ao examinador Luís Felipe Rios, pela generosa participação nas Bancas de Qualificação e Defesa. E à professora Suzana Libardi.

À FACEPE, pelo apoio que propiciou a realização deste trabalho.

**E, por fim, a minha gratidão imensa às seis jovens participantes da presente pesquisa.**

As práticas de amizade exercidas pelas mulheres podem contribuir para a construção de relações intersubjetivas mais livres, solidárias e múltiplas e, certamente, não só para as mulheres. Da mesma forma que no passado, a presença da mulher contribuiu para a difusão das boas maneiras, como mostravam as sociedades de corte, creio que hoje elas continuam possibilitando a invenção de novas formas de existência (IONTA, 2007, p.212).

## RESUMO

A pesquisa investigou a relação juventude e amizade em um território de crescimento econômico a partir das narrativas de jovens mulheres. O trabalho teve como campo de pesquisa a sub-região de SUAPE, na Região Metropolitana do Recife, que desde 2008, vem recebendo grandes investimentos e obras estruturantes que modificaram as dinâmicas de vida dos/as moradores/as do lugar. Considerando as tensões que comumente figuram entre os termos do crescimento econômico e desenvolvimento social, a pesquisa abordou, particularmente, as repercussões dessa tensão para as jovens desse território e o campo das relações de amizade. A noção de juventude foi tratada como uma categoria composta por “sujeitos historicamente invisibilizados” ou “subalternos”, vivendo em contextos regidos por ordem social, política, econômica e cultural hegemônica. Para compreender a noção de amizade tomamos a perspectiva de filósofos/as como Michel Foucault e Francisco Ortega em articulação com autores/as de outras áreas de conhecimento. Daí nosso interesse em entender as dimensões ética, política e estética da amizade. O trabalho teve como objetivo, portanto, investigar as experiências de amizade de jovens mulheres pertencentes às camadas populares de um território de crescimento econômico, “Suape”, buscando analisar as fronteiras do campo amizade x juventude com outros tipos de relação, particularmente as relações familiares e afetivo-sexuais; caracterizar o território no que informa sobre os contextos sociais em que jovens mulheres vivem suas vidas, com ênfase nas experiências de amizade; compreender como jovens mulheres pobres da região narram suas relações de amizade, com que imagens, sentidos e códigos de gênero. Partindo das perspectivas epistemológicas dos estudos feministas e decoloniais, recorreremos a uma metodologia de Pesquisa Narrativa, através de Entrevistas e Produções Narrativas escritas e/ou audiovisuais criadas pelas jovens participantes, além dos registros em diário de campo e diário íntimo. Os resultados apontam para a amizade entre jovens como “entre-lugar”: entre o espaço público e o âmbito privado. As narrativas (co)construídas ora se aproximam de imagens “familialistas” de amizade, ora se distanciam, produzindo outras experiências na diferença. Assim a amizade é uma noção *em movimento*, onde são possíveis experimentações, risco e criação/invenção.

Palavras-chave: Jovens Mulheres. Amizade. Narrativas. Território de crescimento econômico.

## ABSTRACT

This study investigated the relation between youth and friendship in a territory of economic growth from the narrative of young women. This paper had as its research field the sub-region SUAPE, in Recife's Metropolitan Region, which since 2008, has been receiving large investments and structuring works which modified the life dynamics of the local residents. Whereas, the tensions commonly appear in economic and social development growth terms, the research addressed, particularly, the repercussions of this stress among the young people of this territory and the friendship's relations field. The notion of youth was treated as a category composed for "individuals historically invisibilized" or "subordinate", living in environments compiled by social, political, economic and cultural hegemony order. To understand the notion of friendship, we took the perspective of philosophers as Michel Foucault and Francisco Ortega in articulation with others authors from different areas of knowledge. Therefore, our interest in understanding the ethics, political and aesthetics dimensions in friendship. This research had as its purpose, thus, investigate the friendship experiences of young women, who belong to the working classes in a territory of economic growth, "Suape", searching to analyze the borders in friendship x youth field with others kinds of relation, particularly the family and affective-sexual relations; characterize the territory in which it informs on the social contexts which young women live their lives, with emphasis on the experiences of friendship; to understand how young poor women in the region narrate their relations of friendship, with which images, senses and gender codes. Starting from epistemological perspectives from the feminists and decolonial studies, we turned to a research methodology, through Interviews and written and/or audiovisual Narrative Productions created by the youngs who participated, furthermore the records in field diary and personal diary. The findings from this study point to a friendship among young people as "between place": between public space and private scope. The narratives built in partnership either move towards to "familialism" images of friendship or away producing others experiences in the difference. Thus friendship is a moving notion, where experimentation, risk, and creation / invention are possible.

Keywords: Young Women. Friendship. Narratives. Territory of economic growth.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados biográficos das seis entrevistadas.....	87
Quadro 2 - Síntese 1 – Rayane .....	115
Quadro 3 - Síntese 2 – Veronika .....	133
Quadro 4 - Síntese 3 – Vanessa .....	140
Quadro 5 - Síntese 4 – Ágata.....	154
Quadro 6 - Síntese 5 – Milena .....	161
Quadro 7 - Síntese 6 – Kristen.....	168
Quadro 8 – Síntese 7 – Aspectos centrais nas narrativas.....	170

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Percentual de jovens de 15 a 29 anos no total da população residente por sexo.....	22
Tabela 2 – Percentual de jovens de 15 qa 29 anos ocupados (em %) .....	22

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>JUVENTUDE: COM QUAIS LENTES? COM QUAIS INSPIRAÇÕES?.....</b>	<b>26</b>
2.1	ALINHANDO PONTOS DE PARTIDA SOBRE O CAMPO-TEMA JUVENTUDE	26
2.2	JUVENTUDE X TERRITÓRIO .....	31
<b>2.2.1</b>	<b>As especificidades do território “Suape” .....</b>	<b>34</b>
2.2.1.1	<i>Termos em disputa: desenvolvimento ou crescimento econômico?</i> .....	37
2.2.1.2	<i>Impactos da violência no território “Suape”</i> .....	43
2.3	JUVENTUDE EM CONTEXTO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO E AS FRONTEIRAS ENTRE RELAÇÕES DE AMIZADE X RELAÇÕES AFETIVO- SEXUAIS .....	46
<b>3</b>	<b>DOS FIOS TEÓRICOS QUE TECEM A NOÇÃO DE AMIZADE.....</b>	<b>49</b>
3.1	A AMIZADE NA FILOSOFIA: DESCONSTRUÇÕES E PROPOSIÇÕES .....	51
3.2	A AMIZADE EM ÁREAS AFINS .....	57
<b>3.2.1</b>	<b>Contribuições do campo da Educação .....</b>	<b>57</b>
<b>3.2.2</b>	<b>A amizade nas Ciências Sociais: raízes da sociabilidade .....</b>	<b>58</b>
3.3	A AMIZADE NA PSICOLOGIA: DIFERENTES ABORDAGENS PARA A COMPREENSÃO DE UM MESMO FENÔMENO .....	62
3.4	AMIZADE E QUESTÕES DE GÊNERO: ASPECTOS IMPORTANTES PARA COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE AMIGAS E/OU AMIGAS/OS .....	68
<b>4</b>	<b>DO PERCURSO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO: SOBRE ESCOLHAS, APOSTAS, AFETOS E CRIAÇÕES .....</b>	<b>74</b>
4.1	DA EPISTEMOLOGIA: O PENSAMENTO DECOLONIAL E AS LENTES FEMINISTAS .....	75
4.2	APOSTAS METODOLÓGICAS .....	81
4.3	SOBRE A ESCOLHA DAS NARRATIVAS .....	83
4.4	PRIMEIROS CONTATOS COM AS JOVENS.....	85
<b>4.4.1</b>	<b>Dos encontros: Entrevistas Narrativas – Desenho, Linha do Tempo e Perguntas</b>	<b>87</b>
<b>4.4.2</b>	<b>Dos Recursos Materiais .....</b>	<b>90</b>
<b>4.4.3</b>	<b>Das produções narrativas criativas .....</b>	<b>91</b>
<b>4.4.4</b>	<b>O dispositivo da caixa-convite-devolutiva .....</b>	<b>92</b>
4.5	DIÁRIO DE CAMPO + DIÁRIO ÍNTIMO: MÚLTIPLOS REGISTROS .....	94
<b>4.5.1</b>	<b>O diário íntimo como experiência .....</b>	<b>95</b>

4.6	DA ANÁLISE .....	97
<b>5</b>	<b>AS JOVENS E SUAS NARRATIVAS .....</b>	<b>99</b>
5.1	RAYANE.....	101
5.1.1	Aspectos de vida e efeitos na construção de amizades.....	101
5.1.2	Os aspectos de convivência e proximidade: relações familiares e de amizade....	102
5.1.3	O grupo de amigas blogueiras como novo “círculo de amizade” .....	104
5.1.4	As tensões são inerentes às relações de amizade .....	106
5.1.4.1	<i>As tensões instaladas com a chegada de estrangeiras/os no território.....</i>	<i>109</i>
5.1.5	Amizade como consenso? .....	109
5.1.6	A experiência na igreja e a amizade “de dentro pra fora” .....	110
5.1.7	A polissemia das definições: colega ou amiga? .....	112
5.2	VERONIKA .....	115
5.2.1	Aspectos biográficos .....	116
5.2.2	Circulação no território e experiências de amizade .....	116
5.2.3	Cabelo, racismo e amizade.....	119
5.2.3.1	<i>Efeitos do racismo na constituição subjetiva .....</i>	<i>122</i>
5.2.4	A questão da diferença x semelhança na amizade.....	125
5.2.4.1	<i>Amizades mistas e relações afetivo-sexuais: das fronteiras.....</i>	<i>127</i>
5.2.5	Rupturas, descontinuidades e permanências .....	129
5.2.6	A amizade permanente com Antonia .....	131
5.2.7	Imagens de amizade.....	132
5.2.8	A sinceridade como marca .....	132
5.3	VANESSA.....	133
5.3.1	Considerações biográficas.....	134
5.3.2	Amizade x território .....	134
5.3.3	Uso do tempo livre: a praia, o shopping e a igreja .....	135
5.3.4	Sentidos de amizade: uma relação “necessária”? .....	137
5.3.5	A imagem da mãe-amiga: confiança 100% .....	139
5.4	ÁGATA .....	140
5.4.1	Aspectos biográficos .....	140
5.4.2	Juventude x mudanças no território x desigualdade.....	140
5.4.2.1	<i>A “má influência” na amizade .....</i>	<i>145</i>
5.4.2.2	<i>A família, os muros e o medo.....</i>	<i>146</i>
5.4.3	Das alianças e lutas .....	147

5.4.4	Trabalho, maternidade e amizade: novas experimentações .....	148
5.4.5	A dor de uma “amizade quebrada” .....	151
5.4.6	Efeitos da religião? .....	153
5.5	MILENA.....	154
5.5.1	Aspectos biográficos .....	154
5.5.2	Território x confiança.....	155
5.5.3	A (ex) amiga.....	158
5.5.4	A melhor amiga.....	160
5.5.5	Imagens de amizade.....	161
5.6	KRISTEN .....	161
5.6.1	Aspectos biográficos .....	161
5.6.2	“Simone falsiane”: a imagem da “falsa amiga” .....	162
5.6.3	Território e violência de gênero.....	164
5.6.4	Rakely e a questão da afinidade .....	165
5.6.5	Daniel e a “amizade colorida” .....	165
5.6.6	A escrita de si e estilização da vida.....	167
6	ALGUMAS COSTURAS POSSÍVEIS.....	170
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	175
	REFERÊNCIAS .....	179
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA I.....	186
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA II.....	187
	APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA III.....	188
	ANEXO A – MÚSICA “AMIGO É CASA”.....	189
	ANEXOS B – ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DE SUAPE.....	190

## I INTRODUÇÃO

Ao iniciar a escrita deste trabalho, algumas perguntas ecoam em minha cabeça e se perdem – ou se acham? – em meio a vários encontros que tive, entre eles, aulas, discussões, conceitos, autoras e autores que constroem uma rede de conhecimentos tecida nestes quatro anos de curso de doutorado. Faz-se necessário, então, apresentar de onde partimos<sup>1</sup>.

O tema da amizade e juventude, ao qual me debrucei durante esse tempo, me despertou interesse depois do estudo sobre juventude e família realizado ainda no mestrado (2007 – 2009)<sup>2</sup>. Naquele tempo refleti muito sobre o fato de pesquisar um tema que me era carregado de sentidos cotidianamente - eu: filha, irmã, sobrinha, prima, neta...; eu que vivia o pertencimento a uma família (a minha) enquanto estudava as famílias de outras pessoas jovens. As reflexões possíveis naquele trabalho me despertaram o desejo de estudar o tema, ao qual me debruço hoje. O que seria, então, pensar sobre jovens e suas relações de amizade? Agora, no tempo da tese (2014-2018), cá estou eu, novamente, neste caso, a pensar sobre minha rede de amigos e amigas. Logo uma pergunta me veio insistentemente ao pensamento: como estudar o tema da amizade entendendo que eu também carrego as minhas próprias experiências?

Não poderia iniciar a minha escrita sem narrar como o tema da amizade me afeta e de algum modo me constitui. Eu que tenho como lembranças de infância as relações construídas por meu pai e minha mãe ao longo de suas vidas: amigos e amigas adultos/as que se confundiam com as minhas imagens de família; “tios” e “tias” que me foram apresentados/as como tendo importância fundamental em suas trajetórias. Relações de amizade construídas na infância de minha mãe, juventude do meu pai, em seus cursos universitários, relações de trabalho, até chegar aos círculos e círculos de amigos e amigas dos tempos de militância contra a ditadura militar nos “anos sessenta”, que culminou com a clandestinidade e exílio político em terras estrangeiras, quando começa a minha história. Experiências de solidariedade, aconchego, troca, aprendizado que me foram sendo narradas como encontros

---

<sup>1</sup> Algumas vezes utilizarei a primeira pessoa do plural por entender que a minha escrita é permeada pelas vozes e escritas de outras pessoas: minhas/meus companheiras/os interlocutoras/es do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas – GEPCOL, especialmente minha orientadora Jaileila Araújo, professora coordenadora do coletivo.

<sup>2</sup> Meu interesse pelo tema juventude e amizade se deu a partir dos resultados de uma pesquisa anterior em que se buscou conhecer e analisar os sentidos de família, tentando compreender como e em que medida aquela influenciava na trajetória de jovens que “deram certo na vida”. A partir dessas narrativas de jovens homens e jovens mulheres percebeu-se que a noção de família é abrangente o bastante para abarcar outras pessoas, como amigos/as e vizinhos/as.

que acabaram por ajudar a dar sentido às suas vidas, marcando fortemente a maneira como me foi “naturalmente” dado olhar para a questão da amizade. Mais do que isso, reverberando em minhas próprias experiências com amigas e amigos ao longo da vida.

Portanto como eu, que sempre olhei para tais relações em uma perspectiva de valoração “positiva” poderia/posso lançar um olhar para as experiências de pessoas de outra geração, classe social, raça, território e ainda muitos outros aspectos? Mais uma vez sinto o tema de pesquisa escolhido me atravessando a todo o momento. De modo que me questiono sobre como se deu, efetivamente, a minha “entrada no campo”. Quando começa (e acaba) o campo de pesquisa? Na Psicologia Social o campo começa quando nos vinculamos à temática e “o resto é a trajetória que segue esta opção inicial; os argumentos que a tornam disciplinarmente válida e os acontecimentos que podem alterar a trajetória e re-posicionar o campo-tema” (SPINK, 2003, p. 30).

É fundamental iniciar um trabalho científico que se propõe a trabalhar com narrativas de jovens mulheres sobre amizade contando um pouco a história da autora, ou seja a minha própria história. E por tratar-se de um estudo de narrativas, é pungente a escrita narrada em primeira pessoa (na maior parte do texto). Só assim poderei apresentar as histórias que surgiram do meu encontro com aquelas jovens. E desse modo considerar-me parte desta pesquisa – desde o início até o fim, ancorando-me, portanto, em uma epistemologia de pesquisa feminista<sup>3</sup>. Eu que durante boa parte de minha vida acadêmica insisti em uma escrita previsível, tantas vezes chata e cansativa. Fugindo, talvez, de uma maneira de escrever que demanda posicionamento e coragem de narrar-se enquanto autora/pesquisadora. Ou pesquisadora-autora.

Quando o campo-tema em questão é a juventude, muitos são os discursos produzidos sobre e com jovens. O relatório da Agenda Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros - 2013, indica que ao tentar entender e caracterizar quem é e o que pensam os/as jovens brasileiros/as, grande é o interesse sobre as experiências educacionais, profissionais e familiares da juventude, além de suas experiências com o uso de drogas ou relação com a violência, entre outros aspectos, no entanto pouco (ou nada) se fala das relações com os/as amigos/as. Assim observamos que diferentes aspectos da vida dos/as jovens vêm sendo frequentemente investigados: vivências na escola, inserção no mundo do trabalho, uso de drogas, lazer, religião, sexualidade, gênero e ainda outros.

---

<sup>3</sup> Durante esses quatro anos, me autorizei, então, a escrever “diários íntimos” sobre as minhas observações do cotidiano, sensações no campo de pesquisa, etc.

Nesta pesquisa interessa lançar luz à interface: juventude e amizade. Trata-se de olhar para a potência desses encontros (e desencontros), inclinando-se para as experiências de amizade de (e entre) jovens mulheres que vivem em uma região de crescimento econômico localizada no nordeste brasileiro.

Ao passo que a temática da amizade entre jovens parece não merecer tanto espaço na literatura acadêmica, particularmente na Psicologia, chama a atenção o lugar que as amizades ocupam no cotidiano das/dos jovens. Franch (2010), pesquisadora do campo da Antropologia, aponta que as jovens participantes de uma pesquisa sobre tempo livre passavam boa parte desse tempo em duplas ou turmas de amigas e amigos, com os quais partilhavam experiências, descobrimentos e anseios, vivenciando um clima de intensa afetividade, o que corrobora a afirmação da importância do grupo de pares na juventude.

É importante deixar registrado que, ao iniciar nossa pesquisa, não estava claro que eu entrevistaria jovens negras; estas foram surgindo em meu percurso e a problemática que me foi sendo levantada é a seguinte: no território em que fui pesquisar jovens mulheres pobres, a questão da raça foi se colocando na medida em que de seis entrevistadas cinco eram/são negras. Ou seja, se é verdade a premissa de que “o campo é soberano” em uma pesquisa (qualitativa) de campo, como não olhar para essa questão? Eu que venho cada vez mais interessada nessa discussão, dada a sua efervescência em nosso grupo de pesquisa – o GEPCOL. Em alguma medida eu precisava discutir e problematizar as relações de amizade entre jovens mulheres pobres (e negras), não necessariamente nessa ordem.

Desse modo, me deparei, conforme disse no início desta “narrativa introdutória”, com discussões que se cruzavam e que “precisavam” ser costuradas epistemologicamente, metodologicamente e teoricamente. Juventude e amizade. Juventude e amizade no contexto das desigualdades da “região de Suape”. Epistemologia feminista. E ainda algumas problematizações sobre raça e decolonialidade. Por tudo isso os efeitos desses debates devem atravessar o corpo deste trabalho.

A escolha por narrativas de amizade entre mulheres jovens também aconteceu com o intuito de, simbolicamente, expor, problematizar essas biografias em um mundo onde historicamente predominaram as grandes narrativas de (e sobre) homens adultos brancos. Além disso, me instigava refletir as relações entre amigas, uma vez que a representação desse tipo de amizade é frequentemente marcada por imagens preconceituosas e misóginas. Daí as “verdades” do senso comum sobre (falta de) confiança, falsidade entre mulheres, etc.

Assim, a pesquisa teve como campo de investigação o município de Cabo de Santo Agostinho e seu distrito Ponte dos Carvalhos, que fazem parte da Sub-região de SUAPE,

situada na Região Metropolitana do Recife. Desde 2008 essa região vem recebendo grandes investimentos e obras estruturantes que modificaram a dinâmica de vida dos moradores do lugar. Considerando as tensões que comumente figuram entre os termos do desenvolvimento/crescimento econômico e desenvolvimento social, a pesquisa pretendeu abordar, particularmente, as repercussões dessa tensão para as jovens desse território e o campo das relações de amizade como mediador das experiências sociais que comumente marcam a vida de jovens pobres. Buscou-se entender, portanto, como as relações de amizade entre jovens ocorrem em um contexto de território de desenvolvimento/crescimento econômico, onde pessoas de diferentes regiões do país passaram a fazer parte do cenário local e onde profundas mudanças vêm acontecendo. Parte-se do princípio de que um cenário de intenso crescimento econômico, atrelado a um desempenho dos índices sociais não tão satisfatórios, tem impacto na vida das pessoas e dos/as jovens do lugar de modo a alterar as configurações de risco e proteção que circunscrevem suas condições de vida (SHUÑA, 2014; SCOTT, SANTOS & SOUZA, 2013). Aqui me parece fundamental pontuar a questão da relevância deste(s) tema(s) para se refletir a busca por justiça social. Como dito anteriormente, metodologicamente, optamos pelo caminho das narrativas – tanto na forma de entrevistas quanto na proposição de produções de narrativas (escritas e/ou audiovisuais) exclusivamente tecidas pelas jovens interlocutoras.

Na apresentação, sistematização e amarração dessas escritas, nos interessou manter a forma falada, privilegiando os termos usados pelas jovens, confrontando a minha linguagem (correta? acadêmica? colonial?) com essa linguagem considerada tantas vezes como periférica, “errada”, deslegitimada socialmente. Aqui preferimos compreendê-la como linguagem de vida ou linguagem viva. A comunicação com as jovens, para dar um exemplo, parecia fluir, em alguns casos, muito mais espontaneamente por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Entendemos, assim, que era preciso considerar esses “espaços” de conversa como parte do *corpus* da pesquisa, nos fazendo refletir constantemente sobre o nosso fazer metodológico. Outra questão importante na pesquisa com jovens é pensar que nessa co-construção de narrativas foi possível fazer circular poder: eu-pesquisadora e as jovens-interlocutoras.

Portanto, este trabalho também se propôs a refletir sobre as assimetrias entre pesquisadora e entrevistadas. De modo que me ocorria a seguinte indagação: como é ser pesquisadora sobre juventude sendo uma mulher adulta? A questão do adultocentrismo na pesquisa é sempre um risco e eu me colocava em posição de permanente vigilância. Como não reproduzir uma relação desigual? Ainda que saibamos que diferenças são inexoráveis.

Diferenças! Desigualdades? Eu, “subalterna” em minha condição feminina e, ao mesmo tempo, deveras privilegiada porque branca, de classe média, estudante de doutorado, psicóloga, filha de pessoas intelectualizadas e politizadas, moradora da capital do estado. E elas – participantes – jovens, negras, pobres, trabalhadoras, moradoras de uma região periférica (em relação a Recife), tantas vezes vítimas de violências. Muitas reflexões, as quais serão apresentadas adiante em diferentes partes do trabalho, acerca dessa questão me acompanharam ao longo deste estudo.

Outro aspecto que merece ser problematizado é quanto à área de conhecimento em que esta tese é produzida. Entendemos que no âmbito da Psicologia enquanto disciplina o mesmo localiza-se entre as discussões da psicologia social – na sua potência em pensar pontes indivíduo (micro) x sociedade (macro); e a psicologia política, uma vez que nos interessa tomar a juventude como categoria política. Ao mesmo tempo em que a nossa concepção de amizade caracteriza-se pelas suas dimensões ética, estética e política.

Em consonância, a possibilidade de pensar a construção/efetivação de uma psicologia feminista como estratégia de mudança social me posiciona diante do compromisso de visibilizar desigualdades e de problematizar temas como juventude, pobreza, crescimento/desenvolvimento econômico, entre outros. Concebendo a epistemologia feminista como uma hermenêutica da suspeita, a crítica e a suspeita são categorias fundamentais para pensar a questão do indivíduo x sociedade.

Gostaria ainda de chamar atenção para o momento histórico em que produzo este texto, o qual vem sendo tecido em um tempo onde fronteiras de arame farpado (e outras invisíveis) são fechadas a estrangeiros/as, às diferenças; muros são erguidos ao redor do mundo, corpos afundam nas águas do mediterrâneo... Eventos que se dão em uma dimensão mundial, mas como não pensar que tudo isso tem a ver com o que se produz aqui, localmente? Além disso, como ficam as relações de amizade em tempos de crises política e econômica? Lembro que nas últimas eleições presidenciais no Brasil, em 2014, já se observava - particularmente nas redes sociais uma atmosfera de muita provocação, agressividade, tensões em torno das divergências políticas relativas à escolha de quem governaria o país a partir de 2015. De lá para cá, sobretudo a partir do processo que culminou com o *impeachment* (em minha compreensão um golpe) da presidenta eleita Dilma Rousseff, relações de amizade foram afetadas por esses eventos e acabaram por provocar distanciamentos entre amigos/as e até mesmo rupturas de convivências de muito tempo. A meu ver este é um ponto que merece atenção para além do âmbito deste trabalho, no entanto não pude me furtar ao registro dessas observações uma vez que afetaram diretamente as minhas próprias experiências com pessoas

ao meu redor, durante este tempo. É preciso pontuar que tudo isso se deu – mais evidentemente – depois da minha entrada no curso de doutorado. E sistematicamente me ocorria que tais problemáticas<sup>4</sup> (em níveis micro e macro), que não estavam no meu projeto de tese inicial, dialogavam com o meu tema de estudo, e mais do que isso, me faziam pensar na relevância e atualidade deste. E uma pergunta insistente em minha cabeça era: como tais tensões estariam presentes no nosso trabalho? Claro que é preciso considerar os limites desta questão no que se refere à presente pesquisa, mas entendo que tais perguntas poderão provocar novas aberturas para outras futuras investigações.

A trajetória de trabalhos com jovens (incluindo a minha pesquisa de mestrado<sup>5</sup>) corroborou o meu interesse no estudo do campo-tema juventude. Se na dissertação a análise centrou-se nas relações familiares, as lentes agora se voltam para outro tipo de relação: as de amizade. É certo que os/as jovens circulam por diferentes ambientes (além da família), tais como escolas, igrejas, locais de trabalho; sem falar nos espaços de lazer ou ambientes onde passam o seu tempo livre. Em todos esses espaços as/os jovens põem em ação sua sociabilidade e podem experimentar relações de amizade. A minha curiosidade girava em torno desses encontros e sobre o que pode se produzir a partir deles. Foucault nos diz que a amizade é um convite à experimentação de novos modos de vida; forma de subjetivação coletiva e também uma forma de vida. Para o filósofo, falar de amizade é pensar em termos de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização (FOUCAULT *Apud* IONTA & CAMPOS, 2008).

Ao iniciar o curso de doutorado, e com a entrada no GEPCOL, tive a oportunidade de participar da pesquisa *Significados e Práticas sobre os Campos dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos: uma análise interseccional com mulheres e homens jovens e suas redes de convívio em território de desenvolvimento econômico*<sup>6</sup>, que acontecia na sub-região de Suape - território que fica no chamado litoral sul do estado de Pernambuco a aproximadamente 50km da capital Recife - que vinha recebendo grandes empreendimentos desde o início dos anos 2000 e que, portanto, sofria/sofre impactos diretos das mudanças decorrentes desse “projeto de desenvolvimento”.

Para dar alguns exemplos do tamanho desse “projeto”, em março de 2008, a Petróleo Brasileiro S/A – PETROBRAS, assinou com a estatal venezuelana de petróleo – PDVSA, o contrato que estabeleceu a sociedade das duas empresas na Refinaria Abreu e Lima, um

<sup>4</sup> Algumas dessas tensões e acontecimentos estão presentes nos diários íntimos desta pesquisa.

<sup>5</sup> Juventude e Família: um estudo sobre jovens que “deram certo na vida”, 2009.

<sup>6</sup> Realizada pelos grupos de pesquisa: Coletivo GEPCOL e LABESHU – Laboratório de Estudos sobre Sexualidade Humana (UFPE), entre 2014 e 2016.

investimento de US\$ 4.05 bilhões e capacidade para processar duzentos mil barris de petróleo pesado por dia<sup>7</sup>. O segundo grande investimento a aportar em SUAPE fora a construção do maior estaleiro do Hemisfério Sul, das empreiteiras Camargo Corrêa e Queiroz Galvão. O Estaleiro Atlântico Sul S.A. foi criado em 2005 e objetivava ser a maior e mais moderna empresa do setor de construção naval e *offshore* - navios de perfuração e barcos de apoio à indústria petrolífera - do hemisfério onde está localizado. O empreendimento é resultado de investimentos de R\$ 1,8 bilhão<sup>8</sup>. A PetroquímicaSuape, a Refinaria Abreu e Lima e o Estaleiro Atlântico Sul fizeram brotar outras empresas (grandes, médias e pequenas) as quais, juntas, configuram o tamanho do empreendimento “Suape”, com seus 13.500 hectares (equivale a três cidades do porte de Olinda/PE, a título de exemplo).

Era, portanto, esperado que todos esses investimentos trouxessem uma série de expectativas para a população local, com possibilidades de mudanças nas relações de trabalho, modos e condições de vida dos/as moradores/as locais e, mesmo, possíveis novos encontros e relações (amorosos, de amizade, etc.) com a chegada de novos trabalhadores. No entanto, apesar dos investimentos acima descritos, entre previstos e realizados na região, os indicadores sociais não acompanharam os índices econômicos<sup>9</sup>. Desde 2014 observou-se uma desmobilização e os efeitos do crescimento mal planejado e arriscado. De modo que uma quantidade grande de trabalhadores<sup>10</sup> (em sua maioria homens), vindos de outros locais do nordeste e do Brasil, tiveram que lidar com a realidade do desemprego e de baixa nos investimentos locais. Um dos efeitos parece ter sido o aumento de violência na região<sup>11</sup>.

O Território Estratégico de Suape (TES) é formado pelos municípios de Ipojuca, Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Escada, Ribeirão, Sirinhaém e Rio Formoso<sup>12</sup>. Os municípios sedes do Complexo Industrial Portuário de Suape (CIPS) são Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, ambos afetados enormemente pelos impactos das grandes obras.

<sup>7</sup> Fonte: Projeto Diálogos para o Desenvolvimento Social de Suape.

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: <http://www.estaleiroatlanticosul.com.br/>

<sup>9</sup> De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil, o Índice de Gini de Cabo de Santo Agostinho é 0,53, enquanto o de Ipojuca é 0,50. Quanto ao IDH-M (Índice de desenvolvimento econômico do município), Cabo de Santo Agostinho apresenta IDH-M 0,686 e Ipojuca 0,619. Se comparados aos números da cidade do Recife, do estado de Pernambuco e do Brasil (ver tabela 5), os dados de GINI e IDH-M referentes aos municípios de Cabo e Ipojuca revelam-se comparativamente baixos.

<sup>10</sup> Calcula-se que no auge da obra da Refinaria Abreu e Lima trabalhavam 45 mil pessoas.

<sup>11</sup> As narrativas sobre empreendimento Suape das jovens entrevistadas são sempre colocadas no tempo passado. Entendemos e ressaltamos, então, que a pesquisa se deu em outro tempo, onde são bastante claros os efeitos danosos do “grande projeto de desenvolvimento”.

<sup>12</sup> Ver mapa do “território estratégico de Suape” em anexo.

A título de ilustração, os dados a seguir nos dão uma noção do panorama da juventude (homens e mulheres jovens) nos dois principais municípios da Sub-região de “Suape”, bem como da condição de empregabilidade formal.

**Tabela 1- Percentual de jovens de 15 a 29 anos no total da população residente por sexo**  
Pernambuco, Recife, Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca - 2010.

Unidade da Federação e Município	Sexo		Total
	Homens	Mulheres	
Pernambuco	28,1	26,8	27,4
Cabo de Santo Agostinho – PE	29,2	28,1	28,6
Ipojuca – PE	30,8	30,5	30,6
Recife – PE	27,8	25,3	26,4

Fonte: IBGE - Censo Demográfico (microdados).

**Tabela 2 – Percentual de jovens de 15 a 29 anos ocupados (em %)**  
Pernambuco, Recife, Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca - 2010.

Unidade da Federação e Município	Homens	Mulheres	Total
Pernambuco	56,7	37,2	46,8
Cabo de Santo Agostinho – PE	56,9	29,8	43,4
Ipojuca – PE	57,8	28,2	42,9
Recife – PE	54,1	41,9	47,8

Fonte: IBGE - Censo Demográfico (microdados).

O município de Cabo de Santo Agostinho<sup>13</sup>, onde realizamos esta pesquisa<sup>14</sup>, figura na 49ª posição nacional (entre 150 cidades brasileiras) no que se refere ao número de homicídios por arma de fogo (HAF) e taxas médias 2012-2014 de HAF (por 100 mil) nos 150 municípios com mais de 10.000 habitantes, com maiores taxas médias, segundo o Mapa da Violência - 2016 (WAISELFSZ, 2016). O Atlas da Violência – 2017 mostra que o mesmo ocupa o décimo lugar entre os trinta mais violentos em 2015 (com população superior a 100 mil

<sup>13</sup> No último Censo demográfico a população do município era de 185.025 habitantes (IBGE). Porém de acordo com o Mapa da Violência, 2016, e com o Atlas da Violência, 2017, o número de habitantes é 194.586 e 200.546, respectivamente. O que demonstra um aumento populacional evidente.

<sup>14</sup> Esta pesquisa foi realizada no Cabo de Santo Agostinho e Ponte dos Carvalhos, distrito que faz parte do referido município.

habitantes) no Brasil, segundo a soma das taxas de homicídio e de MVCI (morte violenta com causa indeterminada).

Ou seja, o Cabo de Santo Agostinho foi considerado o município mais violento do estado de Pernambuco. Os dados estatísticos são relevantes porque denunciam uma realidade que parece contradizer os discursos de promessa de melhoria de vida para a população local. Ainda que saibamos que tais discursos não são dirigidos para a parcela das pessoas para as quais este estudo intencionou olhar. Além disso, sabemos quem são os atores sociais que ilustram essas estatísticas: jovens pobres (e negros) que em grande parte dos casos servem a uma economia criminal ativa na região. Não podemos deixar de pensar que essas mortes afetam as vidas das mulheres (avós, mães, irmãs, companheiras e amigas) de várias gerações. No caso desta pesquisa, isso ficou evidente nas narrativas das jovens participantes, como será mostrado à frente. Os encontros com essas jovens mulheres (e negras) entrevistadas me colocavam questões: como fica a circulação desses corpos nesse território? Corpos jovens e negros. Que histórias de violência e opressão (de outras mulheres da família, outras amigas, vizinhas...) essas jovens carregam?

Por tudo isso, e com a experiência como pesquisadora nos municípios do complexo, passei a olhar “Suape” com outros olhos. A aproximação com o território colocava claramente a questão das desigualdades produzidas por um modelo de “desenvolvimento” predador que não parecia prever, entre outras coisas, a participação da juventude local. O que pensavam esses/as jovens sobre o impacto das grandes obras na região? Perguntávamos-nos qual o lugar do sujeito jovem no projeto global de desenvolvimento. É interessante pontuar que em suas narrativas as jovens pouco falavam sobre os empreendimentos, como se houvesse um “silenciamento” ou como se nada daquilo tivesse a ver com as suas vidas, a não ser pela via das queixas sobre falta crescente de segurança pública nos últimos anos.

Se o território é o lugar onde as pessoas se relacionam, nosso interesse foi entender a subjetivação jovem a partir das relações de amizade nesse contexto de reprodução de desigualdades que era/é “Suape”. Se o projeto (o prometido discurso das “grandes obras”) não foi devidamente cumprido, o que diriam as jovens sobre isso tudo? É, portanto, a partir de um debate crítico sobre tal região que nos localizamos.

Assim, a partir das discussões sobre pós-colonialidade, na interface com os estudos feministas, situamos esta pesquisa no campo das produções científicas críticas: onde se assume o compromisso de tematizar e visibilizar desigualdades (ALMEIDA, 2013). Para que isso aconteça, recorre-se a uma posição ética que se coloca com relação ao (sujeito) subalterno, nesse caso, jovens. Lembrando que nesse cenário há, portanto, de um lado, uma

pesquisadora – mulher, branca, adulta, estudante do curso de doutorado – logo, alguém que fala de um lugar privilegiado e que vem “de fora” e, de outro, jovens, moradoras de “Suape”, que habitam em um território de crescimento econômico afetado por tantas desigualdades. Ressaltando a importância de localizar tais sujeitos: são jovens que vivem no chamado “Terceiro Mundo”, na América Latina, no Nordeste do Brasil, no estado de Pernambuco, mais especificamente em uma região de intenso crescimento econômico, a qual pode-se dizer, fica entre o campo e a cidade, ou entre o rural e o urbano. Tratando-se, portanto, de uma *juventude híbrida*?

A juventude pesquisada compõe, portanto, uma categoria composta por “sujeitos historicamente invisibilizados” ou “subalternos”, vivendo em “contextos regidos por uma ordem social, política, econômica e cultural hegemônica” (FURLIN, 2013, p. 400). Nesta direção o esforço de trabalho se deu em empreender uma pesquisa *com* jovens, tentando estar permanentemente atenta aos marcadores da pesquisadora, bem como das participantes (jovens/mulheres/pobres/negras). Para isso apostou-se na perspectiva do encontro e de suas possibilidades criativas.

O termo “subalterno” refere-se à “perspectiva de pessoas de regiões e grupos que estão fora do poder da estrutura hegemônica; daí o conceito de subalternidade exigir um espaço territorial definido e demarcado, bem como àqueles que se encontram fora do pensamento hegemônico” (FIGUEIREDO, 2010, p. 2). Espera-se, portanto, que nossa pesquisa (no conjunto de outras realizadas na região) possa denunciar discursos acerca de certo modelo capitalista de desenvolvimento, evidenciando uma iniciativa de visibilização, não de uma “verdade” sobre o território, ou de uma resposta ou solução. E que seus resultados possam contribuir para a problematização do fenômeno da juventude no Estado de Pernambuco, uma vez que pude ouvir jovens sobre suas redes de relações, como se protegem, como se arriscam nas suas vidas cotidianas em interface com aspectos do crescimento/desenvolvimento econômico que circunscrevem suas condições de existência.

O que é esperado que essas pessoas jovens sejam? Como “deveriam” se relacionar entre si? Indaga-se, com Rago (2013), inspirada em Michel Foucault, sobre quais “as possibilidades de novos modos de existência, construídos a partir de outras relações de si para consigo e para com o outro, capazes de escapar às tecnologias do dispositivo biopolítico de controle individual e coletivo” (p. 43).

Se as relações de amizade acontecem no espaço comum, podemos pensar em termos de “subjetividades públicas”, na medida em que

(...) o processo de subjetivar-se, em termos públicos, requer a construção do que é, ou deve ser, comum e relevante para todos e todas engendrando ações, discussões, negociações e embates para que este comum se torne público e visível (CASTRO, 2016, p. 81).

Como se dão as experiências dessas jovens no coletivo? O que produzem em termos de relação interpessoal? Qual a potência desses encontros entre jovens? Como se dá a conexão entre micropolítico x macropolítico?

Nosso problema de pesquisa configura-se, portanto, entre o contexto de um território de grandes obras - que em um modelo de “desenvolvimento” hegemônico acaba por privilegiar as relações econômicas em detrimento de políticas sociais e ambientais - e as experiências de amizade de jovens mulheres diante de uma realidade, de um projeto que desconsidera as demandas de juventude (particularmente jovens pobres), de uma maneira geral. Significa perguntar-se: como se constroem as experiências de amizade – em suas dimensões ética, estética e política – de jovens mulheres pertencentes às camadas populares em um território de intenso crescimento (e não desenvolvimento) econômico?

Sendo assim, o **objetivo geral** que conduziu a nossa investigação foi Investigar experiências de amizade – em suas dimensões macro e micropolíticas - de jovens mulheres pertencentes às camadas populares de um território de crescimento econômico, “SUAPE”. Enquanto os **objetivos específicos** foram (1) Analisar as “fronteiras” do campo amizade x juventude com outros tipos de relações, particularmente as relações familiares e as relações afetivo-sexuais; (2) Caracterizar o território Suape no que informa sobre os contextos sociais em que jovens mulheres vivem suas vidas, com ênfase nas experiências de amizade; e (3) Compreender como jovens mulheres pobres da sub-região SUAPE narram suas experiências de amizade, buscando entender sentidos, valores, imagens e códigos de gênero envolvidos, próprios dessas experiências.

A perspectiva das epistemologias feministas e do trabalho com narrativas (metodologia) nos serviu de meio para alcançar os nossos objetivos. A inspiração na noção de “espaço autobiográfico” nos orientou de modo a propor/considerar o cruzamento das diferentes narrativas de si (RAGO, 2013).

Feita esta breve introdução, apresentamos a divisão da tese. No primeiro capítulo abordaremos a nossa compreensão geral sobre **juventude**, apresentando o quadro teórico que nos inspira, bem como uma articulação entre **juventude, território de crescimento econômico e amizade**. No segundo capítulo apresentaremos as questões sobre a noção de **amizade**, mais especificamente buscando traçar certa genealogia desse conceito – utilizado

em algumas áreas de conhecimento, até explicitar o sentido que nos interessou no trabalho. O capítulo três apresentará nossos caminhos e escolhas **epistêmico-metodológicas**, com a qual foi possível trabalhar na pesquisa. E no último capítulo realizaremos a exposição e **análise** das narrativas construídas. Ao final, serão tecidas as **considerações para a conclusão do trabalho**.

## **2 JUVENTUDE: COM QUAIS LENTES? COM QUAIS INSPIRAÇÕES?**

### **2.1 ALINHANDO PONTOS DE PARTIDA SOBRE O CAMPO-TEMA JUVENTUDE**

Nesta seção, gostaria de propor uma costura a partir das produções acerca dos modos de compreender a juventude e aspectos que se referem às jovens participantes da pesquisa, quais sejam: jovens, mulheres, negras, moradoras de um território de crescimento econômico, no nordeste do Brasil.

Uma vez que se toma o campo-tema juventude como objeto de nosso interesse, faz-se necessário apresentar os nossos pontos de partida. Já sabemos que trata-se de uma categoria atravessada por diferenças e frequentemente definimos os/as jovens a partir de recortes de idade: como pessoas que têm entre quinze e vinte e nove anos – de acordo com a Constituição Brasileira e com o Estatuto da Juventude – e que representam cerca de  $\frac{1}{4}$  da população brasileira (IPEA, 2013). Clarice Cassab (2007) enumera três grandes concepções norteadoras da noção de juventude: essa primeira que vê a juventude a partir de um recorte etário (a exemplo das definições da OMS, CONJUVE, entre outras), como dito anteriormente; uma segunda que a define como fase de transição, de passagem – entre a infância e a idade adulta; e uma terceira que associa esse tempo da vida a um projeto, um dever, em que seria negado o presente. Claro que essas formas de entendimento nem sempre se mostram separadamente, mas permeiam o imaginário sobre a juventude, ora naturalizando as vivências juvenis, ora desconsiderando a potência das jovens e dos jovens enquanto atores e atrizes sociais, parecendo que só quando tornarem-se adultas e adultos serão maduras/os o suficiente.

Nosso ponto de partida é, no entanto, a crítica a uma lógica desenvolvimentista de compreender os processos ligados à infância e juventude, que serve apenas para fundamentar o estabelecimento de diferenças entre adultos e crianças/jovens, perpetuando um entendimento evolutivo onde a infância seria o início de tudo – estágio imperfeito e transitório – e a fase adulta seria o ponto de maturidade. Questionar essa lógica normativa não deixa de ser enfrentar o que há de complexo e angustiante no que se refere ao abandono desse

paradigma, que aponta para uma visão de mundo ocidental e moderna e reproduz uma ideologia colonial da infância e juventude (CASTRO, 2001; NANDY, 2015).

Nosso compromisso, neste sentido, pressupõe a garantia de uma permanente vigilância epistemológica quanto à “violência dos processos classificatórios”<sup>15</sup>. Os estudos do colombiano Santiago Castro-Gómez (2005) nos dizem do quanto à modernidade (com a superioridade do homem e a ideia de dominação da natureza através da ciência) aliado ao projeto da governamentalidade contribuiu para as ciências sociais criarem “perfis de subjetividade estatalmente coordenados”, conduzindo ao fenômeno do que chama de “a invenção do outro”.

Ao falar de “invenção” não nos referimos somente ao modo como um certo grupo de pessoas se representa mentalmente a outras, mas nos referimos aos dispositivos de saber/poder que servem de ponto de partida para a construção dessas representações. Mais que como o “ocultamento” de uma identidade cultural preexistente, o problema do “outro” deve ser teoricamente abordado da perspectiva do processo de produção material e simbólica no qual se viram envolvidas as sociedades ocidentais a partir do século XVI (p. 88).

De que forma representamos o outro jovem? Como vimos acima parece que “importamos” um modo de olhar para a criança e o jovem que os/as coloca em posição de inferioridade e imaturidade. Ou seja, foi preciso criar dispositivos que se responsabilizassem em formar cidadãos desejáveis (civilizados) no futuro e a instituição escolar seria a principal representante para cumprir esse fim.

Segundo Castro-Gómez “‘a urbanidade’ e a ‘educação cívica’ desempenharam o papel, assim, de taxonomia pedagógica que separava o fraque da ralé, a limpeza da sujeira, a capital das províncias, a república da colônia, a civilização da barbárie” (p. 89). Alinhando as ideias do autor ao debate que nos interessa: separou-se o sujeito em sua forma adulta do sujeito jovem. A construção do imaginário da “civilização” exigia a produção de seu oposto: o imaginário da “barbárie”. Daí – da formulação do vínculo entre conhecimento e disciplina – o entendimento do projeto da modernidade como exercício do que Gayatri Spivak chamou de “violência epistêmica”.

O argumento de Castro-Gómez é que a constituição das ciências sociais não escapa dessa atmosfera de poder moderno/colonial e dos conhecimentos ideológicos decorrentes do imaginário colonial. O aparato conceitual produzido pelas ciências sociais nos séculos XVII e XVIII foi mantido, desse modo, por um imaginário colonial de caráter ideológico. Dentre os

---

<sup>15</sup> Assunto abordado pela professora Lúcia Rabello de Castro na ocasião do VII JUBRA – Simpósio sobre a Juventude Brasileira, ocorrido em agosto de 2017 na cidade de Fortaleza.

tantos conceitos binários – apontados pelo autor<sup>16</sup> – produzidos e difundidos pelos seus modelos analíticos, gostaria de pinçar dois como instrumentos de nossa atenção: o binário *infância e maturidade* e o binário *pobreza e desenvolvimento*. Em nossa crítica à colonialidade das Ciências quais os “prejuízos” presentes em nossas produções sobre juventude? Ou se quisermos sobre juventude x pobreza em contexto de (promessa de) “desenvolvimento”? É a partir desse fio - dos estudos pós-coloniais e decoloniais – que gostaríamos de tecer, portanto, a nossa perspectiva teórica relativa à juventude. Antes de qualquer coisa trata-se de uma pesquisadora adulta buscando compreender as experiências de jovens mulheres de um determinado território.

Destarte, nesta pesquisa a intenção foi (co) produzir possibilidades de fala, na perspectiva de uma pesquisa *com* jovens, através do compromisso de ir além da simples descrição e caracterização dessas pessoas e tentando estar atenta à relevância de determinações sociais estruturais de classe, gênero, raça, etnia, que perpassam sua condição juvenil, indo além de concepções que tomam a juventude como sujeitos pertencentes a um segmento de idade apenas (BAPTISTA, 2013).

Corroborando com Feixa & Nilan (2009), que afirmam estar menos preocupados com estatutos e números oficiais que com as práticas sociais e culturais nas trajetórias dos jovens, lançando-se à “construção social da identidade, nos jovens como atores sociais criativos, no consumo cultural e nos movimentos sociais – isto é: no caráter distintivo das culturas juvenis locais num mundo globalizado” (p. 1).

Tais autores propõem reflexões pertinentes aos/às pesquisadores/as de juventude. Em seu artigo “Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais”, buscam demonstrar que uma “juventude global” deve ser entendida como um coletivo híbrido – em níveis local e mundial – que constrói sua subjetividade a partir dos materiais híbridos dados por culturas, consumos, resistências, transnacionalismos e digitalismos globais ou globalizados. Os autores ainda afirmam que quando escutamos e tentamos interpretar as vozes dos jovens atuais, ocorre um filtro daquilo que nos dizem e nos mostram, primeiramente através de um objeto de investigação acadêmica e, em segundo lugar, através da lente de nossas próprias experiências históricas juvenis, quaisquer que elas sejam.

Por conseguinte, a representação das culturas híbridas e dos mundos plurais contemporâneos dos/as jovens continua realmente sendo um desafio. Apontam ainda que grande parte da literatura sobre juventude em ciências sociais (e aqui podemos ampliar para

---

<sup>16</sup> Ver Castro-Gómez, Santiago, 2005. *Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da ‘invenção do outro’*.

outras disciplinas das ciências humanas como, por exemplo, a Psicologia), com algumas exceções importantes, continua sendo delineada a partir da percepção da realidade ocidental – conforme abordado acima – “fato que deu no passado uma inflexão etnocêntrica aos estudos sobre a juventude global” (FEIXA & NILAN, 2009, p. 4).

Apoiando-nos em uma perspectiva de construção de conhecimento pós-colonial e decolonial, precisamos entender criticamente o que nos foi, de tal maneira, passado – em termos de formação – na compreensão da noção de juventude. Sabendo-se que essa é uma categoria que tem pouca voz no sistema político e representativo, um desafio que se coloca é pensar a potência da voz da jovem de Suape e sua *agentividade*: o que elas podem falar sobre suas experiências, particularmente suas experiências de amizade? O que é possível aprender a partir do encontro com essas jovens, enfatizando aqui o “local”, o particular dessas vivências.

O nosso interesse foi investigar como jovens mulheres pobres que vivem em um território de intenso crescimento econômico se relacionam umas com as outras e outros e o que são capazes de produzir enquanto “cultura juvenil”, em seus aspectos locais e globais. Ainda de acordo com as ideias de Feixa & Nilan (2009), enfatizamos que:

As culturas juvenis são sempre enfaticamente locais, apesar de seus artefatos terem uma origem global, já que os jovens se inserem no imediato, encarnando-se em relações econômicas e políticas localizadas. Seu engajamento reflexivo – escolha ou rejeição, síntese ou transformação – com produtos e práticas culturais da juventude global – música, subculturas, moda, gíria – é determinado pelo seu “habitus”: renda, religião, língua, classe, gênero e etnicidade, de modo a quase sempre produzir algo novo. Esses processos criativos trabalham com todos os recursos disponíveis – tanto a nível local como global (p. 20).

Arevalo (2014), dando visibilidade a jovens de assentamentos precários urbanos em El Salvador, argumenta que as políticas públicas e a atenção às dificuldades enfrentadas por tal segmento da população estão impregnadas pela ideia de risco. As ações governamentais seriam, então, planejadas para controlar suas ações e seus atos, partindo de ideias pré-formuladas sobre um tipo de juventude ideal produzido pela modernidade europeia: o adiamento da idade do casamento e da maternidade/paternidade, oportunidades de estudo, tempo de lazer socialmente legitimado, obediente, adaptável, com capacidade de progresso, ideias inovadoras, ambições, responsabilidade, confiança e visão de futuro. Mas quando esses ideais preconcebidos da juventude da modernidade não correspondem à realidade social uma das consequências seria uma visão equivocada da juventude como pessoas criminosas, perigosas, etc. A própria ideia de “gravidez na adolescência” como um problema, como algo

precipitado, exemplifica um recorte de classe em termos de juventude. Nesta direção a imagem de jovem aponta para uma construção ideológica de desconfiança em relação às pessoas jovens, criada a partir de uma visão “adultocêntrica” sobre a juventude concebida como “em situação de risco”.

Entendendo a noção de risco como operador biopolítico das populações juvenis e seguindo as ideias de Michel Foucault sobre o processo de governamentalização, Oliveira (2011) apresenta o que denominou de “breve genealogia da noção de risco” (p. 72), chamando atenção para a força normativa das categorias empregadas para ditar condutas e formas de vida de jovens pobres nos dias atuais. A autora ressalta que tais categorias vão dizer de uma matriz funcionalista e positivista que tenta distinguir os fatos sociais “normais” dos “patológicos”. Foucault critica tal compreensão durkheiminiana como sendo evolucionista e estatística; ou seja, tudo o que se afastasse da média ou dos parâmetros numéricos, seria considerado patológico (ou anormal). No entanto, sabe-se que Foucault<sup>17</sup> toma as noções de “desvio” ou “anormalidade” de outro ângulo, sem considerá-las como algo a ser evitado, como na lógica funcionalista. Para ele, o patológico ou a doença não seriam uma essência contra a natureza da “normalidade”, mas seria a própria natureza da normalidade, num processo de inversão, que se firma numa sociedade que não se reconhece como seu artífice. Assim suas reflexões nos ajudam a pensar em outros sentidos para o *status* de excluído e diferente.

Outro aspecto importante do que estamos chamando de ponto de partida é a opção pelo uso do termo *juventude* (no singular). A partir das reflexões de Mayorga & Pinto (2013), que criticam a utilização do termo *juventudes*, nas pesquisas sobre o tema, sugerindo que essa foi uma forma de ir de encontro a “determinações psicologizantes” que acabavam por normatizar a juventude enquanto categoria, o que não ajudava na visibilização das desigualdades entre jovens. Daí a noção ser enunciada no plural, com a intenção política de evidenciar e problematizar a diversidade das experiências juvenis. No entanto, as autoras avaliam que ao utilizar o termo dessa forma, pesquisadores/as acreditam dar conta do enfrentamento de tais diferenças, mas o que se percebe é mais um uso retórico do que efetivamente um aprofundamento das análises da pluralidade de experiências. Outra discussão complexa, mas que nos parece fundamental abordar é sobre os usos dos termos *adolescência* e *juventude*. Sabemos que é comum a utilização desses termos como sinônimos e o próprio campo da psicologia parece ter contribuído para essa “confusão” (LÉON, 2005).

---

<sup>17</sup> Ver a obra *Os Anormais*, de Michel Foucault; São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Em entrevista publicada<sup>18</sup> a pesquisadora Lúcia Rabello de Castro (BURGOS & CANEGAL, 2015) nos leva a refletir sobre a ideia recorrente de que os estudos sobre adolescência ficam a cargo da psicologia enquanto as ciências sociais ficariam com as pesquisas sobre juventude, em uma espécie de divisão social do trabalho das disciplinas. Mas a autora nos ajuda a desconstruir tal compreensão entendendo que é cada vez mais frequente a psicologia pensar a juventude e vice-versa. Isso parece decorrer das novas formas de reflexão teórica e metodológica a partir de uma revisão crítica de como os temas foram pensados até hoje.

Se a análise da adolescência enquanto categoria – no que concerne ao sujeito particular em seus processos e transformações – foi sendo abarcada pela psicologia, áreas como sociologia, antropologia, educação, entre outras, foram se apropriando dos estudos de juventude. Daí as pesquisas sobre culturas juvenis, por exemplo (LÉON, 2005). Mas em que medida tal debate nos interessa? A questão importante é justamente pensar quais foram as “invenções” desses “outros” (crianças, adolescentes e jovens), no sentido do que discutimos acima, sob as lentes da crítica pós-colonial. A própria ideia de adolescência traz em si mesma uma associação com um tempo de perturbação, instabilidade, tensão que parece ter contribuído aos modos de conceber o campo-tema juventude, mesmo se ampliamos a faixa etária que a classifica.

Castro é uma pesquisadora que tem nos provocado a pensar diferente da lógica do desenvolvimento quanto às noções de infância e juventude, o fazendo em uma perspectiva ético-política, dirigindo-se a pensar essa possibilidade do político. O debate nesta direção vem questionar a compreensão de que crianças e jovens são incapazes social, política e culturalmente falando, modo de entendimento que acaba por excluir sua participação na vida social (CASTRO, 2001). Assim podemos perguntar: quais as possibilidades de fala e de ação dos/as jovens atualmente?

Nossa intenção é, portanto, contribuir com a produção de *narrativas do presente*, dito de outra maneira: trata-se de produzir modos de compreensão da categoria juventude localizados e parciais, sem buscar “teorias que deem conta da totalidade, ou que assumam algum tipo de previsão do futuro” (p. 43).

## 2.2 JUVENTUDE X TERRITÓRIO

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida a Marcelo Burgos e Ana Carolina Canegal da revista *Desigualdade & Diversidade*, em 22 de maio de 2015.

Para Clarice Cassab (2011), o ponto de partida para pensar a relação “juventude x território” é a compreensão de que a juventude adquire sentido a partir das experiências condicionadas pelo tempo e espaço aos quais os jovens estão inseridos. Entende-se que jovens pobres, especialmente os residentes em áreas urbanas, sofrem com os processos de constrangimentos, restrições e distinções espaciais, em função de seu pertencimento social, seu local de moradia e sua própria condição de jovem. Neste sentido, a dimensão territorial ganha relevância, pois é no território, entendido como “território usado” – noção proposta pelo geógrafo Milton Santos – que se vive o cotidiano e onde as experiências acontecem. Este “é constituído pelo território forma – espaço geográfico do Estado – e seu uso, apropriação, produção, ordenamento e organização pelos diversos agentes que o compõem: as firmas, as instituições – incluindo o próprio Estado – e as pessoas” (QUEIROZ, 2014, p. 157).

Nesta perspectiva, Santos propõe uma apreensão do espaço na sua totalidade, para além dos limites geográficos. Esse seria a forma e a vida, em constante mutação, não existindo, então, espaço sem homem (CASSAB, 2011). Não existindo, portanto, espaço sem jovens. O território é o lugar do cotidiano, das experiências e da construção das práticas coletivas. Logo é no território que os jovens experimentam a vida cotidiana, realizam ações e vivem suas relações de amizade.

Para pensar a relação juventude x cidade, tomamos como referência o entendimento de que a cidade é “um outro” na constituição subjetiva de jovens em processos de exclusão. O que significa dizer que mais do que o *locus* onde a subjetividade se produz, a cidade impõe a esses/as jovens restrições e/ou possibilidades que configuram-se como elementos importantes desses processos de subjetivação (CASSAB, 2001).

Tratar a cidade como tal produz avanços em termos de recuperar a singularidade da subjetividade produzida nessa experiência com o espaço urbano, na modernidade. Um desses avanços seria a possibilidade da apreensão da espacialidade no campo subjetivo:

Isso pode ser feito, inicialmente, discutindo-se a produção e a circulação de mercadorias, que no espaço urbano têm sua expressão mais ampliada. As dinâmicas produzidas pelo urbano na reprodução das mercadorias estão funcionalizadas na vida dos indivíduos. Isto é as exigências materiais de produção e circulação das mercadorias configuram uma organização ao cotidiano dos sujeitos a partir de suas formas de inserção como produtores e consumidores. Esse cotidiano está circunscrito em torno de alguns elementos, dos quais são destacados dois: as rotas na cidade, ou seja, a circulação e a visibilidade dos sujeitos no espaço urbano e suas atividades rotineiras incluindo o uso de seu tempo livre (CASSAB, 2001, p. 210).

As jovens que conhecemos e entrevistamos são jovens subalternizadas e suas experiências de vida as localizam na reprodução da divisão de suas vidas como moradoras/consumidoras e produtoras. Como moradoras parecem viver nesse território que, em parte, é extremamente valorizado (em função das grandes obras e do que isso poderia atrair), mas que por outro lado não as insere na cadeia produtiva local. Como nos informa Maria Aparecida Cassab (2001), “essa espacialidade impregna o cotidiano dos sujeitos sociais, delimita seus horizontes, circunscreve suas relações e espaços de identificação e seus circuitos de inclusão e exclusão” (p. 211). Nessa direção é também a partir da configuração espacial, dessa referência que os/as jovens fazem suas escolhas em torno das suas relações e do que fazer em cada lugar onde circulam.

Interessou-nos refletir sobre os limites (e possibilidades) dentro dos quais as jovens circulavam na cidade. Como esse território era mapeado a partir dos perigos e encantos que lhes apresentava. Pois o lugar onde se vive não é só ameaça e foi, sobretudo, a partir do que a cidade pode ser em termos de multiplicidade de espaços possibilitadores de encontros e redes de solidariedade, que buscamos entender essa relação jovem, lugar de moradia e subjetivação.

Castro (2016) propõe a noção de *subjetividades públicas* para entender os modos como os sujeitos se posicionam – o que sentem, como agem e o que relatam – em relação ao seu pertencimento à coletividade mais ampla. Encontrar – estar e agir – com outros é parte fundamental da vida coletiva e produz transformações no si mesmo e no entorno. O estudo das *subjetividades públicas* busca compreender os deslocamentos subjetivos engendrados pelo “processo de identificação com o comum” (p. 81). A autora discute como tal noção pode mediar a articulação “da construção de si e a dilemática convivência coletiva, frente à demanda de produção do comum nas atuais condições brasileiras” (p. 81). Sugerimos pensar, a partir da sua compreensão dos espaços públicos como extrafamiliares e extraescolares, o que isso tem a ver com as construções de relações de amizade entre jovens, uma vez que estes/as à medida de vão tornando-se jovens reafirmam a possibilidade de transitar por outros grupos, para além da família, experimentando outras identificações possíveis, outros laços sociais, sobretudo no processo de ocupar a (e circular pela) cidade.

Visto que um ponto fundamental em nosso estudo foi lançar o olhar para a circulação das jovens no espaço público, no território usado por elas. Dessa maneira, outra questão importante era refletir sobre uma juventude que vive em um território entre o urbano e o que seria mais próximo do rural. A instalação de grandes empreendimentos, como no caso de “Suape”, acabaria por acelerar o processo de urbanização dos territórios que não são grandes

centros urbanos tampouco cidades de interior? Que impactos isso teria na forma como essas jovens “usam” tal território?

### 2.2.1 As especificidades do território “Suape”

Para quem não é habitante de “Suape” o lugar parece estabelecer-se *em relação*. Para localizar a região, pensamos com frequência em relação a Recife (enquanto capital do estado), lugar onde moro. Suape também é um lugar de passagem. É estrada por onde eu passei/passou para acessar praias do litoral sul pernambucano nas ocasiões de férias e feriados. Mas “Suape” enquanto *locus* de pesquisa é um mosaico de imagens contraditórias que se misturam entre o fascínio de um céu azul de verão e as ruas sem saneamento básico; entre a paisagem do mar do sul e espaços públicos ligeiramente esvaziados pelo medo das pessoas que moram *lá*. Aqui a narrativa me coloca nessa relação de estrangeira (estranha?), pois é *cá* que eu escrevo. Do outro lado das rodovias e do pedágio. Na capital. Por isso a leitura das imagens que ousou descrever são inevitavelmente perpassadas pela minha condição de *cá* viver.

Ao mesmo tempo essas imagens se condensam com o que li a respeito do território “Suape” e também a respeito de outros polos de desenvolvimento, com suas particularidades, mas com destinos bastante semelhantes na maioria dos casos. Diversos trabalhos, em diferentes áreas de produção de conhecimento, debruçaram-se sobre a discussão relativa aos impactos e mudanças em determinados territórios, decorrentes de grandes obras e empreendimentos. Apesar de o projeto do desenvolvimento industrial para Suape ter sido projetado desde os anos 1970, foi a partir de 2007 que se configurou uma articulação entre Estado e setor empresarial em direção aos projetos industriais do CIPS.

O Território Estratégico de Suape (TES) é formado pelos municípios de Ipojuca, Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Escada, Ribeirão, Sirinhaém e Rio Formoso, sendo que os dois primeiros são os que sediam geograficamente o CIPS, ao mesmo tempo em que são os que mais sofreram impactos dos grandes empreendimentos, a exemplo do aumento populacional. A área de abrangência do CIPS cobre parte do litoral sul (Suape, Gaibu, Calhetas) da Região Metropolitana do Recife, bem como latifúndios de terra que são os históricos engenhos de cana de açúcar.

Como dito anteriormente, em razão da chegada de grandes empreendimentos, “Suape” é um território que sofreu diversas mudanças, mas a maioria na contramão do que foi prometido à população, não tendo sido criada a infraestrutura necessária para dar conta das reais necessidades na ocasião de um rápido crescimento/desenvolvimento. De modo que

problemas relacionados à saúde, educação, trabalho, entre outros, provocaram uma maior vulnerabilização das/os moradoras/es da região (SANTANA DOS SANTOS *et al.*, 2016). Uma característica comum em um processo de intenso crescimento/desenvolvimento econômico é a questão dos fluxos migratórios na região. Em função desse intenso fluxo migratório, as contagens de população tornam-se dificultadas, no entanto todas elas apontam para um crescimento populacional.

Quais os impactos sociais das idas e vindas de homens e mulheres – jovens ou não – nesse lugar? Resultados de pesquisa realizada em algumas das localidades que compõem a chamada “região de Suape” mostram que o cotidiano das pessoas, incluindo jovens, sofreu grandes mudanças com o aumento significativo de migrantes. A chegada de homens (em sua grande maioria) viria a afetar a vida dos/as estabelecidos/as e produziria imagens que refletiam ora desconfiança ora expectativas positivas. Nesse universo encontraram-se trabalhadores que vinham de fora e eram bem remunerados (comparado à média local) em seus serviços, enquanto os que viviam na região há mais tempo eram vistos como despreparados ou pouco qualificados para as funções demandadas pelos grandes empreendimentos do complexo industrial portuário. É importante ressaltar ainda uma questão de gênero quanto à absorção da mão de obra local, se considerarmos que poucas mulheres trabalharam nas indústrias e equipamentos de “Suape” (SCOTT, SANTOS & SOUZA, 2013).

Além disso, esses trabalhadores migrantes passam a buscar momentos de lazer e descanso nos seus horários de folga, o que afeta o cenário das vizinhanças onde vivem. “Baianos”, “piões trecheiros”, “piões rodadas” são algumas das expressões utilizadas pelas pessoas residentes na região para designar essa população migrante que se estabeleceu na região nos últimos anos (SCOTT, SANTOS & SOUZA, 2013).

De acordo com tais autores (2013), o que ocorreu no local foi a construção de um discurso sobre ofertas de empregos e mudanças na infraestrutura que mascarou o descaso do grande projeto “Suape” para com a transformação das vidas da população local. Afirmam que “as perspectivas de integração ou incorporação em projetos desenvolvimentistas são anunciadas com grande alarde, criando o ambiente de inserção desejada em novas vocações” (p. 14).

Para compreender as influências diretas e indiretas do dinamismo econômico sobre a vida cotidiana das pessoas é importante identificar quais os pontos na cadeia de produção e distribuição que incidem sobre a criação de espaços de sociabilidade, em relação aos ambientes de trabalho, e em relação aos espaços residenciais e de lazer e uso de serviços locais. Enquanto os investimentos avançam, criam-se pontos de atrito a partir do encontro de

populações atraídas para trabalhar no complexo, e as populações locais são afetadas, independentemente da intencionalidade maior dos objetivos declarados e visualizados pelos condutores dos empreendimentos. Um dos aspectos que merecem destaque nesse processo de desenvolvimento da região são as tensões nas relações de gênero. A imigração de população em busca de trabalho cria o desafio para populações locais e para as políticas públicas que é pensar que mais do que trabalhadores chegam pessoas que vão interagir com aquelas/es moradoras e moradores do território (SCOTT et al., 2012).

Tal aspecto de gênero ganhou relevo no processo de estabelecimento de “Suape” a partir da vida sexual e reprodutiva das jovens do lugar quando, dos encontros com os recém-chegados “estrangeiros”, tiveram modificadas as suas vidas, muitas vezes por eventos de gravidez, associados ao abandono e a algumas frustrações no campo das relações interpessoais. Tal “problema” provocou reações e denúncias que se configuraram em reportagens na mídia; em audiências públicas para tratar da questão da violência e exploração sexual; alguns compromissos das políticas públicas para a infância e juventude, etc. E finalmente, por estabelecimento de novos “acordos” com as empresas do CIPS, a partir de novas cláusulas legais e contratuais, exige-se uma maior atenção às questões sociais na região, e não apenas às questões econômicas. O que acarretou em oficinas, aulas e ações no sentido de “educar” para a sexualidade – nas condições criadas no Complexo de Suape – atores envolvidos (jovens e trabalhadores). O referido projeto *Diálogos* aconteceu no bojo dessas ações, para citar um exemplo direto (SCOTT et al., 2012).

Desse modo “o assunto da vida sexual e reprodutiva das jovens não é silenciado, mas, certamente, é apequenado pelas enormes dimensões que o projeto de desenvolvimento assume dentro das metas que o governo do estado anuncia para a região” (SCOTT et al., 2012, p. 3). Para os contornos desta pesquisa nos interessou pensar sobre as fronteiras entre esses aspectos da vida sexual e reprodutiva das jovens e as experimentações de amizade. Em que medida se encontram e em que medida se distanciam?

Assim, nesse intenso processo de reconfiguração econômica e produtiva, o Complexo Industrial Portuário de Suape (CIPS) passou por diversas transformações – políticas, econômicas, culturais e sociais – exemplificando os efeitos de um modelo econômico neoliberal que produz impactos danosos e quase sempre irreversíveis para o meio ambiente e para a saúde da sociedade, aliado a um conjunto de injustiças sociais (SANTANA DOS SANTOS et al., 2016). Uma indagação latente é: Desenvolvimento do quê, para quê e para quem? (DA SILVA, 2016).

### 2.2.1.1 *Termos em disputa: desenvolvimento ou crescimento econômico?*

Partimos da prerrogativa de que em um contexto de grandes obras, como é o caso de “Suape”, o desenvolvimento econômico curva-se aos interesses do mercado, das grandes corporações e de uma elite minoritária, desconsiderando os anseios da população local (SANTANA DOS SANTOS *et al.*, 2016; DA SILVA, 2016; NANDY, 2015).

Ao contrário do que se pensa, a prometida emancipação alavancada pelos avanços industriais e tecnológicos não se efetiva e acaba por impor limitações de acesso e participação da maioria da população, por diferentes questões (sociais, econômicas, políticas, culturais, e outras coisas mais), sobretudo pela ausência do direito à comunicação, uma vez que as populações tradicionais – fatalmente as mais vulneráveis – são excluídas dos processos decisórios (SANTANA DOS SANTOS *et al.*, 2016).

Em nosso entendimento, portanto, é preciso problematizar a noção de desenvolvimento. Da Silva (2016) chama a atenção para a polissemia deste vocábulo, enfatizando o eco positivo que o discurso do desenvolvimento exerce em todas as camadas sociais, o que comprova sua eficácia no imaginário da sociedade. Essa polissemia favorece que governos, a reboque do mercado e da mídia difusora da “ideologia do desenvolvimento” como incondicional para a melhoria das condições de vida, ditem esses projetos em uma só direção: as soluções técnicas. De modo que diante da propaganda a população local aceita a chegada dos projetos de desenvolvimento como possibilidade de melhoria de vida, sem saber que em grande parte dos casos o que ocorre é justamente o oposto, a partir da degradação ambiental dos territórios. O autor afirma que:

A meta deste modelo imposto não é, definitivamente, o bem-estar do maior número de pessoas possível e sim o aumento da produção em larga escala, a adequação a um padrão de produção e consumo e, mais que tudo, a uniformização dos grupos sociais atingidos por um processo de “modernização”. Não espanta que o discurso da necessidade de desenvolvimento nas localidades ou regiões onde grandes projetos são implantados os antecede justamente para o convencimento da população e para a sua justificação. Subentendido deverá ser para as populações “beneficiadas” que, se precisam desenvolver-se é porque são subdesenvolvidas e atrasadas (p. 173).

As ideias de Ashis Nandy (2015) nos servem de inspiração para compreender o que se passa no território “Suape”. O pensador indiano entende a chegada do desenvolvimento ao Sul do globo como uma analogia de dois eventos: o advento da ciência moderna aliada ao evolucionismo e à teoria do progresso; e o colonialismo moderno em sua função civilizadora.

No entanto o desenvolvimento não é simplesmente um processo com paralelos históricos com o avanço da ciência e do colonialismo; ele passa a ser uma ideia em meio a todo um aparato ideológico no qual as mudanças sociais ocorreram entre os séculos XVII e XIX na Europa. De modo que uma ideologia do desenvolvimento passa a espelhar a visão de mundo colonial e da filosofia da ciência, atingindo então o Sul.

Nandy nos diz que da ciência o desenvolvimento herdou a certeza de que podemos aumentar o nosso poder sobre o cosmo não humano, a partir do entendimento de que o mundo tem recursos o bastante para atender não apenas as necessidades humanas, mas a sua ganância. “Para a ideologia do desenvolvimento, esse cosmo não humano passa a incluir também o cosmo ‘sub-humano’ – aquela parte da terra viva à qual se pode atribuir, para a maior glória da ciência e as necessidades da objetividade, o *status* de coisas não viventes” (p. 213). E o que o desenvolvimento herda do colonialismo? O autor aponta que sua herança colonialista foi, portanto, a imagem de uma classificação hierárquica de seres humanos e não humanos e a ideia de que quem ocupa os lugares mais altos da história têm o direito e a missão de decidir sobre “os modos de vida e as chances de viver daqueles dos degraus inferiores” (p. 213).

Decorre daí o pressuposto de que o mundo desenvolvido tem o dever de imprimir o ritmo do desenvolvimento para os países subdesenvolvidos, já que estes se tornarão desenvolvidos no futuro, seja pela via da imitação – o que vemos acontecer em nossos tempos – ou pela “ajuda” dos mais ricos e poderosos (NANDY, 2015).

O pensador encontra as bases dessa hierarquia – de algumas culturas sobre outras – em analogias traçadas entre subdesenvolvimento, insanidade, imaturidade e irracionalidade, como se formassem uma estrutura conceitual solidificada pelo Iluminismo, adotada pelas forças ocidentais do colonialismo e da ciência. Neste sentido a resposta ao subdesenvolvimento é o desenvolvimento, nos moldes do ocidente.

Esse conjunto de forças (desenvolvimento, ciência moderna e colonialismo) foi se potencializando a ponto de estabelecer uma força padrão único de consciência:

Não há diferença entre o modo como os especialistas em desenvolvimento olham os objetos da engenharia social, os cientistas profissionais olham os leigos e o modo como as potências coloniais reivindicaram o direito de definir o bem-estar – e, de fato, mesmo o conceito de bem-estar – de seus súditos (p. 214).

Em meio à força da ideologia do desenvolvimento, que ainda enche os olhos das classes médias ocidentalizadas (e ocidentais) e os intelectuais do Sul, o autor destaca quatro

respostas ao desenvolvimentismo as quais surgiram nas últimas décadas do século passado. Seriam “as primeiras rachaduras visíveis na ideologia e os primeiros sinais intelectuais e políticos de uma era pós-desenvolvimento” (p. 214).

Sinteticamente a primeira resposta entende a universalidade do discurso do desenvolvimento de maneira que este é o destino de todas as sociedades, como se todas elas se desenvolvessem a partir de estágios mais ou menos fixos. E se é assim, assume-se os ônus e os bônus dessa “fatalidade”. A segunda resposta compreende o conceito de desenvolvimento como sendo saudável, no entanto distorcido pelas forças políticas, sociais e culturais que o conformam e contextualizam. Decorre daí que se a sociedade for corretamente instrumentalizada o desenvolvimento pode passar a ser menos doloroso para os menos favorecidos da sociedade. A terceira resposta objetiva arejar o desenvolvimento de suas amarras econômicas e históricas, liberando-o de uma estrutura positivista e assim bebendo de fontes como a psicologia humanística, a ecologia holística e a práxis gandhiana. O principal exemplo dessa terceira resposta talvez seja os discursos do desenvolvimento sustentável, mais sensíveis a considerar variáveis além do crescimento econômico, tais como desenvolvimento social, político, atenção às pautas ecológicas e crescimento científico e tecnológico.

A quarta e última resposta vai além do desenvolvimento e abraça a ideia de que este é incompatível com a democracia. Os que lançam o olhar nessa direção entendem que quando o desenvolvimento se torna incompatível com as tradições culturais, essas devem garantir prioridade sobre aquele; entendem ainda que “o desenvolvimento é meramente um modo de se mudar uma sociedade; não se deve permitir que ele hegemonize a ideia de mudança social” (p. 220). Considera-se assim que houve caminhos e possibilidades outras antes do advento do desenvolvimento e que, portanto, a humanidade é capaz de (re) criar formas novas e pós-desenvolvimentistas de mudança social no futuro, não havendo razão para que cada sociedade tenha que passar inexoravelmente pelos estágios de desenvolvimento para poder se mover a tal futuro. Para o autor a terceira e a quarta respostas são as que têm feito surgir investigações sérias nesse relacionamento entre desenvolvimento e cultura.

Na direção das rachaduras produzidas na ideologia do desenvolvimento, nos últimos anos foram lançados diversos documentários<sup>19</sup> que denunciam os efeitos do grande projeto Suape: são este os impactos socioambientais na região, poluição, o aumento dos riscos à saúde da população, a questão da grave situação da segurança pública com o aumento da

---

<sup>19</sup> Alguns exemplos de documentários que retratam e chamam atenção para os diferentes impactos do projeto Suape, além de problematizar a questão do “desenvolvimento” são: Suape: desenvolvimento para quem?, de Mariana Olívia, 2015, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xargRbGpSql>; Exíliã, de Renata Claus, 2015; e Modo de Produção, de Déa Ferraz, 2017.

violência urbana, a precarização das relações trabalhistas, além das violações de direitos no que se refere às realocações de comunidades locais, entre outros.

É interessante perceber como outras narrativas (no caso, audiovisuais) corroboram algumas leituras críticas a respeito de “Suape”. O filme de Mariana Olívia expõe corajosamente os vários discursos e entendimentos (controversos) sobre Suape. A fala de um dos entrevistados – um homem negro morador da comunidade Engenho serraria – do documentário *Suape: desenvolvimento para quem?* Sintetiza o debate crescimento x desenvolvimento: “...porque *os homens* [grifo nosso] só veem o progresso, e só veem o empreendimento, e não vê o ser humano, trata como objeto... e sempre o progresso gera sacrifício”. Tal afirmação ilustra bem o que Nandy (2015) chama de custos sociais do desenvolvimento, que naturalmente não operam com igualdade e justiça e são pagos pelos setores menos favorecidos.

O filme *Modo de Produção*, de Déa Ferraz, mostra a realidade do sindicato dos trabalhadores rurais a partir de conversas entre trabalhadores e trabalhadoras rurais da região e advogados sindicais, colocando o abismo existente para o alcance dos benefícios que lhes cabem e denunciando a fragilidade do “milagre pernambucano” que embalou o estabelecimento do complexo de Suape.

Em *Exíli*a, dirigido por Renata Claus, somos levados a sentir a violência dos processos de expulsão de habitantes de territórios “em desenvolvimento” para dar lugar às indústrias, no caso dos/as moradores/as da Ilha de Tatuoca, Suape. A visita de uma antiga moradora – agora residente da Vila Nova Tatuoca – à ilha coloca em questão o pertencimento a um lugar x os modos de realocação utilizados nesses processos de desterritorialização e reterritorialização.

O filme de Claus dialoga com o referido estudo de Santana dos Santos *et al.* (2016), no qual a percepção das mulheres residentes das várias comunidades da região de Suape retrata os conflitos e injustiças socioambientais provenientes dessa nova industrialização do CIPS. A “expulsão do território de vida” foi o impacto negativo mais sentido entre as entrevistadas. A Ilha de Tatuoca é considerada emblemática nessa questão, pois as famílias que viveram por mais de duzentos anos em sítios nesse território foram realocadas em pequenas casas de menos de cinquenta metros quadrados no interior da praia de Suape, sem terras propícias para plantação de alimentos (como eram acostumadas a fazer em seu lugar de origem). A Vila Nova Tatuoca também lhes coloca mais vulneráveis em relação à questão da segurança pública, outro problema citado frequentemente entre as moradoras.

Uma das conclusões da referida pesquisa é relativa à grande expectativa que se criou com a chegada das novas indústrias (sobretudo estaleiro, petroquímica e refinaria), o que não

vem sendo comprovado, com um número alto de desempregados/as e com o crescimento da violência urbana, através de assaltos, tráfico de drogas e homicídios. Outro aspecto a ser pontuado é a flagrante diferença de qualidade de vida entre as classes sociais, gêneros e etnias, produzidas e reforçadas por esse modelo de desenvolvimento (SANTANA DOS SANTOS *et al.*, 2016).

Não podemos deixar de tocar em um ponto comum a processos de crescimento/desenvolvimento velozes, como é o caso de “Suape”: a questão da pouca ou nenhuma participação da sociedade sobre os problemas e as decisões referentes a toda essa gama de mudanças. E aqui chamamos atenção para os aspectos geracionais da população, particularmente as pessoas jovens. Sabemos que mesmo afetadas/os diretamente por todos esses impactos estas/es não são ouvidas/os. Dificilmente as chamadas novas gerações são chamadas a expressar publicamente sobre o que pensam. Há uma tendência a achar que são contempladas/os pelos adultos – representados por pais, professores ou agentes públicos (SANTANA DOS SANTOS *et al.*, 2016; BACELAR & CASTRO, 2015).

Por tudo isso, entendemos que o que houve/há no território “Suape” configura-se mais como crescimento econômico do que como desenvolvimento, uma vez que não se levou/leva em consideração, não se investiu na melhoria de vida efetiva da população (garantia de direitos na saúde, educação, entre outros) junto com o cuidado do meio ambiente e adequação à natureza. Houve, sim, um aumento de produção e consumo, na medida em que se observou uma aceleração do crescimento econômico.

Da tensão entre os termos crescimento x desenvolvimento surgem pensamentos críticos – vindos dos estudos culturais, das teorias feministas e dos estudos ambientais – que vão pôr em cheque uma ideia de desenvolvimento eurocêntrica. Assim como Ashis Nandy, na Índia, o antropólogo colombiano Arturo Escobar é considerado um pensador do pós-desenvolvimento. Este seria caracterizado pelo momento da tomada de consciência de que o discurso sobre o desenvolvimento desconsiderou os diversos problemas que se propôs resolver, tais como a fome, a pobreza, a violência e os prejuízos ambientais que são gerados pelo processo de organização econômica capitalista e neoliberal. Segundo Da Silva (2016):

Para trazer o desenvolvimento para o lugar de seu interesse, o mercado precisa desenvolver o grupo social que nele vive. É o não envolvimento e o distanciar-se das raízes, muitas vezes como uma consequência de um modelo de sociedade vindo de outra cultura, que facilita a imposição de práticas que trarão prejuízos às comunidades locais. Assim, aos poucos, o direito de definir o que será melhor para o lugar onde vivem virá de fora, já que a resistência foi minada por crenças em modelos que, supostamente, trarão

empregos, renda e um outro modo de relacionar-se com o meio ambiente, dito “moderno” (p.175).

Um modelo de “envolvimento” que dê conta dos conhecimentos e ações locais deve considerar as particularidades socioambientais e culturais do lugar. Daí grupos existentes em várias partes do mundo que começaram a se contrapor ao modelo de desenvolvimento hegemônico das últimas décadas. As ideias de Arturo Escobar e Ashis Nandy inspiram um novo modelo que se instaura a partir das culturas locais, sem negar a *interface* com as novas tecnologias. E isso não significa pensar em uma pureza ou inocência do lugar, e sim operar tendo o diálogo como princípio para que projetos de melhoria de qualidade de vida possam de fato existir. Isso requer a compreensão de que as culturas dos dois lados não são neutras e que o conflito é inerente às relações com interesses, uma vez que “o mercado não tem um senso de lugar, como se pode atestar pelos impactos socioambientais deixados por grandes projetos em várias partes do planeta” (DA SILVA, 2016, p. 178).

A partir da valorização do lugar com seu conhecimento local, desloca-se e descentraliza-se o discurso do desenvolvimento apenas como crescimento econômico e voltam-se as lentes para outras dimensões presentes como gênero, raça, etnia... antes sem espaço na agenda do desenvolvimento. Dito de outra maneira:

Levar o lugar ao centro do palco como protagonista, como defende Arturo Escobar, é poder ressignificar a palavra desenvolvimento, dando a ela um novo patamar que possibilite que os diferentes modos de viver, produzir e se expressar sejam respeitados e entender que desenvolvimento tem múltiplos sentidos a depender de interesses e desejos em um mundo diverso e plural (DA SILVA, 2016, p. 179).

O poder da lógica do desenvolvimento é de tal modo institucionalizado nas sociedades que, segundo Nandy (2015), o desenvolvimento começa nas mentes dos indivíduos. Uma indagação que se coloca é: de que maneira essa racionalidade atravessa a juventude de Suape? Como é que fica a questão do jovem que, assim como o discurso desenvolvimentista, é sempre visto em relação ao futuro? Como se apresenta no presente essa juventude?

Sabemos que durante a criação de “Suape” enquanto grandioso empreendimento muito se ouviu sobre a criação de cursos profissionalizantes e ofertas de empregos em empresas do complexo – mirando o público jovem – o que alimenta os sonhos dos/as moradores/as da região. Assim como em outros territórios de grandes projetos, “o manejo do imaginário é um recurso utilizado pelo empreendedor que suscita nos sujeitos o desejo pelo novo projeto com

seus desígnios e funções, objetos e símbolos” (BACELAR & CASTRO, 2016, p. 468). Ocorre que grande parte dos cargos (sobretudo os que exigem nível superior) acaba por ser ocupada por pessoas de fora da região, como dissemos anteriormente. As vidas das/os jovens de “Suape” parecem, realmente, ter mudado em alguns sentidos, no entanto todos esses na contramão do que lhe impuseram o imaginário do progresso e do desenvolvimento.

### 2.2.1.2 Impactos da violência no território “Suape”

*Indo para Ponte dos Carvalhos, quase fui parar no Cabo [de Santo Agostinho]. Cheguei com vinte minutos de atraso, mas a entrevista aconteceu com certa tranquilidade. Digo “certa” porque além da música alta que invade o parque dos eucaliptos, ao falar da vida no território, Ágata me conta muitos episódios de violência na região. Contexto de briga de tráfico, rixas, mortes. Muitas mulheres contaminadas pelo vírus HIV, exploração sexual, etc. No momento atual relata a ocorrência de arrastões, homicídios, no próprio parque, local que fora tido com muita tranquilidade em outros tempos... ainda assim adolescentes insistem em frequentar o local, jogam bola, namoram e brincam... como a entrevista foi à tarde, percebo um clima tenso; me pego com medo, penso nas minhas filhas. De fato acabo achando (e ela concorda) que é melhor deixar uma parte da primeira entrevista (a linha do tempo) para nosso terceiro encontro... [...] Me despeço dela e volto um tanto receosa, pensando no impacto da sensação de violência local em mim... (Diário de campo, pós entrevista, 27 de dezembro de 2016).*

O trecho acima foi retirado do diário produzido na pesquisa de campo e que ilustra uma narrativa comum entre as jovens entrevistadas: a realidade de violência que atinge o território. Com tantas mudanças decorrentes do modelo de desenvolvimento estabelecido no cenário local observou-se substancialmente o aumento dos números relativos à violência no lugar, acompanhando o crescimento dos índices do estado como um todo. Segundo o Mapa da Violência de 2016:

Novos Polos de Crescimento no interior dos estados ou em estados sem tradição desenvolvimentista. Consolida-se, durante a década de 1990, um processo de desconcentração econômica que origina a emergência de novos polos atrativos de investimentos, força de trabalho, migrações e oferta de emprego. Somado a esse processo, as deficiências e insuficiências do aparelho do Estado e da Segurança Pública contribuem para a atração da criminalidade e da violência nesses novos polos (p. 38).

No panorama da violência (nacional e local), apesar da queda de 36% da taxa de homicídio entre 2007 e 2013 em Pernambuco, em meio às ações do programa “Pacto pela vida”, a partir de 2014 observou-se um aumento de 13,7% em torno dos homicídios, indicando novamente o crescimento dessa violência no estado. Nesse período registrou-se um

aumento da violência na região nordeste como um todo, em contraponto à região sudeste, por exemplo. Neste cenário o município do Cabo de Santo Agostinho configurava-se como o décimo – com mais de cem mil habitantes – mais violento, no ano de 2015. Vale registrar que entre os trinta eleitos como mais violentos no país, o Cabo é o único município pernambucano (CERQUEIRA *et al*, 2017).

Cabe indagar sobre o que significa tal estatística em um cenário idealizado em torno de um desenvolvimento econômico e social para a região. Sabemos que os maiores atingidos por tal violência são os jovens - pobres e negros. Pergunta-se: qual o lugar desses jovens (e também das jovens) nesse projeto de desenvolvimento?

De acordo com o referido relatório, para uma explicação acertada sobre o aumento da violência em um determinado município é preciso, evidentemente, articular mais de uma variável. Um dos aspectos para o qual chama a atenção nos serve de reflexão e tem tudo a ver com a situação da cidade onde realizamos nosso estudo: a maneira e a velocidade como o crescimento econômico afeta o território.

O Atlas da Violência aponta quatro canais principais através dos quais o desempenho econômico pode alterar as taxas de criminalidade nos municípios. Um primeiro seria a questão do *mercado de trabalho*, já que o crescimento econômico faz aumentar a oferta de postos de trabalhos e eleva o salário real do trabalhador, fazendo com que o custo de oportunidade de entrada no mundo da criminalidade urbana aumente e ao mesmo tempo fazendo diminuir os incentivos a favor do crime, o que contribui para a queda das taxas. No entanto se as boas oportunidades ficam restritas apenas a um pequeno grupo da sociedade, “o tiro pode sair pela culatra, uma vez que o prêmio para cometer o crime aumenta para quem não participa da festa, ou seja para aqueles indivíduos que permanecem desempregados, sem oportunidades e perspectivas futuras” (p. 19). Se a geração de renda por um lado atrai “coisas boas” que a economia de mercado pode oferecer, por outro pode causar problemas como os *mercados ilícitos*, que seria o segundo canal explicativo. Ou seja, uma maior circulação de dinheiro nas cidades pode tornar viável economicamente os mercados locais de drogas ilícitas. Com a expansão desses “negócios”, observa-se o incremento à prevalência da violência letal, utilizada não apenas na disputa por mercados, “mas ainda para disciplinar devedores duvidosos e trabalhadores desviantes do narcotráfico, sem à qual o dono do negócio perderia credibilidade, levando a firma à falência” (p. 20).

Além desses dois canais, o crescimento econômico pode perpetrar, indiretamente, um processo de *desorganização social*, a partir da migração de trabalhadores e trabalhadoras em busca de oportunidades, aliado a alterações no espaço urbano e áreas residenciais, fazendo

“com que haja um esgarçamento do controle social do crime, um aumento de oportunidades para a perpetração de crimes, junto com o aumento da probabilidade de anonimato e de fuga do criminoso” (p. 20). Tal situação ocorre quando as transformações urbanas e sociais acontecem rapidamente e sem uma preocupação com o fomento de políticas públicas preventivas e de controle, que envolve, além da segurança pública, setores como educação, assistência social, cultura e saúde, constituindo assim o quarto canal pelo qual o desempenho econômico pode afetar a taxa de criminalidade nas cidades: a *qualidade da política pública* – um dos elementos cruciais que podem contribuir para uma diminuição das dinâmicas criminais. O cruzamento desses “canais”, junto com aspectos culturais locais parece fazer sentido para explicar a atual situação de violência no Cabo de Santo Agostinho, referida em todas as narrativas produzidas pelas jovens participantes sobre o território onde vivem.

Ao mesmo tempo, em termos de Brasil, no que concerne aos dados de violência letal, sabemos, os números apontam para um quadro que não é novidade. A despeito do avanço em indicadores socioeconômicos e da melhoria das condições de vida da população entre 2005 e 2015, ainda somos um país extremamente desigual, que não consegue garantir a vida para parcelas significativas da população, em especial à população negra.

O documento mostra que assim como os homens negros, que morrem mais que os homens brancos, o mesmo ocorre no caso das mulheres: enquanto a mortalidade de mulheres não negras teve uma redução de 7,4% entre 2005 e 2015, atingindo 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres não negras, a mortalidade de mulheres negras registrou um aumento de 22% no mesmo período, chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras.

Os dados indicam ainda que, além da taxa de mortalidade de mulheres negras ter aumentado nos últimos anos, cresceu também a proporção dessas mulheres entre o total de mulheres vítimas de mortes por agressão, de maneira que 65,3% das mulheres assassinadas no Brasil no último ano eram negras, o que confirma que “a combinação entre desigualdade de gênero e racismo é extremamente perversa e configura variável fundamental para compreendermos a violência letal contra a mulher no país” (p. 37). Sabe-se que boa parte desses feminicídios poderia ter sido evitada a depender da “qualidade das políticas públicas” no enfrentamento e prevenção da violência contra a mulher, uma vez que são comuns outras violências de gênero, tais como a psicológica, patrimonial, física ou sexual, que vão se agravando até chegar ao desfecho fatal.

Outra pesquisa recente<sup>20</sup> apresenta como resultado que aproximadamente três em cada dez mulheres nordestinas sofreram pelo menos um episódio de violência doméstica (considerando violência física, emocional e sexual) ao longo da vida – estatística que coloca o Brasil no topo dos *rankings* mundiais, apesar das melhorias sociais, econômicas e de direitos humanos ocorridas no país nos últimos anos. Uma das consequências de tais eventos apontada no estudo é a presente e significativa “sensação de (in) segurança das mulheres” na região nordeste, que evidentemente impacta negativamente em sua qualidade de vida (PCSVDF Mulher, 2016).

É, portanto, diante desses dados (locais, nacionais e regionais) que buscamos compreender a maneira como as desigualdades apontadas – de geração, gênero, raça, território – interferem na forma de relacionar-se com o outro.

### 2.3 JUVENTUDE EM CONTEXTO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO E AS FRONTEIRAS ENTRE RELAÇÕES DE AMIZADE X RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

Caracterizar aspectos da juventude que habita “Suape” significa considerar todas as nuances apontadas acima, sobretudo o atravessamento da violência em seus diferentes modos de se apresentar na vida dos e das jovens.

Se já sabemos que o/a jovem, via de regra, não participa ativamente da definição das políticas públicas nas cidades, o que dizer da construção/implantação de grandes projetos – como é o caso de Suape? Ainda que um discurso de “desenvolvimento” seja utilizado muitas vezes voltado à parcela jovem da população, constata-se que os/as jovens das camadas populares não foram contratados/as pelas grandes construções e obras. Assim ocorre/ocorreu em “Suape”.

Conforme apontado no item 2.1 os movimentos migratórios – via chegada dos *outsiders*, segundo Scott et al. (2012), ocasionaram uma série de encontros entre habitantes locais e pessoas de fora. Parte desses/as moradores/as locais são jovens que iniciaram relações afetivo-sexuais, como namoros, ocorrendo com frequência, gravidez entre adolescentes. Com isso a necessidade de articulação da mobilidade residencial revela uma população local cautelosa e atenta que toma partido “para preservar e para ampliar as suas redes de apoio, seja

---

<sup>20</sup> PCSVDF Mulher - Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, 2016, realizada pelo Instituto Maria da Penha-IMP em parceria com a Universidade Federal do Ceará e o Instituto para Estudos Avançados de Toulouse. Apresenta uma radiografia da violência de gênero no Nordeste brasileiro.

através das atitudes das mães jovens, das avós, das sogras ou de outras pessoas nas redes de parentesco e amizade dos dois parceiros” (SCOTT et al., 2012, p. 12). Em paralelo os homens trabalhadores que chegam de lugares distantes constituem uma população nova atraída por projetos de desenvolvimento. Estes estão distantes das suas redes de parentesco nos locais de origem. A interação com a população local se realiza em um ambiente de promessa, mas também de desconfiança referente à concorrência no emprego, à conjugalidade, aos cuidados com os filhos e ao possível abandono por não ser nativo. Por isso as famílias das áreas pesquisadas se preocupam muito com o que estes *outsiders* representam. Apresenta-se dessa maneira um cenário bastante desconfiado com essa população migrante.

Nesse território de migração e estrangeiros, o que é vivido pelas jovens mulheres? O que é dito sobre elas? Que relações estabelecem? Investimos em entender de que modo os efeitos dessa desconfiança impactaram o campo das relações das jovens locais (sejam com pessoas da mesma geração ou não), no que diz respeito às experiências de amizade e afetivo-sexuais.

A pesquisa de Bacelar & Castro (2016) sobre modos de subjetivação de jovens em território de conflito socioambiental também coloca a questão do território x questões de gênero: assim como em Suape, havia em Conceição do Mato Dentro, certa desaprovação dos homens da região em relação às vivências afetivas e sexuais das jovens da região com esses “estrangeiros” e estranhos. Em parte isso se devia, tal como na região de Suape, ao aumento dos casos de violência sexual, bem como do crescimento do número de mulheres grávidas (p. 468).

Outro aspecto a ser pontuado foi o crescimento do número de bares e casas de festa na região, para onde iam muitos dos trabalhadores migrantes, que dividiu a população jovem, algumas sendo atraídas pelo movimento, e outras tantas preferindo limitar os seus espaços de sociabilidade ao comércio mais próximo, casas de conhecidos, locais de trabalho e igrejas, que se apresentavam em plena expansão (SCOTT *et al.*, 2012).

Segundo Scott *et al.* (2012), um desafio que se colocou foi como garantir medidas governamentais e institucionais visando ações sociais que reduzissem impactos negativos do influxo de migrantes atraídos pelo projeto de desenvolvimento “com sensibilidade à existência da complexidade dos padrões de mobilidade residencial associados a namoros, sexualidade e parentalidade juvenis elaboradas pela população” (p. 13). Pois, se por um lado, não dava para fechar os olhos à inconveniência da presença de muitos trabalhadores de fora e da gama de complicações para a elaboração de estratégias próprias para lidar com a questão

da vida sexual e reprodutiva das jovens, por outro era preciso valorizar as estratégias de ampliação das redes de apoio a essas jovens, aos seus parceiros e aos seus filhos.

Não obstante dos efeitos da violência inerente aos grandes projetos desenvolvimentistas, as pessoas do território vivem suas vidas, relacionam-se umas com as outras e resistem às opressões desse modelo moderno/colonial de desenvolvimento. Nosso olhar foi lançado para o que as jovens constroem em termos de relacionamento. Significa dizer que quisemos pensar em como o empreendimento/projeto Suape ao mesmo tempo em que altera as configurações relacionais no território, coloca a possibilidade de outras “configurações subjetivas” e de modos de tecer amizades.

A partir das considerações feitas até aqui, como se coloca a questão das jovens, enfatizando o viés de gênero, em circulação no espaço público? Se pensarmos que é nesse tempo da vida (em relação à infância e à velhice) que tal espaço se torna mais desejado e mais possível. Um tempo em que lhes é mais “autorizada” a circulação na cidade. Se o espaço público historicamente é um ambiente masculino, como as mulheres jovens ocupam esse espaço; como se relacionam entre elas – e com os outros jovens? O que as suas experiências de amizade nos informam sobre ser jovem mulher no espaço público?

Na pesquisa *com* jovens pobres é fundamental considerar que tal juventude vive em um circuito entre a comunidade, a escola, a igreja, o serviço de saúde, o projeto social, a casa (a família), os/as amigos/as. Entre a casa e a rua? As experiências de amizade acontecem nesse “entre-lugar” (SCHWERTNER, 2010), entre o espaço público e aquilo que é tido como espaço privado (PRIMO, 2015; SCHWERTNER, 2010).

Em levantamento bibliográfico foi possível perceber que alguns estudos sobre juventude tocam levemente nas relações de amizade, poucos são os que se debruçam e aprofundam tal discussão. Esperamos fazê-la apontando para uma contribuição aos estudos sobre a questão da juventude, ao mesmo tempo em que aos estudos da amizade, no âmbito da psicologia. Para tanto a seguir nos deteremos na discussão teórica da amizade.

### 3 DOS FIOS TEÓRICOS QUE TECEM A NOÇÃO DE AMIZADE

*“Reabilitá-la (a amizade) representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade, as quais, como observa Foucault, são extremamente limitadas e simplificadas”.*

Francisco Ortega

A fim de localizar o/a leitor/a quanto ao percurso teórico deste trabalho, gostaria de partir da ideia de que há um imaginário que determina a maneira como nos relacionamos com as outras pessoas, seja na família seja com amigos/as. Tomando emprestada uma música do cancionista popular brasileiro – “Amigo é Casa”, de Capiba e Hermínio Bello de Carvalho<sup>21</sup> podemos perceber como esse tipo de relação é tornada poesia:

Amigo é feito casa que se faz aos poucos e com paciência pra durar pra sempre. Mas é preciso ter muito tijolo e terra, preparar reboco, construir tramelas. Usar a sapiência de um João-de-barro que constrói com arte a sua residência, há que o alicerce seja muito resistente que às chuvas e aos ventos possa então se proteger (...).

A referência ao aconchego e à segurança da casa é ilustrada diretamente nesse trecho da música. Os discursos sobre amizade trazem muito frequentemente a imagem de que um grande amigo ou uma amiga verdadeira são “como irmãos/irmãs”.

---

<sup>21</sup> Ver letra completa nos anexos.

Alguns estudos sobre família (particularmente os que não entendem a família como um modelo clássico e nuclear a ser reproduzido) demonstram que a rede de amigos/as pode ser compreendida como parte da família, considerando aspectos como solidariedade, convívio, entre outros (FONSECA, 2002; 2004; MIRANDA, 2009)<sup>22</sup>. Frequentemente toma-se a mãe como melhor amiga ou a amiga “como se fosse uma irmã” (STENGEL, 2011; FRANCH, 2013). Vemos imagens que ora se condensam, ora se separam. Seja por complementaridade ou contraposição esses temas se relacionam o tempo todo. E esta relação, que poderíamos denominar *fronteira*, não pode ser desconsiderada quando se trata de um estudo sobre experiências de amizade. Não podemos deixar de pensar que em ambos os casos tratam-se de relações interpessoais, sendo que em um dos casos não temos escolha: pertencemos a uma determinada família, inevitavelmente; e quanto às relações de amizade? Teríamos realmente poder de escolha? Estaríamos aqui entre o modelo familiar – de relação institucionalizada e as possibilidades de amizade como relações mais livres e autônomas?

Tal “liberdade relacional” como contraponto às formas de relação institucionalizadas se daria como uma espécie de “paradigma da autonomia do sujeito contemporâneo, espaço de exercício da sua liberdade de escolha, pois livre de qualquer coerção institucional” (MENEZES, 2004, p. 138). Para que isso ocorra de fato é preciso “desfamiliarizar” a amizade, em uma operação que “consiste em deslocá-la da esfera privada, da intimidade para o mundo, a sociabilidade, o público e ativar seu potencial agonístico” (MENEZES, 2004, p. 140), sendo assim possível que os indivíduos experimentem modos de vida diferentes, em um movimento de abertura ao outro que implica em risco, incerteza e instabilidade.

Uma vez que o movimento de se debruçar sobre o tema da amizade exige um diálogo com autoras e autores para além das produções em Psicologia como área de conhecimento, buscamos entender em que termos outros campos de estudos voltam-se à compreensão dessa forma de relação. Se na Sociologia os estudos sobre sociabilidade nos informam sobre a amizade – como seu equivalente, no campo da Filosofia diversos autores definiram tal questão ao longo do tempo, atribuindo-lhe diferentes significados. Buscaremos traçar, então,

---

<sup>22</sup> Conforme afirmamos anteriormente esta pesquisa emerge de um trabalho que investigou as relações familiares de jovens “que deram certo na vida”. Os resultados daquele estudo chamaram a atenção para a importância das relações de amizade na constituição da subjetividade de jovens pobres, apontando para uma rede de convívio e solidariedade em que se elegiam vizinhas/os e amigas/os como pessoas fundamentais em momentos cruciais de suas histórias de vida. Disponível em: <http://www3.ufpe.br/pospsicologia/images/Dissertacoes/2009/miranda%20emlia%20bezerra%20de.pdf.pdf>

um desenho do que entendemos ser importante na abordagem desse tema para fins de nossos objetivos<sup>23</sup>.

### 3.1 A AMIZADE NA FILOSOFIA: DESCONSTRUÇÕES E PROPOSIÇÕES

Das áreas de produção de conhecimento tomadas nesta discussão é na Filosofia que mais encontraremos o debate sobre a questão da amizade. Mas as leituras sobre tal fenômeno foram variando ao longo do tempo. Algumas dessas análises filosóficas vêm servindo de esteio para pensar o tema. Algumas pesquisas em Psicologia Social e Psicologia Política, particularmente as que têm nos inspirado neste trabalho (GOMES, 2005, 2010; MENEZES, 2004; RODRIGUES & MACHADO, 2014), para dar alguns exemplos, configuram-se teoricamente na esteira dos pensamentos de filósofos/as como Michel Foucault, Jacques Derrida, Hannah Arendt e Francisco Ortega, entre outros/as. É, portanto, a partir das dimensões da ética, da estética e da política que gostaríamos de empreender o debate da amizade.

Francisco Ortega (2001), através da sua “trilogia da amizade”, nos apresenta sua costura de ideias propondo pensar a amizade como exercício do político. Amizade como experimentação, imaginação, criação de novas formas de vida e comunidade. Ao afirmar pontos de convergência e interferências entre as obras de Arendt, Foucault, Derrida – e também Gilles Deleuze, apresenta a tese de que, em suas bases, todos esses autores

(...) visam a um pensamento do aberto e do não determinado, uma alternativa política que vai além de uma política partidária e que propõe a recuperação do espaço público: a política compreendida como atividade de criação e de experimentação. A teoria política de Hannah Arendt representa uma tentativa de pensar o acontecimento, de afrontar a contingência, de romper e inaugurar, de recusar as imagens e metáforas tradicionais oferecidas para imaginar o político, e uma vontade de agir, de transgredir e superar os limites. A fenomenologia arendtiana e a genealogia foucaultiana convergem na desconstrução da subjetividade e da tradição política ocidental, na procura de novas formas de subjetividade e de ação (ORTEGA, 2001, p. 228).

Pois bem, quais seriam, então, as contribuições desses filósofos para os estudos da amizade? O tema não foi sistematicamente abordado por Hannah Arendt, mas há em sua obra passagens e articulações que nos permitem trazer à tona uma compreensão inovadora desse tema, que resulta na emergência da noção de amizade como *amor mundi* (AGUIAR, 2011).

---

<sup>23</sup> A partir dos objetivos da pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura sobre o tema da amizade, na tentativa de compreender como essa noção aparece nas pesquisas - em Psicologia e em outras áreas de conhecimento.

Se em Arendt a pluralidade é um dos pilares de sua teoria da ação, ao mesmo tempo em que põe ênfase no agonismo, na teatralidade e na performatividade, não é possível pensar a esfera pública como uma unidade. Significa dizer que não há um local privilegiado para a ação política, ou seja,

(...) existem múltiplas possibilidades de ação, múltiplos espaços públicos que podem ser criados e redefinidos constantemente, sem precisar de suporte institucional, sempre que os indivíduos se liguem por meio do discurso e da ação: agir é começar, experimentar, criar algo novo, o espaço público como espaço entre os homens pode surgir em qualquer lugar, não existindo um *locus* privilegiado (ORTEGA, 2001, p. 227).

Em contraponto ao crescente apelo ao amor romântico – relacionado ao enfraquecimento da capacidade das pessoas de se relacionarem com os outros a partir de interesses comuns e, portanto, antipolítico – pode-se pensar a concepção da amizade como forma de *amor mundi*, que seria a “(...) capacidade de se associar e de se igualar aos outros através da palavra e da ação, e tradução da consciência do pertencimento ao mundo comum” (AGUIAR, 2011, p. 137). Somente a partir do desenvolvimento de novas formas de *amor mundi* – como a amizade – será possível criar e recriar formas de relações voltadas para o mundo, para o espaço público, ou seja, relações alternativas ao ideal hegemônico de amor romântico. Daí a dissociação amizade x fraternidade, já que esta última indicaria uma forma de comunidade identificatória em que, enquanto irmãos, somos todos iguais, anulando a pluralidade, condição da política (ORTEGA, 2001). Para Arendt, é pela via da ação política que se revela a identidade do agente, de maneira que:

O “quem” alguém é não aponta para uma visão essencialista, a-histórica da subjetividade, o sujeito da interioridade, o “eu autêntico”, uma essência atrás das aparências. Indica antes uma identidade que se constitui publicamente como aparência, máscara, um papel a ser representado (ARENDR *apud* AZEVEDO, 2014, p. 230).

O que vai dizer da relação teatralidade x vida pública. Daí a pergunta: como pensar em uma teatralidade da amizade? Nesta perspectiva caberia refletir sobre uma performatização da amizade, em sua dimensão estética. Se a identidade humana trata-se de uma realização no espaço público e não é previamente dada, temos uma questão de estilização:

A subjetividade é para Arendt um fenômeno do mundo, uma questão de estilo e caráter. Não existe nenhuma matéria pré-subjetiva, nem é na intimidade, ou na sexualidade, que se oculta a verdade de quem somos, assim como não existe um eu profundo atrás das aparências. A ligação romântico-idealista entre expressão e revelação, autenticidade e descoberta

de si, é contingente, um produto histórico, a qual pode ser desconstruída. Hannah Arendt distancia-se de toda visão essencialista do sujeito, de toda tentativa de psicologização da subjetividade. Somente voltados para o mundo é que atingimos nossa identidade, no espaço público revelamos “quem” somos e não “o que” somos” (ORTEGA, 2001, p. 231).

Dessa forma, Hannah Arendt contribui ao menos em três aspectos, de maneira relevante, ao pensamento político e, conseqüentemente para pensar a questão da amizade política: (1) a definição do agir politicamente como uma dimensão fundamental da existência humana, o que acarreta que o sujeito deve lidar com o outro abarcando a franqueza e o risco; (2) a substituição do subjetivismo e individualismo moderno por um intersubjetivismo que pauta cada relação com a realidade em uma pluralidade ativa; e (3) a definição de uma sociedade política e livre<sup>24</sup> como um lugar civilizado que tem que ser sempre mantido vivo pela ação política (Heuer, 2007). A partir daí, como enfrentar, então, esses termos do agir com franqueza e do risco nas experiências de amizade?

A propósito da *parresía* ou coragem da verdade, Rodrigues & Mattar (2012) chamam atenção, a partir de uma leitura foucaultiana, para os dois sentidos do termo *parresía*, a atividade de tudo dizer: o sentido pejorativo, em que se diz tudo “não importando o que, sem princípio de racionalidade ou de verdade, como na ‘má cidade democrática’” (p. 232); e o sentido positivo, onde se diz a verdade sem reserva nem retórica, dizendo tudo, mas em relação com a verdade, sem escondê-la. Caracterizando o sentido positivo da *parresía*, Foucault cita duas condições suplementares: “o sujeito, ao dizer o que pensa, corre o risco de irritar o outro, arrisca-se à violência, fazendo com que a *parresía* demande certa forma de coragem; paralelamente, aquele a quem é dirigida a *parresía* precisa aceitar o jogo, escutar aquele que se arrisca a dizer-lhe a verdade. Há, pois, um pacto” (p. 232).

Este seria, a meu ver, um aspecto interessante de se pensar quando abordamos a questão da amizade, entendendo a importância do aspecto da *parresía* para a compreensão das relações entre amigos/as, pois a coragem da verdade é não apenas daquele/a que fala, mas é também daquele/a que aceita receber a verdade que escuta. Temos aqui uma das contribuições de Michel Foucault para o debate da amizade (FOUCAULT, 2014).

Para Foucault também é a presença de outros, imprescindível para a autoconstituição do sujeito. O exercício das técnicas de si não é solitário. De modo que, como Arendt, nos coloca que as relações são constitutivas dos sujeitos. Tratando-se dessa dimensão

---

<sup>24</sup> Grifos nossos.

intersubjetiva no espaço público. Daí pensar a ética do cuidado de si como prática de liberdade (ORTEGA, 2001).

Todas as formas de subjetivação dos antigos apontadas por Foucault, desde o cidadão da polis grega, são realizações no espaço público. Não se tratando de exercícios solitários; diferente do sujeito da interioridade da modernidade. A formação da identidade seria um processo público, “um acontecimento no mundo”. Assim, “nas lutas contra formas de subjetivação, à procura de novas formas de subjetividade e sociabilidade, o sujeito se constitui no mundo compartilhado com outros indivíduos” (ORTEGA, 2001, p. 232).

Se o cuidado de si não pode ser separado da relação com o outro, é possível falar de uma “concepção agonística da intersubjetividade”, a partir das reflexões foucaultianas: “a noção extrovertida de subjetividade, a consciência orientada para fora, o caráter reflexivo de si mesmo, descrito pelo movimento do ‘desprender-se de si’, corresponde a esta experiência” (ORTEGA, 1999, p. 124). Ou seja, o encontro com o outro deve ser necessariamente da ordem da transformação de si mesmo. Daí pensar a “liberdade de fala”, a *parresía* como técnica de si, como parte da constituição dessa relação com o outro.

Pensar, com Arendt, sobre os sentidos de uma “amizade política pelo cuidado do mundo” requer consciência da responsabilidade comum pela comunidade, “definir-se como cidadão político e não como um sujeito de consumo e defender a civilização da sociedade com seus valores de liberdade e justiça e de engajar-se para a sua realização” (Heuer, 2007, p. 92), algo raro em nossos tempos.

Ainda buscando fazer a costura entre os pressupostos foucaultianos e arendtianos em torno da questão da amizade, é interessante refletir sobre a coragem, imprescindível à atividade política. Para a filósofa, a continuidade do mundo precisa de tal virtude porque as singularidades precisam sair da segurança privada – como zona de conforto – renunciando às individualidades e buscando a preocupação com o coletivo. Para Foucault, como apontado acima, a coragem de verdade é um elemento fundamental na relação (agonística) que se constrói com o outro, ou com o amigo.

No início dessa conversa teórica argumentamos sobre como as imagens disponíveis sobre a amizade estão ligadas ao que nos é familiar. O amigo como irmão. Pelas lentes de Hannah Arendt a questão da associação amizade x fraternidade ou amizade x família expõe a face de despolitização da amizade. Ou seja, a amizade na semelhança seria uma amizade despolitizada. Pensar a politização da amizade é pensar essas construções a partir da diferença, da pluralidade. Interessou-me compreender a amizade entre jovens mulheres que pertencem a um território dito “de risco”, onde circularam e ainda circulam “estrangeiros”, na

tentativa de conhecer como acontecem as suas relações de amizade. Como é possível construir essas relações em um espaço público tomado por violências diversas? Onde claramente não há uma juventude “em pauta”, escutada, considerada?

Como dito anteriormente, Arendt propõe recriar o *amor mundi* (o amor pelo mundo) e reinventar a amizade. É preciso sair da esfera de segurança (da família) para arriscar-se ao contingente, ao outro, ao estranho e desconhecido. Trata-se de uma invenção de si, da criação de infinitas possibilidades de existência. A amizade é um fenômeno público. Amizade como livre escolha. Como novo “direito relacional”. Estilística da amizade, invenção de novas imagens (AZEVEDO, 2014; ORTEGA, 2000).

A historiadora Margareth Rago (2013), em sua análise de narrativas de mulheres feministas que viveram e lutaram contra a ditadura (dos anos 1960/1970) no Brasil, utiliza-se de conceitos e problematizações foucaultianas no que se refere à constituição do indivíduo ético e às “artes do viver”. Entre gregos e romanos, a estética da existência se constituía através das chamadas “técnicas de si”: a meditação, a dieta, os exercícios físicos e espirituais, a *escrita de si*, a *parresia*. Tais técnicas tratavam do cuidado de si e do outro, através de “práticas relacionais de construção subjetiva como um trabalho ético-político” (p. 44).

Das técnicas de si analisadas por Foucault já falamos um pouco sobre a *parresia*. Interessa-nos também destacar outra técnica de si que é a *escrita de si*, uma vez que esta pesquisa trata-se de entender as narrativas de jovens mulheres sobre a amizade. Entendida como um cuidado de si e do outro, a *escrita de si* coloca-se como disposição ao outro, como um trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, objetivando reconstituir uma “ética do eu”. A *escrita de si* dos antigos se opõe ao modo de confissão – modo discursivo-coercitivo de relação com a verdade que se apresenta no período do cristianismo e se acentua na Modernidade (RAGO, 2013). Em suas reflexões sobre a *escrita de si* o filósofo afirma que:

Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face (FOUCAULT, 2004, p. 156).

Neste sentido aquele/a que escreve, não somente tem um cuidado com o outro, mas também cuidado consigo mesmo/a, pois aprende algo novo sobre a problemática apresentada ao mesmo tempo em que esta nova experiência refletida lhe dará suporte para outras situações eventuais similares (PELLIZZARO, 2015).

Consoante Ortega (1999), nessa relação intersubjetiva:

(...) a relação com o outro apresenta-se como indispensável para o estabelecimento da relação consigo mesmo. Não existem autoestilizações na solidão. Toda autoapresentação (até nas formas privadas da autobiografia ou do diário) está orientada intersubjetivamente” (p. 131).

Assim as práticas de si gregas deveriam abranger os vários aspectos da vida: o corpo, a alma, os afetos, a sexualidade e as relações sociais. Antes de tudo era preciso ocupar-se consigo mesmo. Aquele/a que não cuidasse de si – em todas as dimensões – também não reuniria condições para cuidar ou se relacionar de maneira “saudável” com os demais. Foucault chama atenção para os riscos da dominação e da tirania quando não há esse trabalho de si. Então para que se possa ser um bom amigo/uma boa amiga, um bom discípulo ou mestre, um bom governante é preciso primeiramente aprender a ocupar-se de si mesmo (PELLIZZARO, 2015).

Aspectos como horizontalidade nas relações, abertura ao outro, convivência em espaços disponíveis para embates, discussões e trocas criativas foram problematizados nos trabalhos analisados aqui, percebendo-se muitas aproximações com a noção de amizade provocada por Foucault.

Sobre a amizade como modo de vida, Ortega (1999) entende que:

A *amizade* é a forma de existência considerada por Foucault quando pensa numa possível atualização da estética da existência, apesar de limitar a sua análise quase exclusivamente à cultura homossexual, falando assim de um ‘estilo de vida *gay*’- o que, por outro lado, não exclui uma ampliação a outros grupos. Trata-se de chegar a uma nova forma de existência mediante a sexualidade. Esta forma de existência alcançável através de um certo trabalho sobre si mesmo, de uma certa *ascese*, tem a forma da amizade (p. 154).

É justamente essa ligação da amizade com a filosofia e com a política – a partir de uma dimensão coletiva, em um movimento de transgressão e de invenção de modos de vida – dimensão ético-estética que nos interessa.

A proposição de uma nova noção de amizade “iria contra o ideal clássico (aristotélico-ciceroniano) da amizade, entendida como ‘igualdade e concordância’, pois no amigo, não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para nos transformarmos” (ORTEGA, 2000, p. 80). O desafio é sermos capazes de viver amizades que não rejeitem contradições e tensões, mas sim que permitam um determinado agonismo, sem pretensão de anular as diferenças entre as partes.

Trata-se de inventar relações que possam ser reconhecidos na sociedade, com liberdade para se desenvolver. A ética da amizade pretende pensar em sujeitos de relações livres. Relações que passam pelo prazer e que podem ser re-inventadas constantemente, assim como a relação ética. Não há regras a serem seguidas. Assim a amizade tem como característica maior a *experimentação*, exatamente porque se apresenta como um “programa vazio” (PELLIZZARO, 2015).

## 3.2 A AMIZADE EM ÁREAS AFINS

### 3.2.1 Contribuições do campo da Educação

Uma produção teórica interessante ao nosso debate é a tese “Laços de amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital”, de autoria de Suzana Feldens Schwertner, que procurou compreender modos de subjetivação jovem, indagando-se sobre as “verdades” construídas em torno da configuração de relações de amizades entre jovens atualmente, particularmente jovens estudantes gaúchos. Nessa discussão sobre a amizade, a autora pontua duas vertentes diferentes: uma primeira que vai defini-la a partir de contornos familiares e de intimidade, reservando a ela um “espaço privado”, no qual as relações familiares seriam seu modelo de configuração por excelência; e uma segunda forma que seria pensar a amizade como “espaço público” de embates e discussões, mas também como espaço de trocas e de criação, num espaço de convivência entre as pessoas – tais como as praças, as escolas, etc. – para além dos laços familiares. Essa tensão espaço privado x espaço público, como vimos já posta por outras pesquisas, é mais uma vez retomada.

A partir da análise de imagens selecionadas por jovens estudantes do ensino fundamental de uma escola pública da região sul, a autora define categorias acerca das relações de amizade, chegando a categorias como “amizade como semelhança e diferença”, a partir de compreensões que remetem à *metáfora familiar*, convocando a pensar na família como uma estrutura a ser repetida nos encontros de jovens amigos/as; e “amizade como possibilidade e risco” (SCHWERTNER, 2012)<sup>25</sup>.

Suzana Schwertner (2010) entende a amizade como uma relação que se dá “entre-lugares”, ou seja, entre o espaço público e o que se convencionou associar ao âmbito privado. Neste sentido chama de “inter-relações: a amizade como um movimento que passa por uma

---

<sup>25</sup> Discussão presente em artigo intitulado *Palavras e Imagens sobre Amizade Jovem na Contemporaneidade* onde discute os resultados da tese em questão (SCHWERTNER, 2012).

escolha”, e que, portanto, “deveria acontecer imerso em um oceano de possibilidades, em um espaço rico para aberturas e diferenças, em que um certo risco e imprevisibilidade pairariam” (p. 26).

Desse modo, vemos que a autora também parte da noção de amizade proposta por Michel Foucault, em seus trabalhos sobre ética e estética da existência: “amizade como espaço agonístico e democrático, de experimentações e criações” (p. 27), daí pensá-la em sua dimensão política; bem como bebe na fonte arendtiana que nos ajuda a compreender uma ideia associada ao espaço público, onde somos capazes de acessar formas especificamente políticas de nos aliar a outras pessoas, a partir da ação e do discurso. “É no ENTRE do espaço público que acessamos o político” (MENEZES, 2004, p. 1147). Para Hannah Arendt:

O político é o que está no entre, é em relação, resulta da ação em conjunto, da convivência entre os homens que é a base para a geração do poder. Este, o poder ou potencial de poder, existe entre os homens quando agem juntos e desaparece quando eles se dispersam (p. 147).

### 3.2.2 A amizade nas Ciências Sociais: raízes da sociabilidade

No esforço de compreender como as Ciências Sociais se posicionam no que concerne ao estudo da amizade, encontramos algumas autoras e trabalhos que nos ajudam a refletir sobre a questão. A antropóloga Cláudia Barcellos Rezende (2002) afirma que na literatura desse campo de conhecimento, a amizade é tomada em geral como “uma relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos” (p. 69). Nesta direção percebe-se que a maior parte dessa discussão é mantida no domínio privado da vida social. Mas qual/quais seria/m a/s origem/origens dessa constatação?

Em sua obra *Raízes do Brasil*, considerada um clássico da literatura brasileira, Sérgio Buarque de Holanda analisa a formação social do/a brasileiro/a a partir dos efeitos das heranças europeias. Uma característica marcante dessa herança é ilustrada pela imagem do “homem cordial”<sup>26</sup> que serve para mostrar o que o autor chama de conflito entre público x privado. Destaca assim as tensões que se dão, por exemplo, quando homens que ocupam posições públicas de responsabilidade parecem não compreender a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público. Afirmando que:

---

<sup>26</sup> Cordialidade aqui entendida não como cortesia e sim por um certo trato maleável com que o brasileiro costuma se relacionar no seu dia-a-dia (HOLANDA, 2014).

No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas (HOLANDA, 2014, p. 176).

O que nos interessa fundamentalmente aqui é compreender em que medida esse “modelo obrigatório” familiar é reproduzido nas nossas relações de amizade. E mais que isso pensar quais as repercussões disso nessas experiências. Claro que não se trata de deslegitimar a vida na família – não é nossa intenção tomar partido por uma forma ou outra de relação – a questão é pensar quais os efeitos e limites dessa “reprodução”.

Uma imagem que se tornou bastante emblemática nas discussões das tensões entre o público e o privado foram as noções de casa x rua propostas por Da Matta (1985), duas categorias sociológicas que vão além dos espaços geográficos:

(...) falar de casa é fazer referência à família, amizade, lealdade, pessoa e compadrio. Quanto à rua, ela se refere às leis universais, burocracia e formalismo jurídico-legal. Pelo ângulo da casa, onde predomina alta intensidade emocional, somos todos supercidadãos, no sentido de que temos nossos direitos garantidos nesse ambiente familiar e afetuoso (e nenhum dever). Pelo ângulo da rua, onde predomina o idioma do decreto e da emoção disciplinada, somos anônimos, desgarrados e até maltratados pelas autoridades. Na rua experimentamos a condição de subcidadãos, pois as regras universais da cidadania exercem-se sobre nós com ênfase nos deveres e obrigações, daí nosso comportamento negativo nesse universo e com relação às coisas públicas (MENEZES, 2004, p. 152).

Na visão do antropólogo, embora frequentemente se localize as duas categorias em oposição há também complementaridades e combinações entre eles que revelam a dinâmica dessa relação. Pelas lentes do autor, “interessa detectar as pontes que construímos entre os discursos e práticas da rua (lado moderno a que tanto aspiramos para contemporaneizar nosso país – componentes legais e jurídicos) e da casa (lado tradicional da sociedade brasileira – componentes emocionais e familiares)” (MENEZES, 2004, p. 153). Interessa estudar as conexões das relações que são estabelecidas entre os contrários, A ideia do “entre” (casa/rua;

privado/público) parece estar de alguma forma presente nas análises sobre as relações de amizade no Brasil desde as suas “raízes”, não só nas pesquisas em Ciências Sociais (MENEZES, 2004; SCHWERTNER, 2010).

Entretanto, alguns estudos mais recentes na Sociologia e Antropologia – como os da própria Cláudia Rezende – parecem atualizar tal debate e vêm mostrando como os significados de amizade nos diferentes contextos históricos e culturais vão reforçar ou eclipsar esses termos, os quais se associam a uma forma especificamente ocidental e moderna de conceber a pessoa e suas relações com os outros, inclusive problematizando a localização da questão na esfera do privado.

Em seu estudo nas cidades de Londres e Rio de Janeiro, Rezende (2002) retrata, a partir de dados etnográficos, o período em que acompanhou adultos/as (jovens e não jovens) com o objetivo de estudar os discursos e as práticas da amizade. Um dos seus achados de pesquisa foi uma preponderância da ideia de afinidade nas relações de amizade, que apareceu mais fortemente do que a ideia de igualdade – elemento frequentemente pensado como fundamental para a amizade, indicando assim a relevância da semelhança como um operador relacional. Era, portanto, em torno da questão das afinidades e diferenças que os dois contextos estudados indicavam tensões subjacentes às relações de amizade.

O contexto relacional da amizade aciona expectativas e valores diferentes das outras relações que as pessoas experimentam durante a vida (as relações amorosas, de parentesco, de trabalho, e outras), mas não deixa de se articular a essas outras dinâmicas sociais. Nesse desenho de aproximações e contrastes entre relações a amizade pode se deslocar com maior ou menor fluidez entre os espaços público e privado. O componente emotivo da amizade ao mesmo tempo em que diz da relação entre amigos/as, fala de sua inserção mais geral em um determinado contexto sociocultural. Por isso Rezende (2002) conclui que a amizade deve ser compreendida como uma “via de acesso privilegiada para pensar a pessoa em sociedade” (p. 86).

Tomando as reflexões sobre as transformações sociais da pessoa em sociedade ou no campo das relações pessoais, a socióloga Sasha Roseneil (2006) mostra, a partir de pesquisas realizadas na Inglaterra, que homens e mulheres de idades e estilos de vida diferentes deram um alto valor às suas amigas e aos/às seus/suas amigos/as, uma vez que estes/as configuravam-se como pessoas de maior intimidade em seus ciclos de convivência, superando as relações com pais e irmãos. A autora chama atenção para uma priorização da amizade pelos/as seus/suas entrevistados/as, em detrimento de outras relações, indicando uma

substituição dos laços de sangue pelos laços com amigos/as, sobretudo no que concerne ao apoio emocional e aos cuidados cotidianos.

O que nos parece interessante é que Roseneil vai desenvolver uma analítica das relações pessoais “para lá da heteronorma”. Significa dizer que as pessoas nem sempre vivem em família, mesmo se esta tem um lugar central na forma como compreendemos as relações humanas de cuidado, amor e intimidade. Tal autora propõe um estudo das relações de amizade como alternativa ao estudo da intimidade e do cuidado para lá da família. Ao mesmo tempo chama atenção para a “heteronormatividade da disciplina” sociológica e perfaz uma crítica ao modo como a Sociologia tem estudado as relações pessoais, de uma maneira geral à luz de quadros heteronormativos, e defende que seria o caso e o tempo de se investigar a amizade, buscando entender formas “não-convencionais” de relacionamento sexual/amoroso, bem como as conexões recíprocas entre uma e outras. Analisando a queda da hegemonia das hetero-relações, afirma que as formas do viver contemporâneo são as mais variadas, fluidas e estão em movimento, são “práticas contemporâneas da vida pessoal” (p. 42).

Há ainda um ponto importante a ser destacado quando abordamos a amizade entre jovens nos tempos atuais que é a questão da chamada “sociabilidade em rede”, noção diferente da sociabilidade tradicional ou “física”, no que tange aos aspectos de efemeridade e intensidade das relações com o advento das redes sociais (*Facebook, WhatsApp, etc.*). Um estudo que enfrentou essa discussão foi a tese/livro de Silva (2016) que buscou compreender como as relações de amizade são afetadas pelas “novas formas de comunicação”. A autora faz uma articulação entre esse aspecto da efemeridade das relações, a partir da comunicação via novas tecnologias, com a vivência de “amizade duradoura” – em suas características de permanência, afeto e afinidade. De acordo com a pesquisa, a comunicação “em rede”/virtual evidencia um outro tipo de disponibilidade ao outro, ou ao/à amigo/a.

A antropóloga Mônica Franch (2010) ressalta o quanto a amizade é importante no cotidiano de jovens – a partir da observação do uso de seu tempo livre – na troca de afeto, experiências e anseios. Entretanto chama a atenção para as diferenças, ambiguidades e mesmo contradições que tem a diversidade de significados que compõem esse fenômeno. A confiança é um sentido usualmente associado à amizade entre jovens mulheres – objeto deste estudo, tencionando inclusive a questão da “falsa amiga”/“traição da melhor amiga”. Cabe aqui perguntar em que medida experiências de “traição” e “falsidade” colocam em risco as relações de amizade. Quais seriam as possíveis contradições presentes nos discursos sobre tais vivências? Como elas estão (ou não) atreladas a rompimentos e rupturas de amizade?

Um ponto importante proposto pela antropóloga para entender as contradições relativas aos discursos de amizade é a dissociação sociabilidade-amizade. Significa dizer que a convivência com outros/as jovens não é equivalente a ter amigos no seu sentido mais restrito. Embora a sociabilidade seja importante para pensar o fenômeno da amizade, ela não a define. Tal constatação explica boa parte das contradições expostas pelo discurso e prática das jovens entrevistadas em sua pesquisa. Isso fica claro nas falas em que definem em oposição os termos “colega” e “amigo/a”, o que faz com que estabeleçam uma hierarquia em torno das pessoas com as quais convivem em que se encontra em um extremo o “colega” (sociabilidade) e em outro extremo os “verdadeiros amigos”, relacionados à capacidade de confiança. Na amiga se confia, na colega, não necessariamente.

### 3.3 A AMIZADE NA PSICOLOGIA: DIFERENTES ABORDAGENS PARA A COMPREENSÃO DE UM MESMO FENÔMENO

Quanto às áreas de conhecimento da psicologia, encontramos produções sobre a questão da amizade, sobretudo nas áreas da Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Clínica e Psicologia Social. Chamo atenção para trabalhos que acabam por situar-se entre esta última e a vertente da Psicologia Política. Alguns desses estudos serão brevemente apresentados a seguir, com a intenção de lançar um panorama sobre como a questão vem sendo abordada no âmbito da Psicologia como um todo<sup>27</sup>. Daí então passaremos a outras produções que consideramos interessantes neste debate teórico.

Um trabalho de pós-graduação em psicologia social da UFRN, de 2005, de autoria de Emanuel José Batista de Lima, cujo título é “Adolescentes e jovens e suas bases de apoio: relações de amizade como suporte social no enfrentamento à violência” buscou mapear “bases de apoio familiares e comunitárias” para jovens e adolescentes de um bairro da cidade de Natal-RN, tentando compreender de que maneira tais recursos são usados. A pesquisa foi realizada com 382 adolescentes e jovens estudantes da rede estadual de ensino, através da aplicação de questionários. Como resultados, percebeu-se que a busca por relações estabelecidas de modo informal – no espaço da rua, na procura por amigos, parentes ou vizinhos, têm mais ressonância e mostra-se como um espaço importante onde há troca de valores e afetos. Lima (2005) conclui que estar atento ao fortalecimento desses laços sociais é

---

<sup>27</sup> É importante ressaltar que nem todos os trabalhos apresentados articulam as questões de amizade e juventude, sendo interessante observar minimamente como o debate sobre o tema da amizade vem acontecendo na Psicologia – e para além dela.

importante e parece apontar para um enfraquecimento do que chama de “lógica hegemônica” na maneira como sujeitos são produzidos como identidades privatizadas, para que haja assim o fortalecimento de uma ética comprometida com a transformação de sociabilidades marcadas pelo medo, pela impotência e pela redução do convívio nos espaços de circulação. Dessa maneira uma saída seria se voltar para a construção da amizade como um sistema de reciprocidade, de trocas afetivas, de agenciamento político e de produção de formas potentes contra o que chama de “anestesia social”. Tal dissertação, portanto, aponta como achado principal de pesquisa a importância de se investir no potencial das relações de amizade entre adolescentes e jovens nos espaços onde vivem inclusive como forma de pensar a prevenção de riscos sociais e violência pública.

A noção de função fraterna proposta por Kehl (2000) demonstra como a Psicologia Clínica/Psicanálise coloca a questão em pauta, entendendo o outro como fundamental para a estruturação psíquica do sujeito, examinando a importância do irmão (não necessariamente o irmão de sangue) ou do amigo na constituição subjetiva. A autora acrescenta que a adolescência seria “o período, por excelência, das grandes formações fraternas” (p. 41). A adolescência seria o tempo privilegiado das ligações horizontais, aquelas que se constituem à semelhança das relações entre os irmãos na família; daí ser comum a formação de turmas, grupos, bandos ou gangues. A pertença a uma turma de amigos funcionaria, então, como um novo “batismo” para os/as adolescentes. Destaca-se aqui a questão da identificação nas relações de amizade.

Outro exemplo no campo da Psicologia Social/Psicologia Política são os trabalhos (dissertação, tese e artigos<sup>28</sup>) de Livia Godinho Nery Gomes, os quais nos foram bastante úteis para a construção deste projeto-pesquisa-texto final. Na dissertação intitulada “Semânticas da amizade e suas implicações políticas. Familiarismo e alteridade entre amigos nas classes populares”, de 2005, a autora buscou investigar e discutir a qualidade política da amizade, visando analisar, no âmbito das relações cotidianas, a relação de amizade como vínculo intersubjetivo “agonístico” de experimentação que possibilita deslocamentos e transformações nas subjetividades, no qual ações políticas inovadoras podem se perfazer.

Em diálogo com teóricos como Michel Foucault e Jacques Derrida, entre outros/as, Gomes (2005) conclui, a partir das narrativas de trabalhadores de cooperativas, que a noção de amizade “escapa a qualquer tentativa de definição exclusiva” (p. 166) sendo difícil, em seu

---

<sup>28</sup> Sugerimos a leitura dos artigos que discutem resultados da dissertação e tese da autora, quais sejam: *Semânticas da amizade e suas implicações políticas* (GOMES & SILVA JUNIOR, 2005); *Sobre a amizade em tempos de solidão* (GOMES & SILVA JUNIOR, 2007); e *Experimentação política da amizade na internet* (GOMES & SILVA JUNIOR, 2014).

universo semântico, chegar-se a um conceito rígido e fixo, chamando atenção para o uso polissêmico do termo amizade, ou amigo.

A tese da mesma autora “Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela internet”, de 2010, continua a lançar mão do diálogo com filósofos/as como Foucault, Espinosa, Arendt, entre outros/as. Dessa vez Gomes entrevistou adultos sobre suas histórias de amizades mediadas pela internet, revelando encontros inusitados e que trouxeram mudanças para suas vidas, para além das situações de conversas *online*. A autora afirma que:

A potência da qualidade política da amizade está na possibilidade de experimentação de abertura à alteridade numa condição de não impedimento da palavra, onde os sujeitos através da troca de opiniões e ideias podem questionar pontos de vista fixos e alcançar um nível de reflexão crítica que é em si mesmo mobilizadora de movimentos de resistência e de transformação de subjetividades (p. 154).

Neste sentido compreender a amizade em sua dimensão política significa a disponibilidade em afetar e deixar-se afetar num contexto de conversas horizontais em que as pessoas se desestabilizam e podem ver o mundo a partir de outra perspectiva, constituindo assim, essa relação agonística de disposição ao outro.

Outro estudo que trata a amizade a partir da obra foucaultiana é a dissertação, produzida na UFRGS “A assessoria jurídica universitária em direitos de gênero como uma estética da amizade”, de 2011 e de autoria de Lúcia Regina Rudit Dias. O trabalho investiga como a prática de assessoria jurídica universitária se coloca enquanto uma ética que potencializa a produção de uma “estética da amizade” entre trabalhadoras/es do G8-Generalizando (Serviço de Assessoria Jurídica Universitária da UFRGS). As discussões foram analisadas à luz das noções de sujeito, ética e estética em Michel Foucault e embasam o conceito de “estética da amizade”, indicando o serviço enquanto um coletivo em fluxo composto por movimentos produtores de subjetividade, sendo estes movimentos a assessoria, o gênero e as disciplinas. Neste sentido as experiências do G8-G se configuram como “práticas de si” onde um trabalho de si sobre si mesmo se coloca enquanto um trabalho ético que aponta na direção de uma “estética da amizade” que convoca outras maneiras de intervir, através da horizontalização, descentralização, parceria, lidando com a complexidade e instabilidade na direção de uma singularização do trabalho e de uma composição da “vida como uma obra de arte” (DIAS, 2011).

As pesquisas acima – todas localizadas no âmbito da Psicologia Social/Política – em que pesem suas diferenças metodológicas e mesmo teóricas, parecem se apoiar em

perspectivas que compreendem a noção de amizade como experimentação, criação e invenção, conferindo às relações algo de imprevisível e ao mesmo tempo transformador. Daí pensar as dimensões ética, estética e política da amizade. Como podemos, então, compreender a noção de amizade em seus referentes ético (responsabilização), estético (criatividade/sensibilidade) e político (transformação/mudança social) na Psicologia hoje?

Já os estudos na área da Psicologia do Desenvolvimento apontam para uma grande relevância dos relacionamentos de amizade no processo de desenvolvimento humano, a partir da concepção de que relações com amigos e amigas impactam positivamente em aspectos tais como habilidades sociais, saúde, qualidade de vida e longevidade das pessoas em todas as idades. Ao mesmo tempo algumas pesquisas demonstram aspectos negativos associados a parte dos relacionamentos de amizade, o que seria “inerente” às relações sociais em geral, como ciúme, desapego, preocupação, submissão, conflito, ansiedade, rivalidade, entre outros (SOUSA & CERQUEIRA-SANTOS, 2011). Os autores discutem revisão de literatura dos estudos sobre redes sociais e sobre os relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. Ao analisar o impacto dessas relações sobre o desenvolvimento humano durante as várias fases da vida, destacam que, na adolescência, os/as amigos/as ajudam com trocas de informações, apoio social, companhia de pares, proteção social contra o “tumulto das mudanças físicas e psicossociais”, e até mesmo como um fator de proteção contra suicídios. Acrescentam ainda que “As relações de amizade na adolescência, tanto as amizades íntimas quanto as relações de grupo, são um fator primário de análise no envolvimento ou não da pessoa com fumo e álcool” (SOUZA & CERQUEIRA-SANTOS, 2011, p. 60). Outro estudo dos mesmos autores investigou os relacionamentos de amizade íntima da rede social de jovens adultos e os seus recursos e estratégias de enfrentamento de crise (*coping*) e percepção de suporte social. Os resultados encontrados avaliaram que a função da amizade relaciona-se “positivamente com a percepção de suporte social, dando fortes indícios em direção à importância da boa qualidade das amizades no fornecimento de recursos de enfrentamento para as pessoas” (SOUZA & CERQUEIRA-SANTOS, 2012, p. 354).

Percebe-se nessa discussão que as relações de amizade são tomadas como rede de apoio, suporte e proteção, em uma perspectiva de prevenção a questões ligadas à saúde do indivíduo nas diversas fases da vida, particularmente adolescência, período potencialmente “perigoso”, arriscado, quando se busca controlar, governar esses sujeitos sociais.

No entanto, mais do que pensar em termos de aspectos positivos e negativos da amizade durante a vida, nota-se que os trabalhos no campo da psicologia social – conforme pontuamos acima – parecem buscar entender as relações de amizade (neste caso entre jovens)

como invenção de modos de vida, abrindo possibilidades de existência que muitas vezes vão se contrapor ao que se espera do sujeito jovem.

A noção de governamentalidade nos ajuda a pensar sobre o que é esperado a respeito da conduta do sujeito jovem. Foucault propõe o conceito como o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si, o que nos leva a lançar luz à relação do sujeito consigo mesmo (CASTRO, 2009). Qual a conduta do sujeito jovem pobre, então?

Ainda no âmbito da Psicologia Social, uma pesquisa importante de ser comentada é o trabalho de Rodrigues & Machado (2015) intitulado “Amizade e contracondutas”, em que os autores pensam a amizade entre jovens pobres – “ingovernáveis”, “ingovernados” ou “perigosos”, atendidos por programas e serviços de assistência social como uma forma de “contraconduta”. Os autores relatam trabalhos com esses jovens (atendidos em *LA-Liberdade Assistida/PSC-Prestação de Serviço Comunitário* ou pelo *Protejo-Projeto de Proteção dos Jovens em Território Vulnerável*), onde puderam promover o que chamaram de “encontros” e afirmam que produzir aqueles espaços era entendê-los como “capazes de produzir novos regimes de afetabilidades, novas maneiras de ser afetado por questões cotidianas, que muitas vezes encontram-se banalizadas pelo modo como são tratadas, exibidas, debatidas” (p. 416). E na tentativa de enfrentar uma forma criativa de aproximação com esses/as jovens buscaram apostar mais em “novas possibilidades de vida” do que nos proferidos “projetos de vida” comumente defendidos em programas sociais. Pensar “possibilidades de vida” tem a ver com uma “distribuição diferencial dos afetos” ou de “atualizar não aquilo que já está pré-determinado, mas criar o novo, inventar um ou vários mundos. É mutação subjetiva que nos possibilita novas avaliações entre o bom e o mau, o tolerável e o intolerável” (p. 417).

A pesquisa de Rodrigues & Machado nos mostra ainda que a “potência da amizade” estaria em dar sentido talvez ao pertencimento a um programa ou projeto social, indicando, por exemplo, que mais do que estar ali por uma bolsa de auxílio financeiro, os jovens o faziam pelas relações que construíam com os amigos. Ali era possível perceber ações de solidariedade entre esses jovens que nada dependiam das ações previstas e planejadas pelo projeto social. Tal constatação acaba por desafiar certezas e concepções sobre uma certa juventude – a dita vulnerável ou em risco social.

Sabemos que as amizades, ao mesmo tempo em que são fundamentais nos processos de socialização de jovens, podem representar ainda um canal de ameaça do mundo de fora (num contraponto ao significante “casa” ou às relações familiares). Se, por um lado, os/as amigos/as são apontados/as como responsáveis pela (má) conduta (quem nunca ouviu a máxima “diga-me com quem andas que eu te direi quem és”) de um/a jovem, por outro as

relações de amizade podem surgir como resposta a programas e projetos sociais, afirmando modos de vida singulares. A amizade seria, portanto, ao mesmo tempo resposta e motivo destes?

Pensamos com Rodrigues & Machado, ainda, quando se questionam sobre essa aposta na potência da amizade. Quando se perguntam sobre por que apostar em algo como a amizade “considerando que, de acordo com o ponto de vista do poder, realmente importante para a juventude pobre – considerada periférica, vulnerável, em risco, em conflito com a lei”– o que conta são “os ‘valores empreendedores’ o ‘incremento do capital humano’, o despertar da ‘competência de aprender por toda a vida’, a construção de um ‘projeto de vida’?” (p. 415). Aposta-se na amizade por conta das potências que ela atinge “não somente nos jovens”, como também em quem pesquisa. Daí apostar na arte do encontro, num “certo modo de relacionar-se, sem vanguardas, sem conscientização, sem moralização. Uma maneira de estar” (p. 416).

Ancorando-se nos trabalhos de Ortega (2000), nos termos de uma “nova ética da amizade”, Menezes (2004) advoga que

É justamente contra a dominação que a amizade enquanto experimentação vem se afirmar. A sua dimensão ético-transgressora reside em sua recusa de aceitar as limitações que lhe foram historicamente impostas, tais como ser um assunto privado e sem significado político, determinada socialmente pelo status social, classe e nível educacional. Compreendemos que reivindicar para a amizade uma dimensão coletiva, melhor dizendo, ativar nas relações de amizade o seu aspecto mundano representa mais um momento de fundamental importância no movimento de desmonte da tirania da intimidade e do individualismo “alérgico” à alteridade (p.146).

Diante do quadro teórico acima podemos perceber diferentes abordagens da noção de amizade na psicologia – desde estudos que a tomam na função de apoio e proteção nas diversas fases da vida, até compreensões que relacionam o fenômeno com modos de condutas e criações inventivas, onde, acreditamos, estaria a sua verdadeira potência. Nos parece que aquela que a toma como risco, experimentação, possibilidades de descentramento seria a psicologia social, onde configura-se a nossa investigação.

Ressaltamos ainda que esta investigação insere-se nas discussões propostas pela linha de pesquisa “Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas”<sup>29</sup>. Ao tomar o aspecto relacional que passa das vivências em família às relações de amizade no espaço público colocamos em relevo os *processos psicossociais* da juventude; ao mesmo tempo em que analisaremos a relação *poder x amizade*, na medida em que a jovem escolhe quem vai ser sua

---

<sup>29</sup> Programa de Pós-graduação em Psicologia ao qual estou vinculada.

amiga ou seu amigo; e se reivindicamos uma dimensão coletiva para a noção de amizade, visando ativar o seu aspecto mundano, estamos falando das *práticas coletivas* de jovens mulheres em Suape.

É a partir daí que apresentamos nossa proposta de estudo da amizade no campo da psicologia articulando as noções de juventude e amizade em uma (1) dimensão macropolítica – em que se consideram os discursos do desenvolvimento/crescimento econômico, em uma perspectiva biopolítica de governo dos jovens e de suas práticas sociais e (2) dimensão micropolítica – em uma perspectiva ético-política e de estética da existência: risco de dizer a verdade (parrésia) na experimentação da relação de amizade; risco dos incômodos, dos deslocamentos, dos descentramentos, do mal-estar.

### 3.4 AMIZADE E QUESTÕES DE GÊNERO: ASPECTOS IMPORTANTES PARA COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE AMIGAS E/OU AMIGAS/OS

O esforço de compreender a amizade entre mulheres – particularmente entre mulheres jovens - nos coloca a pensar sobre o que diz a literatura (e sobre o que não diz), ao mesmo tempo em que entendemos tratar-se de uma aposta (teórica e política?) no sentido de marcar as ausências e porque não dizer os obstáculos epistemológicos desse debate.

Franch (2010; 2013) afirma que até pouco tempo a literatura especializada disponível operava um recorte de gênero em que os estudos sobre sociabilidade juvenil privilegiavam as experiências masculinas enquanto que as vivências das mulheres apareciam nos trabalhos voltados à discussão da sexualidade, o que resultava na insuficiência de discussão tanto do debate sobre as lógicas de sociabilidade das mulheres jovens quanto do debate sobre as experiências sexuais de homens jovens. No campo de estudos sobre sociabilidade e culturas juvenis as mulheres são, portanto, sub-representadas e há um interesse maior nas manifestações culturais mais “alternativas”, que apontam para um caráter de rebeldia, contestação – e também ameaçadoras, deixando de lado as experiências da “juventude normal”. Os trabalhos da antropóloga são uma exceção dessa prática, uma vez que se interessa justamente em investigar a amizade entre mulheres jovens de grupos populares, também interesse desta pesquisa.

Ao analisar as relações entre amigas, um exemplo frequente é o da “falsa amiga”, que coloca em jogo, em última instância, a questão da confiança, conforme falamos em outro tópico deste capítulo. Franch (2010) acredita que “este viés de gênero relaciona-se com um traço mais ou menos permanente da cultura ocidental, que põe em questão a capacidade das mulheres para a amizade” (p. 7). Se por um lado a masculinidade é associada à sociabilidade

as experiências das mulheres é normalmente analisada a partir das esferas doméstica e do parentesco (espaço privado). Decorre daí que as amizades de jovens mulheres são comumente vistas associadas à necessidade de encontrar um parceiro, estando condenadas à descontinuidade. Embora a autora afirme que alguns trabalhos recentes neguem tal estereótipo (centrando-se em análise das redes de solidariedade entre mulheres), ainda temos dificuldade de encontrar referências que contribuam para uma reedição dessas “verdades”. Vale ressaltar que as práticas e discursos das jovens entrevistadas no trabalho de Franch (2010; 2013) dizem dos aspectos dessa “encruzilhada” que são as experiências de construir amizades (intragênero e mistas) na juventude, o que coincide com os resultados desta pesquisa, os quais serão apresentados adiante.

Ortega (2002) nos ajuda a compreender as “amizades femininas” partindo de uma genealogia de como esse fenômeno foi se configurando ao longo do tempo. Para empreender tal discussão o autor cita os trabalhos clássicos de Lillian Faderman e Carrol Smith-Rosenberg<sup>30</sup> no que informam sobre uma “subcultura da amizade feminina” – a despeito dos discursos canônico e masculino da filosofia - existente entre o Renascimento e o século XIX. A história da amizade entre mulheres passou por diversos deslocamentos até chegar aos tempos atuais. A principal mudança de olhar para essa questão é a passagem de uma “amizade afetiva” (onde não se problematizava a sexualidade) na Renascença, para uma ideia de amizade na qual a troca afetiva (sexual ou não) é colocada sob “suspeita” de experiência lésbica e, portanto, patologizada. Aqui pode-se fazer um paralelo com o destino das amizades masculinas quando sofrem a influência da medicalização da homossexualidade. Como isso acontece? Historicamente – é possível observar através de narrativas como romances, diários e correspondências desse período, analisadas pelas autoras supracitadas – entre o Renascimento e o século XIX existiram manifestações desse modelo de “amizade romântica, afetiva”. Tais relações entre amigas eram caracterizadas pela amorosidade em todos os sentidos (com exceção, talvez, do sentido genital); era possível a troca de carícias, beijar-se, dormir juntas e até mesmo uma linguagem similar a uma linguagem do “amor heterossexual”, digamos: promessa de fidelidade eterna, estar no pensamento da outra, morar juntas e até mesmo morrer juntas.

Para Ortega, o ponto fundamental não seria saber se esse “amor-amizade” era genital ou não para assim caracterizá-lo como homossexual ou heterossexual, pois isso seria “(...) adaptar uma perspectiva do século XX, pós-freudiana, às amizades românticas” (p. 152). A

---

<sup>30</sup> São duas historiadoras norte-americanas.

questão é que antes da introdução da sexualidade na amizade era possível a expressão de afeto, carinho, troca de carícias e beijos nas relações entre mulheres sem que fosse preciso procurar “a verdade” desse sentimento. Essas relações eram aceitas social e moralmente, sendo compatíveis com o casamento, em uma “ (...) relação de complementaridade entre seus mundos homossexuais e heterossexuais” (p. 153). Se isso pode chocar as gerações atuais, vemos que “(...) durante séculos as relações sexuais entre mulheres eram permitidas e consideradas um prelúdio da sexualidade heterossexual” (p. 153).

Ocorre que a “amizade romântica” entre mulheres diminui no fim do século XIX e vai desaparecer depois da Primeira Guerra Mundial. Para Faderman *apud* Ortega tal deslocamento tem relação com uma mudança no *status* das mulheres e, sobretudo, com o novo conhecimento médico que viria com os sexólogos da época (fim do século XIX e início do XX) que instituiriam aí um “problema médico”. Assim “a percepção das amizades românticas como uma quase ‘instituição’, que foi encorajada socialmente durante séculos, muda no fim do século XIX” (p. 153). Com o advento das reivindicações feministas na primeira metade desse século desenvolvem-se as sementes de um anti-feminismo crescente que ia contra a procura de independência das mulheres, por entendê-la como traço antifeminino, de acordo com os padrões da mulher sensível e consciente de sua inferioridade e dependência. Entre outros temores, havia o de que, com a liberdade e independência reivindicada, as mulheres prescindissem dos homens, do casamento e da família. Assim o amor entre mulheres passa a ser visto como ameaça aos valores familiares e tradicionais, em uma sociedade que consolidava a família como principal instituição do século XIX e como monopólio do privado e da afetividade.

Nas palavras de Ortega: “A instituição familiar havia logrado integrar amor, amizade e sexualidade no casamento, uma estratégia que doravante define o código da intimidade nas sociedades ocidentais” (p. 154). É possível, então, entender como a “amizade feminina” passa a ser vista como “ameaça da ordem social”, que deve, portanto, ser evitada. Aqui formulamos a seguinte questão: quais os efeitos dessa análise histórica e filosófica para as experiências de amizade que são vividas em nosso tempo por mulheres jovens? É interessante refletir sobre uma onda crescente de conservadorismo<sup>31</sup> (moral, religioso, político) em nosso país e no mundo. Em que medida isso afetaria as “amizades femininas” atuais? Será que podemos relacionar certas tensões observadas entre amigas, hoje, a esse olhar antissocial para as “amizades românticas” do antifeminismo de outrora?

---

<sup>31</sup> Lembramos que junto com essa onda conservadora temos, paralelamente, sinais de resistência e vanguarda; tratando-se de termos em disputa permanente.

O que era natural entre as amigas românticas passa a ser visto como doentio, graças ao trabalho dos sexólogos do século passado. Revela-se, portanto, o que Ortega nomeia como “sentimento de culpabilidade”, decorrente da “(...) homossexualidade latente aparentemente presente em todas as amizades românticas, já que, num paradigma pós-freudiano, amor e amizade estão indissoluvelmente ligados à sexualidade” (p. 155) e sexualidade entre pessoas do mesmo sexo passa a ser tomada como homossexual e patológica. Eis que dessa maneira: “(...) toda uma ‘subcultura’, todo um ‘mundo feminino’, que implicava redes de solidariedade e convivialidade, formas de sociabilidade coexistentes com a família e o matrimônio, espaço de trocas, confidências e apoio emocional, fecha-se sobre si mesmo (p. 155)”.

Não podemos deixar de lembrar como se dava o exercício da amizade na Antiguidade, quando apenas os homens eram cidadãos e capazes desse tipo de relação. Lembremos que nem as mulheres, nem os (considerados) loucos, nem as crianças podiam exercer a amizade. Aristóteles deu bastante atenção à *philia*, mas compreendia a amizade enquanto possibilidade de diálogo no espaço público entre homens.

Em sua obra *Ética a Nicomáco* Aristóteles expõe a descrença na existência dessa virtude entre as mulheres, uma vez que junto aos homens afeminados elas são propensas a lamentações e se relacionam com o outro pela via da aflição e tristeza. Outros filósofos que abordaram a questão da amizade, em diferentes épocas, tais como Cícero, Montaigne, entre outros, também seguiram essa linha de raciocínio e contribuíram para a “verdade” de que a amizade seria um atributo essencialmente masculino (IONTA, 2007).

Machado (2017) aborda a “fragilidade dos laços femininos” em um estudo sobre a representação da amizade entre mulheres. A partir das lentes feministas e de gênero a autora busca questionar o engendramento desses sentidos na série *Stranger Things*<sup>32</sup> ao abordar o rompimento da amizade entre duas jovens. Sua pergunta se configura acerca do quanto a perpetuação dessas imagens se articula ao “imaginário social misógino” presente na nossa sociedade ocidental, particularmente a noção do senso comum que acredita ser impossível que mulheres possam construir experiências de amizades duradouras.

Parece-nos que a reboque do silenciamento das narrativas sobre as mulheres ao longo da História, em virtude da posição secundária em que se colocavam esquecendo-se de si mesmas (RAGO, 2013), são ausentes e fragmentadas as discussões a respeito da sociabilidade e amizade entre mulheres, afinal a elas não cabia ocupar o espaço público.

---

<sup>32</sup> Série da *Netflix*, provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*.

A mesma Margareth Rago apresenta o livro da também historiadora Marilda Ionta, “As cores da amizade” (2007) que parte das desconfianças e constatações de Franch (2010; 2013), Machado (2017) e Ortega (2002) no que concernem a desmistificar as construções sociais que projetam sobre nós, mulheres, estereótipos e estigmas “pesados, desalentadores e excludentes” (p. 14). Trata-se de uma questão política, afinal. Então por que as mulheres seriam incapazes de amizade e fidelidade, seja entre elas seja para com os homens? Rago nos diz:

Se, como aprendemos com as teorias feministas do gênero, já não é possível afirmar qualquer traço identitário a partir do corpo biológico, se já não acreditamos numa natureza humana instalada desde sempre no fundo de nossa psique, o que responderia pela permanência dessa leitura misógina da feminilidade, tal qual foi passada e repetida de pai para filho? E mais, a quem beneficiaria, senão para promover a capacidade masculina inata para as grandes virtudes? (IONTA, 2007, p. 14).

Nesse sentido pesquisas que reconheçam a capacidade de amizade entre mulheres contribuem para a transformação do imaginário cultural (de que lugar de mulher é em casa) e para “abrir o espaço público” também para nós, mulheres. O trabalho de Ionta elege a amizade entre homens e mulheres como objeto de estudo a partir das relações de amizade entre Mário de Andrade e Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga e Henriqueta Lisboa. Em sua ótica essas relações ocuparam um espaço transversal à ordem normativa e institucional que a família e o casamento impunham à época (início do século XX). Pensar tal vinculação entre homens e mulheres era escapar do que se esperava pensar as relações entre os sexos naquelas décadas. Sua pesquisa vem assim:

(...) refletir sobre os limites e as possibilidades de amizade entre homens e mulheres como um espaço aberto, sem forma definida, como uma possibilidade, como um programa em que os participantes podem reescrever seus lugares, refazer imagens idealizadas da amizade, romper com as formas tradicionais de relação entre os sexos (IONTA, 2007, p. 19).

Se quisermos ampliar a questão podemos pensar, junto com o grupo de filósofos apresentados anteriormente e com as teorias feministas e de gênero, em romper com formas tradicionais de relações, de uma maneira geral. Já que desprezada contemporaneamente a amizade deveria ser resgatada e reescrita como modo de “contrapor-se às formas capitalistas de produção de subjetividades neste terceiro milênio” (p. 20). Uma vez que as instituições familiares e o casamento encontram-se bastante abaladas, temos sido incapazes de criar outros

laços afetivos que contribuam para que “façamos da vida aquilo que queremos e não a reprodução do que querem para nós” (p. 20).

Retomando a bela canção de Capiba e Hermínio Bello de Carvalho:

A casa é amizade construída aos poucos e que a gente quer com beira e tribeira. Com gelosia feita de matéria rara e altas platibandas, com portão bem largo que é para se entrar sorrindo nas horas incertas sem fazer alarde, sem causar transtorno. Amigo que é amigo quando quer estar presente faz-se quase transparente sem deixar-se perceber...

Seria essa uma amizade sem conflito? Será que um dia nós aprenderemos, como nos diz Ortega, a conviver com a imagem de um amigo que não se pareça com a nossa imagem especular? E sim como algo “radicalmente diferente”, sendo capazes de aceitar essa “distância”, a diferença como condição da amizade? “Isto, sem dúvida, suporia atravessar toda a história dos discursos da amizade e ter a coragem de se adentrar em uma *terra incógnita*, de experimentar e criar novas imagens para definir nossa sociabilidade” (p. 84) e expressar nossos sentimentos. Pois como nos alerta Menezes (2004):

A amizade brasileira teria ainda que abrir mão da segurança do familiar, do já conhecido, do gueto personalista em prol de uma vinculação com o mundo em toda a sua expressão de surpresa. Retomando H. Arendt, seria uma amizade fundamentalmente vinculada ao público, espaço próprio ao exercício da nossa liberdade autônoma (mais que individual), conquistada via nosso engajamento com o mundo público, para além dos contatos pessoais garantidores de segurança e confiança, mas sem abdicar da presença dos outros indispensáveis à nossa humanidade” (p. 171).

Assim, expostas as linhas teóricas que nos permitiram tecer o nosso trabalho, não podemos nos furtar a afirmar, conforme dito no início deste capítulo, que a compreensão da amizade está bastante ligada às noções de família (e de sexualidade), daí ser necessário analisar o fenômeno *em relação*, ou dito de outra maneira, analisá-la à guisa das suas fronteiras com a família e com as relações afetivo-sexuais. Ao mesmo tempo é justamente a amizade foucaultiana que nos interessa pensar. Significa uma amizade de algum modo permeada por conflito, que tenha um sentido de criação, experimentação, diferenciação; também de reflexão, de um determinado trabalho e de uma certa atitude ativa diante das condições atuais em que vivemos.

Para finalizar este capítulo há que se evocar ainda um certo caráter “misterioso” deste debate sobre a amizade como potência e resistência, na esteira do que nos disse Gilles

Deleuze em uma entrevista do ano de 2001 registrada em vídeo na qual se perguntava “por que se é amigo de alguém”:

Para mim, é uma questão de percepção. É o fato de... Não o fato de ter ideias em comum. O que quer dizer “ter coisas em comum com alguém”? Vou dizer banalidades, mas é se entender sem precisar explicar. Não é a partir de ideias em comum, mas de uma linguagem em comum, ou de uma pré-linguagem em comum. Há pessoas sobre as quais posso afirmar que não entendo nada do que dizem, mesmo coisas simples como: “Passe-me o sal”. Não consigo entender. E há pessoas que me falam de um assunto totalmente abstrato, sobre o qual posso não concordar, mas entendo tudo o que dizem. Quer dizer que tenho algo a dizer-lhes e elas a mim. E não é pela comunhão de ideias. Há um mistério aí. Há uma base indeterminada... É verdade que há um grande mistério no fato de se ter algo a dizer a alguém, de se entender mesmo sem comunhão de ideias, sem que se precise estar sempre voltando ao assunto.

#### **4 DO PERCURSO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO: SOBRE ESCOLHAS, APOSTAS, AFETOS E CRIAÇÕES**

Impõe-se, para a realização de uma pesquisa sob o paradigma do cuidado, uma escuta aberta à surpresa, capaz de ouvir o novo sem reduzi-lo imediatamente ao já conhecido, de ouvir – e lidar com – o que não responde necessariamente às questões de pesquisa, o que desestabiliza as hipóteses com que vamos a campo, o que coloca arestas em um trabalho científico que se pretende redondo. Trata-se de uma postura ativa e generosa, de respeito e humildade, em que se ouve o outro que fala sem pressa, sem cortes, sem conversão imediata em texto ou conclusões, que implica maturação da palavra ouvida até que, junto dos demais sujeitos de pesquisa, decida-se o que fazer com ela. Há, aí, um tempo que se expande como uma coluna de ar, permitindo o respiro, a distensão, a dilatação do processo mediante o qual se

apreende ou desvenda uma dada narrativa. Tempo para que ela repercuta e produza efeitos sobre o pesquisador. (MARQUES & GENRO, 2016)

#### 4.1 DA EPISTEMOLOGIA: O PENSAMENTO DECOLONIAL E AS LENTES FEMINISTAS

Uma pesquisa leva-nos a fazer escolhas sobre seus pressupostos epistemológicos. Sinto-me disposta a partir da crítica a um modo de fazer ciência regido pelo positivismo, pela autoridade masculina, pelo elitismo e pelo eurocentrismo, contrários ao que deveria ser um conhecimento realmente libertador (ALCOFF, 2016). As leituras e discussões sobre os estudos pós-coloniais e, particularmente, os estudos decoloniais, aliadas ao aprendizado contínuo dos estudos feministas e de gênero, permitiram-me realizar alguns deslocamentos teóricos e epistêmico-metodológicos.

Como esteio epistemológico da pesquisa nos inspiramos fortemente no pensamento decolonial. Buscando estabelecer diálogo com diversos autores e autoras filiados/as a tal perspectiva, nosso interesse é o de contribuir para a descolonização dos trabalhos científicos em psicologia – ou nas ciências humanas, em geral. Significa enfrentar o desafio de produzir ciência a partir do distanciamento (ou de uma tentativa) de uma única lógica ou de uma única leitura de mundo, aquela que se difunde do norte do globo, particularmente Europa e Estados Unidos.

A perspectiva pós-colonial abandona as tradições da sociologia do subdesenvolvimento ou teoria da “dependência” buscando revisar pedagogias nacionalistas ou “nativistas” que estabelecem a relação do Terceiro Mundo com o Primeiro Mundo em uma estrutura binária de oposição. Dessa maneira, resiste à busca de formas holísticas de explicação social (BHABHA, 2013). Daí a importância de pensar nas formas de como se dá a escuta das pessoas subalternas, “[...] com qual sensibilidade, solidariedade e responsabilidade ética, ou mesmo com qual possibilidade de aprendizado ou de trabalho contra subalternidade como uma forma de descolonização do saber” (ALMEIDA, 2013, p. 697). No entanto, as produções decoloniais vão expor os limites dos estudos pós-coloniais e as tensões decorrentes desse modo de pensar.

Enquanto o pós-colonialismo teve início em meio às discussões sobre a decolonização de colônias africanas e asiáticas, tendo sido fomentado por intelectuais do Terceiro Mundo que viviam/vivem nos departamentos de estudos culturais em universidades norte-americanas, “a opção decolonial” se liga à história da Américas, pondo em circulação outras línguas, indo além do mundo anglofônico. Alguns dos expoentes do campo acadêmico pós-colonial, por

exemplo, Homi Bhabha, Edward Said e Gayatri Spivak, não fazem referência às questões latino-americanas em seus trabalhos. O que, evidentemente, não anula a importância e a potência desses estudos, como assinalado acima. A questão é o risco paradoxal de colonização intelectual dessa teoria. Da crítica feita, surge uma rede de intelectuais – entre estes e estas Arturo Escobar, Walter D Mignolo, Aníbal Quijano, Maria Lugones, Enrique Dussel, entre outros – na América Latina em torno da decolonialidade (BERNARDINO-COSTA & GROSGUÉL, 2016; COSTA, 2014).

Trata-se de buscar um desligamento mais radical das epistemologias eurocêntricas e do saber ocidental, buscando, em última análise, “desaprender para reaprender” (COSTA, 2014). Foi assim que, no fim da década de 1990, surgiu o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado fortemente por intelectuais latino-americanos pesquisadores/as em várias universidades das Américas, que, segundo Luciana Ballestrin, concebeu “um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de ‘giro decolonial’” (BALLESTRIN, 2013, p. 89).

Tal termo foi elaborado originalmente pelo filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres e refere-se a esse movimento de resistência - teórico-prático, político e epistemológico – à lógica moderna/colonial. Outras expressões como “Colonialidade do poder” (Aníbal Quijano), “Geopolítica do conhecimento”, entre outros, foram desenvolvidos no âmbito do Grupo Modernidade/Colonialidade, considerado por Arturo Escobar mais precisamente como um “programa de investigação” que em, aproximadamente, vinte anos de trabalho, vem refletindo sistematicamente sobre a realidade cultural e política latino-americana, considerando o conhecimento subalternizado dos grupos oprimidos (BALLESTRIN, 2013).

Uma das linhas de argumentação do M/C é a noção de colonialidade do poder, desenvolvida originalmente por Quijano em 1989. Trata-se da compreensão de que as relações de colonialidade – nos âmbitos econômico e político – não se encerraram com a destruição do colonialismo. Tal conceito foi atualizado para além do aspecto do poder e significa dizer que se reproduz em tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser. Além disso, para o coletivo de pesquisadores/as, a colonialidade seria o lado obscuro e necessário da modernidade, de tal modo constitutiva que não haveria modernidade sem colonialismo, daí o nome do grupo (BALLESTRIN, 2013; BERNARDINO-COSTA & GROSGUÉL, 2016).

Sendo o Grupo Modernidade/Colonialidade atuante no que diz respeito a um trabalho reflexivo coletivo, transdisciplinar e engajado, do que decorrem novas análises e elaborações

propositivas, gostaríamos de destacar a sua capacidade de renovação da utopia e crítica nas ciências sociais (e em outras áreas, como a psicologia, esperamos) na América Latina. De modo que nos sentimos, a partir dos deslocamentos do pensamento decolonial (a partir da prática de oposição e intervenção), incomodadas, provocadas - no melhor sentido desses termos - a desaprender e reaprender no campo de pesquisa e em nosso fazer científico (BALLESTRIN, 2013; COSTA, 2014).

No campo da psicologia, “a opção decolonial” promoveu reflexões quanto ao efeito da colonização que deixou marcas no caráter do nosso povo latino-americano. A dialética colonial se introjeta na sociedade dominada, se fixa em seu tecido social e configura identidades:

La misma representación que los colonizadores tienen hacia los colonizados se reproduce hacia los sectores vulnerados en sus derechos. El pueblo de un país desarrollado reúne a hombres trabajadores, de talante racional, científico, filosófico; mientras que el colonizado pertenece a un pueblo haragán, supersticioso, de pensamiento mágico. Una operación teleológica del despliegue del espíritu en la historia los ha dejado en el atraso, en la barbarie... (ORELLANO & GONZÁLEZ, 2015, p. 5).

A psicologia política da libertação vai promover que as ciências sociais se comprometam com setores oprimidos, como nos ensinou Paulo Freire (1921 – 1997). Alguns dos pontos em comum entre tal corrente da psicologia e o referido Grupo Modernidade/Colonialidade se referem: à importância de visibilizar tanto os fatores subjetivos quanto os objetivos que dificultam o fortalecimento da América Latina; as críticas ao desenvolvimentismo – aquelas políticas e economias que justificam o atraso econômico latino-americano em uma análise psicológica do caráter; a possibilidade de expressão dos setores oprimidos da nação em se constituir em sujeitos da história (ORELLANO & GONZÁLEZ, 2015).

Uma nova episteme é, portanto, investida de caráter polissêmico tal qual afirma o Grupo de estudios para la liberación *apud* Orellano & González:

alude al pueblo de una nación contra un invasor externo, a una clase social explotada, a la juventud frente a la educación conservadora, a la mujer frente al hombre, a todo sujeto social que pudiera ser caracterizado como oprimido geopolíticamente, socialmente, pedagógicamente o sexualmente y las palabras de este pueblo son sus praxis de liberación (2015, p. 7).

Uma outra noção cara aos estudos decoloniais é o “pensamento de fronteira”, que seria a “resposta epistêmica dos subalternos ao projeto eurocêntrico da modernidade”. Nesta

perspectiva as fronteiras são, mais do que espaços onde se reinventam as diferenças, *loci* enunciativos onde são produzidos conhecimentos a partir das experiências dos sujeitos subalternos, já que

[...] os sujeitos coloniais que estão nas fronteiras – físicas e imaginárias – da modernidade não eram e não são seres passivos. Eles podem tanto se integrar ao desenho global das histórias locais que estão sendo forjadas como podem rejeitá-las. É nessas fronteiras, marcadas pela diferença colonial, que atua a colonialidade do poder, bem como é dessas fronteiras que pode emergir o pensamento de fronteira como projeto decolonial (BERNARDINO-COSTA & GROSGOUEL, 2016, p. 18).

O projeto decolonial propõe um diálogo entre os povos colonizados ou que vivenciam a colonialidade. A “transmodernidade” é um empreendimento utópico proposto por Enrique Dussel para transcender a versão eurocêntrica da modernidade e isso pode se dar pela via de respostas críticas decoloniais a partir do sul global, escutados não somente aqueles e aquelas que se encontram geograficamente ao Sul, mas aqueles povos, culturas e lugares subalternizados pela visão eurocêntrica da modernidade. Tal empreitada “oferece a possibilidade de constituir uma rede planetária em favor da justiça, da igualdade e da diversidade epistêmica” (BERNARDINO-COSTA & GROSGOUEL, 2016, p. 21).

Daí a nossa tentativa de afastamento e questionamento dos “cânones preferidos do paradigma moderno”, como sabemos: a ordem, a separabilidade, a predizibilidade, a causalidade, a objetificação do conhecimento, etc. De acordo com Síveres & Santos (2013), muitos dos problemas nos processos de produção do conhecimento os quais enfrentamos hoje em dia decorrem dos pilares do projeto de modernidade:

...as tentativas de aniquilamento de formas de pensar, de se expressar, de se relacionar, de produzir alternativas; a produção do *outro* como objeto; a construção do homem como possuidor e controlador da natureza; a justificação da dominação como direito natural; a invenção de uma história humana unidirecional em que a ponta de lança é a Europa; a hipercientificização da emancipação e a hipermercantilização da regulação; as hierarquias abstratas, para citar alguns (SÍVERES & SANTOS, 2013, p. 135).

Além dos estudos decoloniais, outra lente inspiradora para nortear todo o processo de pesquisa foi a perspectiva feminista. Nesta direção as bases epistemológicas da nossa construção procuraram costurar-se na interface dessas perspectivas, buscando a ousadia<sup>33</sup> de resistir à colonialidade do gênero, na esteira das provocações de Lugones (2014) no que se

<sup>33</sup> Não deixa de ser “ousada” a tarefa de (tentar) subverter os modos como fizemos ciência durante tantos anos.

referem à construção dos feminismos descoloniais. Quer dizer: “colocar os paradigmas de representação eurocêntricos, com ancoragem na lógica dicotômica, sob rasura” (COSTA, 2014, p. 933).

Por isso, se é possível nos dividirmos entre os nossos vários mundos, tomamos como norte, portanto, a perspectiva de um conhecimento situado e parcial, pensando com Donna Haraway a questão de uma objetividade corporificada na produção de uma ciência feminista crítica: “Objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados” (HARAWAY, 1995, p. 18).

Assim, partimos da intenção de estudar narrativas de amizade entre jovens, entendendo estas como pertencentes a uma categoria subalterna, dada a pouca voz que têm no sistema político e participativo, em um contexto (região de SUAPE–PE) marcado por diversas desigualdades, quais sejam de território, geração, gênero, raça, classe e outras. Como se constituem em suas experiências com amigos/as? Como vivem (e narram) suas experiências de amizade, considerando um macrosistema que pouco, ou nada, lhes considera? Em um contexto regido por uma ordem social, política, econômica e cultural hegemônica (FURLIN, 2013). Assim trabalhamos com duas noções as quais não queremos, evidentemente, tomar como universais: narrativa e experiência.

Interessa-nos pensar aqui a potência da ideia de experiência, discutida por Joan Scott, na articulação de tal categoria com o nosso “objeto” de estudo. Se os sujeitos se constituem através da experiência, buscamos explicar-nos termos dessa autora – como se dão os encontros de amizade entre jovens de modo a considerar as experiências coletivas e individuais dessas pessoas através dos discursos compartilhados, uma vez que “a linguagem é o local onde a história é encenada” (SCOTT, 1999, p. 42).

Ainda segundo a mesma, a experiência é sempre contestável, posto que não seria nem autoevidente, nem definida, portanto sempre política. Através do estudo de amizade entre jovens mulheres encontramos experiências que nos levaram a pensar em suas diferentes dimensões (ético-política e estética).

Há trabalhos que articulam as teorias feministas e as teorias pós-coloniais, entendendo que daí pode-se empreender um profícuo debate, dado o seu potencial crítico e político (ALMEIDA, 2013; ADRIÃO, 2015). A psicóloga e feminista Michelle Fine<sup>34</sup> ainda agrega a esses dois campos os estudos *queer* e a psicologia crítica e as entende como faces da mesma

---

<sup>34</sup> Em entrevista a Karla Galvão Adrião (2015).

moeda, que articuladas, podem contribuir para a diminuição da desigualdade e para a justiça social. Neste sentido nos diz:

O que importa é: quem formula as perguntas; o conhecimento de quem que conta; como podemos problematizar o material que coletamos e a quem pertencem estas informações depois; como podemos criar produtos que são úteis, tanto para o campo teórico quanto para os movimentos sociais locais ou para as comunidades. Eu não acredito que as metodologias feministas são apropriadas apenas para questões sobre as mulheres, mesmo que eu veja que dentro do movimento questões sobre a vida das mulheres e sobre seus corpos, sobre a opressão e risadas das mulheres precisaram e continuam precisando ser levantadas e trabalhadas (ADRIÃO, 2015, p. 480).

O posicionamento feminista tece uma narrativa crítica às ideias e pressupostos sociais e culturais, tomando esse fazer como modo de “desestabilizar o poder instituído e de refletir sobre questões de poder, vitimização e agenciamento” (ALMEIDA, 2013, p. 691). Há esforços, por um lado, no sentido de estabelecer um discurso sobre a vitimização histórica e os efeitos de um processo de silenciamento e invisibilidade e, por outro, visa-se chegar a um conceito propositivo de agenciamento que possa incluir as condições existenciais e materiais das mulheres como uma categoria complexa, diversa e atravessada por aspectos de classe e raça (ALMEIDA, 2013).

Mas sabemos que a história do campo feminista aponta para tensões apresentando-se como plural e diverso. Em nossa pesquisa foi importante lançarmos olhar particularmente à potência do chamado feminismo negro, empreendido pelas mulheres negras ao redor do mundo.

A ativista e feminista Bell Hooks chama atenção para a maneira como o feminismo norte-americano foi se construindo de modo a desconsiderar e invisibilizar as experiências das mulheres negras, tomando como modelo as vidas de mulheres brancas, casadas, de classes média e alta, com formação universitária. Ao fazerem isso as feministas brancas (e privilegiadas) desviaram a atenção de seu classismo, seu racismo e de atitudes sexistas em relação à massa de mulheres norte-americanas negras. Em suas palavras as mulheres brancas:

Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal a partir de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada) (HOOKS, 2015, p. 203).

O que ela quer dizer é que aquelas que deram origem ao movimento feminista nos Estados Unidos não podem falar em nome de todas as mulheres. Há especificidades, sobretudo pelos distanciamentos em relação a quem tem diferentes graus de privilégio dentro do sistema. hooks propõe que o reconhecimento, pelas mulheres negras, do ponto de vista especial que a condição de marginalidade lhes impõe, deve dar continuidade à luta feminista, uma vez que podem desse lugar criticar a “hegemonia racista, classista e sexista dominante”, impetrando uma contra-hegemonia. Daí a potência dessas experiências (HOOKS, 2015).

Em sua “carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”<sup>35</sup>, Gloria Anzaldúa se volta às “*hermanas*”, “mulheres de cor” e pontua as diferenças entre estas e as mulheres brancas:

Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia... (ANZALDÚA, 2000, p.229).

A partir daí podemos perceber a força narrativa nas palavras da escritora. Em seus fragmentos finais, a seguir, vemos claramente as perspectivas feministas e decolonial refletidas em sua carta:

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel (p. 235).

Dessas muitas inspirações, fizemos escolhas metodológicas que definiram o nosso trabalho de pesquisa, os quais serão delineados a seguir.

## 4.2 APOSTAS METODOLÓGICAS

Gostaria de continuar minha escrita, em primeira pessoa, sobre os caminhos metodológicos escolhidos colocando algumas questões sobre a pesquisa de campo. Eu estive “no campo” entre os meses de abril de 2016 e agosto de 2017, o que quer dizer durante um

---

<sup>35</sup> “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (ANZALDÚA, 2000).

ano e quatro meses. Mas quando começa e termina o campo? Problematizar essa questão faz-se importante para que se possa pensar a pesquisa *em processo*, não segmentada. Diz-nos Spink (2003) que o campo, para nós que fazemos a Psicologia Social, se inicia “quando nós nos vinculamos à temática... o resto é a trajetória que segue esta opção inicial; os argumentos que a tornam disciplinarmente válida e os acontecimentos que podem alterar a trajetória e re-posicionar o campo-tema” (p. 30).

Neste sentido quando escolhemos o tema a ser pesquisado já não estamos, de alguma maneira, “observando” o campo? Em boa parte das nossas investigações, (re) tomamos um “objeto de estudo” – escolha pelo tema da juventude, por exemplo. No caso deste trabalho, acerca das narrativas de mulheres jovens sobre experiências de amizade, foi imprescindível – e acredito que isso não deve ser desprezado – olhar para as minhas próprias relações de amizade, buscando compor “o campo” da pesquisa. Mas de que maneira? Como as minhas próprias experiências poderiam compor um “trabalho científico”? Tal problematização não poderia deixar de perfazer este início de capítulo para dizer do nosso entendimento de que nós, autoras e autores, estamos e somos os nossos campos de pesquisa<sup>36</sup>, inclusive “moralmente” falando:

Precisamos aprender que ser parte do campo-tema não é um fim de semana de pesquisa participante e muito menos uma relação de levantamento de dados conduzido num lugar exótico, mas é, antes de mais nada, a convicção moral que, como psicólogos sociais, estamos nesta questão, no campo-tema, porque pensamos que podemos ser úteis (SPINK, 2003, p. 27).

Para compreender a amizade a partir do universo das relações entre jovens mulheres pobres da sub-região SUAPE, nos utilizamos do método de Pesquisa Qualitativa. A questão do método em Psicologia sempre foi um ponto controverso ao longo da História, desde sua constituição como ciência até os dias atuais (HOLANDA, 2006).

Considerando a abordagem qualitativa como método que se propõe a conhecer os processos de constituição da subjetividade, diferentemente dos pressupostos “quantitativos” de predição, descrição e controle, o autor define a investigação qualitativa a partir de dois elementos diferentes: o primeiro seria a inclusão da subjetividade no próprio ato investigativo – tanto a da pesquisadora, neste caso, como a do sujeito pesquisado/a, pelo reconhecimento de sua alteridade; e o segundo por uma visão de abrangência do fenômeno pesquisado, realçando

---

<sup>36</sup> Nesta tese pretende-se deixar essa questão evidente através da ancoragem em uma epistemologia feminista, junto com a produção dos *diários íntimos*.

a sua circunscrição junto aos demais fenômenos (sociais, culturais, econômicos, entre outros). Esse tipo de investigação deve ser definido mais epistemologicamente do que instrumentalmente. Ou seja, é na própria construção do processo de pesquisa que vai se dar o método, numa tentativa contínua de atenção às características humanas, aqui pesquisadora/pesquisadas. É nessa relação que a pesquisa deve acontecer.

### 4.3 SOBRE A ESCOLHA DAS NARRATIVAS

Conforme apresentado anteriormente na Introdução deste trabalho, pretendeu-se escutar as narrativas de jovens mulheres pobres sobre suas experiências de amizade em território de crescimento econômico. O uso das narrativas como procedimento metodológico de pesquisa qualitativa tem sido utilizado nas Ciências Humanas e merece algumas considerações.

Corinne Squire (2014) define narrativa como uma “cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais” (SQUIRE, 2014, p. 273). Significa dizer do seu caráter idiossincrático. As narrativas não são universais, elas não operam com a generalidade – e sim com a particularidade – não sendo reduzíveis a teorias.

A autora defende o descentramento da temporalidade e o reconhecimento de outras formas narrativas, como imagens fotográficas, por exemplo. Suas ideias provocam uma reflexão no sentido de admitir que narrativas visuais ou de objetos não seriam leituras menos estáveis e definidas do que as histórias verbais, geralmente mais reconhecidas. Tal autora advoga que “A multiplicidade, a fratura e a contradição caracterizam narrativas em todas as mídias. As narrativas são todas formadas a partir de sinais cujas próprias desarticulações são aumentadas pelas cadeias de sinais que constituem as histórias” (p. 276). Neste trabalho argumentaremos adiante pela escolha das narrativas audiovisuais (como vídeos) como modo de expressão sobre as próprias experiências das jovens interlocutoras.

A denúncia feminista sobre o silenciamento vigente relativo às autobiografias de mulheres, privilegiando as grandes biografias ao gênero masculino, foi colocada por Margareth Rago (2013) em seu livro “A aventura de contar-se – Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”. Algumas escritoras feministas

Afirmam que ao contrário da vida dos homens, a das mulheres se caracteriza pela fragmentação, pela interrupção e pela descontinuidade, e que, ao mesmo tempo, elas tendem a se colocar em posições secundárias em relação aos

familiares e amigos, o que inviabilizaria o interesse pelas narrativas autobiográficas, centralizadas no próprio eu. Afinal tendo sido educadas para a maternidade, para serem missionárias, enfermeiras ou professoras, as mulheres foram tacitamente convidadas a se esquecerem de si mesmas, ao renunciar ao exame da própria existência, e, acima de tudo, foram estimuladas a cuidar do outro em primeiro lugar (p. 64).

Nossa investigação buscou propiciar, justamente, a produção de narrativas de mulheres (jovens) em um território desigual sobre suas experiências de amizade, ou seja, sobre suas inter-relações. Diferente de Rago (2013), que colecionou e analisou “escritas de si” de mulheres que viveram durante a ditadura dos anos 1960/70 no Brasil, nós buscamos compreender como se essas jovens contam suas histórias, particularmente suas experiências com amigas/os, em território de intenso crescimento econômico.

Em seus estudos sobre “as artes do si mesmo” ou estética da existência, na cultura greco-romana, Foucault afirma que

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (2004, p. 151).

Se o poder nos persegue e nos captura produzindo, sistematicamente, registros do nascimento à morte, a escrita de si abre espaço para a apropriação do eu como um modo de autonomia. Narrativa como ato, como exercício estético e político. Nas palavras de Rago (2013) “Narrar é inscrever-se, é constituir-se publicamente, dando visibilidade e sentido à própria vida, é existir. O arquivamento do eu pode ser um ato de resistência política” (p. 140).

Pretendemos assim compreender, através do recurso das narrativas, como essas jovens se constituem discursivamente como sujeitos jovens, como fazem recortes de sua vida, quais as experiências que valorizam, quais as experiências que silenciam. Pois, junto com Rago (2013), partimos da concepção de que a linguagem (comunicação) e o discurso (campo das relações de poder) são instrumentos fundamentais através dos quais os sentidos sociais são formulados, veiculados e assimilados, sendo o real-social construído discursivamente.

O relato autobiográfico permite uma “ressignificação positiva do passado, uma elaboração das experiências vividas que podem e devem ser transmitidas e que são fundamentais para a afirmação da própria existência no presente” (RAGO, 2013, p. 141). Portanto, reescrever o passado, construindo sua própria autobiografia, seja por meio de

depoimentos orais/entrevistas, gravadas e transcritas, pode produzir um “sentido político vital”. Esse esforço de memória sobre o vivido e a construção de um “arquivo pessoal” opera como modos de subjetivação – pensando com Foucault – que podem: redimensionar e ressignificar eventos passados, encontrar um lugar no presente e criar um espaço subjetivo próprio “como um abrigo para instalar-se e organizar a própria vida...” (p. 141), sobretudo se as experiências de vida foram traumáticas, violentas.

Em meio a diferentes perspectivas narrativas, nos espelhamos na noção, proposta por Rago (2013), de “espaço autobiográfico”, que pode ser entendido a partir dos “diferentes tipos de narrativas de si, entre memórias, depoimentos, entrevistas, correspondências, diários ou *blogs*, que permitem cartografar a própria subjetividade” (p. 33).

De acordo com a perspectiva narrativa, a seleção dos informantes se dá pelo desejo e disponibilidade dos sujeitos de contarem suas histórias, não sendo, portanto, o número de entrevistados/as o critério mais importante, podendo este ser bem reduzido. O número de entrevistas com o mesmo informante também não é algo predeterminado, variando entre uma ou mais entrevistas realizadas com a mesma pessoa, a depender de como o/a pesquisador/a avalie o primeiro encontro. Neste caso, planejamos três encontros por entrevistada, o que ocorreu com cinco das seis interlocutoras. Apenas uma jovem foi entrevistada somente uma vez.

O trabalho com o método das narrativas nos mostrou que as conversas vão e vêm, os assuntos começam em uma primeira entrevista, são retomados em outra, sem uma sequência lógica; de um modo (des) organizado, (des) construído. Como um mosaico de histórias de amizade da trajetória de vida de cada jovem.

#### 4.4 PRIMEIROS CONTATOS COM AS JOVENS

Conforme dito anteriormente, “Suape” não era um “campo” desconhecido para mim. Por isso o “campo” não começou com esta pesquisa, foi um desdobramento do Projeto Diálogos<sup>37</sup>. Tratava-se de um território o qual já havíamos pesquisado “com” outros/as jovens<sup>38</sup>, sobre o qual eu já havia buscado informações e, portanto, dispunha de algumas

---

<sup>37</sup> O Projeto Diálogos foi o projeto guarda-chuva que abrigou a pesquisa Significados e Práticas sobre os Campos dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos: uma análise interseccional com mulheres e homens jovens e suas redes de convívio em território de desenvolvimento econômico. A minha entrada no coletivo GEPCOL - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas se deu na ocasião dessa Pesquisa.

<sup>38</sup> Pesquisa Significados e Práticas sobre os Campos dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos: uma análise interseccional com mulheres e homens jovens e suas redes de convívio em território de desenvolvimento

impressões e aproximações. Os lugares da região (sobretudo o município de Cabo de Santo Agostinho) me eram relativamente familiares: casas, ruas, bairros, escolas estaduais, postos de saúde, praças, etc., compunham um pouco o meu imaginário sobre aquele lugar. Também as praias e algumas paisagens naturais. Ademais, a minha “memória” de “Suape” era marcada pelas/os jovens que eu conheci no período da Pesquisa Direitos Sexuais/Direitos Reprodutivos. Foi a partir daí que pensamos o “acesso ao campo” e decidimos que eu entraria em contato com uma jovem que tinha sido uma espécie de informante privilegiada no projeto anterior.

De modo que a primeira jovem com a qual conversei foi Rayane<sup>39</sup>. Desse primeiro contato surgiram, então, as outras cinco participantes, totalizando um número de seis jovens mulheres: Rayane, veronika, Vanessa, Ágata, Milena e Kristen. Após realizar as entrevistas com Rayane, esta indicou a amiga veronika, que indicou Vanessa. As três são moradoras do Cabo de Santo Agostinho. Um tempo depois obtive contato com Ágata. Depois Milena, que me levou até Kristen. Essas três últimas são moradoras de Ponte dos Carvalhos e participaram do Projeto Diálogos. Ressalto que, como a minha entrada na equipe de pesquisadoras/es se deu em 2014 (ocasião do meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Psicologia), não havia conhecido Ágata, Milena e Kristen, que já se conheciam entre si. Assim, das seis jovens informantes, apenas Rayane me conhecia.

Mas quem são essas jovens? Elas têm entre 18 e 21 anos de idade, são majoritariamente (cinco delas) negras; atualmente não fazem parte necessariamente de projetos sociais (governamentais ou não), embora algumas delas já tenham participado; a maior parte já não faz parte de instituição escolar, tendo concluído recentemente os estudos de ensino médio. Algumas estão (ou visam entrar) no ensino superior, outras trabalham; em sua maioria frequentam igrejas evangélicas. Além disso, vivem suas vidas nas famílias, têm amigas/os, namorados/maridos e se colocam em circulação na região onde moram, preferindo como lazer as praias e o *shopping* da região. Dito de outro modo, as jovens as quais apresentaremos nesta pesquisa são jovens mulheres que puderam ser ouvidas em sua condição juvenil e concordaram em falar sobre suas experiências de amizade. Seguem alguns dados biográficos das seis entrevistadas:

---

econômico, realizada pelos grupos de pesquisa Coletivo GEPCOL e LABESHU – Laboratório de Estudos sobre Sexualidade Humana (UFPE), entre 2014 e 2016.

<sup>39</sup> Nomes fictícios escolhidos pelas próprias jovens ou “codinomes”, uma vez que nos inspiramos em Rago (2013), que lançou luz sobre as experiências de mulheres que precisaram dispor de outros nomes para enfrentar a clandestinidade nos tempos da ditadura militar dos anos 1960. Aqui os “codinomes” são para proteger eticamente as jovens com as quais me relacionei nesse tempo de pesquisa.

Quadro 1 – Dados biográficos das seis entrevistadas

JOVEM	IDADE	LOCAL ONDE MORA	RELIGIÃO	RAÇA	OUTRAS INFORMAÇÕES	ESCOLARIDADE
RAYANE	19 anos	Cabo de Santo Agostinho	Evangélica	Negra	Mora com pai, mãe e irmãos; Tem namorado;	Universitária
VERONIKA	19 anos	Cabo de Santo Agostinho	Evangélica	Negra	Mora com pai, mãe e irmão;	Concluiu ensino médio
VANESSA <sup>40</sup>	17 anos	Cabo de Santo Agostinho	Evangélica	Branca	Mora com a mãe e o pai.	Estudante ensino médio
ÁGATA	21 anos	Ponte dos Carvalhos	Evangélica	Negra	É casada e mãe; Mora com marido e filho.	Concluiu ensino médio
MILENA	21 anos	Ponte dos Carvalhos	Evangélica “não praticante”	Negra	Mora com mãe e pai.	Universitária
KRISTEN	21 anos	Ponte dos Carvalhos		Negra	É casada; Mora com o marido.	Concluiu ensino médio

Fonte: Elaboração própria.

#### 4.4.1 Dos encontros: Entrevistas Narrativas – Desenho, Linha do Tempo e Perguntas

Corroborando com Rodrigues & Machado (2015), fizemos uma aposta na possibilidade criativa do encontro – “como arte, certo modo de relacionar-se, sem vanguardas, sem conscientização, sem moralização. Uma maneira de estar” (p. 416). Apostamos mais na experimentação, tentando “estar no espaço apenas como alguém que pode contribuir para dar passagem às forças, criando a partir do que nos passa, do que nos afeta” (p. 416). Tratava-se de investigar as relações de amizade entre jovens mulheres de maneira a produzir encontros (entre nós) que fossem além de uma situação de entrevista. Como? Tentamos criar “novos regimes de afetabilidades”, permitindo-nos afetar pelas narrativas... fossem estas escritas (sobretudo via *WhatsApp*) ou faladas. De maneira que tivemos o cuidado de pensar sistematicamente na importância – e na análise – das afetações ocorridas no trabalho, no sentido do que a antropóloga Jeanne Favret-Saada (1990) entendia que era o motor para o distanciamento do “puro” cientificismo: “[...] os afetos suscitados ou revelados em uma

<sup>40</sup> Por ser menor de idade, essa jovem participou da pesquisa com o consentimento da sua mãe, que concordou com os termos, bem como assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, conforme exigências éticas de investigação com seres humanos.

experiência vivida da alteridade, seja no trabalho de campo, seja por outros meios” (GOLDMAN, 2005, p. 153).

Assim, uma vez feito contato telefônico com a jovem, era marcado um encontro presencial em que era possível explicar mais detalhadamente do que se tratava a pesquisa (um trabalho sobre as relações de amizade entre jovens naquela região) e entender o interesse e a disponibilidade em participar da mesma.

Em todos os casos as participantes concordaram em realizar a primeira entrevista no primeiro encontro. Nesses momentos eram retomados os acordos de pesquisa, em seus detalhes nos termos do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme as recomendações da Resolução 196/96, presentes nas Normas para pesquisas que envolvem seres humanos, documento que tem como objetivo resguardar os participantes de possíveis relações abusivas de poder e, também, garantir o máximo possível de transparência na relação entre pesquisador/a e pesquisado/a.

Borges, Barros & Leite (2013) travam uma discussão sobre ética nas pesquisas em psicologia e apontam para o “princípio da autonomia do participante” que seria uma maneira de evitar que o/a participante seja submetido a atrocidades, violências e abusos, cabendo ressaltar aqui a compreensão de que na relação entre pesquisado/a x pesquisador/a há que se admitir uma inexorável relação de poder.

Um aspecto a ser destacado no necessário debate sobre ética e ciência (particularmente nas Ciências Humanas) diz respeito a *com quem* se pesquisa. Aqui duas questões merecem ser consideradas: “com quem” delinea precisamente uma postura epistemológica que relaciona aquele/a que pesquisa e a realidade a ser pesquisada. Tal vinculação não seria “decorrente de unidades distintas que interagem em determinado momento, mas sim de mútua constituição, posto que aquilo que se investiga constitui de certo modo o olhar daquele que sobre ela se debruça” (ZANELLA, 2008, p. 51). A outra questão refere-se à qualidade da relação que irá se estabelecer com os sujeitos com quem se trabalha. Zanella coloca ainda que o compromisso social e político da pesquisa devem ser pensados em três eixos: em relação à realidade investigada; em relação aos sujeitos investigados; e em relação à sociedade em geral. No primeiro, o compromisso é com a explicitação de seu movimento, sendo os resultados confiáveis no sentido da fidedignidade dos dados obtidos e apresentados como o que foi possível naquele momento – com os procedimentos e lentes utilizadas – apresentá-la. No segundo eixo, deve-se perguntar se os participantes da pesquisa estão suficientemente esclarecidos quanto aos objetivos da investigação da qual fazem parte; que retorno eles/elas terão sobre o que foi pesquisado e que benefícios terão. E no terceiro aspecto deve-se

questionar sobre que possíveis contribuições da pesquisa apontarão para “a transformação da realidade social em direção a modos de vida mais dignos e justos” (p. 53).

Portanto, apoiando-se na perspectiva de uma ética dialógica, desenvolvemos a pesquisa a partir de três cuidados éticos: 1) o *consentimento informado*, que garante que, em aceitando participar da pesquisa, o informante tenha a possibilidade de desfazer o acordo selado a qualquer momento; 2) às participantes da pesquisa foi assegurado o direito de não-revelação ou de revelação velada das informações, *resguardando-as das relações de poder abusivas*; 3) assim como a garantia do *anonimato* (possibilitando que não sejam identificadas de nenhuma maneira) das informantes (SPINK, 2000). De modo a garantir o ponto 3, foi solicitado que as jovens escolhessem um nome (que gostassem, achassem bonito, fizesse algum sentido para elas) a ser utilizado em nossas análises. Surgiram assim Rayane, veronika, Ágata, Milena e Kristen. A exceção foi a jovem Vanessa, nome escolhido pela pesquisadora, uma vez que não pôde continuar o ciclo de entrevistas.

O tempo todo, cuidamos para que a pesquisa fosse realizada buscando-se atentar para a questão da desigualdade de poder entre jovens e adultos/as, comprometendo-se a contribuir para o rompimento de regimes de verdade que acabam por submeter a jovem a um lugar de não-reconhecimento (CASTRO, 2001).

De acordo com o termo aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos, os locais onde aconteceriam as entrevistas seriam indicados pelas próprias jovens, dependendo de seu desejo e de sua conveniência. De modo que dos sete encontros ocorridos no Cabo de Santo Agostinho, três se deram em uma escola estadual (Rayane) e os outros quatro (três com Veronika e um com Vanessa) no *Shopping Costa Dourada* (na denominação nativa simplesmente “Costinha”), por sugestão das duas entrevistadas. Quanto às moradoras de Ponte dos Carvalhos, seis encontros foram realizados na “Praça dos Eucaliptos” (três com Ágata e três com Milena) e os três momentos de entrevista com Kristen ocorreram no Aeroporto Internacional do Recife. Os encontros de entrega das *Caixas-convite-devolutiva*<sup>41</sup> aconteceram em outro momento, aproximadamente um mês depois da última entrevista realizada.

Como foi dito acima, com exceção de Vanessa, tive três encontros para realização das entrevistas com cada uma das jovens. Frequentemente esses momentos aconteciam com intervalo de uma semana entre uma e outra, porém no caso de Veronika isso foi diferente,

---

<sup>41</sup> Tais encontros aconteceram em diferentes dias, depois da realização de todas as entrevistas. À medida que eu ia entrando em contato com as participantes da pesquisa, eu marcava com cada uma especificamente para entregar a sua *caixa-convite-devolutiva*. Este ponto será descrito adiante.

tendo sido bastante espaçados os intervalos de encontros, em função de algumas dificuldades que serão apresentadas e analisadas adiante. É importante assinalar que o início de um ciclo de entrevistas só se dava após o término do ciclo de entrevistas anterior.

#### 4.4.2 Dos Recursos Materiais

Como forma de tentar emergir o máximo de elementos sobre nosso tema de pesquisa, foram elaborados previamente três roteiros de entrevistas que serviam como inspiração em cada um dos encontros com as jovens.

- O **Roteiro 01** era composto por questões referentes às relações significativas de amizade da jovem, tendo por objetivo conhecer quem eram suas amigas e seus amigos, como o fenômeno acontece na região onde mora, os significados e imagens em torno da questão. Além disso, compunha a proposição de um desenho das amigas e amigos, a partir da questão: “Quem são tuas amigas e amigos? Você topa desenhá-las/os?” Daí surgiu a técnica que chamamos *Mapas das/os amigas/os*, onde era possível observar e entender como eram essas pessoas (inclusive a partir de características físicas)<sup>42</sup>, porque eram consideradas/os amigas/os, como se deram os encontros que histórias eram contadas sobre essas construções de amizade. Amiga a amiga. Amigo a amigo. Outro dispositivo acionado era a proposição de uma *Linha do tempo* das vivências mais significativas localizadas em suas trajetórias de vida, em que elas iam lembrando-se dos momentos importantes e eu ia registrando-os em uma folha de papel, tentando ilustrar tais eventos com datas. Esses dois instrumentos, mais do que auxiliar as produções das narrativas, constituíram-se enquanto tal. Assim tínhamos a construção de *duplas narrativas*: a fala e as imagens (*mapa de amigas/os* e *linha do tempo*) que, de algum modo, possibilitavam que as jovens se enxergassem e enxergassem sua rede de amigas/os, pondo em movimento as suas narrativas. Pretendemos que esse primeiro roteiro fizesse diálogo com os objetivos 2 e 3 da pesquisa, quais sejam: (2) Caracterizar o território Suape no que informa sobre os contextos sociais em que jovens mulheres vivem suas vidas, com ênfase nas experiências de amizade; (3) Compreender como jovens mulheres pobres da sub-região

---

<sup>42</sup> O que era interessante para acessarmos questões étnico-raciais, por exemplo.

SUAPE narram suas experiências de amizade, buscando entender sentidos, valores, imagens e códigos de gênero envolvidos, próprios dessas experiências.

- O **Roteiro 02** teve por objetivo pôr em relevo o que chamamos de fronteiras com as relações afetivo-sexuais. Interessava-nos provocá-las a narrarem suas vivências de sexualidade, paquera, namoro e quais as fronteiras se estabelecem com as suas experiências de amizade. Aqui o diálogo era com o nosso objetivo 1 de pesquisa: (1) Analisar as “fronteiras” do campo amizade x juventude com outros tipos de relações, particularmente as relações familiares e as relações afetivo-sexuais.
- No **Roteiro 03** a ideia era conversar sobre as continuidades e descontinuidades das amizades. Esse compunha o momento de retomar algumas questões dos outros dois encontros, buscando aprofundar alguns pontos da narrativa ao mesmo tempo em que, por tratar-se de um último momento de entrevista, consideramos importante perguntar sobre o que provoca o fim da amizade. Quais os motivos de rupturas e quais as possibilidades de resignificação e reinvenção das relações com amigas/os? Aspectos ligados aos três objetivos de pesquisa foram abordados nesse terceiro encontro.

Conforme exposto acima, o Roteiro 01 era utilizado na primeira entrevista com a jovem, o Roteiro 02 na segunda entrevista e o Roteiro 03 no encontro três. O tempo das entrevistas com o primeiro roteiro durou em média uma hora e meia e os outros dois roteiros em torno de uma hora cada, variando, evidentemente, de pessoa para pessoa.

#### 4.4.3 Das produções narrativas criativas

Além das narrativas construídas na interação pesquisadora-participante nos três encontros de entrevista, propomos, como segunda etapa da investigação, às jovens – através das *caixas-convite-devolutiva* – que elas produzissem outras narrativas possíveis, o que chamamos de *produção narrativa criativa* sobre suas experiências de amizade. Sobre esse segundo momento, falaremos a seguir.

A opção por esse outro recurso de pesquisa, em que as jovens se debruçaram em uma produção individual e criativa – a partir do “gatilho”: “Você topa criar algum material sobre suas experiências de amizade?” – deu-se com o objetivo de fomentar uma narrativa “livre” em que fosse possível construir algo próprio, em seu próprio tempo, sobre suas experiências de

amizade. Complementando-se, assim, as entrevistas narrativas co-construídas comigo, aquelas que se deram a partir da minha presença. Nossa intenção foi, então, a de instigar uma outra forma possível de narrar suas vidas para mim enquanto interlocutora. Mesmo se é verdade que as produções aconteceram a partir de uma provocação da pesquisadora.

#### 4.4.4 O dispositivo da caixa-convite-devolutiva

Neste momento faz-se mister descrever o processo de criação do que estamos chamando de *caixa-convite-devolutiva*. Para isso apresentemos primeiro a *caixa como convite*. Como tínhamos a intenção de convidar as jovens à segunda etapa da investigação, buscamos surpreendê-las com um dispositivo material (a caixa) que nos possibilitava ir além da fala. Assim montei uma caixa “personalizada” para cada uma das participantes. Mas como escolher o conteúdo de cada uma? A ideia era pensar a partir das narrativas construídas nos momentos de entrevista. Para isso, eu busquei eleger os pontos que me chamaram mais a atenção em suas falas, tanto no que concerne às experiências com amigas/os, especificamente, quanto em relação aos modos de ser jovem no contexto onde vivem (região de Suape). Portanto, eu pensava em elementos que pudessem fazê-las olhar para as suas próprias experiências passadas (e contadas). A título de exemplo, na *Caixa-convite-devolutiva* de Ágata eu lhe “ofereci”<sup>43</sup> um texto que falava sobre a questão do machismo no *jiu-jítsu*, assunto que foi tema de uma de nossas conversas<sup>44</sup>. Os elementos que compunham as caixas também continham objetos de beleza, como foram os casos de Rayane e Veronika, amigas entre si e blogueiras de moda. O entendimento era, se quisermos, de provocar ali um reconhecimento a partir do que fora falado nas entrevistas. As perguntas que nos conduziam eram: será que aquilo, que era a minha leitura sobre o que as jovens narraram, fazia sentido para elas? Que sensações as caixas e seus elementos lhes despertariam? Havia algo que deveria ser retirado? E mais: havia algo que faltava? Algo que gostariam de acrescentar? Ali ficava evidente a *caixa como devolutiva*. Em que medida a partir desse dispositivo estávamos “devolvendo” aqueles conteúdos de fala que haviam emergido nas/das nossas interlocuções?

A maneira de continuar esse diálogo com as jovens foi solicitando que gravassem um curto vídeo do momento em que abrissem suas caixas, como se estivéssemos abrindo a caixa

---

<sup>43</sup> Também podemos pensar no dispositivo da *caixa-convite-devolutiva* como uma oferenda, como algo que se oferece ao outro em agradecimento, homenagem, reverência.

<sup>44</sup> Apresentaremos essa discussão adiante.

juntas. Todas as cinco jovens<sup>45</sup> produziram os vídeos e me mandaram (via *WhatsApp*) e foi interessante observar as diferentes reações diante da “surpresa”. Vale o registro de que quando eu marcava um encontro com elas o que era dito era que eu gostaria de conversar sobre a etapa seguinte da pesquisa, de modo que elas não esperavam receber a *caixa*.

Um elemento comum às cinco caixas era uma pequena carta, um texto explicativo (com uma linguagem que consideramos acessível e agradável às jovens) sobre o que era aquele dispositivo de pesquisa. O modelo dessa escrita buscou, portanto, evidenciar o duplo sentido da *caixa-convite-devolutiva*: seu caráter de uma chamada-criativa à etapa seguinte do trabalho e ao mesmo tempo o caráter de devolutiva de pesquisa, melhor dizendo uma *devolutiva em processo*. Segue o modelo da carta:

“(Nome da jovem participante),

Depois dos nossos encontros, conversas e trocas, estamos na segunda etapa da pesquisa. Agora tenho uma proposta de continuidade do nosso trabalho. ESTA É A MINHA CAIXA PRA VOCÊ. Ela foi toda pensada por mim. Nela você vai encontrar elementos que, de alguma maneira, representam as tuas experiências de amizade, a partir do que eu pude ouvir das tuas falas. Espero que essas referências te sirvam de inspiração. Inclusive a ideia é que você possa usar esses objetos para expressar seus sentimentos em relação às/os amigas/os, seja para guardar com você seja para enviá-los.

Assim queria te propor duas coisas:

1. Que você filme (tipo um *vlog*) ou grave o momento de abertura da caixa, tentando me contar qual ou quais os objetos que você mantém na caixa; qual ou quais os objetos que você tiraria dela; e se você colocaria algum outro objeto que represente as tuas amizades, as tuas amigas... É como se fôssemos abrir a caixa juntas!
2. Que você produzisse alguma coisa (seja vídeo, áudio, carta, texto...) sobre as tuas experiências de amizade. Você tem toda a liberdade pra criar essa obra. Você pode, por exemplo, escolher falar sobre (ou para) uma amiga ou um amigo. Se for um vídeo, sugiro que seja feito com o próprio celular e que tenha entre dois e três minutos.

Se você topa, gostaria que me enviasse essas produções pra que a gente possa passar à etapa 3 da pesquisa. O que acha?

Mais uma vez muito obrigada pela participação.

---

<sup>45</sup> Com exceção de Vanessa.

Com carinho,  
Emília.”

Como podemos perceber, a partir do texto, a “orientação” para a *produção criativa* era propositalmente menos dirigida possível, na medida em que as jovens escolheriam seu o modo de expressão (se narrativa escrita, se vídeo, se áudio...). O que era importante é que fosse sobre si mesmas e suas experiências de amizade.

Como resultado surgiram três produções em vídeos e duas escritas (como cartas, talvez), que tiveram também a função de complementar os conteúdos das entrevistas. Apresentaremos e discutiremos tais resultados no momento de análise.

Por se tratar do uso de uma metodologia qualitativa através da pesquisa narrativa esse conjunto de dispositivos propiciou uma melhor aproximação com as jovens mulheres, buscando entender o que pensam, o que fazem, o que desejam; não só a partir das palavras ditas, mas também de outros movimentos, aproximações, afastamentos, silêncios, e mesmo expressões em seus rostos.

#### 4.5 DIÁRIO DE CAMPO + DIÁRIO ÍNTIMO: MÚLTIPLOS REGISTROS

Todos os três momentos de entrevista, passando pelo momento de entrega da *caixa*, até o momento de recebimento das produções escritas<sup>46</sup>, ou seja, todas as horas em que estive junto com as jovens, foram registrados em diário de campo, o que consideramos fundamentalmente importante para o exercício de análise das informações de pesquisa. Mas o que era escrito nesses diários?

A ideia de quem escreve um diário de campo é registrar, sejam os saberes práticos observados, sejam as experiências narradas, sejam os acontecimentos que ocorrem em um período de pesquisa de campo. Esses saberes práticos estiveram/estão presentes na relação cotidiana que se estabelece, no âmbito das experiências vividas. É isso (e ainda outras coisas) que se transforma em registros/escritos do diário. São dados e informações sobre o campo ou uma técnica que se baseia na observação direta de comportamentos culturais de grupos sociais – neste caso jovens mulheres (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2014; MAGNANI, 1997; WEBER, 2009).

Para Spink (2003), “a conversa e o bloco de anotações não são acontecimentos independentes; o bloco de anotações é também parte da conversa, ele também é constitutivo,

---

<sup>46</sup> As produções em vídeos eram enviadas também pelo telefone celular (*WhatsApp*) ou via *e-mail*.

como também é o consentimento informado em pesquisa social”. Seja em termos de diário de campo – denominação que tomamos emprestada da Antropologia seja em termos de “bloco de anotações” o que está em jogo é como materializamos os nossos registros de pesquisa.

A observação do território em várias dimensões (população local, construções, equipamentos públicos e privados, praças, entre outros), as conversas “informais” que tive com as participantes da pesquisa, as minhas impressões, artigos sobre “Suape” em veículos de comunicação, tudo isso ia formando como que um registro cartográfico do meu “campo de pesquisa”.

Um exemplo desses registros é o trecho do diário de campo após entrevista com Rayane, em 13 de maio de 2016:

[...] Terminamos [a entrevista] por volta das quatro da tarde, nos despedimos e eu saí refletindo sobre esses encontros de entrevista, onde a pessoa expõe tanto de si. Inquieto-me em relação às nossas desigualdades. Qual o risco pra ela? Por que topa se colocar sobre tantas coisas? Como co-produzir os dados de minha pesquisa com ela? O que posso dar-lhe, além de ouvidos? Como posso agradecer por tanta confiança? Questões... questões...

#### 4.5.1 *O diário íntimo como experiência*

Mas eu buscava saber onde cabe a experiência (aquilo que nos toca) enquanto estética em uma pesquisa social. Onde cabem aquelas afetações que parecem transbordar as informações produzidas “na pesquisa”? Aquilo que me parecia ocupar um lugar de fronteira entre o que é “meu” e o que é “delas”. O lugar onde as nossas narrativas se encontram?

O interesse pela utilização dos *diários íntimos* se deu quando buscava um dispositivo que contemplasse um modo de pensar o que se constrói no campo de pesquisa, onde ao mesmo tempo em que é possível registrar as observações do contexto em que o trabalho acontece (aspectos do território, aspectos do tempo histórico...) é possível exercitar uma *atitude reflexiva*<sup>47</sup>. As páginas de um *diário íntimo* nos propiciam a reflexão permanente sobre o que estamos fazendo, sobre o que estamos sentindo, como estamos afetadas, etc. Aqui destaco o aspecto da *reflexividade*, tão caro às pesquisas feministas. No diário de campo e no diário íntimo é possível ainda a prática da reflexividade em pesquisa, “o ato de pensar profundamente e escrever a respeito de quem somos na pesquisa” (ADRIÃO, 2015, p. 485).

<sup>47</sup> No sentido feminista do termo. Do pilar *reflexividade*.

As perguntas que me orientavam eram: como colocar na tese as minhas próprias afetações? As empolgações diante dos encontros que tive e das histórias que encontrei no caminho? Precisava registrar o quanto fiquei mobilizada com os sofrimentos de cada jovem. Por isso acredito que no *diário íntimo*, através do cruzamento de informações “objetivas” e “afetivas”, a pesquisadora se revela ao/à leitor/a para além das suas articulações teóricas. Ressaltamos aqui um dos motivos pelos quais se fazem, digamos, os escritos como diários íntimos e autobiografias, apontados por Calligaris (1998), que é o aspecto de “invenção de sentido”, em cruzamento com os aspectos confessional e de justificação.

Macedo & Dimenstein (2009) problematizam os modos de escrita acadêmica tradicional. Inspirados nos escritos e desenhos/imagens do diário íntimo de Frida Kahlo e na poesia de Arthur Rimbaud, propõem uma “escrita-experiência” em nossas produções acadêmicas, buscando empreender outro movimento “que inventa possibilidades diante da neutralidade, do distanciamento da vida e do modo como nos relacionamos conosco e com o outro em nossos campos de trabalho” (p. 162).

O autor e a autora nos provocam a indagar sobre o quanto nossas escritas acompanham ou não os nossos próprios pensamentos, sentimentos; o movimento dos nossos universos subjetivos. Assim é possível operar com um tipo de escrita no meio acadêmico que ao mesmo tempo produz uma “escrita-potência”:

[...] uma escrita que mantenha a intensidade de quando foi produzida, através da afirmação das experiências, dos encontros e dos desvios que ocorrerem no pensamento e na rede de afetos, no momento em que é lida; ou, ainda, uma escrita que resista e insista na produção de conhecimentos que afirmem possibilidades de variação da vida (MACEDO & DIMENSTEIN, 2009, p. 163).

Talvez, assim, sejamos capazes de fazer cada vez menos uma escrita acadêmica higienizada, que quase não deixa rastros das tantas implicações que a teceu: dúvidas, impasses, medos, noites mal dormidas. Nas palavras de Machado (2004), frequentemente esses “são textos que não nos tiram do lugar, que não nos provocam, ou agradam ou desagradam, ou nos trazem alguma ideia ou nos deixam alguma indagação” (p. 147).

Trata-se de compor a escrita em sua função estética e política de criação de si (MACHADO, 2004; MACEDO & DIMENSTEIN, 2009).

Uma escrita que possa produzir disparidades nos conceitos, os jogando na própria imanência do que afirmam. O importante é que possamos considerar um conceito como algo que nos força a pensar, algo que expande e torna

complexas as questões. E que, assim, seja produtivo em função das circunstâncias em que nos encontrarmos, que sejam éticos naquilo que fazem funcionar. E, assim, tentamos fazer o conceito se dobrar, se redobrar, se desdobrar em múltiplas afirmações (MACHADO, 2004, p. 149).

Não podemos deixar de ressaltar o caráter narrativo da escrita do diário de campo e do diário íntimo. Desse modo entendo tal recurso (vinculado ao diário de campo) como contribuição metodológica que “triangula” a pesquisa junto com as entrevistas narrativas e com as *produções narrativas criativas* realizadas pelas jovens participantes.

#### 4.6 DA ANÁLISE

Nosso caminho de análise tem início com a organização de todo o material (co) produzido durante as etapas da pesquisa de campo. Refiro-me a um modo de organizar que se traduz tanto em seu aspecto físico (em pastas classificadoras divididas em envelopes nas quais foram organizadas as produções: desenhos dos mapas das/os amigas/os, linha do tempo e produções narrativas) quanto em seu aspecto digital (em pastas no computador que guardam os áudios das entrevistas; os vídeos produzidos pelas participantes; os diários de campo e os diários íntimos).

Então partimos para a transcrição de todas as entrevistas realizadas, as quais foram gravadas e transcritas literalmente com o máximo de cuidado e fidedignidade possíveis ao que foi narrado pelas jovens. Assim como foi realizada a digitalização das *produções narrativas* (Rayane e Kristen), tendo sido transcritas de modo a garantir a forma elaborada pelas nossas interlocutoras. Também foram realizadas transcrições dos áudios dos vídeos produzidos pelas jovens tanto no contexto das *produções narrativas* como dos momentos de abertura das caixas.

Uma vez realizadas todas essas transcrições e em conjunto com os escritos dos diários de campo das entrevistas e dos outros encontros, organizei em cadernos individuais todo o material relativo a cada coprodução (eu e cada uma delas), de modo que cada jovem tivesse um caderno impresso correspondente que reunia todo o contato que tivemos nesse tempo de pesquisa. A sistematização do material produzido facilitou muito a análise dos achados de pesquisa.

O passo seguinte foi, então, a construção de “quadros de análise”, caracterizados por tabelas em que tínhamos tanto informações comparativas entre as seis jovens (de idade, raça, local de moradia, escolaridade, para dar alguns exemplos) quanto registros das narrativas

propriamente ditas. Aqui destaco a extração dos modos de compreensão dos temas abordados em articulação com os nossos objetivos de pesquisa. Em que medida estávamos atentas aos nossos compromissos de pesquisa? Pois sabemos que as narrativas trazem infinitos assuntos, muitos dos quais também nos interessam enquanto pesquisadoras. Tal organização em “quadros-síntese” contribuiu para o esboço e formulação de eixos de análise que foram se desdobrando até a tessitura de um texto final. É importante afirmar que não se tratou de formular categorizações literais, pois estávamos mais interessadas nos “espaços biográficos” que se abriam e promoviam possibilidades de análise.

Entendemos que seria interessante apresentar os blocos de fala sem fragmentar tanto a narrativa das jovens entrevistadas, porém em alguns momentos é preciso editar, cortar esses textos, dados os objetivos de pesquisa e a preocupação de compor uma escrita que não seja demasiadamente cansativa ao/à leitor/a.

Assim como a apresentação dos diários de campo e diário íntimo sofreram um “trabalho editorial”, sendo expostas em fragmentos que imaginamos poder elucidar melhor um ponto de discussão, seja referente a aspectos das narrativas das jovens, seja quanto a alguma questão que precisava ser iluminada a partir dos registros mais “pessoais”. Implica dizer que o exercício dos diários tem uma função para além do que se apresenta na análise e no texto final: servem para que possamos refletir sobre nós mesmas enquanto pesquisadoras, ao mesmo tempo em que põem em relevo determinados assuntos que se pretende analisar. De acordo com Weber (2009),

É o diário por fim que permitirá efetuar, na medida do possível, uma autoanálise. Mas, se todo esse processo não é possível graças ao diário de campo, é necessário que este não seja confundido com um texto trabalhado em que alguns fragmentos serão utilizados, analisados, mas outros certamente não servirão. Assim, o processo mesmo de autocensura, a condição em que esta foi processada no momento da publicação e não no momento de escrita do diário, faz parte do trabalho de pesquisa (p. 169).

Neste tempo da escrita do trabalho e à medida que caminhava e analisava o conteúdo produzido, busquei manter o contato possível (para mim e para elas) com as jovens participantes, como se quisesse andar de mãos dadas com ela. Diferente do que foi na escrita da minha dissertação, tempo em que talvez essas questões não se colocassem ainda, durante a escrita senti “necessidade” de fazer esse contato, “simplesmente” para saber como estavam. Isso se dava na medida em que escrevia/escrevo a minha narrativa sobre elas.

Pela importância dos modos de comunicação via diferentes recursos tecnológicos, gostaria de destacar o uso, em maior ou menor grau, a depender da jovem em questão, que

fizemos nesta pesquisa, sobretudo do telefone celular. A partir do recurso do *WhatsApp* pudemos nos comunicar e tivemos conversas que não podem ser desconsideradas. Significa dizer que mesmo não fazendo parte do momento (presencial) de entrevista elas foram de extrema importância para a análise das experiências de amizade entre jovens mulheres. Embora não estivesse prevista em nosso planejamento, a análise dessas interlocuções deve fazer-se presente, pois diz do modo como fazemos pesquisa, da nossa disposição ética e metodológica ao sujeito pesquisado.

Da mesma maneira, foi interessante, seguindo a lógica das produções narrativas, em que pese o seu valor narrativo para além das entrevistas propriamente ditas, entrar em contato com *blogs*, *vlogs*, vídeos no *YouTube* produzidos por algumas informantes (Rayane e Veronika). É importante destacar que o território pesquisado guarda certa distância da cidade onde moro, Recife. O uso desses recursos foi (e ainda é), então, um vetor de aproximação entre nós.

A partir dos encontros e da relação estabelecida entre a pesquisadora (eu) e as jovens pretendeu-se apostar em uma abertura, conforme descrita por Zanella (2008):

Abre-se assim a possibilidade do reconhecimento da realidade como complexa, contraditória, múltipla e em permanente transformação, bem como do pesquisador como constituído por essa realidade e que sobre ela se debruça, com foco em um aspecto e lentes que pode lançar mão naquele momento histórico, com as condições sociais e políticas em que se insere (p. 50).

Daí o entendimento de que a pesquisadora que inicia seu trabalho de campo já não será a mesma quando for escrever sobre o material produzido conjuntamente.

As análises a seguir serão realizadas a partir, portanto, dos registros do *diário íntimo* e das observações do diário de campo; das entrevistas narrativas e das *produções narrativas criativas* das jovens. Assim estaremos - eu e elas - tecendo a escrita deste trabalho.

## 5 AS JOVENS E SUAS NARRATIVAS

A pele negra  
A harpa  
que ondula  
debaixo

*da pele negra,  
debaixo,  
dos antigos  
açóites,  
e antes  
debaixo da noite,  
suas tochas  
e panteras,  
essa harpa  
nunca se cala,  
seus acordes  
profundos,  
oceânicos  
atravessam  
séculos de memória  
e dor,  
não dormem.*  
Roseana Murray

Ao iniciar este capítulo procuro uma imagem que possa ilustrar o que se pretende neste momento analítico. Trata-se do encontro da narrativa de quem (academicamente) pode falar – a minha - com seis narrativas de jovens mulheres que vivem suas vidas em um território de crescimento econômico e que aceitaram contar suas histórias de juventude e amizade. A imagem que me chega é a de linhas que saem de algum ponto, cruzam-se em outros pontos com outras linhas, e continuam seus caminhos, ora coincidindo ora distanciando-se umas das outras. E eu, do lugar de privilégio que ocupo, arrisco-me à costura dessas linhas, entendendo que, com todos os cuidados<sup>48</sup> que eu possa ter, sou eu a “costureira” dessas contações. Sou eu, com minhas experiências, expectativas e escolhas teóricas, epistemológicas e metodológicas. Por tudo isso a imagem que resulta desse desenho de linhas costuradas pretende ser flexível, inacabada e aberta.

Dos encontros com Rayane, veronika, Ágata, Milena, Vanessa e Kristen, surgiram narrativas de si que nos fizeram refletir sobre: qual o lugar reservado à juventude, particularmente às jovens mulheres, em um dado projeto de “desenvolvimento” regional ou crescimento econômico? Como têm se construído as relações entre essas jovens? Como experimentam as relações de amizade em suas dimensões ética, estética e política?

Neste capítulo trataremos da análise dos termos, expressões e imagens narradas pelas jovens participantes, em uma tentativa de problematizar a temática da juventude e amizade.

---

<sup>48</sup> Refiro-me aos cuidados éticos e teórico-metodológicos que buscamos percorrer em uma pesquisa acadêmica.

## 5.1 RAYANE

A primeira narrativa que apresentarei foi tecida pela jovem Rayane<sup>49</sup> de dezenove anos, negra, moradora do Cabo de Santo Agostinho, blogueira de moda e *youtuber*, estudante de arquitetura e evangélica. Alguém que tem um sorriso meigo e presente. Foi a primeira entrevistada. Por onde iniciamos a pesquisa de campo<sup>50</sup>. Como já tínhamos realizado pesquisas na região de “Suape”, Rayane já era nossa conhecida e concordou gentilmente – como lhe é característico – em participar da pesquisa.

### 5.1.1 Aspectos de vida e efeitos na construção de amizades

A jovem em questão é filha caçula da família de treze filhos/as (irmãos e irmãs paternos/as e maternos/as) e mora com o pai, a mãe e quatro irmãos. Nascida no município do Cabo de Santo Agostinho, foi lá que viveu até hoje, embora tenha passado por várias mudanças de casa e bairro. Como estudante do curso de Arquitetura, concentra parte de suas atividades nos trabalhos exigidos por tal formação. Além disso, é estagiária – como “Jovem Aprendiz” – em uma empresa de rádio/internet na região.

Rayane ainda encontra tempo para tocar um projeto que a faz brilhar os olhos: é blogueira e *youtuber* de moda, beleza e decoração. Dito de outro modo, a jovem é autora de um *blog* na internet e tem um canal<sup>51</sup> na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Foi interessante perceber a performance criativa e bem humorada de Rayane nesses espaços, nos quais aparece interagindo com um público virtual que “curte” os conteúdos produzidos, tais como dicas de beleza, moda e decoração, além de divulgação de diferentes eventos dos quais participa, entre eles os “Encontros de crespas e cacheadas PE” – momentos sistemáticos de trocas de experiências, de lançamento de produtos para cabelos crespos e cacheados e, de certo modo, de “empoderamento” de mulheres negras. Outro exemplo são os bazares de moda, os quais reúnem lojas que promovem ações promocionais de seus produtos. Tais eventos ocorrem em Recife, demandando o deslocamento da região onde mora.

Um aspecto que atravessa o *blog* e o canal é a vivência religiosa (evangélica) da jovem, que insere, com frequência, textos bíblicos e imagens que fazem referência à sua

---

<sup>49</sup> Nome fictício escolhido pela jovem.

<sup>50</sup> As narrativas serão apresentadas na ordem em que foram acontecendo. Iniciando por Rayane, em seguida, Veronika, depois Vanessa, Ágata, Milena e terminando por Kristen.

<sup>51</sup> Em maio de 2018 seu canal tinha 361 inscritos.

crença. Também foi possível perceber textos e mensagens de motivação e ajuda no sentido de “acreditar em si”, “ir atrás dos seus sonhos”, etc., às pessoas que a “seguem” nesses espaços.

No campo pessoal, Rayane tem um namorado e em seu tempo livre gosta de sair para restaurantes e lanchonetes com as amigas, passear no *shopping*, ir ao cinema e algumas vezes se reúne na praça com amigos e amigas para conversar e tocar violão. Mas a participação nas atividades da igreja que frequenta talvez seja a sua atividade principal nos finais de semana. A relação com familiares foi sempre referida como tranquila e prazerosa.

Como foi dito acima, um aspecto que marca a narrativa de Rayane é a questão das diversas mudanças de bairro vividas junto com a família: “Eu acho que o que marcou foi a parte de ter que fazer novos amigos, de sair da zona de conforto, que já tinha lá uma amizade estabelecida, e ter que conhecer novas pessoas, se adaptar ao que elas faziam”.

De maneira que se por um lado as mudanças provocavam distanciamentos e rompimentos de amizade, por outro favoreciam novas relações, de modo a movimentar outras possibilidades de encontros com amigas/os. Na técnica da linha do tempo<sup>52</sup>, por exemplo, as mudanças são colocadas como significativas ao longo de sua vida, sobretudo porque marcam novos pontos de partida para o estabelecimento de relações de amizade.

### 5.1.2 Os aspectos de convivência e proximidade: relações familiares e de amizade

Desde os primeiros momentos de fala, foi possível observar que os sentidos sobre amizade construídos pela jovem se referiam constantemente a uma sensação de convívio familiar e comunitário, o que foi interrompido pelas várias mudanças da família<sup>53</sup>:

Rayane – Na infância eu tenho assim... Como eu me mudei muito, eu não tinha muito, quando eu começava a me apegar a alguma amiga, a conviver, a conhecer mais, aí a gente se mudava, mas assim, que... Da infância mesmo que veio até hoje é Manuela, só que... Eu lembro assim da creche que a gente estudou, as amizades... Só que hoje a gente não se fala, não tem contato. [...] Aí perdia o contato que a gente tinha, as amizades, raramente a gente voltava onde a gente morava pra visitar as pessoas.

<sup>52</sup> Refiro-me à técnica utilizada durante as entrevistas narrativas, de modo que registrei as vivências mais significativas em suas trajetórias de vida; na medida em que elas iam lembrando-se dos momentos importantes e eu ia escrevendo em uma folha de papel.

<sup>53</sup> As diversas mudanças se deram por diferentes motivos. A mais recente, ocorrida no período em que estive mais intensamente na pesquisa de campo, aconteceu “[...] devido à morte do tio dela, que estava doente. Por isso a família resolveu se mudar pra perto da tia (irmã da mãe), para que esta e a filha ficassem mais amparada” [Trecho do Diário de Campo de 05/05/17]. Pode-se pontuar, portanto o aspecto solidário dessa família.

Rayane – [...] Pouco tempo depois que eu me mudei [primeira mudança de bairro], acho que uns 4 meses foi quando “Manu” foi morar nesse mesmo lugar que eu morava, aí a gente começou a conviver, voltar a conviver mais junto, porque depois que eu me mudei a gente separou um pouco, só que a gente não estudava mais na mesma escola, ela morava um pouquinho assim distante, eu não podia estar com ela direto, aí... e também quando ela ia lá pra casa, que geralmente ela mais ia lá pra casa do que eu ia pra casa dela... Foi quando ela começou a conhecer os amigos que eu já tinha feito nesses três meses mais ou menos que ela se mudou, foi quando a gente começou a conviver com os mesmos amigos juntos de novo.

A amizade “da barriga” com “Manu” era tomada a partir da noção de “irmã”. Segundo Rayane, essa foi uma relação herdada, passada de mãe para filha: “Amizade pode passar também da família, dos pais”. Ao considerar a amiga “da família”, ela evoca aspectos da convivência comunitária e solidária vividos pelas respectivas mães:

**Entrevistadora** – Pronto, aí eu ia te perguntar justamente uma pergunta que é ampla, vamos dizer assim, mas pra tu me dizer quem são seus amigos e amigas? Quem são essas pessoas, assim... quem é que vem agora na tua cabeça?

<sup>54</sup> **Rayane** – É... Também são os que conviveram comigo, que a gente tem meio que uma ami... e... uma vivência de irmão também, muito próxima, apesar de agora a gente não estar tão próximo, mas o afeto continua o mesmo, inclusive uma delas é Manuela, que participou também do... do projeto, e.....a gente foi criada juntas, e até hoje a gente tem essa vivência, a família dela também, os irmãos dela... E ... os amigos que a gente foi se conhecendo no decorrer da escola, no bairro mesmo, é mais ou menos o que eu lembro assim.

[...] ...é... é porque assim, quando eu morava em outro bairro, na Charneca, aí minha mãe sempre conheceu a mãe dela, e a gente inclusive nasceu na mesma época, aí desde que... a gente cresceu juntos, estudou na mesma escola, na mesma creche, então era praticamente irmã. Ela ficava lá em casa, as irmãs dela também, aí a relação de amizade, e ao mesmo tempo considera da família.

**Rayane** – Eu lembro, uma coisa que passou muito de família foi que minha mãe é muito amiga, os meus pais são muito amigos dos pais de Manu, e antes eles não eram, minha mãe não gostava da mãe dela e a mãe dela não gostava da minha, até que um dia ela precisou, né? que elas moravam próximas, a mãe dela precisou que minha mãe ficasse com os dois irmãos de Manu, a gente não era nascido ainda, e... foi quando, daí que começou a amizade, que ela confiou nela pra ficar com os filhos dela, e... daí elas começaram a se relacionar, e isso foi passando dos pais pros filhos...

Os sentidos produzidos por Rayane articulam-se com a ideia de que a amizade é tomada a partir da repetição da vida em família – a metáfora familiar (SCHWERTNER,

---

<sup>54</sup> Os trechos das narrativas foram mantidos o mais integralmente possível de modo a respeitar o curso das falas das entrevistadas.

2012). Essa lógica familialista da amizade também é percebida na experimentação de novas amizades. Aqui também percebemos dois aspectos definidores das relações entre amigas/os: a confiança e a solidariedade; pontos os quais retomaremos adiante.

### 5.1.3 O grupo de amigas blogueiras como novo “círculo de amizade”

Com foi dito acima, além de estudante e estagiária, Rayane tem um *blog* e um canal no *Youtube*. Nessas experimentações começa a construir relações com outras mulheres jovens, também blogueiras, moradoras da mesma região:

**Entrevistadora:** E fora Manuela, quem mais estaria aí no seu *mapa das amizades*<sup>55</sup>?

**Rayane** – Agora de um tempo para cá que eu tenho começado com o *blog* e tudo, eu tenho novos amigos, mas que a gente já se considera muito, eu não conheço há muito tempo, mas é uma amizade assim que a gente se confia, eu acho que elas, a gente sempre trabalha junto também, são *blogueiras* também, e eu acho que elas estariam neste círculo [das amigas a serem destacadas e desenhadas].

**Rayane** – [...] até então a gente não sabia que existia outras blogueiras aqui no Cabo, e esse evento estava procurando exatamente isso: blogueiras do Cabo pra divulgar o evento; e a primeira a se engajar no evento fui eu, daí elas começaram a chegar, as organizadoras do evento chamaram elas, e a gente se conheceu, aí formou um grupo de quatro, que somos eu, Eliene e mais duas; tem outros também, só nesse, as quatro foi as que mais sentiu um afeto, se chegou mais e começou a trabalhar juntas, aí a gente tem um projeto que é “Friends bloggers por um sonho”<sup>56</sup>, que é assim, que a gente trabalha no individual e no coletivo que é esse grupo, e daí a gente começou a se conhecer mais, e começou a criar um círculo de amizade.

**Rayane** – É, às vezes a gente se encontra pra conversar, pras coisas do *blog* também, a gente se encontrou quarta-feira pra ver, pra analisar umas coisas que a gente está fazendo, e também pra conversar, pra botar o assunto em dia, mas sempre que a gente pode, a gente tá junto”. [...] ...essa proposta que a gente recebeu é pra gente criar um *blog* com esse nome (Friends bloggers por um sonho), um canal também, é uma agência – não é *marketing*, é alguma coisa assim que quer, tem várias... eu esqueci como é o nome, é como se fosse um agente, ele tem vários trabalhos com lojas aqui da região, e quando ele precisa fazer alguma divulgação, alguma coisa assim, ele sente a necessidade de ter uma imagem praquela loja, aí ele tem que buscar de fora, e de Recife, porque a concorrência está, e a ideia não é ir pro lado de lá, é expandir pro lado de cá, zona da mata, por aqui, e aí ele vai dar esse apoio a gente, profissional, e a gente vai entrar com conteúdo. E vai permanecer o mesmo nome, tanto é que a gente queria fazer isso, só que a gente não

<sup>55</sup> Técnica utilizada em que se pedia para que a jovem entrevistada desenhasse em um papel as suas amigas e os seus amigos, à medida que ia narrando como se deu cada encontro, como essas relações se constituíam, características dessas pessoas, etc.

<sup>56</sup> Nome fictício.

tinha material, não tinha uma câmera legal pra filmar, e eles vão entrar com isso, e foi bem o que a gente estava precisando, aí a ideia principal, inicial da gente era essa, e essa proposta foi uma ajuda, um apoio. [...] Isso, porque daí quando a gente começou a se juntar, aí a gente tomou liberdade de conhecer as lojas e pré eventos, uma dessas lojas que é aqui no *shopping*, a gerente de uma dessas lojas gostou muito da gente, e passou a proposta pra esse agente que quis conhecer a gente e lançou essa outra proposta. [...] Tanto é que no *Instagram* assim – a gente usa muito *Instagram* – e a gente criou uma *hashtag*, que é Blogueiras Cabo PE, que até então não existia nenhuma pra especificamente pra aqui, a gente sempre usava "blogueiras Recife", e lá aparecem milhões de coisas de blogueiras de Recife, que são bem mais desenvolvidas, evoluídas no blog do que a gente, que não tem tanta oportunidade, e depois que a gente criou, a gente já viu várias outras blogueiras daqui do Cabo mesmo já utilizando, já deu, começou a expandir, a gente começou a se conhecer melhor.

Dos trechos de fala acima, podemos destacar alguns aspectos que dizem respeito à discussão que pretendemos empreender neste trabalho: juventude x território x amizade. Além da imagem de “círculo” formulada por Rayane, é interessante problematizar a questão do território. A ideia de “círculo” nos leva a pensar em como é possível que um movimento de amizades novas faça criar em um sentido coletivo, a partir de interesses individuais semelhantes preexistentes. Todos esses *blogs* são voltados para questões como moda, beleza e valorização/promoção da autoestima visando alcançar outras mulheres. Desse grupo parece nascer então, algo de projeto possível para elas e para a região em pauta, além de ser uma porta para a amizade. É interessante quando conta que existiam outras pessoas que também atuavam como blogueiras, mas isso não era conhecido. A partir da criação de uma *hashtag* é possível fortalecer jovens locais, criando assim uma força para a região historicamente dependente da capital Recife, que é vista por ela como um lugar “mais desenvolvido e evoluído”.

Assim, percebemos movimentos empreendedores como esse, os quais não são fomentados pelo Estado, o que nos leva a refletir sobre o lugar destinado às jovens mulheres moradoras do Cabo de Santo Agostinho no projeto de crescimento regional. As oportunidades de emprego abertas por “Suape” não parecem ter contribuído para diminuir desigualdades para o segmento dos e das jovens pobres da região. Por outro lado se “Suape” não as acolhe diretamente, aspectos de urbanização que atingiram o território a partir da chegada dos grandes empreendimentos – como a instalação do *shopping* no município de Cabo de Santo Agostinho – acabam representando uma oportunidade de ganhos em termos de trocas, e mesmo de empreendedorismo. Pois a despeito do processo de crescimento econômico em questão, que não reserva lugar à juventude pobre (ou

reserva o lugar da exploração dos seus corpos?), há jovens que ousam lançar mão da potência dos encontros. Nas palavras de Rayane, quando ela e as amigas começam a “se juntar” torna-se possível tomar “liberdade de conhecer as lojas e pré-eventos”, num claro movimento de agenciamento dessas jovens, ainda que tal agência ocorra dentro de um sistema profundamente capitalista.

Retomando a imagem, nas palavras de Rayane esse “círculo de amizade” é construído na base do afeto, da ajuda mútua, tomando como referência novamente os sentimentos associados à família, inclusive compondo a configuração mãe-filhas:

**Rayane** – Eliene é como se fosse a mãe do grupo, que ela é bem cabeça, assim, ela gosta de dar conselhos, de falar, saber se a gente tá bem.

**Entrevistadora** – Ela é mais velha que vocês ou é da mesma idade?

**Rayane** – É um pouquinho mais velha.

**Entrevistadora** – Qual a idade dela, tu sabes?

**Rayane** – Vinte e nove.

Ressaltamos dois aspectos decorrentes desse trecho de fala: a questão da amizade entre idades e/ou gerações diferentes em cruzamento com as relações hierárquicas vivenciadas nas famílias. A amiga mais velha (como a mãe) parece deter o poder de dar conselhos ou liderar o grupo porque tem mais experiência de vida. De acordo com Mónica Franch (2013), as amigas conselheiras geralmente são mais velhas e, frequentemente, casadas e com filhos/as, embora qualquer amiga possa exercer tal função. Boa parte das vezes os aconselhamentos demandados relacionam-se a assuntos afetivos e sexuais.

#### 5.1.4 As tensões são inerentes às relações de amizade

Outra amiga do grupo de blogueiras é veronika<sup>57</sup> (também interlocutora nesta pesquisa), que tem a mesma idade de Rayane, além de outras semelhanças, como a questão (política) do uso do cabelo crespo. Nas palavras da jovem:

---

<sup>57</sup> Nome fictício escolhido pela própria jovem, inspirado no livro *Veronika decide morrer*, do escritor brasileiro Paulo Coelho, editora Objetiva, 1998. O livro conta a história de uma jovem que não aceita a ideia de viver uma vida sem sentido, decidindo se matar com uma overdose de calmantes. O suicídio fracassa e ela é internada em uma clínica psiquiátrica, onde é informada que não terá mais que algumas semanas de vida, e provavelmente, morrerá internada. Durante seu tempo interna conhece Eduard, um jovem esquizofrênico que não conversa com ninguém. Veronika e Eduard se apaixonam e resolvem fugir da clínica psiquiátrica. No nosso entendimento a obra guarda relação com aspectos da história de veronika.

**Rayane** – ela também é blogueira de moda e beleza. [...] E também de aceitação... aceitar as raízes, ajuda as meninas que também querem voltar a ter cachos, ter cabelo natural. [...] Inclusive ela mora aonde eu já morei que é na Charneca. veronika tem o cabelo crespo, ela é modelo [...] e ela começou mais por conta do cabelo dela. [...] Porque ela usava o cabelo liso também, e depois que ela começou a usar crespo, aí uma amiga dela que ela conheceu na internet, de São Paulo, já tinha uma página na rede social que era sobre cabelo cacheado, e estava procurando outra pessoa pra administrar a página com ela, aí veronika foi, e começou administrar, depois ficou conhecida, e ela também já conhecia alguém de agência fotográfica [...], que foi justamente esse perfil que eles estavam procurando, o perfil de veronika.

Essa questão de pautar as referências de beleza da mulher negra parece favorecer a ligação das duas jovens em uma espécie de compromisso com a “aceitação das raízes” raciais, de maneira que em seus *blogs* são produzidos conteúdos que influenciam suas seguidoras virtuais. Como essa amiga também foi entrevistada, em seguida apresentaremos a sua narrativa.

Há ainda uma característica da personalidade de veronika que é associada a uma mesma característica da amiga “Manu”, o que é chamado de “sinceridade” por Rayane:

**Rayane** – Veronika tem um pouquinho do jeito de “Manu”, que ela também é muito sincera, só que ela já controla, ela sabe a hora de falar, e ela sabe adequar as palavras pra falar...

O que a jovem chama de “sinceridade” é a capacidade (ou um “jeito”) de dizer as coisas (a verdade?) doa a quem doer. Michel Foucault, ao estudar as técnicas fundamentais das práticas de si mesmo na Antiguidade, ressaltou a *parresía* como uma técnica necessária à transmissão dos discursos verdadeiros, ou dito de outro modo o “falar francamente”, livre da retórica e da adulação (CASTRO, 2009). Em seus achados de pesquisa Rezende (2002) demonstrou que a sinceridade podia ser motivo de receio entre amigos/as, uma vez que “muita franqueza poderia ferir e magoar o amigo, como que desconsiderando seus sentimentos” (p.99), mas também era um modo de se mostrar como a pessoa era, sem dissimulação, demonstrando uma “intenção verdadeira” de cuidar da relação de amizade. A sinceridade vinha, portanto, atrelada a outra questão importante: a valorização da “abertura” entre amigos/as.

---

A primeira letra do nome em minúscula é uma referência à autora feminista e ativista social estadunidense bell hooks, uma vez que ao ouvir a história da jovem, fui fortemente afetada com relatos que me lembraram da força das palavras dessa autora, sobretudo no que se refere ao artigo “Alisando o nosso cabelo”, de 2005. Esse ponto será mais bem explorado quando da apresentação da narrativa de veronika, mais adiante.

O que chama atenção no curso da narrativa de Rayane é que, embora aponte tal característica como algo que causou/causa conflitos entre elas, parece ter criado estratégias de lidar (afastamentos estratégicos quando necessário) com essas diferenças de um modo “eficaz”, sobretudo para a manutenção da amizade com Manu – a amiga desde os tempos de criança. Pode-se pensar assim que o conflito seria constitutivo das relações com amigas/os e, em seu caso, lhe confronta com outro modo de existir.

**Entrevistadora** – E como é que vocês resolveram o conflito? [como] Resolvem, né?

**Rayane** – A gente às vezes passava um tempo sem se ver, depois falava de novo, mas hoje até que não é tanto, até por a gente não estar muito próximo o tempo todo, mas quando isso acontecia era isso que a gente fazia.

**Entrevistadora** – Se afastava um pouco?

**Rayane** – Era.

A tensão nas relações entre amigas é, portanto, trazida em diferentes momentos de sua narrativa. Ao falar sobre amizade no período em que era estudante de ensino médio, por exemplo, Rayane relembra que na “época da escola” as amigas se organizavam em grupos de jovens, os quais não interagiam muito entre si. Conta que pertencia a um grupo formado por meninas e apenas um menino. “*Era um grupo assim bem animado, conversava sobre tudo, é... tinha iniciativa pra fazer as atividades da aula, da sala, bem criativo, e bem animado mesmo*”. São pessoas que já não fazem parte do seu convívio hoje em dia. Já um outro grupo da classe

**Rayane** – Era tipo, eram só meninas, e elas ficavam assim meio que zombando da gente; no meu grupo tinha uma que tinha o cabelo bem crespo, e tudo começou por isso, elas começaram a ficar zombando dela, ficava fazendo brincadeira que ela não gostava, e acabou dividindo, aí elas continuaram fazendo coisas que a gente não gostava, e daí criou esse impasse, da gente não querer contato com elas. Porque a gente queria estar com a menina que tem o cabelo crespo e não gostava daquilo que elas faziam, e elas eram mais assim fechadas, pelo meu ver elas não prestavam muita atenção na aula, não era uma pessoa participativa, era mais uma brincadeira, da bagunça.

Percebe-se claramente o posicionamento da entrevistada no enfrentamento de “brincadeiras” preconceituosas (evidentemente racistas) que a colocavam fiel à amiga atingida por tais “zombarias”. Ainda que a questão do racismo não tenha sido formulada enquanto tal, há nesse evento uma tensão entre os grupos. Ao mesmo tempo em que parece ter

servido para vincular e fortalecer processos de reconhecimento e identificação fundamentais às relações de amizade.

#### 5.1.4.1 *As tensões instaladas com a chegada de estrangeiras/os no território*

A jovem narra ainda que no mesmo período escolar a entrada de uma “estrangeira” no grupo ao qual pertencia, uma estudante da Bahia, também pode ter afetado essa convivência com outros grupos, antes harmoniosa. Trata-se de uma jovem que entra na escola no período das grandes obras de “Suape”, o que ilustra mudanças nas relações locais preexistentes. Nas palavras de Rayane:

**Rayane** – [...] ela se deu bem com todo mundo, e eu acho que isso também, elas não gostaram porque elas já estavam aqui na escola havia muito tempo e acho que desde o ensino fundamental - que aqui tinha também – e eu acho que isso foi que acabou afetando assim, delas não gostarem da simpatia da... [garota baiana].

#### 5.1.5 **Amizade como consenso?**

Rayane também problematiza a diferença nas relações de amizade; o ato de pensar diferente do/a amigo/a.

**Entrevistadora** – Como é que é pensar essa coisa das diferenças entre amigas, assim, tu está falando alguém que tenha a mesma linha de pensamento, que gosta, talvez, de uma conversa que é a conversa que você vai gostar, dos interesses, e assim... a questão das diferenças, como é que é numa relação de amizade?

**Rayane** – É amigos que têm pensamentos diferentes?

**Entrevistadora** – É, porque às vezes você pode ter, vou dar um exemplo assim, pode acontecer talvez de você ter alguém que você gosta muito de conversar sobre determinadas coisas, determinado tema, assunto, enfim uma pessoa que você confie e tudo, uma pessoa que você conviva, mas em alguma medida vocês podem pensar diferente em outros assuntos [...] como é que é lidar com isso? Acontece contigo isso?

**Rayane** – Acontece, inclusive nesse trabalho que eu faço, aí a gente, toda sexta-feira tem que estar em um curso que é lá no CIEE, aí lá tem um colega de turma que ele gosta muito de debater, e geralmente ele está discordando do que a gente concorda, e... é meio conflitante porque, por ele não aceitar nossa opinião, mas a gente sempre, na maioria das vezes a gente sempre procura chegar a um raciocínio só, tenta unir num debate mesmo na conversa, e geralmente quando a gente começa a conversar um acrescenta no conhecimento do outro, eu acho super de boa assim, a pessoa pensar diferente, mas respeitar o que você pensa, e geralmente, quando tem assim uma pessoa que pensa alguma coisa diferente, totalmente diferente de você

que está debatendo, geralmente acrescenta em alguma coisa que você não sabia. Alguma coisa no conhecimento acrescenta.

**Entrevistadora** – [...] Vocês conversam sobre o quê? É uma coisa específica, um tema específico lá, sobre o estágio?

**Rayane** – É, hoje mesmo a gente estava falando sobre a posição da mulher na sociedade, no tempo que a gente vive hoje e... o problema é que ele não concordava com a liberdade que a mulher tem hoje, e a gente começou a conversar, a turma começou a debater e chegou a um raciocínio que realmente a mulher tem o mesmo direito, que os direitos são iguais, mas que os dois lados se respeitem, tanto a mulher quanto o homem. Foi meio difícil pra aceitar o que ele imaginava, mas com a conversa foi mudando um pouco o pensamento dele também.

**Entrevistadora** – E o que é que, na tua opinião, não dá pra aceitar de jeito nenhum em uma amiga ou amigo?

**Rayane** – Eu não sei se tem alguma coisa que não dá pra aceitar de jeito nenhum, porque sempre alguém vai ter alguma coisa que você não vai gostar, mas que dá pra conviver com isso... que você tem que aceitar, tem que aceitar as diferenças do outro; talvez a gente converse assim sobre essas questões, talvez o outro aceite e queira mudar, ou talvez não, mas eu acho que não tem uma coisa que não dá pra aceitar de jeito nenhum.

**Entrevistadora** – A diferença vai fazer parte dessa condição de amizade?

**Rayane** – É.

Retomando o quadro teórico que nos tem inspirado, cabe aqui a discussão entre semelhança e diferença na amizade. Se por um lado a narrativa da jovem entrevistada aponta para imagens que remetem ao conforto de saber-se parecida com a amiga, de mesma linha de pensamento, por outro parece existir espaço para a diferença, desde que haja aceitação e respeito. Por em relevo a possibilidade da diferença nas relações de amizade sugere pensar a dimensão do político.

Como vimos até o momento, Rayane constrói sua narrativa a partir da ideia de que as relações de amizade baseiam-se em aspectos como segurança, confiança, afinidade/identificação, afeto, intimidade, solidariedade, proximidade, presença e convivência. Em sua perspectiva: “Eu acho que quando os assuntos da pessoa me interessam ou têm a mesma linha de pensamento que eu, eu acho que isso é o que mais me atrai pra decidir se vai ser ou não minha amiga”. De acordo com Rezende (2002) a ideia de afinidade pressupõe a importância da semelhança como um operador nessas relações. No entanto a jovem não descarta a convivência com o/a diferente, com outros discursos e formas de ver a vida, indicando abertura ao outro; amizade como relação agonística.

### 5.1.6 A experiência na igreja e a amizade “de dentro pra fora”

Conforme apontado acima, outro ambiente social, além do coletivo de blogueiras, da faculdade e do estágio, bastante importante para Rayane é a igreja a qual frequenta. Lá são experimentadas relações de amizade e convívio tanto nos cultos quanto nos grupos de atividades dos quais participa sistematicamente, destacando-se o de teatro. O envolvimento com a instituição vem desde a infância, quando começou a participar desses grupos, sempre se relacionando com pessoas mais velhas:

**Rayane** – No início, quando eu comecei a frequentar, que eu não fazia parte de grupo nenhum, eu já achava que não era do grupo das crianças, eu não gostava muito... sei lá do estilo deles, eram muito, eu acho que eram muito crianças mesmo, não era mais... e eu queria me engajar no dos jovens, queria ser, só que quando eu comecei a andar com eles, a fazer parte do grupo deles, eu via que eu estava mais atrás e eles estavam mais à frente, geralmente me excluíam de algumas coisas... mas depois que eles começaram a frequentar mais minha casa, por conta dessa restrição, aí a gente começou a se envolver mais...

A igreja também parece se oferecer como um espaço de lazer a Rayane, onde é possível desfrutar de brincadeiras, de viagens, ao passo que se engajar em projetos como o grupo de teatro, do qual ela participa há alguns anos e onde conheceu a amiga Roberta.

**Rayane** – Foi no finalzinho mesmo de 2014 [a entrada no grupo de teatro], e... eu tinha acabado de completar 18, aí foi quando a gente teve a primeira confraternização, foi quando eu comecei a participar dos eventos mesmo da igreja, que foi junto com o teatro, quando eu comecei a ter alguém assim, uma amizade pra levar pra fora da igreja que foi Roberta, e aí depois, aí 2015 teve a primeira viagem com a igreja, e... a gente começou assim se relacionar mais o grupo, e... um ir pra casa do outro, marcar alguma coisa só pra conversar mesmo, a gente também, às vezes, a ir pra praça, que tem aqui, à noite, os meninos levavam violão, e a gente ficava lá, agora não muito por conta que eu estou estudando à noite, mas às vezes final de semana a gente se encontra também pra conversar, ou alguma coisa, é aniversário de alguém, a gente vai comemorar...

Rayane fala de algumas aproximações e relações com pessoas desde que passa a frequentar a igreja, no entanto a maior parte é “nada que leve muito pra fora”. É Roberta, de 31 anos, que vai ser nomeada como uma “amizade pra levar pra fora da igreja”. Do grupo de teatro surge esta que considera “a melhor amiga” e sobre quem tece os seguintes comentários:

**Rayane** – (...) ela faz parte do mesmo grupo que eu faço, e a gente costuma falar que a gente é irmã, porque ela parece muito comigo, tem gente que até pergunta [se são irmãs] [...] ...e ela cuida muito de mim, ela está sempre perguntando, conversando comigo, e a gente convive também não faz muito tempo, não; acho que um ano e meio por aí, desde que eu entrei no grupo que ela já era, faz um tempinho já...

**Entrevistadora** – E o que foi que fez vocês se tornarem amigas? Vocês duas frequentavam a mesma igreja e...

**Rayane** – Eu acho que foi quando eu comecei a participar do grupo [de teatro], porque assim, a igreja tem muitos membros, e a gente não chega a ter uma intimidade com todo mundo, e ela foi uma das quais eu mais me identifiquei, do grupo também, apesar de ter outras pessoas ela é a mais próxima, eu acho que por isso, por ser atenciosa, por cuidar de mim, a que mais me dá atenção, todos dão, só que ela tem um carinho diferente.

**Entrevistadora** – Qual seria, não sei se tu saberia me dizer, o momento, e a hora que tu diz assim "Essa pessoa realmente é minha amiga", assim, porque a gente estava falando um pouco nessa diferença, colega, amigo, o que faz com que a pessoa, você olhe praquela pessoa e diz assim "Poxa, essa eu considero minha amiga".

**Rayane** – Eu acho que é mais o que acontece assim comigo e com Roberta, às vezes eu nem espero, a gente está uns dias sem se ver, sem se falar, e ela chega no *WhatsApp* mesmo, pergunta se tá tudo bem, coisas simples, mas você vê que é verdadeiro que a pessoa está se importando com você, eu acho que isso me faz ver que a pessoa é realmente é minha amiga [...] Porque com ela eu sinto segurança, eu confio mesmo, e... porque eu vejo que ela também sente a mesma coisa por mim... acho que a gente tem mais afinidade.

A amizade com Roberta é tomada por Rayane como ilustração do significado mais amplo desse tipo de relação. Para ela é a partir das “coisas simples” – como uma mensagem que chega pelo *WhatsApp* – que uma amizade pode ser construída.

### 5.1.7 A polissemia das definições: colega ou amiga?

**Entrevistadora** – Certo, e pra tu, tem diferença, assim, até continuando um pouco talvez o que esteja falando, tem diferença entre colega e amiga? Amiga e colega?

**Rayane** – Sim, porque, assim, isso que eu vejo muito assim na faculdade, sabe? Eu tenho os colegas que a gente está sempre lá, e naquele momento, e... Tem os amigos que a gente sabe se precisar mesmo são eles, e os colegas, não, é daquele momento e pronto; eu acho que é mais ou menos isso, amizade é longa data, é justamente isso, é você se sentir seguro com aquela pessoa, confiar, e os colegas é mais pra socializar, uma relação mais..., acho que mais... não duradoura.

Vale ressaltar a polissemia dos termos amigo/a e colega. Este é frequentemente referido conforme utilizado por Rayane: os/as colegas da faculdade; ou do estágio; ou da vizinhança. Também pode ser utilizado para se contrapor ao amigo. Mas o que definiria

esse tipo de relação? Para chamar de amiga ou amigo é preciso mais do que isso, é preciso tempo de relação, por exemplo (REZENDE, 2002). “Amizade é longa data”, é a sensação de segurança. Ao mesmo tempo a jovem disponibiliza-se a experiências recentes com as “amigas” blogueiras, dando ênfase novamente ao fator afinidade. Cláudia Barcellos Rezende (2002) aponta para o desdobramento dos tipos de relação de amizade, onde o critério de diferenciação entre esses níveis encontra-se no grau de profundidade da relação.

Além disso as palavras de Rayane remetem à dissociação sociabilidade-amizade, em que colegas fazem parte de um contexto relacionado ao ambiente da escola e/ou estágio/trabalho e apontam para um caráter de circunstancialidade; e amigas são aquelas com quem se pode contar, em que pese o aspecto definidor da confiança (FRANCH, 2013).

Vimos, portanto, que na narrativa apresentada predominam, então, imagens como segurança, confiança, afinidade, identificação com a/o amigo/a, intimidade, convivência, solidariedade, afeto. Imagens que remetem a uma noção de amizade como ambiente seguro. Amizade como “irmão”, como vemos no trecho a seguir:

**Entrevistadora** – O que é que é amizade pra tu?

**Rayane** – Amizade pra mim eu acho que é quase a mesma coisa que um irmão, amizade mesmo, é... se preocupar com a pessoa, com o amigo, é... defender, ajudar quando precisar, e quando não precisar também, estar sempre querendo saber o que que a pessoa está passando, se tá precisando de alguma coisa, convivência também, querer sempre estar perto, acho que é isso.

Tais “contornos familiares e intimistas” se ancoram em uma perspectiva que prevê o espaço privado como o espaço destinado às vivências de amizade e, assim, as relações familiares seriam o seu principal protótipo (SCHWERTNER, 2010). No caso de Rayane, como foi dito no início, há uma referência positiva de convivência com a família, o que faz pensar que essa experiência influenciaria sua concepção de amizade. Um outro componente da pesquisa que ressalta esse entendimento é a *produção narrativa*<sup>58</sup> de Rayane, um tempo depois dos nossos encontros de entrevista. A seguir sua carta, que me chegou escrita à mão, mas que reproduzimos aqui digitada:

---

<sup>58</sup> Conforme abordado no capítulo epistêmico-metodológico, a segunda etapa da pesquisa se campo compreendeu uma *produção narrativa* sobre as experiências de amizade no território.

PRODUÇÃO NARRATIVA RAYANE (carta escrita à mão<sup>59</sup>)

*“As minhas experiências de amizade posso dizer que tive várias e cada uma de uma forma diferente, cada uma com seu jeito especial. Quando mudei da Charneca para a Charnequinha tive as primeiras experiências que eu consigo lembrar. Na verdade na Charneca tive a primeira que foi com Manuela (“Manu”) e os irmãos dela na qual carregamos essa amizade até hoje, essa amizade faz tantos anos que é como se fôssemos da mesma família, nos consideramos irmãos e apesar dos afazeres do dia a dia não esquecemos uns dos outros e sempre arrumamos um tempinho para estarmos juntos.*

*Na Charnequinha tive as amizades da igreja, da rua que morava e algumas da escola. As da igreja eram as que estavam comigo na maior parte do tempo, morávamos perto e sempre uns estavam na casa do outro, ou saíamos as vezes para uma lanchonete próximo da igreja (apesar de meu pai não deixar muito eu sair com eles), depois que saí da Charnequinha e mudei de igreja os amigos de lá se afastaram um pouco também. Daí vinheram os amigos da igreja da Cohab, os quais estão mais presentes até hoje, deles como já falei, considero muito Roberta, ela foi um dos primeiros amigos que fiz na nova igreja. Considero ela como irmã também, ela sempre se preocupa, faz de tudo para me ver bem.*

*Na Cohab conheci as meninas do blog, Eliene, Karina e veronika, moram em bairros diferentes e nos conhecemos através do bazar que fomos convidadas para participar como blogueiras. Tínhamos um projeto juntas, que acabou se desfazendo por conta do nosso tempo. Éramos muito ligadas, sempre nos encontrávamos para conversar em algum lugar (pizzaria, shopping) hoje na maioria das vezes só nos encontramos em eventos.*

*Hoje minhas relações de amizades são mais com Roberta e com as meninas do curso do SENAI, estamos juntas todos os dias eu, a Hercília e Lara, sempre quando temos um tempinho vamos a uma lanchonete na Cohab para conversar e comer alguma coisa.*

*Onde moro hoje não tenho amigos, conheço poucas pessoas aqui, minhas relações são mais com Camila (minha prima)”. [sic]*

Aqui gostaria de ressaltar, além dos “contornos familiares e intimistas” já expostos, um eixo de análise que me parece refletir o modo como a jovem Rayane tece as suas ideias e imagens sobre amizade. A forma como toma as mudanças de bairro<sup>60</sup> pelas quais passou como fio condutor de suas experiências de amizade remete a uma fluidez na construção desses vínculos na juventude: à medida que ocorriam as mudanças físicas novas

<sup>59</sup> A digitação manteve integralmente a escrita da jovem, somente modificando os nomes das amigas citadas, buscando resguardar eticamente a sua rede de relações.

<sup>60</sup> Pensamos que a circulação/mudanças de bairro ajuda a compreender um fenômeno de “perfireização” produzido pelo projeto “Suape”.

possibilidades de experimentação de amizades iam acontecendo. A mesma fluidez nos informa sobre a relação estabelecida com o tempo e o que podemos chamar de eleição ou escolha das amigas. Significa dizer que com o passar do tempo, os novos interesses e espaços por onde a jovem circula vão favorecer essas novas relações. Isso pode ser percebido quando lemos os últimos parágrafos da carta em que ela narra que aquele grupo de amigas blogueiras (bastante falado no período das entrevistas) já não pertence tanto ao tempo presente, enquanto novas amigas (do curso que fazia na época da entrega da *produção*, um tempo depois do ciclo de entrevistas) são eleitas e com as quais pode desfrutar da convivência.

Assim algumas amigas parecem ser mais permanentes em sua rede de relações, particularmente Manu e Roberta, enquanto outras são acionadas a partir dos espaços por onde circula e dos seus projetos atuais (ora as amigas blogueiras, ora as amigas do curso, por exemplo).

Quadro 2 - Síntese 1 – Rayane

<b>JOVEM</b>	RAYANE
<b>IDADE</b>	19 anos
<b>LOCAL ONDE MORA</b>	Cabo de Santo Agostinho
<b>RELIGIÃO</b>	Evangélica
<b>RAÇA</b>	Negra
<b>BREVE SÍNTESE DA NARRATIVA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Estudante do curso de Arquitetura;</li> <li>– “Jovem aprendiz” em uma empresa de rádio/internet;</li> <li>– Blogueira/<i>youtuber</i> de moda, beleza e decoração;</li> <li>– Bastante “empreendedora”;</li> <li>– Frequenta a igreja regularmente e tem nesse lugar um ambiente de construção de relações, embora nem todas sejam para “levar para fora”;</li> <li>– Amiga é quem cuida, que se preocupa com a outra; amizade é convivência, proximidade; com quem se tem interesses comuns;</li> <li>– Imagens de AMIZADE: segurança, confiança, afinidade/identificação, afeto, intimidade, solidariedade, proximidade, presença e convivência;</li> <li>– Noção de “amizade herdada” – aquela que passa de geração em geração, de mãe para filha;</li> <li>– Diversos círculos de amizade: igreja; faculdade; estágio; amigas blogueiras.;</li> <li>– As várias mudanças de bairro provocam fluidez das relações de amizade.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria.

## 5.2 VERONIKA

O encontro com veronika deu-se a partir das entrevistas narrativas com Rayane, tendo surgido assim meu interesse por entrevistar a (também) jovem blogueira que me parecia “empoderada” e com quem eu também achava que poderia conversar sobre o que é ser uma jovem mulher na “região de Suape”. Ao mesmo tempo, veronika tivera sido a amiga indicada por Rayane (ao final da nossa série de entrevistas) para que eu continuasse a nossa pesquisa de campo.

### **5.2.1 Aspectos biográficos**

Veronika é uma jovem de dezenove anos, negra, moradora do Cabo de Santo Agostinho e evangélica. Cheia de estilo, além de blogueira de moda e beleza, é modelo fotográfico. Mora com a mãe, o pai e um irmão – um ano mais novo que ela. Refere-se, em vários momentos, ao sonho de fazer uma faculdade (particularmente o curso de psicologia). A jovem conta que nasceu em Recife, mas sempre morou no bairro onde vive até hoje, o qual foi cenário de uma infância “na rua”, “de andar descalça”, narrada como extremamente prazerosa e entre as amigas vizinhas.

Quanto ao que gosta de fazer e ao uso do seu tempo livre, Rayane diz gostar muito de ler (inclusive sobre psicanálise), pesquisar conteúdos pro seu *blog*; e estudar espanhol. Não gosta muito de sair à noite. Gosta mesmo de ir à praia, encontrar-se para conversar com amigos/as em algum Café, ir ao *shopping* e ao cinema. Também costuma, durante os finais de semana, ir à igreja que frequenta e também produzir conteúdos para o *blog* e para o seu canal no *YouTube* – voltado a cabelos crespos e cacheados.

Alguns desses aspectos, dentre outros, a localizam no mundo e já dizem de suas possibilidades de existir. Foi a partir desses marcadores - idade/geração, gênero e território, que tentamos compreender o curso de sua narrativa. Assim algumas palavras nos chegaram como denúncia de violências e opressões – frequentemente comuns a outras jovens mulheres da região – mas também como reinvenção criativa desse lugar de jovem moradora de um território desigual. Ao falar das suas experiências junto a amigos e amigas ao longo de sua trajetória, remonta a vivências de aprendizado, rupturas, afastamentos e invenções. De modo que desde o primeiro encontro, comecei a conhecer sua história, em seus aspectos de dor, resistências e possibilidades criativas.

### **5.2.2 Circulação no território e experiências de amizade**

Um ponto que nos chama atenção, inicialmente, é quanto ao que podemos chamar de circulação restrita no território onde vive. Veronika afirma que não costuma se relacionar com as pessoas do bairro onde mora:

Entrevistadora – Tu falasse essa coisa de que não gosta muito de sair no teu bairro, assim, é... tu acha que é por que isso?

**Veronika** – Assim, eu não falo muito com as pessoas de lá, eu converso com algumas pessoas, mas eu num falo muito porque as pessoas de lá são pessoas difíceis, sabe? também... digamos que algumas pessoas gostam muito de fazer confusão e tal, eu não gosto de estar no meio de pessoas assim, e... pelo fato também de o bairro não estar muito lá essas coisas pra sair assim à noite, então acaba que eu fico... com receio de sair, tem o meu vizinho que a gente começou a sair agora há pouco, lá onde eu moro tem um açai, sorveteria, né? Aí semana passada a gente saiu com uma amiga minha que ela mora em Igarassu, ela veio me visitar, ficou lá na minha casa, então a gente saiu, mas eu não me sinto muito bem saindo no meu bairro, sabe? E andar por lá... eu prefiro ir no *shopping*, na praia, sei lá, fazer alguma coisa que não seja lá, porque eu realmente não me sinto à vontade lá, não gosto, tanto é que as pessoas, quando eu falo que eu moro lá "Sério? Eu nunca te vi lá", porque realmente, eu não saio de casa.

Se nos tempos de infância o registro é de tranquilidade e nostalgia de dias felizes, não relata o mesmo sobre o tempo de juventude, o que a faz buscar por outros lugares. Assim, a jovem acaba por construir relações para fora da “região de Suape”, a exemplo da amiga que mora em Igarassu, do amigo que mora em Recife e de uma outra amiga que mora em São Paulo, o que nos leva a pensar sobre a questão do pertencimento ao lugar de moradia.

É preciso refletir, também, em que medida os equipamentos idealizados e impostos pelo sistema capitalista acabam sendo escolhidos como alternativas de lazer (e consumo) pelas jovens habitantes desse território tido como “em desenvolvimento”. A instalação de um empreendimento como um *shopping center*<sup>61</sup> na região ao mesmo tempo em que movimentada a economia local parece permitir a invenção de novas modalidades de relações sociais entre as pessoas, particularmente entre jovens. No caso das mulheres jovens, uma questão que se coloca é sobre as diversas maneiras de circularidade nos bairros em que moram e na cidade como um todo.

As restrições de circulação em seus bairros e cidade podem ser explicadas por diversos dados estatísticos. De acordo com o Atlas da Violência 2017, entre 2005 e 2015, observou-se um aumento de 17,2% na taxa de homicídio de indivíduos entre 15 e 29 anos, por exemplo.

---

<sup>61</sup> O *Shopping* Costa Dourada fica na PE-60, no Cabo de Santo Agostinho, litoral Sul de Pernambuco, foi inaugurado em 2009, sendo o primeiro shopping da região. Esse foi o local escolhido por Veronika para a realização das entrevistas.

Mais de 318 mil jovens foram mortos entre 2005 e 2015 no Brasil. Não é novidade que grande parte dessas pessoas é composta por homens negros e que pertencem às camadas sociais e economicamente menos favorecidas (CERQUEIRA; SERGIO DE LIMA; BUENO; VALENCIA; HANASHIRO; MACHADO & LIMA, 2017). Se considerarmos o Mapa da Violência 2016 o município de Cabo de Santo Agostinho figurava na 49º posição nacional (entre 150 cidades brasileiras) no que se refere ao número de homicídios por arma de fogo (HAF) e taxas médias 2012-2014 de HAF (por 100 mil) nos 150 municípios com mais de 10.000 habitantes, com maiores taxas médias (WASELFSZ, 2016). No que tange ao fenômeno da violência contra a mulher, em 2015, 4.621 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que corresponde a uma taxa de 4,5 mortes para cada 100 mil mulheres. No entanto, apesar de aprovada a Lei 13.104/15 (conhecida como Lei do Feminicídio), os dados referentes a tal especificação de violência ainda não deixam claro quantas dessas mortes de mulheres realmente foram feminicídios (CERQUEIRA; SERGIO DE LIMA; BUENO; VALENCIA; HANASHIRO; MACHADO & LIMA, 2017). Porém, de acordo com o relatório do Atlas da Violência 2017, podemos observar diferenças significativas nos números de mortes de mulheres negras e não negras, quando se concluiu que houve uma diminuição da mortalidade nesse último grupo, correlato ao aumento de homicídios entre as mulheres negras<sup>62</sup>, o que leva à constatação de que:

65,3% das mulheres assassinadas no Brasil no último ano eram negras, na evidência de que a combinação entre desigualdade de gênero e racismo é extremamente perversa e configura variável fundamental para compreendermos a violência letal contra a mulher no país (CERQUEIRA; SERGIO DE LIMA; BUENO; VALENCIA; HANASHIRO; MACHADO & LIMA, 2017, p. 37).

Estes são apenas alguns dados estatísticos que nos ajudam a problematizar a circulação de mulheres jovens a partir do impacto da violência urbana em suas vidas, podendo influenciar diretamente na restrição de ocupação dos espaços públicos – que poderiam favorecer relações sociais como as relações de amizade – ao mesmo tempo em que lhes possibilitam novas formas de contato e vinculação, tais como o ambiente das redes sociais. As experiências pessoais de veronika, então, lhe colocam a circular por outros territórios, mesmo que este seja virtual (internet).

---

<sup>62</sup> É importante registrar que, segundo o mesmo Atlas da Violência 2017, Pernambuco foi uma das sete Unidades da Federação que lograram redução (- 25,8%) na taxa de mortalidade de mulheres negras por homicídio entre 2005 e 2015 Pernambuco.

### 5.2.3 Cabelo, racismo e amizade

Uma experiência que deve ser destacada, e que foi de certo modo propiciada pelos encontros que vivenciou nesse “território” das redes sociais, foi a que a jovem contou sobre a vivência de transição capilar, que analisa como um marco de vida, uma linha divisória a partir da qual foi capaz de reconstruir-se e olhar para si mesma (e, portanto, para o outro) de modo diferente.

**Entrevistadora** – Que outro momento marcaria a tua vida? Pensando essa questão da Linha do Tempo?

**Veronika** – É... Deixa eu ver, 2012, no último ano do ensino médio, quando eu decidi parar de alisar meu cabelo... porque aí eu já tava numa crise de depressão, eu estava no ápice mesmo da depressão, e quando eu tentei me suicidar<sup>63</sup>, então eu acabei descobrindo que eu não era feliz comigo mesma, aí eu comecei a pesquisar mais sobre como voltar a ter o cabelo natural, porque alisar o cabelo não estava me deixando feliz, eu me olhava no espelho, não me sentia bem, então foi quando eu comecei a pesquisar mais sobre voltar a ter o cabelo natural, descobri que existia transição capilar, que é quando você para de alisar o cabelo definitivamente pra voltar a ter o cabelo natural, aí tinha um período de tempo que decide, quanto tempo você quer deixar o seu cabelo, a raiz natural crescer pra cortar. Então eu passei, fiquei oito meses nessa transição, nesse tempo eu acabei o ensino médio, aí eu comecei a fazer pré-vestibular, quando eu comecei a fazer pré-vestibular, eu conheci um rapaz no cursinho, e eu tava na transição capilar, tava no ápice da transição, quando o seu cabelo fica horrível, que fica a parte natural e a parte lisa, fica horrível; Rayane também passou pela transição, então eu comecei a namorar com esse menino, e eu achava que ele não ia querer ficar comigo por causa do meu cabelo porque era horrível, sabe? Nessa época eu ainda era complexada comigo mesma, então eu alisei o meu cabelo de novo, por ele, pelo fato de eu achar que ele não ia me querer e tal, e foi quando ele acabou comigo, por nada. Então na época eu parei pra pensar, refletir, ouvir, se era realmente aquilo que eu queria, eu deveria fazer por mim mesma, e não pra agradar ninguém, porque eu realmente não estava satisfeita com aquela situação, de estar alisando meu cabelo constantemente, então eu comecei a participar de grupos no *Facebook*, conversar com outras meninas que passaram por isso, então foi realmente muito importante porque eu vi que assim, era difícil, mas não era impossível, só tinha que manter o foco, se era o que realmente eu queria. Então foi quando eu conheci a minha amiga, que hoje a gente tem o blog juntas, e aí eu comecei a ajudar outras meninas que tavam na mesma situação que eu, eu passei pela transição, cortei meu cabelo bem curto, que foi um momento bem difícil pra mim, porque as pessoas são muito preconceituosas, então inclusive meu pai fazia piada do meu cabelo, eu chorava muito nessa época, mas eu coloquei na cabeça que eu não ia desistir, que era realmente o que eu queria, sabe? que aquilo estava

<sup>63</sup> Chamamos atenção para a urgência de falarmos sobre suicídio na adolescência/juventude em nossas pesquisas.

me fazendo bem. Quando eu cortei o meu cabelo, eu comecei a ser uma outra pessoa, porque eu comecei a respeitar ainda mais os outros, porque assim, fisicamente eu digo assim, porque às vezes eu olhava pra uma pessoa que é mais cheinha, aí eu falava, assim, né? pensava, "nossa, porque não faz uma dieta?", ou quando uma pessoa tinha o cabelo crespo, aí eu falava "Olha o cabelo daquela pessoa e tal", então assim, quando eu começava a ver o defeito das pessoas, eu começava a observar os meus defeitos também, então eu comecei a observar, então eu também tinha defeito, e aquilo me fazia muito triste. Então quando eu passei pela transição, que eu passei por toda uma questão emocional, quando eu cortei o meu cabelo, que meu cabelo ficou curto demais, e eu não queria sair na rua com o cabelo assim, e então foi quando eu comecei a descobrir uma nova pessoa, no caso que eu sou hoje, eu comecei a respeitar ainda mais, principalmente na questão física, as pessoas, hoje em dia eu não aponto mais os defeitos de ninguém... pronto, tem algumas pessoas que chegam pra mim, alguns amigos e falam "Nossa, mas olha aquela pessoa", e olha algum defeito, aí eu falo "Tá, mas olha o sorriso como é lindo", eu não procuro ver defeito nas pessoas, eu procuro ver as qualidades hoje em dia, isso nem todo mundo pensa assim, né, então assim, quando eu criei o blog, eu quis passar isso também pras pessoas, sabe? pra elas serem mais confiantes, independente do que as pessoas vão falar a gente tem que se sentir bem com, com, com... digamos, eu me sentir bem comigo mesma, independente, se eu quiser sair, digamos que com um batom preto na rua, eu vou sair porque eu quero sair, e não porque as pessoas vão rir, vão falar, e antigamente eu não pensava assim, eu fazia tudo pensando no que os outros iam pensar de mim, então se eu colocasse uma roupa, e perguntava assim "Essa roupa tá boa?" as pessoas "Nossa, tá feio", eu ia lá e tirava, não usava mais aquela roupa; hoje em dia eu faço tudo que eu tenho vontade, se eu tô me sentindo bem com essa roupa, se eu estou me sentindo bem com meu cabelo assim, então eu vou, faço, voltei a ter meu cabelo crespo, muita gente me olha na rua e tal, mas aí eu nem ligo, porque foi uma coisa que me fez tão bem, tão bem, que eu realmente não me importo com o que os outros estão pensando de mim. Hoje em dia eu faço coisas que antigamente era só sonho mesmo, sabe? porque eu achava que eu não era capaz de fazer, então eu fiz um ensaio (fotográfico) aqui pro *shopping*, tem um *post* meu por aí, então eu achava que isso era só sonho, não era possível acontecer. Então o que está acontecendo comigo hoje, o que vem acontecendo, na época pra mim era só sonho, era impossível de acontecer, então hoje em dia vêm acontecendo coisas que é surreal pra mim, e às vezes nem espero, "caramba!, aconteceu tal coisa", eu nem esperava, sabe? então eu também comecei a dar valor às pequenas coisas que acontecem comigo, ou que eu quero fazer, então assim, a partir da, a transição pra mim foi o que mais me marcou.

O trecho de fala acima enfatiza o evento do alisamento de cabelos de mulheres negras, prática que, nas palavras de bell hooks, pode ser entendida como uma postura que representa, no âmbito do patriarcado capitalista "uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima" (2005). A partir da experiência marcada por intimidações e,

portanto, violências, percebem-se fissuras na sua autoestima, o que acaba por provocar adoecimentos psíquicos (apresenta-se como “bipolar”, traz um histórico de depressão e conta que tentou suicídio) e o que parece estar diretamente relacionado à forma como vivencia as relações afetivo-sexuais, particularmente as de amizade. É preciso destacar que veronika nomeia tais atos como “*bullying*” sofridos na infância e foi a partir da situação de entrevista que ela pôde afirmar tratar-se de racismo.

**Entrevistadora** – [na infância] Quais eram os momentos que tu se sentia pouco respeitada ou desrespeitada, já que tu falou essa coisa do respeito?

**Veronika** – Na infância no caso... foi a questão, pelo fato de eu ser negra e de eu ter o cabelo crespo, as pessoas assim não entendiam... falavam muito do meu cabelo, e esse é um dos motivos por eu ter alisado, eu alisei meu cabelo... mas assim, o fato assim de você ser criança, não era *bullying* naquela época, né, não falava nem que era preconceito, mas essas foram as vezes que eu me sentia assim, fora das pessoas, assim da sociedade, eu não me enquadrava na sociedade, pra mim eu não me enquadrava na sociedade, pelo fato de eu ser negra e ter o cabelo crespo, porque as minhas amigas da infância tinham o cabelo liso ou o cabelo cacheado mais baixo, porque meu cabelo é crespo e ele é cheio, então acabou que eu achava que eu não fazia parte daquelas pessoas, que eu tinha que me enquadrar a elas, então eu acabei alisando meu cabelo pra fazer parte da sociedade, e acho que foi a época que mais eu era infeliz, porque mesmo fazendo tudo que eu tinha vontade de fazer em relação a mim externamente, de alisar meu cabelo, usar maquiagem e tal, eu não me sentia feliz com aquilo, ainda assim faltava alguma coisa, então acho que isso foi uma das coisas que mais me traumatizou na infância foi a questão do *bullying*, eu sofri muito *bullying* na escola, por ser muito magra também, e na época as minhas amigas elas eram mais cheinhas, então a gente frequentava a mesma igreja, aí eu colocava uma roupa não me achava bonita por eu ser tão magra, aí tinham pessoas que riam, falavam, comentavam, então assim isso ficou na minha cabeça, sabe? por isso que eu fui assim, na minha adolescência eu era muito complexada comigo mesma, por causa disso...

Para Bell Hooks, a obsessão coletiva com alisar o cabelo negro indica como ocorre psicologicamente a opressão e o impacto da colonização racista.

A realidade é que o cabelo alisado está vinculado historicamente e atualmente a um sistema de dominação racial que é inculcada nas pessoas negras, e especialmente nas mulheres negras de que não somos aceitas como somos porque não somos belas (HOOKS, 2005).

Desse modo, entendemos que a autora toma a estética do cabelo natural como ato político, o que nos leva à reflexão de que a maneira como as mulheres negras vão se

relacionar com outras pessoas se transforma na medida em que elas mesmas se transformam. Nas palavras de veronika, ela passou “a ser uma outra pessoa”. Ao enfrentar o processo de transição capilar experimenta também um processo de transição subjetiva. Esse período, apesar de deixar toda uma marca de sofrimento, impulsiona a jovem a se engajar e a “ajudar outras meninas” que estavam “na mesma situação”. Participando de grupos de *Facebook*, veronika pôde vivenciar encontros (virtuais!) capazes de produzir modos de “empoderamento” a partir da estética, dando forma a projetos (conjuntos) como um *blog*<sup>64</sup> especializado em conteúdos de moda, beleza e maquiagem voltados para outras mulheres negras, permitindo assim a troca de informações sobre transição capilar, entre outras. Aqui enfatizamos a potência das relações virtuais que podem ser construídas a partir do dispositivo das redes sociais.

Um estudo sociológico sobre amizade e novas tecnologias comunicacionais coloca algumas questões sobre as mudanças ocorridas na forma de relacionarem-se entre amigos/as a partir do uso das chamadas “novas tecnologias”. Um dos aspectos observados foi a diminuição dos encontros face a face, substituídos pelo aumento de outras formas de comunicação (sobretudo via *Facebook* e *WhatsApp*), onde seria mais comum falar com os amigos e amigas do que vê-los/as pessoalmente. Com isso o “ciberespaço” passou a ser um outro ponto de encontro possível, sem perder sua natureza comunicante e transpassando os limites do espaço físico (SILVA, 2016).

Desse modo, a comunicação “em rede” coloca outra maneira de disponibilidade ao outro, à/ao amiga/o, permitindo a troca de afeto e a possibilidade de se conhecer melhor “dada a qualidade da troca engendrada, ou seja, nessa relação é possível produzir o desejado autoconhecimento” (SILVA, 2016, p. 71). Como foi dito, veronika acredita que é possível manter uma amizade “virtual”, mesmo que nunca tenha encontrado a amiga presencialmente, caso de sua parceira na criação do *blog*. As duas planejavam se conhecer o mais breve possível.

### 5.2.3.1 *Efeitos do racismo na constituição subjetiva*

Sabemos que a infância e juventude de veronika vêm sendo marcadas por vivências de racismo, o que ela nomeia como “*bullying*”. A sua narrativa é, portanto, permeada por elaborações que remetem aos efeitos dessas experiências, as quais, em última instância, foram

---

<sup>64</sup> *Blog* foi criado em 2013 em parceria com uma amiga de outro estado do Brasil.

produzidas por pessoas “amigas”. “Traumas”, “complexos”, mal estar, sofrimento, insegurança. Foi nas relações de amizade, sobretudo, que experimentou essas dores:

**Entrevistadora** – Eles te chamavam de alguma coisa? Botavam apelidos?

**Veronika** – Botavam apelido, acho que as pessoas mais falavam era do meu cabelo “Ah, cabelo de Bombril”, pelo fato de ser crespo, da minha cor também... faziam piada porque eu era negra. Ser magra também, eu tinha aquele apelido: “Olivia Palito”, “tábua”, então isso me deixou muito traumatizada, essa é a palavra: traumatizada. Tanto é que na pré-adolescência, no ensino médio, eu tinha 13 anos quando estava no 1º ano, então eu via minhas amigas de calça jeans, elas tinham bunda, eram mais cheinhas, e eu não, então eu colocava short, sabe *legging*?, por debaixo da calça pra ver se ficava mais cheinha, era complicado na... minha pré-adolescência. [...] Sim, na verdade assim, eu era mais complexada comigo mesmo, na época eu tinha assim umas amigas que eram aquelas amigas que todos os meninos olhava pra elas, pra ela, no caso era só uma [...] e ela era mais cheinha, tinha o cabelo liso, parece uma boneca, e roubava toda a atenção dos meninos, eram todas voltadas pra ela, aí a gente ficava "poxa"... assim, é amiga, mas a gente ficava, não com inveja, mas ficava meio que triste, ela chamar tanta atenção... mas acho que eu era tão complexada comigo mesma que não era nem mais por essa minha amiga que chamava mais atenção, era que eu achava que eu realmente, não me enquadrava no meio das pessoas, eu era muito diferente de todo mundo, apesar de, assim, no meu dia a dia eu não demonstrava que eu estava triste, que eu sofria... às vezes sim, quando eu tinha algumas crises de choro, de depressão, mas assim, na escola mesmo eu nunca demonstrei isso, até fazia piada do que estava acontecendo pra descontrair, mas aí quando eu tava em casa sozinha era totalmente diferente, sabe? Porque aí eu ficava pensando, eu ficava muito triste com o que eu estava vivendo naquela época, né? Vamos dizer assim.

Em um momento já no nosso terceiro encontro, a jovem formula o que viveu de outro modo:

**Veronika** – Era racismo. Também por causa do meu cabelo; quando as pessoas vinham brincar em relação a isso, eu já não gostava, eu fechava mesmo, então a pessoa assim sabia, então eu tolerava bastante, mas hoje em dia eu não tolero como eu tolerava antes, então assim, eu acredito que hoje eu tenho alguns traumas da infância pelo que eu sofri mesmo, porque teve uma coisa que aconteceu comigo que até hoje... assim, eu perdoei a pessoa, e a vida também fez com que essa pessoa pagasse pelo que ela fez - eu nunca desejo mal a ninguém, nunca desejo mal a ninguém, pelo que ela fez, pelo que ele fez comigo, eu sofri muito... [...] Sim, hoje em dia eu consigo falar. Foi um menino que eu beijei ele pela primeira vez, eu tinha 14 anos, ele tinha 17; ele era amigo dessa amiga que me traiu, a gente era muito amigo, então ele tinha um relacionamento com uma menina, só

que ele falava pra mim que era solteiro, então eu deixei pra lá, depois que eu beijei ele a gente não beijou mais, a gente marcou pra conversar, se conhecer melhor, mas não... e justamente essa minha amiga, ela falou pra essa ex-namorada desse menino que ele tinha ficado comigo, que ela criou toda essa situação, então ele falava pra essa ex-namorada dele que não tinha nada comigo, e falava pra mim que não tinha nada com essa menina, então teve um dia que essa menina marcou pra falar, esclarecer essa história, então quando chegou lá ela perguntou "E aí, você ficou ou não com ela?" e ele falou assim, pra me humilhar, dizendo que nunca tinha ficado comigo, dizendo que nunca ia deixar de ficar com ela pra ficar comigo porque era muito feia, que eu era negra, que eu era uma pessoa que ele nunca ia ficar na vida dele, só que não desse jeito que eu estou falando, me humilhando mesmo, sendo muito agressivo comigo; e na hora eu não tive reação nenhuma, eu comecei a chorar, justamente porque antigamente na minha infância eu tinha sofrido bastante em relação a isso, a *bullying*, então quando uma pessoa começava a me humilhar, eu não tinha reação, só começava a chorar, então assim, eu sofri muito, [...] eu realmente fiquei muito triste, porque tudo isso poderia ser evitado, então assim, ele me humilhou mesmo na frente de alguns amigos, e depois de um tempo, ele foi preso, está envolvido com algumas coisas, ele está na cadeia... então assim acho que, de alguma forma, a gente colhe o que a gente planta, ele poderia não sofrer com a humilhação do jeito que eu sofri, mas de alguma forma a gente paga pelo que a gente faz com as pessoas, então ele... [...] eu passei muito tempo traumatizada pelo que ele fez comigo, tanto é que eu não gostava de mim, eu realmente acreditei que eu era uma pessoa feia, então assim, eu tentava ser uma pessoa que eu não era, eu mesma me colocava pra baixo, eu achava que eu era pior do que todo mundo. Então realmente eu sofri muito pelo que ele fez, eu sofri muito, foi um dos motivos de eu ter entrado em depressão em relação a mim... porque eu não me aceitava, eu não me aceitava ser negra, não aceitava ter o cabelo afro, eu não aceitava ser magra demais, então tudo isso contribuiu pra eu ter esses traumas. Teve um tempo que eu não aguentava nem me olhar no espelho em relação à isso; eu não me maquiava no espelho, porque eu não aguentava olhar pra mim, foi muito difícil essa época, pelo que ele fez comigo, ele me fez acreditar que eu realmente era uma pessoa muito feia, era um lixo, digamos assim, foi bem difícil.

A forma como fala das suas relações de amizade mostra que só era possível submeter-se a tais opressões: “Antigamente eu tinha muito medo de ficar só em relação à amizade, então eu tolerava muito porque eu tinha muito medo daquela pessoa se afastar de mim”. Hoje, um dos efeitos dessas experiências pauta a maneira como reage a situações, como falta de atenção ou consideração da parte de amigas/os: “eu crio realmente uma parede, uma barreira entre eu e a pessoa, e acabo afastando mesmo a pessoa de mim”. Esse modo de “se fechar” (ou de se defender) é recorrente em seus relatos. Sobre a solidão da mulher negra, Souza (2008) afirma:

Solidão porque, paradoxalmente, quanto maior for sua percepção ontogenética, maior será seu distanciamento de uma relação que não lhe permite ser, que não a reconhece como igual. Na interlocução entre os pares há uma acentuada assimetria uma vez que, pela lente do amor, seus atributos não se enquadram nos estereótipos midiáticos requeridos (p.116).

#### 5.2.4 A questão da diferença x semelhança na amizade

Outro aspecto bastante relevante na história de veronika diz respeito à percepção de como a relação com a diferença – ou com o diferente – pôde lhe afetar. A partir do encontro com um amigo gay (Jailson) e de religião de matriz africana a jovem evangélica afirma ter aprendido a respeitar as diferenças em geral.

**Veronika** – Sou evangélica, na época ele foi uma das pessoas que me ensinou a não ter preconceito, pelo fato dele ser homossexual e frequentar a umbanda, né? que as pessoas hoje "Ah é macumba, fazer macumba, não sei o quê", então ele foi uma das pessoas responsáveis por me fazer não ter preconceito, assim, eu falava pra ele, eu tenho as minhas crenças, porque eu fui criada na evangélica, tenho as minhas convicções, mas isso não quer dizer que ele seja pior do que eu, melhor do que eu pelo fato de frequentar terreiros, esses cultos, então assim, eu aprendi a respeitar as diferenças dos outros, sabe? independente de eu ser evangélica, eles acreditam que o Deus é o mesmo porque eles acreditam em Deus também, então mesmo tendo opiniões diferentes, eu não acreditasse em muitas coisas, mas assim eu ouvia ele, às vezes eu falava o que eu achava, mas a gente sempre conversava muito e se entendia, e ele é católico também, a gente conversava muito sobre a bíblia também, a gente discutia num bom sentido, né? muito sobre religião, muitas coisas que ele sabia sobre a bíblia, de religião, digamos, que não todos, de católico ou evangélico, mas a religião de seguir o mesmo Deus, o cristianismo, então a gente conversava bastante sobre isso, era bem interessante, sabe? E também na sala tinham as pessoas que eram testemunhas de Jeová, sabe? Aí às vezes a gente tinha aquele debate, sabe? pelo fato da crença ser um pouco diferente, era bem interessante, então foi a partir daí que eu comecei a respeitar mais os outros, porque quando eu não conhecia esse lado da vida dele, eu tinha preconceito, não vou mentir, com quem era homossexual ou então com quem era de umbanda, depois que eu passei a conversar com ele que eu vi que ele é um ser humano igual a mim, não é pior do que eu pelo fato de frequentar essa religião, então eu passei a respeitar mais, sabe? Aprendi a ouvir mais também os outros.

É válido ressaltar ainda que a experiência religiosa de veronika parece lhe colocar questões permanentemente, não aceitando ela seguir todas as orientações da igreja. Em um

dos momentos juntas<sup>65</sup> ela me conta que não se dá muito bem com sua mãe e que a tensão nessa relação ocorre em função de a mãe ser evangélica “da Assembleia de Deus”<sup>66</sup> e por isso não concorda com o “jeito” da filha. Não gosta que se vista “na moda”, de calça comprida, tampouco que use maquiagem ou que tenha tatuagem (nesse dia ela me conta “uma novidade”: que fez uma tatuagem no braço com a palavra *freedom*<sup>67</sup>). Assim a jovem parece criar uma maneira de conciliar a sua crença religiosa com outras formas de entendimento da vida, perfazendo-se em liberdade, buscando não reproduzir preconceitos por vezes gestados na própria vivência religiosa. Aqui nos cabe pensar sobre a relação juventude e liberdade, sobre possibilidades e limites. É importante uma reflexão sobre o que nos dizem os marcadores de desigualdade no caso de veronika: jovem, negra, pobre, moradora de um território no qual estabelece uma relação ambígua de pertencimento x não pertencimento. Que liberdade lhe é possível ter quando observamos certos aspectos de sua rede de apoio e convívio? Por exemplo, a questão do rigor religioso na própria família?

Assim como as diferenças religiosas, veronika também narra outra relação de amizade a partir da diferença, agora relativa à orientação sexual, uma vez que a jovem afirma-se como homossexual. No entanto, tal relação é construída pela via da experiência comum de opressão. O amigo Kleiton, por vivenciar preconceitos em relação à orientação sexual, é alguém a quem ela pode aliar-se para resistir.

**Veronika** – [...] eu tenho um amigo, ele é homossexual... acho que é por isso que a gente se entende tanto, ele é o que está sendo assim, a gente conversa todos os dias, digamos que ele é meu melhor amigo, porque a gente se conheceu na época da Vitarella, há pouco tempo, eu estava como jovem aprendiz, eu trabalhava no almoxarifado, eu fui jovem aprendiz de logística, e ele foi de eletricista, então ele ia pra lá pegar materiais e a gente começou a conversar, e acabou nosso contrato e nós continuamos sendo amigos até hoje, e assim, é muito importante a amizade dele comigo porque ele é uma das poucas pessoas que eu vejo que tem um bom caráter, sabe? pelo fato também das coisas que ele passou, que é quase parecida com a minha pelo fato dele ser homossexual, ele tem uma filha também, então acabou que a gente se entende muito mesmo, e... qualquer coisa também que eu possa precisar, ele está sempre perto de mim, ele mora em outro bairro, Prazeres, mas a gente sempre dá um jeito de se encontrar, de se ver, então, do meu ciclo de amizade ele também é uma das pessoas mais importantes.

<sup>65</sup> Tal momento aconteceu depois de algum tempo da realização das entrevistas narrativas, ocasiões em que as diferenças com a mãe não haviam sido colocadas.

<sup>66</sup> Entre as igrejas pentecostais é considerada bastante rígida quanto às suas prescrições.

<sup>67</sup> “Liberdade”, na língua inglesa.

As experiências de opressão dela e dele parecem permitir que se instale uma relação baseada no afeto, na afinidade e na compreensão um/a pelo/a outro/a (“pelo fato também das coisas que ele passou, que é quase parecida com a minha pelo fato dele ser homossexual”) e nos faz pensar em um laço que se constrói como resistência. Amizade como resistência? Aqui entendo que é possível pensar na criação de uma relação entre amigos que, em alguma medida, prevê a dimensão da luta (nesse caso contra a homofobia, contra o racismo) no sentido proposto por Michel Foucault (CASTRO, 2009).

Na mesma direção, a amizade como resistência cabe nas alianças formadas em torno de certos temas de enfrentamento. No caso de veronika, a questão da reflexão sobre o racismo quando se alia a outra amiga negra e tratam de assuntos como cabelo crespo/transição capilar.

#### *5.2.4.1 Amizades mistas e relações afetivo-sexuais: das fronteiras*

Para a jovem entrevistada, ter amigos homens não apresenta problemas para a garantia de uma relação de amizade, embora relate algumas tensões relativas à possibilidade de uma sexualização desse vínculo, como veremos adiante.

De acordo com os achados de Cláudia Barcellos Rezende (2002), o modo de articular a questão de gênero à amizade variava a partir da diferença geracional. Em sua pesquisa, as pessoas mais jovens achavam ser mais possível a amizade se transformar em um relacionamento sexual – o que era visto como uma zona problemática – do que entrevistados/as mais velhos, que tinham a tendência de silenciar tal aspecto.

Em nosso caso, parece-me que há o entendimento, mesmo que em alguns momentos se percebam contradições, de que mulheres jovens podem (e desejam) consolidar amizades mistas.

As conversas com veronika sobre suas experiências afetivo-sexuais, de paquera, namoro, etc., ajudam a problematizar as fronteiras entre estas e as relações de amizade, na juventude:

**Entrevistadora** – Então... hoje eu queria começar te perguntando: tu estás namorando?

**Veronika** – Eu estava com uma pessoa... eu nunca namorei sério; as vezes que eu tentei namorar com um menino não deu certo, só passou um mês e acabou... eu estava, teve uma pessoa – que eu conheço ele há 10 anos, a gente estudou junto... naquele tempo que a gente veio conversar, a gente estava conversando, eu estava conversando com ele, estava conversando bastante e acabou que a gente ficou... fiquei com ele e tal; assim pelo fato de eu já conhecer ele há 10 anos, rolava assim, tinha uma certa confiança, eu

gostava de conversar com ele, conversava todos os dias, ele mostrava que gostava de mim, se preocupava... só que depois ele acabou me falando que não era pra me apegar a ele porque ele era uma pessoa fria – ele tinha se tornado uma pessoa fria porque ele teve uma decepção amorosa – e acabou que ele não se apegou a ninguém; ele namora, mas não fica muito tempo com a menina. Não fica, sabe? Ele é assim desapegado às pessoas, e isso me assustou um pouquinho; porque eu falei assim, antes falava até pra ele: que ninguém é igual, decepção amorosa é do ser humano, sabe? Você ter uma decepção... mas ninguém é igual. Só que ele falou que ele mesmo que se fez assim, que não consegue se apegar a ninguém... eu achei por bem parar porque eu me apego rápido às pessoas, e eu estava me apegando a ele... de certa forma, eu já tinha me apegado a ele... então, assim, pra me afastar... eu até sofri um pouquinho pra me afastar dele. Acabou que a gente voltou de novo, a gente ficou outra vez na minha casa e... eu não sei como eu vou falar isso... acabou que a gente fez... assim, foi a minha primeira vez... mas, assim, eu fiz ciente de que ele não era meu namorado, que ele não tinha nenhuma responsabilidade comigo... eu fiz porque eu estava com vontade de fazer realmente. Era uma situação que eu tinha vontade de fazer, mas eu estava com a minha consciência tranquila, sabe? Em relação a ele, que ele já tinha falado pra mim como que ele era; então foi uma vontade minha, e acabou que esses dias aí eu descobri que ele já estava com outra menina, aí achei por bem: “ah, não dá certo, não vou dar continuidade”. E parei, sabe? Não estou mais falando com ele... assim se ele falar comigo, conversar comigo, eu vou conversar normal, por educação, mas eu não vou dar continuidade a uma relação que eu vejo que não tem futuro pra mim. Eu não me arrependo do que eu fiz; eu estava consciente de tudo, mas eu preferi não dar, é... não seguir em frente com isso, por mais que, assim, eu tenha tido um sentimento por ele; achei melhor parar por aqui, sabe? Aí eu parei...

O episódio da “primeira vez”, junto com o afastamento do rapaz contava aproximadamente quinze dias no momento da nossa segunda entrevista, quando a jovem relatou a experiência. Havia certa mistura de sentimentos e me parecia que veronika precisava elaborá-los de alguma maneira. A questão que se colocava pra mim naquele momento dizia respeito às fronteiras amizade x relação amorosa. Era possível saber onde começa uma e onde a outra termina? Era, talvez, preciso “borrar” essas fronteiras.

Ao lhe perguntar sobre se o considerava como amigo, a entrevistada me respondeu:

**Veronika** – Não, porque a gente não se falava, a gente se conhecia, mas a gente tinha, assim... só pelas redes sociais que a gente era amigo em comum e tal. Aí depois a gente se encontrou e ele veio falar comigo; a gente conversou, lembrou algumas coisas, aí a gente foi conversando. Ele queria ser mais meu amigo, e eu dele. Acabou que a gente criou uma amizade. Eu sou uma pessoa que eu gosto muito das pessoas pela conversa, então, assim, a gente se falava todo dia. Então passou muito tempo, isso foi no começo do ano, a gente começou a se falar, aí eu demorei bastante pra ficar com ele e tal; e, tipo, depois ele veio me falar isso. Aí eu fiquei meio que surpresa porque se ele tivesse falado isso pra mim no começo que a gente começou a

conversar e, assim, não teria tantas expectativas, sabe? Mas depois que ele me falou isso eu meio que fiquei... não dá, fiquei com os dois pés atrás...

As palavras da jovem ilustram que não há precisão nessas definições. Há relações que transitam entre diferentes estados: entre ser amigo/a, ficar, paquerar ou namorar. Para ela o fato de ter criado “expectativas” parece ter interferido na qualidade e na continuidade da relação em pauta.

De outro ângulo, veronika parece contradizer-se. Ora afirmando que amizade e ficar (ou namoro) não são compatíveis, ora tecendo comentários sobre a paixão por um amigo “muito próximo” quando acabou “confundindo as coisas”. O trecho seguinte demonstra essa contradição:

**Veronika** – [...] se você tem a mente de “ah, é meu amigo, a gente vai ficar, mas não vai mudar nada”, vai em frente. Eu não sou assim, eu não consigo ser assim: ser amigo de uma pessoa, ficar de depois continuar aquela amizade. Nunca tive essa experiência também. Eu acho que eu mesmo me fecho; sou muito assim; me fecho, me envolvo, e acabo me afastando da pessoa. Mas eu acredito que vai muito das pessoas, se você quiser ficar com uma pessoa, é aquela famosa “amizade colorida”; você é amiga da pessoa e fica com ela, mas continua amigo, não muda nada; só muda as pessoas.

### 5.2.5 Rupturas, descontinuidades e permanências

A narrativa da entrevistada expõe marcas de amizades interrompidas. Ao mesmo tempo em que se vê como alguém comunicativa e “fácil de fazer amigos/as”, conta sobre diversas rupturas, na maior parte das vezes porque sentiu-se traída ou passada pra trás. O trecho a seguir ilustra alguns aspectos que, a meu ver, podem ter contribuído para tais vivências de afastamentos.

**Entrevistadora** – Então, eu queria começar te perguntando assim, quais são as relações mais importantes ou significativas que você foi construindo ao longo da tua vida? Assim, quem foram as pessoas que você considera que foram relações importantes e... que... seja que você traz até hoje, ou que você em algum momento já teve, que não tem mais, enfim...

**Veronika** – Bom, por eu ser uma pessoa muito comunicativa, eu faço amizade muito fácil, porém nem todo mundo é meu amigo... aquela história, eu me aperfeiçoo demais às pessoas, e acabo colocando a confiança... e as pessoas não são do jeito que eu pensava; então assim, ao longo da minha vida até hoje, eu construí muitas amizades, porém, eu também terminei muitas amizades, eu acho que, assim, a amizade que eu levo até hoje que

foi mais importante pra mim foi com a minha mãe, porque a gente não era tão amiga, minha mãe não conseguia me compreender, principalmente na adolescência, quando eu estava passando por problemas emocionais, ela não conseguia entender, pelo fato de eu me fechar tanto, então... ao longo do tempo a gente está conversando mais, e eu percebi que de todas as amizades da minha vida, que ela era minha melhor amiga, né? e minha melhor amiga até hoje; mas também eu tive outras amizades, amigas que, infelizmente, não moram tão perto de mim, então a gente acaba se distanciando um pouco, por morar em bairros diferentes... por isso que eu não tenho tanta vontade de sair de casa. Digamos que, "Ah vou na praça da... do meu bairro", não tenho tanta vontade, porque a minha relação assim de amizade, meu ciclo de amizade é... as pessoas, elas moram distante de mim, então vejo muito pouco, acho que uma vez no mês e tal. Do meu ciclo de amizade acho que uma das minhas melhores amigas é Antonia, ela mora em outro bairro, a gente se conheceu no ensino médio, então, assim, no período também que eu estava passando por problemas, ela foi uma das pessoas que mais me ajudou, que me entendeu, porque nem todo mundo entende, o fato de eu, digamos que... eu sou bipolar: uma hora eu estava feliz, conversando, mas no outro dia eu estava mais fechada, estava triste, então tinha pessoas que não entendiam isso, e ela foi assim a que mais conversava comigo, a gente conversa até hoje sobre várias coisas, em tudo que eu precisava ela estava comigo, teve momentos de eu ligar pra ela de madrugada, chorando, e ela estava ali comigo conversando, sempre que eu preciso, que eu estou com algum problema pessoal eu procuro ela, porque a gente conversa bastante, sabe?, se identifica bastante, e isso... tudo que ela precisa também, procuro ajudar, fazer o possível pra ajudar, então de todas as amizades que eu tenho, ela é minha melhor amiga, que eu posso contar pra tudo.

A sociabilidade “fácil” de Veronika não lhe garante a construção de relações de amizade – nem todo mundo é seu amigo. Para sê-lo é preciso fazer valer a confiança depositada. Tal afirmação indica a dissociação sociabilidade-amizade (FRANCH, 2010). Enquanto este primeiro elemento parece estar mais presente nos momentos iniciais de uma relação de amizade (a qual pode ir adiante ou não), a confiança e a possibilidade de compartilhar problemas (a qualquer hora) – caso da amiga Antonia – caracterizam uma etapa de maior solidificação entre amigas/os (REZENDE, 2002). Outro ponto interessante é a referência à moradia próxima ou não das/os amigas/os como fator de influência para eventuais afastamentos, o que nos remete à primeira narrativa apresentada (a jovem Rayane).

Como vimos, veronika relata não ter amigos/as no bairro onde vive. Seus amigos e amigas moram distante. Os recorrentes relatos de rompimentos com as amigas do local onde habita parecem ter interferido no modo como a jovem circula nesse território. Ou a restrição

de circulação em um espaço que sofreu mudanças recentes, a exemplo do crescimento da violência urbana, interfere na abertura para novas relações?

Em que medida apontar a mãe como “melhor amiga” (embora em outros momentos Antonia seja apontada como tal) significa recorrer à imagem primeira de segurança e à ideia de que a amizade se localiza na esfera privada, e não no espaço público?

### 5.2.6 A amizade permanente com Antonia

Na técnica do *mapa das amigas*, veronika desenha Antonia e a descreve como aquela com quem fazia planos “na adolescência”: “a gente fazia vários planos de fazer faculdade, etc. E hoje eu vejo ela muito acomodada na vida que ela leva, sabe? E isso me deixa um pouco triste”. No final do ensino médio a amiga se casou e esse fato é referido com pesar pela entrevistada. “Na época a gente tinha tantos sonhos e, assim, é uma coisa que eu não me conformo; ela ter deixado os sonhos dela, quando ela embarcou nesse relacionamento que não tem futuro”. Veronika se refere ao companheiro de Antonia como alguém machista:

**Entrevistadora** – Tu acha que ele é machista?

**Veronika** – Ele é e às vezes ele trata com um tanto de ignorância que eu olho assim e fico “como é que uma pessoa”... ela falava tanto que... não ia deixar que o marido, namorado, mandasse nela; essas coisas que a gente fala, né? Pelo fato também de eu ser mais voltada pro feminismo, e eu apoio muito... quando eu vejo isso eu fico triste, né? Pelo fato da situação que ela está vivendo e, assim, a mãe dela também, eu vejo que a mãe dela também. Se for falar alguma coisa, o fato de ela ter se casado tão nova; na época ela tinha dezesseis anos e, assim, viver um relacionamento que a gente vê que ela não tem futuro assim grande de crescer, de estudar e trabalhar e tal... como ela mesmo fala pra mim que tem vontade de fazer faculdade de moda; ela desenha muito bem... fazer faculdade de moda, de viajar... a gente fazia vários planos e hoje, pelo fato da vida dela, pelo ciclo dela de amizade...

Percebe-se nessa fala como o evento do casamento da amiga foi sentido como doloroso pela jovem, não apenas pelo afastamento de Antonia (que foi morar em outro bairro e saiu do colégio no qual estudavam), uma vez que não se encontram mais com frequência, mas, sobretudo pelas suas escolhas. O relacionamento conjugal de uma implica na dissolução dos sonhos e projetos conjuntos e parece levar a um afastamento simbólico, em que já não pode ser como antes. A despeito disso, mesmo sem se conformar, veronika conclui: “mas... assim, se é o que ela quer, não posso fazer nada...”. E a desenha enfatizando que é sua “melhor amiga”.

### 5.2.7 Imagens de amizade

Há uma tensão na maneira como a jovem concebe a ideia de amizade que parece ser atravessada por dores e frustrações. As imagens trazidas por veronika revelam um ciclo de racismo produzindo dor, isolamento e adoecimento, o que implica em amizades interrompidas e numa certa “dificuldade” em leva-las adiante.

Por fim, e por tudo isso, talvez, as imagens que parecem predominar na narrativa da jovem modelo/blogueira são confiança e respeito. O primeiro remete ao ambiente seguro da vida privada. Já o segundo parece realçar a importância do respeito às diferenças. Mais do que isso, do direito a ser diferente.

### 5.2.8 A sinceridade como marca

É em sua produção narrativa que veronika (na forma de um vídeo) vai abordar um ponto que não havia sido tocado até então. Assim como Rayane já havia chamado atenção para a característica, agora é a jovem que enfatiza o seu “temperamento” sincero. Segue a transcrição (literal) do vídeo:

#### PRODUÇÃO NARRATIVA VERONIKA

*“Oi!! Hoje eu vim falar um pouquinho pra vocês – pra você, Emília (risos) – é... minhas experiências de amizade, algumas experiências... Bom, é... eu sou uma pessoa que eu sou muito comunicativa, então assim... ao longo da minha vida eu já tive vários amigos de todos os tipos. No hoje eu posso dizer que... só permanecem comigo os meus amigos verdadeiros, que são amigos que eu conheço há mais de dez anos, que me conhecem realmente, sabem como eu sou, é... sabem do meu temperamento - porque eu sou uma pessoa que eu falo tudo na cara e, assim, nem todo mundo gosta de ouvir a verdade; então assim... eu já perdi alguns amigos por esse temperamento de... falar tudo o que eu penso, de dizer o que eu não gosto, o que eu gosto e, pra mim, essas pessoas não foram meus amigos porque amigo que é amigo quando tá errado aceita que tá errado e... escuta o outro amigo repreender a atitude, o erro... ãn... no momento é... eu tive uma... uma amiga que eu achava que era minha amiga – inclusive eu até falei dela em uma das nossas... em um dos nossos encontros, mas ela simplesmente se afastou de mim porque... eu tenho é... outras amizades, comecei outras amizades, outro ciclo diferente da minha vida, mas assim não quer dizer que eu ia me afastar dela porque eu odeio isso, assim tipo é... quando a pessoa deixa de ser amigo da outra pra...*

*é... ter uma nova amizade, entendeu? eu não sou desse tipo! Então eu não entendi, eu não entendi muito bem as atitu... a atitude dela de se afastar de mim. Então eu só desejei boa sorte. Eu não sou, eu sou uma pessoa que...eu não costumo ãn... forçar ninguém a ficar na minha vida. Então eu posso dizer que... os meus amigos... hoje o que estão comigo... os que estão comigo são os verdadeiros que... estão comigo pra tudo, sabe? Em alegria, em tristeza... compartilham comigo todos os momentos...”*

O falar tudo na cara aparece como um modo de ser que opera consolidação das relações com amigas/os ou rompimento, aqui presente a dimensão do risco no encontro com o/a amigo/a. Em suas palavras a “sinceridade” também funcionaria como uma espécie de “regulador moral”.

Quadro 3 - Síntese 2 – Veronika

<b>JOVEM</b>	VERONIKA
<b>IDADE</b>	19 anos
<b>LOCAL ONDE MORA</b>	Cabo de Santo Agostinho
<b>RELIGIÃO</b>	Evangélica
<b>RAÇA</b>	Negra
<b>BREVE SÍNTESE DAS NARRATIVAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– História marcada por racismo (“bullying”) na infância;</li> <li>– Blogueira de moda e beleza;</li> <li>– Não circula muito no bairro onde mora; relaciona-se com pessoas de outros locais, inclusive outros municípios/comunicação se dá via redes sociais;</li> <li>– Apresenta-se como “bipolar”, traz um histórico de depressão e conta que tentou suicídio;</li> <li>– Tem na vivência de transição capilar um marco de vida, uma linha divisória a partir da qual foi capaz de reconstruir-se e olhar para si mesma de um outro modo;</li> <li>– A despeito da forte influência da mãe evangélica, narra que respeita diferenças religiosas e isso se deu a partir do encontro com um amigo (gay e de religião de matriz africana);</li> <li>– Viveu muitas rupturas e afastamentos de amigos e amigas;</li> <li>– Recorre às imagens de confiança e respeito, entre outras, para dar significado às suas relações de amizade;</li> <li>– Aponta para a relação amizade x risco.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria.

### 5.3 VANESSA

O encontro com Veronika levou-me a outra jovem, também moradora do Cabo de Santo Agostinho. Vanessa, dezessete anos, branca<sup>68</sup>, estudante do ensino médio e evangélica.

### 5.3.1 Considerações biográficas

Em nosso único encontro, a entrevistada me fala sobre alguns aspectos de sua vida. Nasceu e sempre residiu na cidade. Mora com o pai e a mãe e é a mais nova e única mulher dos três filhos. Iniciaria em breve o último ano do ensino médio. Deseja cursar uma faculdade, mas tem dúvida entre as formações em psicologia e direito (vislumbra ser delegada de polícia). Demonstra muita vontade de começar a estagiar/trabalhar, mas ainda não teve esse tipo de experiência.

Seu tempo se divide entre o colégio e a participação em grupos da igreja que costuma frequentar. Também gosta de passear com as amigas; geralmente para a praia e *shopping*. Nesse dia me conta que foram em grupo ao Recife Antigo (bairro central da capital pernambucana) no último domingo.

### 5.3.2 Amizade x território

Em seu relato, em contraponto ao da amiga (segunda narrativa apresentada), percebe-se que as relações construídas se dão no próprio lugar onde vive:

**Entrevistadora** – E quem são os seus amigos? Quem são essas pessoas?

**Vanessa** – Meus amigos são do bairro mesmo, de onde moro, e de fora eu não tenho, são de lá mesmo... o único amigo que eu tenho, assim, que mora mais longe de mim é Leandro que... ele mora em Piedade... e as minhas amigas de lá do bairro onde moro é: Veronika, Dayse, tem... Bruna, tem Dayse, eu já falei?... Crislayne...

Ao mesmo tempo, corrobora com as narrativas de outras jovens sobre o território violento e inseguro onde vivem:

**Entrevistadora** – Como é morar aqui nesta região?

**Vanessa** – Morar aqui é bom, porque eu nasci aqui é... é a cidade onde eu resido desde quando eu nasci, mas... a violência aqui é bastante, é por isso que eu falei que eu cheguei um pouco atrasada em casa, porque dez horas lá,

---

<sup>68</sup> Única entrevistada branca das seis jovens.

é muito... tem assalto nos pontos aí, só de, eu acho que do dia 1<sup>69</sup> para hoje já mataram uns dez lá, e isso se torna, se torna muito violento para a gente que não tem nada a ver com este certo tipo de envolvimento, então eu acho que no mínimo, do máximo, chegando em casa oito horas é minha hora, mas...

Entrevistadora – Então essa hora que você está falando que chegou atrasada, foi por conta disso, não foi porque os seus pais estabeleceram, não? foi porque tu mesmo já fica preocupada...

**Vanessa** – Eu não saio muito não, porque meu pai ele é alcoólatra, e a minha mãe fica um pouco assim, para dizer a ele que fui para tal lugar; ele não me deixa sair, mas ela sempre me deu direito, ela sabe que eu sou jovem, e jovem tem que sair, porque eu estou começando a minha vida agora, e eu não vou deixar para “ah, não, eu só vou sair quando ela morrer”. Não! eu tenho o meu tempo com ela, porque eu convivo com ela de segunda a domingo... de segunda a domingo de novo, e eu passo todos os momentos com ela, então se algum dia alguém me chama para ir para algum lugar: "vamos para algum lugar!" se eu pedir, ela sempre deixa, ela nunca negou, dizer: "não, não vai não" só quando realmente é uma pessoa muito errada, mas que isso nunca aconteceu, porque eu nunca tive nada assim com droga, nada que envolva... nada, nada, cigarro nem nada, bebida.

As palavras de Vanessa nos ajudam a entender a tensão que parece atravessar as vidas de jovens habitantes de um território que observa impactos de um crescimento econômico desigual, produzindo violência (aumento de homicídios, aumento do tráfico de drogas na região, para citar dois exemplos) e sensação de insegurança em quem mora no local e restringindo sua circulação. A partir dos anos 1990 novos polos de crescimento no interior dos estados vivenciaram um processo de desconcentração econômica que origina a emergência de novos *locus* atrativos de investimentos, força de trabalho, migrações e oferta de emprego. Junto a isso, “as deficiências e insuficiências do aparelho do Estado e da Segurança Pública contribuem para a atração da criminalidade e da violência nesses novos polos” (WASELFSZ, 2016, p. 38).

### 5.3.3 Uso do tempo livre: a praia, o shopping e a igreja

Quanto à questão do lazer e entretenimento, a jovem afirma aproveitar as praias locais – as piscinas naturais e o *Shopping* local, como as outras entrevistadas. Além disso, conta que grande parte do seu tempo é dedicada à vivência na igreja, onde exerce a sociabilidade e onde tem amigos e amigas. Tal engajamento iniciou-se há algum tempo e ela conta que começou a frequentar a primeira igreja a partir das relações com amigas vizinhas.

---

<sup>69</sup> A conversa com Vanessa realizou-se no dia 24/01/17. A jovem refere-se ao dia 01/01 do mesmo ano.

**Entrevistadora** – Então, final de semana tu vai sempre para a igreja? E esta coisa da igreja, surgiu como? Foi uma coisa da família? Foi uma coisa tua?

**Vanessa** – Não, foi minha mesmo, eu sempre frequentei igreja, assim... logo que eu comecei a me entender por gente, quando eu tinha 11 anos, minha tia ia muito para a igreja, católica, e sempre me levava, só que eu não gostava tanto, pelo fato, e tal, porque eu sempre achei que não era uma adoração 100%, mas eu não tenho nada contra a religiosidade, nem nada, e... eu comecei a ir para uma igreja próxima de casa, e tem o meu vizinho que ele é presbítero de lá, do, da Pentecostal, e ele tem duas filhas que é a Carla e Nelinha, aí sempre que elas iam, elas me levavam; aí eu fui crescendo na igreja e tal, aí depois uma viajou, a outra casou, aí eu me separei um pouco, aí arrumei um namorado, aí fui pra uma igreja com ele, e quando a gente acabou eu decidi sair de lá, e aí fui pra Pentecostal, eu fazia Casa da Bênção, eu fazia parte da Casa da Bênção com ele... e aí quando a gente acabou...

O percurso do pertencimento a diferentes igrejas parece acontecer na medida em que vai construindo as suas relações – sejam na família, de amizade ou até mesmo de namoro, indicando certa flexibilidade nessas escolhas. Ou seja, a depender do curso dessas relações pode-se transitar entre uma ou outra instituição. E nestas é possível encontrar novos amigos e novas amigas. Vanessa participa de dois grupos na igreja em que frequenta atualmente (Assembleia de Deus Pentecostal): um de “união de adolescentes” e o outro um “grupo de exaltação” – grupo de coreografia, o qual requer horas de ensaio por semana. Além disso, participa da “escola bíblica” e dos cultos de rotina. Percebemos assim que o tempo de Vanessa é bastante tomado por essas atividades, as quais parecem ser um misto de religião e lazer/entretenimento. O que chama atenção é exatamente essa fronteira entre a pertença a uma instituição religiosa e as possibilidades de sociabilidade das jovens. Significa dizer que fazer parte de uma igreja seria uma circulação autorizada pela família (e socialmente), uma vez que seriam espaços mais protegidos? O que nos interessa é pensar esse espaço também como lugar onde as experiências de amizade (e namoro, etc.) acontecem.

Em meio ao contexto onde vive, a jovem nos provoca a pensar sobre as possibilidades de amizade na adolescência:

**Entrevistadora** – E na adolescência, essa questão da amizade, como é que...?

**Vanessa** – Olha, é bom e não é porque ser adolescente no mundo de hoje, que a gente vevi, vive, é muito difícil, porque... faltam muitas coisas para a juventude, muitos jovens se perdem em drogas, em... coisas assim que elevam... amizade, ‘ah, vamos experimentar’, essas coisas, entendesse? Não têm escolas integrais, são muito poucas, porque a única que tem aqui é o Epitácio, a única que tem aqui é o Epitácio, e eu acho que com escolas integrais seria mais fáceis de segurar jovens, de ter um certo controle da vida deles por conta que lá na cidade que eu moro são muitos meninos assim envolvidos com coisas, com... coisas erradas, mas... nunca mexeram comigo,

inclusive alguns estudaram comigo, estudaram e estudam ainda, tem um colega que ele tem 17 anos, Vicente, a menina, a namorada dele está grávida, ela tem 15 anos, ele estuda comigo. Ela não, ela faz sétima série ainda, e eu acho que isso vai... privar ela de muitas coisas, porque um filho na adolescência tem que ter, no mínimo, muita mente para suportar tudo, porque... é o começo de tudo, ela está deixando tudo para trás, tudo! de amizade a estudo, tudo ela está deixando para trás...

As palavras de Vanessa misturam ideias que vão desde a “falta de controle” do Estado sobre as vidas de jovens pobres, num entendimento de que é preciso ocupar o tempo (ocioso) dessas pessoas, prevenindo assim o envolvimento com drogas; até a ideia de que há comportamentos de risco ou “errados” como o evento de uma gravidez na adolescência. A questão que se coloca aqui é como pensar o encontro com o outro (a possibilidade de amizade) em um território em que o espaço público é tido como ameaçador e o risco da “má influência” se faz constantemente. Restaria a religião como alternativa?

A expansão do movimento pentecostal trouxe novas práticas religiosas e, mais do que isso, uma nova teologia. Para compreender a relação juventude x religião x território, concordamos com as ideias de Lanza & Silva quando afirmam que:

Ainda segundo essa perspectiva teológica, não combater o mal, isto é, o demônio, representa a vitória do caos e da desordem na vida pessoal, trazendo doenças, desemprego, brigas e separações, bem como caos e desordem no grupo social. Portanto, converter-se e receber o batismo do Espírito Santo significa a possibilidade de resistir e fortalecer-se perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. “Deus é fiel” e se torna acessível, garantindo um novo sentido às atividades rotineiras do dia-a-dia, além da satisfação religiosa que as igrejas tradicionais até então não traziam. O toque de Deus revela que mesmo os mais desprezados pela sociedade são dignos de se tornarem a morada divina (LANZA & SILVA, 2012, p. 5).

Essa possibilidade de resistência no território onde Vanessa vive, atrelada à sociabilidade que o espaço institucional da igreja oferece, devem ser levadas em consideração.

#### **5.3.4 Sentidos de amizade: uma relação “necessária”?**

Há ainda a compreensão de que as experiências com amigos e amigas são necessárias “no mundo de hoje” e podem ser atravessadas por incentivos e possíveis ajudas, enfatizando o sentido de solidariedade na relação de amizade. Em última instância o amigo é com quem se pode contar:

**Entrevistadora** – E o que é amizade pra tu, Vanessa?

**Vanessa** – Amizade pra mim é... é uma coisa que todas as pessoas necessitam, né? porque eu acho que você viver sozinha em um mundo de hoje deve ser muito difícil, porque as amizades, ela querendo ou não, ela te ajuda a alguma coisa a mais na vida, e sempre incentivam alguma coisa boa, seja boa ou ruim, mas sempre incentivam, e cabe a você querer seguir ou não. Eu tenho amigos que me incentivam: “Ó, faz uma faculdade disso!”, “Olha, abriu graduação nisso!”, é... “eu tô fazendo isso, isso aqui é legal”, entendeu?

**Entrevistadora** – E como é que tu escolhe teus amigos e amigas, assim, o que é que tu leva em consideração na hora de escolher, assim, de dizer assim “ah, esse eu acho que não vai ser colega, é alguém que eu quero pra que seja amigo e eu vou investir nessa relação”, assim?

**Vanessa** – É porque, assim, eu conheço muitas pessoas, muitas, muitas pessoas, eu sou uma pessoa que... eu não sou uma pessoa intelectual, onde eu chegar eu converso: “Oi, tudo bem?” “Tudo!” “Meu nome é Vanessa, e o teu, não sei o que...?” eu sou muito, assim, livre, entendeu? Eu converso com pessoas que eu não conheço... então, minha mãe tem até um certo medo: “Ah, não faz isso não, talvez seja uma pessoa de mal, e tal!” mas quando é uma pessoa de mal, você conhece, entendeu? E quando eu quero diferenciar uma pessoa de amigo pra colega, a conversa, vai muito pela conversa, se eu vê que esta pessoa conversou assim, assim e assim comigo, eu acho que eu deveria dar mais oportunidade, e em oportunidades, a gente percebe que essa pessoa você realmente deve confiar nela, porque eu disse que do começo ao fim, eu nunca soube nada que ela falou por aí, e... realmente é uma pessoa que eu devo confiar.

Aqui destacamos uma “capacidade” de sociabilidade da jovem, na medida em que se sente “livre” para relacionar-se com as pessoas de modo geral, no entanto é preciso saber diferenciar o/a colega (aquele que é “coisa de momento”, em suas palavras) do/a amigo/a, a partir do critério da confiabilidade no/a outro/a – assim como em todas as outras narrativas.

**Entrevistadora** – Me fala um pouquinho mais, tu já falaste um pouco, mas assim: o que é que tu considera importante numa relação de amizade?

**Vanessa** – O que eu considero importante? Eu acho que a forma de pensar de cada um.

**Entrevistadora** – O que o outro pensa é importante pra tu? Como assim?

**Vanessa** – Porque assim, como eu te falei, que incentivam coisas boas, e outras ruins, e eu levo minhas amizades por conta disso, porque uns me trazem um bem, conversam comigo para o meu bem, me ajudam no que eu precisar, se eu disser que eu estou precisando de uma palavra disso, eles sempre conversam comigo, não têm frescura, tal... não, e eu acho que... todas as minhas amizades hoje, eu não tenho o que falar assim, por conta que são pessoas que, por mim, eu levaria pro fim da vida, né? Mas quem vai dizer isso daí é o tempo, mas são pessoas sensacionais que eu posso contar a qualquer momento.

A figura do/a amigo/a remete a alguém com quem se pode contar; em quem é possível confiar.

### 5.3.5 A imagem da mãe-amiga: confiança 100%

Para Vanessa, a figura da mãe-amiga seria a imagem máxima do significado de amizade.

Entrevistadora – É... e quem é que tu considera que é teu melhor amigo ou tua melhor amiga, se eu te perguntasse assim... teria alguém que tu diria?

Vanessa – [risos] O melhor amigo eu acho que o Leandro. A melhor amiga, eu acho que minha mãe, porque é a pessoa que mais convive comigo, que me ajuda, que me incentiva, que conversa comigo, é ela... as outras eu converso, mas não o que eu converso com as outras, tudo que eu converso com a minha mãe, eu não vou conversar com qualquer amiga, entendeu? Minhas amigas que são amizades muito, muito, muito boas, mas minha mãe... é muito bom ter uma pessoa com quem você possa contar, com quem você possa dizer o que está acontecendo, o que está se passando na sua vida, e a única pessoa que eu confio 100% para dizer é ela.

Assim como nos resultados da pesquisa de Franch (2013), tal referência é bastante comum entre jovens e nos coloca a refletir sobre

[...] até que ponto é resultado de mudanças nas relações de autoridade nessas famílias, no sentido de uma maior equalização das relações de geração, ou se, pelo contrário, representa um reforço à ideologia da maternidade, sem questionar a autoridade tradicional (p.224).

Novamente a noção de que é preciso confiar pra ser amigo/a. O que podemos pensar sobre “confiar 100%” em alguém? Mais uma vez a metáfora familiar é evocada para realçar uma relação de amizade. Para Suzana Schwertner:

A família aparece como uma estrutura a repetir nas relações de amizade, espaço em que os laços de sangue produziram uma relação de amizade mais verdadeira, mais comprometida; porém, uma relação que não inclui o componente da escolha. A utilização da palavra amigo para definir a pessoa em quem se confia e com quem se pode contar parece não ser suficiente. É preciso lançar mão da metáfora familiar, mais precisamente da figura do irmão, para descrever o melhor amigo (SCHWERTNER, 2012, p. 173).

Na técnica do desenho do *mapa das amigas*, além da mãe, Vanessa desenha Leandro e Dayse. Ambos são evangélicos/as como ela, sendo que o primeiro ela conheceu via internet, enquanto que com a segunda iniciou uma amizade depois da morte do seu irmão, que era amigo da entrevistada. Desse modo percebemos que a jovem mantém um ciclo de amizade que compartilha do mesmo viés religioso que ela.

Tal integração propõe que “há a formação de um círculo de amizades que chamam de ‘família’, porque sentem que têm com quem ‘contar’, que têm amigos que estão buscando o mesmo objetivo, que fazem parte de um grupo” (LANZA & SILVA, 2012, p. 7). Essa diversidade de ofertas que o meio pentecostal oferece para atender necessidades pessoais, emocionais e existenciais faz com que a/o jovem fiel sinta-se acolhida/o e pertencente a um grupo social que a/o ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades, medos, angústias e obstáculos do dia-a-dia e do território.

Quadro 4 - Síntese 3 – Vanessa

<b>JOVEM</b>	VANESSA
<b>IDADE</b>	17 anos
<b>LOCAL ONDE MORA</b>	Cabo de Santo Agostinho
<b>RELIGIÃO</b>	Evangélica
<b>RAÇA</b>	Branca
<b>BREVE SÍNTESE DAS NARRATIVAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Estudante do ensino médio;</li> <li>– Sociabilidade na igreja: começou a frequentar por causa de amigas vizinhas/tem amigos/as;</li> <li>– Grupo de amigas no próprio bairro x violência no território;</li> <li>– Tem a mãe como melhor amiga;</li> <li>– Imagens de confiança, solidariedade, “necessidade” – o amigo é com quem se pode contar.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria.

## 5.4 ÁGATA

### 5.4.1 Aspectos biográficos

Ágata foi a quarta entrevistada das seis jovens, mas a primeira moradora de Ponte dos Carvalhos com quem tive contato. Tem vinte e um anos de idade, é negra, casada, mãe, evangélica e trabalha em uma lanchonete. Além disso, gosta muito de lutas marciais, particularmente de *jiu-jítsu*. Tem cinco irmãs e um irmão. Eram oito filhos/as com ela, mas perdeu o irmão Luís. Atualmente mora com o companheiro e o filho. Antes morava com a mãe, hoje sua vizinha. Seu pai reside em um distrito próximo.

### 5.4.2 Juventude x mudanças no território x desigualdade

Meu primeiro encontro com Ágata aconteceu no Parque dos Eucaliptos, em Ponte dos Carvalhos – distrito de Cabo de Santo Agostinho. Tal lugar foi descrito pelas jovens

moradoras como tendo sido um parque calmo e agradável em outros tempos. Atualmente é associado à falta de segurança, descuido do poder público e atos violentos. Ponte dos Carvalhos fica antes do Cabo de Santo Agostinho (sentido Recife-Suape) e guarda certa distância dos municípios estrategicamente localizados (Cabo e Ipojuca, por exemplo). Surge uma pergunta: onde ficam as promessas do empreendimento “Suape”? Cabem nesse lugar? Onde está a “Suape” prometida e onde estão suas concretizações? Foi nesse cenário que me encontrei pela primeira vez com a jovem, que, nesse dia, levou junto o filho, um bebê de colo de cinco meses chamado Luís (em homenagem ao tio morto).

A narrativa tecida por Ágata é fortemente marcada por histórias de violência que permearam a maneira como se coloca no mundo e como constrói suas relações. “Eu sou uma pessoa que pouco falo. Como o pessoal diz ‘antissocial’”.

**Entrevistadora** – E essa coisa de ser “antissocial” é uma coisa que tu estás dizendo, as pessoas dizem isso de você?

**Ágata** – As pessoas dizem... dizem que sou chata, antipática. Mas é porque eu não me sinto bem em conversar com... aqui mesmo, por exemplo, no parque, aqui às vezes eu venho passear com ele [o filho] e eu vejo que têm vários tipos de pessoas diferentes, aí às vezes eu venho passear com ele e eu vejo: tem gente usando drogas, tem relação homoafetiva, tem pessoas que gostam de rock, tem vários tipos de pessoas diferentes, e cada um fica no seu grupo.

Pensando o espaço público, na esteira de pensadores como Michel Foucault e Hannah Arendt, como o espaço das diferenças, do encontro com o outro e, portanto, da pluralidade, de construções possíveis, como observar a dimensão política da amizade em um discurso que parece ver no diferente uma ameaça? Ágata, assim como outras interlocutoras, é jovem, mulher e negra. Em que medida essas categorias de desigualdade, se as tomamos como historicamente subalternizadas, contribuem para essa sensação de medo no território?

Ao mesmo tempo na direção dos argumentos de Avtar Brah sobre a noção de diferença, podemos entender tal conceito como relacional, contingente e variável. A diferença não seria, então, necessariamente, um marcador de hierarquia e opressão e, portanto, seria uma questão contextualmente contingente apreender se a diferença resultaria em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política (BRAH, 2006). Percebo aqui um caminho de análise para pensar as questões sobre amizade apresentadas acima. É possível pensar em amizade na diferença? Admitindo que as relações entre amigas/os são relações de poder e guardam sua condição de liberdade, a amizade seria “uma relação agonística em que vigora a luta e a incitação

recíproca” (PELLIZZARO, 2015, p.124). Segundo o autor isso instalaria “jogos estratégicos”. Daí a experiência da amizade como desafio para quem entra no jogo dessa relação. Porque nele as regras não estão dadas; é “um jogo de experimentação em que somos desterritorializados da ‘normalidade’ de nossas vidas instituídas e desafiados a romper com o funcionamento harmônico da ordem social” (p.124). Portanto é preciso enfrentar a relação diferença x desigualdade x território, onde para se falar de amizade é preciso experimentar a diferença, no entanto se há desigualdade na relação já não se trataria de um/a amigo/a.

É preciso lembrar que não estamos falando de um território qualquer. Trata-se de uma região com índices<sup>70</sup> preocupantes de desigualdade e violência. Em um dado momento Ágata se põe a falar sobre a realidade de rixas existente entre Ponte dos Carvalhos x Pontezinha<sup>71</sup>:

**Entrevistadora** – Mas essa coisa dessa disputa assim que você tá falando, de gangue, de território, é sempre ligado à [tráfico de] droga?

**Ágata** – É ligado à droga. Aonde vende mais... Se lá vende mais, eles têm de matar os daqui. Semana retrasada teve um grupo de amigos que foi morto. Os meninos que vieram de Pontezinha pra cá. Teve uma festa aqui, foi festa de setembro. Foi em setembro. Não, já estava em outubro, já. Aí, no dia, mataram um menino lá em Pontezinha, daqui de Ponte dos Carvalhos. Ele foi pra lá, reconheceram ele... Eu não sei o que eles têm. Se é alguma máquina, alguma coisa que tira foto das pessoas. Sei que reconheceram ele lá, e perguntaram a ele “Você é de Ponte dos Carvalhos”? Ele disse: “sou”. Aí, mataram ele lá. Aí, veio pra cá, dois meninos. No sábado veio um, morreu, foi de Pontezinha... E no domingo veio outro, que foi no dia do aniversário dele, ele morreu também. E depois, foi um grupo de amigos. Lá em Nova Era, um bairro que tem aqui. Aqui assim, direto. Mataram três meninos de Pontezinha.

Seu relato continua, adiante, descrevendo um contexto de insegurança e medo permanentes:

**Ágata** - ...A gente sai na rua, mas a gente tem medo. Eu particularmente eu... Eu saio com meu filho, mas só de manhã. De tarde eu não saio. Até de manhã tem assalto... Aqui onde a gente está tem assalto... à noite... Na semana também retrasada, jogaram um menino aí, que estava roubando... Atiraram nele e jogaram ele aí. [...] É uma coisa assim horrível. Aqui já foi um lugar muito calmo. Esse Parque dos Eucaliptos era o ponto de todo mundo vir pra cá. A gente largava da escola, a gente vinha pra cá. Fazia uma rodinha assim, sentava, conversava, tocava música, os amigos da escola, a turma da sala... a gente vinha pra cá... com o passar do tempo começou a ter arrastão aqui dentro. Começou o pessoal a usar droga – [antes] ninguém usava droga aqui. Tinha policiamento, tinha segurança, só vinha as pessoas da escola, andava, o pessoal caminhava de manhã, fazia exercício, ia ali pra

<sup>70</sup> Ver dados nos capítulos introdutórios.

<sup>71</sup> Distritos vizinhos de Cabo de Santo Agostinho.

academia ali, só que com o passar do tempo começou a ter muito roubo, aí vinha uma galerinha de Pontezinha pra cá, começaram a roubar, fazer arrastão... é um lugar que tá pouco frequentado, eu posso dizer que tá pouco porque o número de pessoas que tá aqui não é o número de antigamente. Aí é difícil você conviver num lugar assim, como diz “área periférica”, né?

Como viver em “área periférica” e, mais que isso, conviver, abrir-se ao outro? O discurso da jovem parece revelar novamente o fracasso de uma promessa de desenvolvimento para a região e mais do que isso corrobora com a constatação de um lugar que se coloca à margem dos grandes investimentos, instaurando um tipo de sociabilidade violenta que afeta as dinâmicas juvenis em territórios de “periferia”, marcados pela desigualdade social nos centros urbanos e regiões metropolitanas.

Pesquisas sobre a região de “Suape” problematizam a grande expectativa que se criou com a chegada das novas indústrias (sobretudo estaleiro, petroquímica e refinaria), o que não vem sendo comprovado, com um número alto de desempregados/as e com o crescimento da violência urbana, através de assaltos, tráfico de drogas e homicídios. Outro aspecto a ser pontuado é a flagrante diferença de qualidade de vida entre as classes sociais, gêneros e etnias, produzidas e reforçadas por esse modelo de desenvolvimento (SANTANA DOS SANTOS et al., 2016). Como argumentamos no capítulo 1, percebe-se que o que houve/há no território configura-se mais como crescimento econômico do que como desenvolvimento, uma vez que não se investiu na melhoria de vida efetiva da população (garantia de direitos na saúde, educação, entre outros) junto com o cuidado do meio-ambiente e adequação à natureza. Houve, sim, um aumento de produção e consumo, na medida em que se observou uma aceleração do crescimento econômico. Diante dessa tensão nota-se o lugar a certa parcela da população jovem.

Para Barros *et al.* “A letalidade juvenil é uma das faces mais evidentes da transformação das margens urbanas em campos abertos onde vidas são ‘matáveis’, expostas a violências simbólicas e concretas, e suas mortes não provocam comoção” (BARROS; BENÍCIO; SILVA; LEONARDO; TORRES, 2017, p. 1060).

Nos (des) encontros vivenciados pelos jovens e pelas jovens do local onde moram, a interdição ao outro parece constituir o espaço de poder possível a estes/as em seu curto período de vida. A reflexão que nos interessa aqui é o quanto essa questão impacta nas relações desses/as jovens, sejam as de amizade, na família, na comunidade.

Segue aqui um trecho do Diário de Campo em que narro um dos encontros que tive com Ágata<sup>72</sup>: “O reencontro com a jovem foi bastante rápido. O motivo: ela ia ao velório de um amigo com quem estudou na escola. Este foi morto ‘por engano’ em Pontezinha. Mais um jovem que não resiste à violência de uma região perigosa, que não garante direitos à juventude” (Diário de Campo do dia 20/06/17). Não posso deixar de registrar minha lembrança da expressão de revolta e indignação no rosto da minha interlocutora naquela ocasião.

Quando sugeri que a jovem pensasse sobre as mudanças e impactos relativos ao projeto “Suape”, ela traz a seguinte reflexão:

**Ágata** – Mudou. Assim, sabe? Eu achei que começou a ter muita prostituição depois desse porto de Suape, porque tem várias meninas mesmo que eu conheço que saíam daqui e iam se prostituir no porto de Suape para os caras de lá, que tavam lá dentro, que não eram daqui, na verdade. Tinha ali também um lugar que foi alugado pelo pessoal da Queiroz Galvão, que era uma empresa, esse pessoal que trabalhava lá era todo da Bahia. Tinha a área do pessoal que era da Bahia. E em outro prédio tinha outra área que era de outro lugar, um exemplo, de Alagoas. Tinha 3 prédios. Aí o pessoal da Bahia... sempre você via meninas entrando lá, entrando e saindo, meninas novas. Tinha menina que nem tinha seio entrando lá pra se prostituir. Eu passava assim, ficava olhando lá e dizia “meu Deus, ninguém tá vendo isso, não?” Aí com o passar do tempo denunciaram, mas não deu em nada. E é do lado do conselho tutelar. Do lado. Era um entra e sai de mulheres ali. Homens, homossexuais, era tanta da gente que você ficava olhando. Era aquele cheiro de droga exalando no ar, você passava, você sentia. E... outra coisa também, as pessoas começaram, trouxeram uma... 50% eu acho das pessoas... das mulheres que ficavam indo pra lá, a maioria tem doença; teve uma que trabalhou comigo que a gente não sabia, mas assim, sabe? eu não tenho preconceito, não, com quem tem HIV não, ela trabalhava com a gente; ela pegou HIV com um cara que trabalhava em Suape. Ele não morreu hoje, mas ela morreu.

**Entrevistadora** – Ela morreu?

**Ágata** – Ela morreu. Ela trabalhou comigo, ela morreu acho que faz uns 4 meses atrás...

**Entrevistadora** – Que idade ela tinha? 35 anos.

**Ágata** – [...] Minha tia ela é agente de saúde, ela me deu um papel, que ela me mostrou a quantidade de pessoas daqui de Ponte dos Carvalhos que tem Aids, é um número absurdo. Absurdo. É muita gente. É muita gente. [...] Tem a ver com certeza [com o empreendimento das grandes obras]. Não tinha. Porque assim, eu convivo muito com a minha tia, ela sempre mostra os índices e tal, aí ela me mostrou, eu acho que eu tinha uns 12 anos, assim não tava tão frequentado esse posto, não. Eu vi, não era tanta gente como hoje... hoje você vê assim pessoas que estão morrendo por causa da doença, que nem sabem que têm, que nem faz nem exame de nada. As meninas novas, eu conheço uma menina que ela tem 13 anos, que ela está com HIV,

---

<sup>72</sup> Tal encontro teve o objetivo de realizar a entrega da caixa, etapa da pesquisa explicada no capítulo sobre os nossos caminhos metodológicos.

ela descobriu, tá se tratando, mas continua namorando com os homens sem camisinha, passando... e tá assim, contagiando todo mundo. Tem gente que até posta assim no *facebook* “fulana de tal tem HIV”..., a gente não sabe se é verdade, mas elas continuam aqui. Um exemplo, aqui mesmo, elas frequentam muito aqui as meninas que têm HIV porque eu conheço. Elas vivem aqui no parque... de noite pro parque se prostituir, pra pegar droga, aqui fecha de dez horas esse parque, duas horas da manhã você vê coisas absurdas nas ruas, muita gente, muito jovem usando droga, usando crack..., criança usando crack aqui dentro, eles só aparecem de madrugada, se prostituindo, os caras passam, largam do trabalho e vêm pra cá”.

Como vemos a entrevistada expõe várias informações e preocupações no âmbito da saúde das pessoas que moram na região. O conhecimento sobre mudanças decorrentes do processo de crescimento econômico aliado à experiência pessoal de perda do jovem irmão demonstra o receio das relações sociais (“com quem você se junta”):

**Ágata** – Aqui é assim, você tem que olhar com quem você se junta porque você não sabe. Principalmente jovens, como as mães dizem, que a pior fase da vida de um filho é a adolescência. Minha mãe grita isso para os sete ventos, porque meu irmão que morreu, ele não morreu de droga, né? Mas ele morreu afogado. Mas ele se envolveu muito com isso.

**Ágata** – ...eu vivo triste no mundo por causa disso, porque eu vejo assim, que o mundo ca... tá cada dia mais difícil, as pessoas tão cada dia... o amor esfriou, as pessoas não têm amor umas pelas outras, é se odiando, é brigando por coisas banais. [...] Cada co... cada dia você fica mais passada com as coisas e eu... eu cada dia fico assim, triste pra sair... sair na rua, pra levar meu filho pra passear, eu não... eu sei que eu não tenho segurança na rua porque eu posso pegar um... pegar a Rua Direita, eu posso ser assaltada, como a minha vizinha foi assaltada ontem perto de casa com uma pessoa que ela conhecia. Aí eu nnum... me entristeço às vezes por causa disso [...] Fico olhando as pessoas, passa pelas outras, assim, com... uma cara feia, sei lá, não dá um bom dia. Eu trabalho com comércio, né? E eu chego ali, dou bom dia, boa tarde, e as pessoas às vezes não respondem, as pessoas têm a capacidade de pegar o lixo, jogar na rua. Vê ali, tá ali a praça Marcos Freire é a principal praça de Ponte dos Carvalhos, tá cheia de lixo, assim, quando chove enche de água. Por quê? Não é porque as pessoas dizem, “o prefeito não faz nada”, é as pessoas que não fazem nada, as pessoas que tão contribuindo pra... o rio encher, pra... a... o...

Percebe-se, portanto, um determinado desencantamento com as pessoas e com o que se tornou o lugar onde vive.

#### 5.4.2.1 A “*má influência*” na amizade

Outro aspecto a ser destacado na construção de sua narrativa, considerando esse cenário “periférico” e ameaçador do território onde vive, é a discussão sobre as “influências”

nas relações entre jovens, que fazem pensar sobre as experimentações, os riscos, as responsabilidades. Quais seriam, então, as negociações possíveis nas relações de amizade?

**Ágata** – ...Aí assim pra mim... tem gente que fala que amizade não influencia, influencia, sim. Influencia, sim. Quem tem a mente fraca, na minha opinião, né? se você tem a mente fraca e você tá vendo que a pessoa usa droga, usa crack e você vai se juntar com ela, vai fazer o que ela faz é porque você tem a mente fraca. Eu já tive vários amigos, vários tipos de amizade, pessoas assim que eram meus amigos, mas usavam, um exemplo, droga, mas eu não ia fazer o que elas estavam fazendo porque eu tinha a minha consciência que aquilo ali não era, não tava me causando bem; eu tenho amigo que gosta de beber, que bebe bastante, mas eu não bebo, entendeu? É diferente.

**Entrevistadora** – Isso não impede que seja amigo, não?

**Ágata** – Não impede que seja amigo, mas você tem que se pôr no seu lugar, fazer o que seu coração manda, o que sua consciência manda; se você acha que você deve fumar, você fuma, se você acha que não tem que fumar, você não fume; eu penso assim<sup>73</sup>.

#### 5.4.2.2 *A família, os muros e o medo*

Assim como as outras entrevistadas, Ágata considera a confiança como o aspecto central no estabelecimento de uma relação de amizade. A questão que se coloca é como confiar no outro em um contexto marcado por histórias de violências cotidianas?

No caso dessa jovem a violência esteve presente dentro da própria casa. Ela narra que durante a infância pouco saía de casa, não tendo muitas oportunidades de construir relações com amigos/as. A infância sofrida faz Ágata articular diretamente tal experiência de sofrimento a essa “dificuldade” de se abrir a outras pessoas.

**Entrevistadora** – E na infância, o que é que tu lembra em relação à amizade, depois eu vou voltar nas amizades de hoje, mas pensando um pouco pra trás, assim, tu falasse especificamente de Caroline, né? teria assim outras pessoas, de tu menorzinha, assim, que tu lembra?

**Ágata** – Quando eu era assim menor de idade, acho que eu tinha cinco anos, eu não saía muito. A minha casa era fechada, toda fechada, tinha um muro que meu pai fez alto já pra gente não sair. Porque assim ele achava que eu não poderia ter amigas porque eu tinha minhas irmãs pra brincar. Aí minhas amigas na minha infância eram minhas irmãs, que eu brincava com elas. Fora isso, eu não lembro, não, que tinha amigos, não.

É interessante observar a partir desse trecho de entrevista que, diferentemente das narrativas de outras jovens da pesquisa, predomina aqui uma relação de contraposição – e não

<sup>73</sup> Não podemos deixar de mencionar que essa questão aparece no momento em que a jovem fala do contexto de “envolvimento” do irmão, que veio a falecer, com o tráfico de drogas na região.

de complementaridade – entre família e amizade. Ou seja, aqui as amigas são as próprias irmãs, não havendo espaço para se buscar outras relações para além dos “muros” da casa. No contexto trazido pela jovem em questão, nos parece que o que estabelece essa fronteira é a dinâmica da violência doméstica e de gênero. Tal violência limita a circulação das mulheres (jovens e não jovens) conforme se ilustra a seguir quando conta sobre as cenas de agressão do pai em relação à mãe:

**Ágata** – Se ela [a mãe] fizesse alguma coisa, já era um motivo pra ele [pai] bater nela. Se ela, um exemplo, ela saísse, fosse numa igreja, fosse visitar um parente dela, já era um motivo pra ele bater nela e buscar ela lá onde ela tava. Aí eu sofri muito e eu... porque eu sofri também porque eu... eu sou muito apegada à minha mãe até hoje. Quando era na minha infância, eu era muito apegada a ela mesmo. Eu era a filha que vivia mais grudada com ela. Minha mãe tem sete... tinha sete filhos, né? que o meu irmão morreu. – ficou seis, mas, de todos os meus irmãos, eu era a mais apegada à minha mãe, então o que ela sofria eu tava sofrendo também. Se eu visse ela chorando, eu tava chorando também, aí foi uma infância sofrida, por isso que eu sinto que eu também não tive amizade, tive dificuldade pra me... me enturmar com as pessoas, pra conversar com as pessoas, por medo mesmo.

**Entrevistadora** – Medo de quê?

**Ágata** – Não sei, acho que... eu... era um medo que eu tinha, era um trauma que eu tinha, eu não falava com as pessoas, eu tinha raiva, assim, com as pessoas, nessa hora eu pensava que todo mundo era igual ao meu pai. Aí eu não... não... preferia num conversar com ninguém, ficava só na minha, na escola, em qualquer lugar. Eu sempre fiquei, eu era, como as pessoas dizem, eu sempre era a chata das coisas. Não era por... por causa de mim, era por causa do trauma que eu tinha de infância. Só de me lembrar que o meu pai tava dando na minha mãe preferia ficar afastada de todo mundo. Quando eu saía pra rua, eu voltava logo, com medo que ele tivesse em casa e ele fosse bater nela. [...] ...porque eu vivia muito triste, aí eu não queria que as pessoas me perguntassem porque que eu tava triste, porque eu não queria falar o que aconteceu.

Os muros erguidos pelo pai “vigilante” parecem ter sido introjetados subjetivamente em Ágata, a ponto de autodefinir-se como “chata” e “antissocial”. Não era só a casa que era fechada para o exterior, para o mundo, era a jovem que era fechada à sociabilidade.

### 5.4.3 Das alianças e lutas

A despeito dessas vivências, ao tornar-se jovem Ágata pôde se lançar a outras relações para além da família e do convívio com as irmãs. Hoje o contexto de trabalho e o interesse por artes marciais permitem que ela tenha experiências de amizade para contar.

**Entrevistadora** – E em relação a essa coisa da luta [*jiu-jítsu*, MMA], tens algum amigo ou amiga da luta?

**Ágata** – Tenho uma amiga. Tenho... A gente começou junta na verdade, quer dizer eu comecei primeiro que ela, né? só que a gente ficou no mesmo grau, aí a gente começou a se ajudar, né? porque eu vivia... tinha muito homem lá e eles eram muito machistas, sempre... mulher sempre ficava por último pra lutar lá. Aí a gente começou a se unir lá e, como é que se se diz? a gente começou a dizer que a gente era igual a eles, que a gente gostava do mesmo esporte que eles, aí a gente se uniu muito, o nome dela é Regina. Ela... eu considero ela uma amiga também... amiga de lá, não amiga assim... como eu posso dizer? que a gente conversa... a gente conversava lá... como a nossa conversa só é falando sobre luta.

**Entrevistadora** – Então vocês tinham uma amizade muito relacionada àquele contexto da luta, e pelo que tô entendendo vocês se associavam um pouco pra tentar resistir a esse machismo, assim, a essa forma de funcionamento mais machista?

**Ágata** – Era.

**Entrevistadora** – E como era, assim, era uma coisa espontânea ou vocês meio que combinavam “vamos fazer alguma coisa!”?

**Ágata** – Não. Era espontâneo. Porque ela também se sentia excluída, como eu me sentia lá

**Entrevistadora** – Eram só vocês duas? Ou tinha mais alguma?

**Ágata** – Tinha mais mulheres, só que as mulheres de lá já faziam tempo que estavam lá. Já era faixa azul ou faixa roxa. E a gente tava na faixa branca ainda. Aí a gente começou a conviver, assim, e a gente foi tendo aquela conexão... de se ajudar, de também impor assim, de dizer que a gente pode também fazer o que eles tavam fazendo porque... a gente sempre ficava por último pra lutar, a gente também queria ficar pela primeira porque a gente também tava lutando, tava praticando o mesmo esporte...

**Entrevistadora** – E, portanto, vocês queriam que fosse... que tivesse direitos iguais, né?

**Ágata** – É.

A saída para enfrentar o meio misógino do *jiu-jítsu* parece ter sido uma aliança estratégica com a amiga de luta. Assim foi possível mexer com a estrutura naturalizada de que os homens teriam mais direitos do que as mulheres em quaisquer espaços.

#### 5.4.4 Trabalho, maternidade e amizade: novas experimentações

A partir das relações no ambiente de trabalho, Ágata constrói outras imagens de amizade (união, ajuda, convivência...) e nos revela sobre as “funcionalidades” diversas desses encontros. Além disso, relata o abandono por parte de algumas antigas amigas depois do período de gestação/nascimento do filho – que em suas palavras “selecionou amizades” – experiência que movimenta também o seu ambiente social. Vemos aqui a maternidade e a primeira experiência profissional como determinantes em sua forma de vivenciar novas amizades:

**Entrevistadora** – Aí hoje em dia tu considera que tem algum outro amigo, alguma outra amiga?

**Ágata** – Tenho, as pessoas do meu trabalho. Aí lá também eu fiz novas amizades [...] depois que eu comecei a trabalhar eu comecei a ter que me envolver com as pessoas, né? porque a gente trabalha num grupo e tem que ser unido, né? Aí eu comecei a ter novas amizades, e lá assim eu considero que eu tenho amizades porque foram pessoas que me ajudaram muito quando eu engravidei de Luís. Que no tempo que eu engravidei de Luís eu tinha amiga, depois que ele nasceu eu não tenho mais amiga. Só as do meu trabalho porque eu convivo com elas todo dia. Agora as amigas que eu tinha quando eu não tava grávida, eu não tenho mais...

**Ágata** – [...] ...Eu sou a mais nova do grupo, né? [...] A mais velha de lá é gerente, ela tem 37 anos. Ela é a que eu considero mais a minha amiga. Porque foi a pessoa que me ajudou mesmo, quando eu tava grávida. Me deu apoio e tal...

Do grupo de trabalho para a própria casa, ela leva a amiga Marina para o seu “círculo” de amizade. Com esta constrói um vínculo baseado em atitudes de solidariedade e a partir da experiência dessa amiga mais velha e mãe, experimentando talvez uma relação menos horizontal, na qual se pode aprender muito com a experiência da outra:

**Entrevistadora** – Ela é mãe?

**Ágata** – [sobre Marina] Sim, ela tem dois filhos. Ela me ajuda bastante com Luís, porque às vezes, quando ele está doente, eu ligo pra ela. Aí como ela já foi mãe - ela teve agora um filho recente que fez 1 ano - e quando ele está doente, chorando, que eu não sei o que ele tem, aí eu ligo pra ela. Aí ela me diz: ‘eu acho que ele está com cólica’, ‘eu acho que ele tá sentindo alguma dor de cabeça’. Aí ela me indica um remédio, aí eu dou o remédio pra ele.... Até, também, quando ele chora bastante, até, como eu sou mãe de primeira viagem, eu não sei, mas às vezes ele está com fome, ele quer água... Ele não fala, eu não sei e isso me... me incomoda às vezes. Porque eu não sei o que ele quer.

**Ágata** – [...] Ela já me ajuda, me ensina... Como eu devo dar banho nele correto, porque eu estava dando banho nele de um jeito... meio torto. Aí ela viu e me corrigiu. “Não é assim que se dá banho nele. Você tem de dar banho nele assim, segurar ele assim e tal”. Aí foi que eu aprendi. Minha mãe me ajudou muito, mas a minha mãe tem o jeito dela de dar banho, mais antigo. E o dela é mais recente.

**Ágata** – [...] Antes eu não me dava bem com ela, não. Que... uma vez ela me assustou...

**Entrevistadora** – Foi? O que foi que ela fez?

**Ágata** – Ela é gerente e como ela gritou – assim, ela não gritou, é o jeito dela de falar – aí eu me assustei. Eu era muito boba. Eu era aquela pessoa que se alguém falasse alto comigo, eu chorava. Aí, ela falou alto, do jeito dela, aí eu me assustei. Aí, eu não fui muito com a cara dela [...] Estranhei, mas depois, a gente virou amigas... Hoje, também, eu conto algumas coisas a ela... Sobre minha casa... Já é a conversa diferente daí. Eu falo muito com ela sobre minha casa. Sobre um irmão que eu tenho, que é meio problemático, sabe? Dá um pouco de, de estresse pra minha mãe. Aí, eu falo bastante com ela e tal... É a conversa que eu mais tenho com ela.

**Ágata** – E essa coisa da diferença de idade, assim, na amizade? Como é que tu pensa?

**Ágata** – É, porque assim: a diferença de idade é assim porque a pessoa mais velha, ela já é mais vivida. E a mais nova, ela está aprendendo junto com você. Por exemplo, Amélia ainda está aprendendo junto comigo. Eu casei, mas eu não sou tão vivida. Eu casei ano passado. E Marina, assim, ela já é mais vivida, ela já tem cinco anos de casada. Ela já trabalhou em vários lugares... Ela já morou em outros lugares sem ser aqui... Aí, ela já é mais vivida. Aí a pessoa que mais lhe dá conselho é a mais vivida. E a que mais lhe entende é a da sua idade.

A amizade intergeracional (Marina) tem como base algo de transmissão: por ser mais vivida é a que tem a permissão para dar conselhos. A situação apontada por Ágata corrobora com a ideia de que as amigas conselheiras são necessariamente mulheres, geralmente um pouco mais velhas que as jovens e, na maior parte das vezes, casadas e com filhos. Além disso, são tidas como “informantes idôneas”, já que exercem sua sexualidade de maneira socialmente legitimada (FRANCH, 2010). Já a amizade entre pessoas da mesma geração prevê maior cumplicidade na relação: Amélia é a que mais lhe entende. É interessante observar, portanto, o quanto as diferentes relações de amizade podem ser performatizadas a partir de aspectos como a experiência como mãe de uma amiga ou mesmo a inexperiência afetivo-sexual da outra.

Junto à Amélia, é Ágata quem ensina, a partir da experiência de mulher casada e mãe. Ao mesmo tempo esta parece tratar-se de uma amizade baseada nas trocas sobre relacionamento, sexualidade, de modo mais horizontal, onde cabe também aproveitar o vínculo pela via do lazer, dos passeios.

**Ágata** – Amélia é uma pessoa... muito importante pra mim. Porque ela tem mais ou menos a minha idade. Ela tem 23 anos, eu converso muito com ela. Assuntos assim, da nossa idade, vamos dizer, né?

Entrevistadora – Quais seriam assim esses assuntos da idade de vocês?

**Ágata** – Assim: agora eu sou uma pessoa que estou casada, né? e ela ainda não casou... [...] Já com Amélia, a gente conversa mais sobre relacionamento. Sobre roupas... As mesmas conversas que eu tinha com Caroline eu tenho com Amélia. Assim, elas são um pouco parecidas em algumas coisas.

Entrevistadora – É? No quê?

**Ágata** – Assim... elas são calmas. Porque Caroline era calma, ela me entendia; Amélia também me entende... Elas são um pouco parecidas. É por isso que eu gosto mais de conversar com ela porque também eu me lembro de Caroline.

### 5.4.5 A dor de uma “amizade quebrada”

Ágata reserva bastante tempo narrando a relação com Caroline, a “amizade quebrada”. Com ela guardava a afinidade pelo jeito semelhante de “pouco falar”, ser mais reservada. É possível perceber o tamanho do sofrimento com o rompimento dessa amizade:

**Entrevistadora** – quem são, quem você considera... quem tu considera que são teus amigos? Ou amigas?

**Ágata** – Eu tive uma amizade muito longa com uma pessoa, acho que foi quinze anos de amizade, mas a amizade acabou. Não acabou, né? é que a gente se afastou, eu fui morar em lugar diferente, e ela ficou lá. Foi uma amizade pra mim que quando a gente se afastou eu sofri muito, mas hoje, a gente pouco se fala. Eu às vezes vejo ela, ela fala comigo.

**Entrevistadora** – Ela mora onde?

**Ágata** – Ela mora em Pontezinha. É perto, né? Mas a gente se afastou, ela se casou, a amizade se esfriou, e hoje a gente é só colega, né?

**Entrevistadora** – Como foi que vocês ficaram amigas? eu queria que tu falasse assim o que fez vocês ficarem amigas...

**Ágata** – [...] o que me fez, assim, ser amiga dela, a gente começou a ser amiga, acho que foi na 1ª série, no ensino fundamental. [...] Era na escola. Aí a gente foi vivendo, vivendo, vivendo e o que me fez ser amiga dela, foi porque eu me identificava com ela, assim, eu sou uma pessoa que pouco falo. Como o pessoal diz “antissocial”. Então eu só conversava com ela, só tinha aquela pessoa na sala de aula, e isso foi ao longo da minha vida. Eu só tive amizade só com ela. Agora que a gente se separou que eu conheci pessoas diferentes, aí eu comecei a conversar mais, também depois que eu tive Luís, eu comecei a me interagir mais com as pessoas, porque eu não conversava, eu só tinha ela porque eu me identificava com ela, porque ela era igual a mim, ela também não se identificava com muita gente.

**Entrevistadora** – Tu fala igual a tu, em relação a quem especificamente? Quando tu diz que se identificava...

**Ágata** – É porque ela pouco falava também, aí a gente começou a conversar, aí só ficou uma amizade entre mim e ela. Na sala sempre foi assim, eu nunca falei muito com ninguém porque eu não me identificava com as pessoas da minha sala, só com ela.

**Entrevistadora** – Então a primeira lembrança de amizade que você tem é Caroline?

**Ágata** – É ela. Na verdade eu posso dizer que ela foi minha melhor amiga, porque em vários momentos assim da minha vida, eu tive o apoio dela. Antes da gente quebrar a amizade.

**Entrevistadora** – E o que é que tu considera assim que, de fato... porque tu falasse um pouco do namoro... do namoro dela, mas assim... quando ela come... quando tu sentisse esse afastamento, quando tu fala nessa coisa da quebra da amizade, tu fizesse alguma coisa pra barrar isso, chegasse a falar disso com ela, como é que foi?

**Ágata** – Na verdade, foi porque... o namorado dela, ele tava traindo ela, sabe? Foi eu que achei... exatamente nesse parque, sabe? Eu não achei certo ele tá traindo ela, como ele dizia que gostava muito dela, aí eu fui falar isso pra ela, como amiga dela, né? fui falar isso pra ela. Só que ela não acreditou em mim, ela acreditou nele, aí começou... a gente começou a se afastar.

**Entrevistadora** – Como foi que tu se sentisse diante disso?

**Ágata** – Eu... fiquei muito mal, eu fiquei até sem comer. Eu emagreci acho que uns cinco quilos. Porque era uma pessoa assim que eu já considerava uma irmã pra mim, pelo tempo da amizade. Aí depois disso eu fiquei um pouquinho doente, lembro que eu fiquei doente, aí tive que tomar uns remédios... assim remédio controlado mesmo.

**Entrevistadora** – Foi? Tu ficou “doente” que tu diz do quê?

**Ágata** – De sofrimento. Aí que eu conheci novas pessoas e eu comecei a... a... esquecer um pouco, né? não que eu esqueci totalmente, porque até hoje não esqueci ela; eu comecei a esquecer mais um pouco a amizade dela. Arrumei umas amigas e tal, no finalzinho da escola também fui arrumando umas amigas, aí a gente foi... eu fui esquecendo um pouco dela. Aí às vezes ela passa aqui, fala comigo, eu falo com ela.

**Emilia** – Então vocês se falam?

**Ágata** – A gente se fala, só não é mais amiga.

A amizade “quebra” a partir do namoro da amiga, trazendo luz em um ponto de tensão que se coloca quando uma amiga ou um amigo inicia uma relação amorosa. Quando as relações amorosas provocam o rompimento das relações de amizade? Que sentimentos de ameaça e disputa de espaço e atenção são acionados? Em que medida situações como essa podem decorrer de um determinado “imaginário social misógino” presente em nossa sociedade ocidental, particularmente da noção advinda do senso comum que diz da impossibilidade de se estabelecer amizades duradouras entre mulheres (MACHADO, 2017)? O sentido de “amizade quebrada” nos informaria sobre esse impedimento de continuidade da relação.

Ademais, quando Ágata diz “aí eu fui falar isso pra ela, como amiga dela...” é como se a lealdade à amiga estivesse sendo posta à prova. Quais seriam os limites dessa lealdade? Para ela tal imagem coloca o valor que é dado a essa característica nesse tipo de relação com amigas/os. Amizade pra ela é “mais importante” que o namoro. Quando lhe pergunto: “E o que é amizade pra tu?”, ela tece o seguinte argumento:

**Ágata** – Amizade pra mim é... eu acho que é uma irmã, um irmão de pai diferente, porque aí eu ainda considero amizade mais importante do que um namoro. Porque às vezes o namoro a gente acaba e pra mim uma amizade não acaba, como assim eu posso ainda voltar a ser amiga dela, eu sei que não vai ser a mesma coisa, mas eu ainda posso voltar a ser amiga dela porque foi um laço muito forte, que a gente tinha, a gente... eu dormia na casa dela, a gente saía muito... aí então, assim, acho que eu considero a amizade mais forte do que um namoro.

Em outro momento a jovem também narra a amizade mista com Fabiano, dos tempos de escola, trazendo também as tensões que se colocam decorrentes dos namoros vividos pelo amigo.

#### 5.4.6 Efeitos da religião?

Ágata postula ainda com bastante clareza a sua pertença religiosa. Evangélica, ela parece narrar as contradições de uma jovem que se vê entre prescrições religiosas e as experiências da sua condição juvenil. Ao falar da amizade com pessoas de orientação sexual diferente da sua, ela afirma:

**Ágata** – Eu acho bem diferente. Acho muito diferente, porque... como eu sou evangélica, eu fui criada no evangelho na verdade, aí eu vou muito pela palavra de Deus, a palavra primeiramente é “ame ao próximo como a ti mesmo”. Então a gente tem que amar a todo mundo, pode ser qualquer pessoa, pode ser um estuprador, um ladrão, um homossexual as pessoas condenam tanto. Eu não condeno, não, é um pecado e todo mundo tem pecado, como diz na Bíblia, não existe nem pecadinho nem pecadão. Se eu falei mal de uma pessoa, eu tô pecando, se uma pessoa matou outra pessoa, ela vai tá pecando, e isso vai dar no mesmo peso na balança de Deus. Então eu não condeno, não, mas eu acho diferente; eu tenho uma amiga que ela é lésbica, ela namora, eu falo com ela normal, eu sou amiga dela, converso com ela, mas é diferente. Porque ela tá se relacionando com uma mulher e na bíblia condena.

**Emília** – E tu diz que é diferente. É diferente o quê?

**Ágata** – Porque eu acho assim, são duas mulheres, eu acho estranho...

**Entrevistadora** – A relação dela, o fato de ela se relacionar com outra mulher, mas e vocês duas, a amizade de vocês, muda alguma coisa, o fato de ela namorar com mulher?

**Ágata** – Nada, nada, nada. Ela é mulher também, a gente conversa sobre relacionamento, ela fala do jeito dela e eu falo do meu. Tem um amigo também, ele é homossexual, ele é casado, eu amo ele. Muito. Ele é muito engraçado, a gente conversa muito, eu até já fiquei com ele já, porque ele disse que não queria mais ser homossexual, mas era mentira dele, só queria me beijar pra saber se beijar mulher era bom. Aí a gente acabou ficando... eu gosto muito dele, isso não mudou em nada, não atinge ninguém. Isso não é uma doença, não. É assim que eu penso...

Considerando aspectos da vida de Ágata aqui elucidados, podemos pensar com Lanza & Silva a respeito da articulação juventude x religião:

A complexidade do real, modificado por homens e mulheres a partir de suas ideias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, improvisações diante do medo, da alegria, da dor, da fome, da morte, da vida, nas relações de dominação e subordinação, de resistência e passividade, leva as religiões e

religiosidades a produzirem e garantirem um ethos e uma quantidade de significados que cada indivíduo tem acerca de sua experiência emocional, afetiva e espiritual, os quais são reproduzidos nas ações diárias (LANZA & SILVA, 2012, p. 4).

Quadro 5 - Síntese 4 – Ágata

<b>JOVEM</b>	ÁGATA
<b>IDADE</b>	21 anos
<b>LOCAL ONDE MORA</b>	Ponte dos Carvalhos
<b>RELIGIÃO</b>	Evangélica
<b>RAÇA</b>	Negra
<b>BREVE SÍNTESE DAS NARRATIVAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Destaca amizade com a mãe;</li> <li>– tem 5 irmãs + 1 irmão (e um irmão que morreu afogado e que era dependente);</li> <li>– Caroline: 15 anos e a “quebra da amizade”;</li> <li>– afastamento das amigas no evento do nascimento do filho (“ele selecionou as minhas amizades”);</li> <li>– mora com filho e companheiro;</li> <li>– confiança, lealdade e sinceridade são fundamentais nas relações de amizade;</li> <li>– outras imagens de amizade: união, solidariedade, convivência;</li> <li>– infância sofrida (violência doméstica) x dificuldade de socializar: medo; trauma...;</li> <li>– relação pai violento x entendimento de que todas as pessoas eram como seu pai;</li> <li>– Amélia, 23 anos: amizade próxima/calma/parecida com Caroline, “é a que mais me entende”;</li> <li>– Marina, 37 anos: a pessoa que mais ajudou no período da gravidez; mãe de dois filhos, casada, “é a que dá mais conselhos”.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria.

## 5.5 MILENA

### 5.5.1 Aspectos biográficos

Ainda em Ponte dos Carvalhos, no mesmo Parque dos Eucaliptos, conheci a jovem Milena, de 21 anos de idade, negra, estudante em um curso técnico de Enfermagem. Filha única, mora com sua mãe e seu pai. Em seu tempo livre gosta de ir à praia, ao *shopping* e ao cinema. Também de sair à noite com amigos/as para shows, para encontros na casa de algum deles/as e “para beber”.

A seguir minhas palavras no diário de campo após o nosso primeiro encontro, com algumas impressões e questões:

Hoje eu entrevistei Milena, jovem de 21 anos, moradora de Ponte dos Carvalhos. Ela topou fazer a entrevista e conversamos por mais de uma hora no parque dos eucaliptos. Encontrei uma jovem disponível, simpática e pensativa. Chamaram a minha atenção suas palavras em relação à questão da confiança nas relações de amizade; e também algo recorrente ao “mundo das drogas”/violência. É preciso sair do local de moradia pra se divertir. Lá não existe espaço pra jovens? Ou melhor, qual o espaço que é “dado” aos/às jovens para se divertir? Ao mesmo tempo percebi um certo desconhecimento (silenciamento?) sobre as questões relativas a possíveis mudanças decorrentes do empreendimento Suape. Pareceu-me que este é imensamente distante da realidade da jovem – mesmo se diz ter conhecido um “baiano” que passou um tempo lá e voltou ao lugar de origem porque estava desempregado. A entrevistada afirma ter vários amigos e amigas, mas também diz ter somente uma amiga, Maria. Sua narrativa também me fez pensar sobre as amizades mistas. Gostei do encontro e já marcamos o próximo para a semana seguinte (Diário de campo, 06 de fevereiro de 2017).

### 5.5.2 Território x confiança

Desde o primeiro momento observei que acessara uma jovem disponível e pensativa – como se estivesse a colocar-se questões a partir das minhas “provocações”. Nota-se, em sua narrativa, a percepção de que da infância à juventude ocorreram muitas mudanças em sua vida e no modo como se relaciona.

**Entrevistadora** – Bom, e na adolescência? Tu... o que é que tu lembra assim desse período um pouquinho já mais velha assim depois, onze, doze anos, assim?

**Milena** – Agora... assim, pra vista de hoje, eu não pensei encontrar amigos que eu pudesse confiar, né? porque hoje é tão difícil encontrar alguém que você possa confiar...

**Entrevistadora** – É?

**Milena** – ... é... e assim hoje a minha vida mudou muito em relação entre amizade e também tem que saber separar as coisas, nem todo mundo sabe fazer isso... mas mudou muita coisa, da infância para juventude.

**Entrevistadora** – E o que foi que mudou assim, quando tu fala isso, tu fala... o que é que tu tá pensando assim, pra eu entender melhor... mudou em relação a quê?

**Milena** – Assim... eu mudei muito... e... nunca pensei em chegar aonde hoje eu estou, né? que era sempre tá na minha área, fazer meu curso... é... antigamente eu via muito assim briga dos meus pais... com a minha mãe; hoje graças a deus, está um amor, mudaram muito... é... tenho amigos que eu posso confiar também... hoje eu sou mais liberada, porque antes o meu pai era muito rígido, não deixava muito eu sair, então... não era de sair muito, ficava muito em casa... hoje eu peço a ele, mesmo morando com ele, eu peço a ele pra sair... e saio, ele me deixa sair... mas ele é muito cuidadoso porque... hoje o tempo está muito difícil, você sai na porta de casa praticamente é assaltado, é muito... é desconfiante, né?

Aqui coloca-se uma questão semelhante a que vimos na história de Ágata: pais excessivamente “cuidadosos”, sobretudo durante a infância das filhas, e preocupados com o ambiente externo à casa. Ao mesmo tempo reedita-se a imagem da (des) confiança. Como confiar que a filha se relacione para além da família sem se expor a determinados riscos? E ao mesmo tempo como se lançar às relações com o outro nesse ambiente de inseguranças? Chegar aos dezoito anos ou tornar-se jovem (questão geracional), no entanto, possibilita maior liberdade para ganhar o mundo, porém no território em que vive e com a realidade de violência local tal mundo parece guardar no imaginário das pessoas as mais diversas violências, numa frequente associação à ameaça “das drogas”.

**Milena** – ...porque quando eu fiz 18 anos, minha mãe mesmo me disse “você está de maior, mas enquanto você viver comigo, você não vai fazer o que você quer”. Aí eu fiz “tá certo”. Aí meu pai ele faz de tudo por mim, mas uma coisa que ele me pede muito, para eu nunca decepcionar ele, então ele... hoje eu saio, mas ele fica com um pouco de medo... porque hoje assim, você sai, pra beber com os amigos, você não sabe o que vai acontecer, porque você pensa que tem amigo, às vezes não tem, porque eles pode até botar coisa na sua bebida e acontecer qualquer outra coisa, aí ele tem medo por causa disso, mas hoje... ele está mais liberal. Eu tô vivendo mais...

**Entrevistadora** – Quando ele diz, assim, para não decepcionar, tu acha que ele está se referindo a quê?

**Milena** – Eu acho que à droga... não mentir pra ele também, ele não gosta de mentira... por conta disso. É muito difícil, né? você... porque minha mãe já teve um irmão... mas hoje ele morreu, é... que era, vivia nessa vida, né? aí era muito difícil para ela... então como pra eles eu sou filha única, aí ele tem medo...

Diante do cenário de violência, uma alternativa para garantir lazer e diversão mais segura acaba sendo sair para outros lugares além do próprio bairro, incluindo praias da região, em um movimento de proteger-se do medo da violência local. A referência ao lugar “que foi bom” e “já não é mais” corrobora com as narrativas das outras jovens moradoras de Ponte dos Carvalhos.

**Entrevistadora** – E como é ser jovem aqui nessa região, assim, o que é que tu... como é ser jovem aqui?

**Milena** – É... assim... por aqui até que é bom de sair, mas... muitos não aproveitam, assim, a juventude... aqui.

**Entrevistadora** – Não aproveita como?

**Milena** – Assim eu acho que não aproveita.

**Entrevistadora** – Por quê? estão fazendo o quê?

**Milena** – Porque assim sempre quando sai um grupo de jovem - foi que da última vez eu vi - um rapaz no meio da rua começou, assim, a tirar onda com ele sem ele nem fazer nada, ele sai de dentro de casa para poder se divertir, e não pode se divertir aqui. Por isso que eu prefiro sair mais pra fora do que aqui mesmo de onde

eu moro... apesar de que quando não tem outra opção, eu saio por aqui mesmo, mas prefiro fora daqui... casa de praia, fazer coisa diferente [...] Antigamente aqui já foi bom, hoje já não é mais.

A circulação por outros territórios lhe permitiu construir laços com amigos e amigas que são alimentados em grande parte por via das redes sociais. Por outro lado, ao mesmo tempo em que considera a confiança correlata da amizade, é perceptível uma desconfiança em relação às pessoas, recorrente na fala de Milena. Daí decorrem as (im) possibilidades de fazer novas amizades na internet, por exemplo: “[...] mas eu sou muito difícil de fazer amigos pela internet, porque hoje não dá pra se confiar muito, não”. Percebe-se, então, neste caso, que o espaço da internet/redes sociais serve para manter amizades feitas nos variados “espaços físicos”, porém não funciona para a experimentação de novas amizades, em contraponto à narrativa de veronika, apresentada acima.

Há outro ponto, neste sentido, que também merece ser levado em consideração que é o discurso da família (pai e mãe) dessa jovem sobre a amizade: o que podem transmitir de ideias sobre essa questão?

**Entrevistadora** – Teus pais como é que são, assim, em relação a essa coisa da amizade assim, a tua mãe tem amigas, amigos?

**Milena** – A minha mãe e meu pai é mais caseiro... minha mãe e meu pai sempre diz que amigo... a gente não tem amigo, o amigo são eles mesmo.

Entrevistadora – Os amigos são eles dois...

**Milena** – Eles, a gente é assim, e nunca tem amigo porque tem amigo que lhe bota pra trás, entre outras coisas; e eles mesmos me diz, que a gente não tem amigo, nosso amigo são os pais... que é a única pessoa que a gente deve confiar, que amizade pode trair... e fica falando, né? é isso...

Entrevistadora – Tu acha que vem de onde essas ideias deles em relação a isso?

**Milena** – Rapaz... eu não sei dizer, viu? porque até então referente a isso, eu não sou muito de conversar com os meus pais, não, referente muito à amizade, não... eles têm, eles... assim conhece minha amizade, tudinho, às vezes quando tem alguma festa lá em casa, eu chamo... eles gostam da turma ali, né? mas... referente amizade, às vezes eles perguntam alguma coisa, outra, como aquela pessoa é, se mora por aqui, aí eu falo, mas... eu não sei da onde vêm essas ideias dele, não... não sei se é... antigamente eles já tiveram alguma decepção, algum amigo... decepcionou, que ele dá esse conselho a mim, né? aí eu não sei...

Essa transmissão geracional de (des) confiança e decepção nas relações de amizade parece erguer fronteiras que hierarquizam as relações tornando as vivências familiares mais importantes do que as de amizade. Além disso, podemos afirmar, de acordo com Rezende (2002), que cada discurso põe em jogo noções, valores e preocupações diferentes associados

às questões sociais específicas de cada contexto. Por isso os argumentos sobre amizade dramatizam angústias distintas.

### 5.5.3 A (ex) amiga

As vivências individuais fazem Milena narrar a decepção por ter vivido ela própria uma experiência difícil de rompimento com a amiga – Simone.

**Entrevistadora** – Aí eu queria começar te perguntando se tu consideras que tem alguma inimizade, que a gente falou muito das amizades, né? das pessoas que tu fosse encontrando ao longo da vida, como foi e tal, aí eu queria saber se tem alguém que tu considera que... que é assim, que não é amigo, é inimizade vamos dizer assim, é inimigo, né? que é uma palavra...

**Milena** – Rapaz... até no momento, não... que eu lembre, não... não tenho nenhuma inimizade, não; tem umas pessoas que eu converso mais, e outras menos, mas eu não tenho inimizade, não.

**Entrevistadora** – Pra tu, assim, o que é que faria uma pessoa ser tua inimiga, assim?

**Milena** – Como eu já falei... que eu tive uma amizade com minha amiga Simone, e a gente, é... se afastou por conta, por coisas que ela inventou, né? eu acho que a partir daí... eu... não estava querendo olhar pra cara dela... e tava começando a sentir ódio, eu sentia raiva, assim, naquele momento, mas depois do caso passado eu parei pra pensar e vi que não era o certo, né? então eu me afastei... mas a gente se fala só pelo *WhatsApp*, eu não falo com ela pessoalmente, só pelo *WhatsApp*... o necessário, se ela for perguntar alguma coisa, mas... isso eu considero inimizade, porque eu tinha ela como minha grande amiga, e ela me decepcionou. Eu acho que é isso...

**Entrevistadora** – E como foi assim, o que foi que ela inventou assim que tu considera que foi uma decepção?

**Milena** – Foi falar coisa de mim pra meu pai e minha mãe, coisas que não eram assim verdade... me colocando contra também minhas outras amizade que eu tinha, né? aí isso eu não gostei... então eu preferi ficar com raiva e me afastar; eu sou um tipo de pessoa que quando eu coloco uma coisa na cabeça eu não volto fácil, não! aí foi a partir daí que eu não quis mais falar com ela. Então isso eu posso considerar inimizade... senti raiva dela, senti, mas eu não quero amizade com ela mais[...] ...Isso que eu tinha amizade com ela mais de sete anos, então eu achei isso dela errado, então eu considero como inimizade.

**Entrevistadora** – E quais foram os sentimentos que essa situação assim te causaram, né? o que é que te causou assim, o que... tu falou aí um pouco de raiva, de ódio, como foi de repente não ter mais ela como amiga, né?

**Milena** – Das coisas que ela falou também, é... aí eu comecei a sentir raiva e ódio dela, né? e também outras coisas, eu não queria olhar na cara, não queria falar, ela me chamou no *WhatsApp* pra conversar, queria conversar, eu não queria conversar porque é uma pessoa que eu considerava muito, e ela não soube me considerar... e muitas pessoas chegaram pra mim pra conversar, pra dar uma chance... ver e rever tudinho direitinho, mas eu não quis saber... então toda vez que alguém vinha falar comigo sobre esse assunto, eu não queria conversar, então eu dava as costas e saía, toda vez que tocava sempre nesse assunto eu não gostava, porque... foi uma coisa que eu

não esperava, né? de um amigo assim, durante muito tempo, aí eu comecei a sentir muita raiva dela.

**Entrevistadora** – E hoje o que é que tu sentes? tem quanto tempo isso, que vocês se afastaram?

**Milena** – Dois anos... acho que uns dois anos... é... hoje o que eu sinto, assim... depois do caso passado eu até tenho vontade de falar, mas quando eu lembro das coisas que já aconteceram, então prefiro deixar quieto, se ela vier falar comigo bem, eu falo, mas eu não quero ter aquela amizade de antes, cada um no seu canto.

**Entrevistadora** – E ela falou coisas em que aspectos, assim, da tua vida?

**Milena** – Me colocando pra trás, falando coisas que era mentira, né? aí você fica mais revoltada ainda, porque se fosse verdade mesmo, se fosse verdade ela não tinha nada a ver de contar pros meus pais... aí eu achei isso dela errado.

Mais uma vez são expostas situações que fazem romper as relações de amizade. Cabe indagar sobre o risco dos encontros com amigas/os. O que pode e o que não pode na condição de amiga? Para Milena, apesar de em alguns momentos de fala considerar a possibilidade de uma reaproximação, o que Simone fez (falar mentiras sobre a amiga) é imperdoável e a torna de certa maneira inimizada. O assunto da “falsa amiga” é recorrente nos discursos de jovens mulheres sobre as relações de amizade, apontando para um claro viés de gênero. Tais afirmações remetem a certos estereótipos e padrões relativos a uma certa “incapacidade feminina para a amizade”, obedecendo uma expectativa social quanto às jovens mulheres que estariam a concorrer pela atenção masculina durante esse período da vida (FRANCH, 2013).

No entanto os relatos sobre tais fissuras nas relações com as (falsas) amigas, ainda que sejam marcados por sentimentos de raiva, ódio, dor, frustração, surpresa e decepção, parecem deixar espaço para algum tipo de rearranjo ou de reaproximação. Não é incomum que as jovens afirmem que, com o passar do tempo, seriam capazes de desculpar ou reconsiderar aquelas relações, mesmo que com algumas ressalvas. O que é interessante aqui é observar esse movimento, fazendo dessas relações algo que não é dado, predefinido ou acabado, mas passível de re-invenção.

Segundo Franch (2010), a partir de pesquisas realizadas com jovens mulheres na cidade do Recife, há um “tripé confiança-abertura-doação” eleito como uma espécie de modelo ideal para definir e hierarquizar relações de amizade entre jovens em graus e tipos: amigos/as para conversar, outros/as para sair e assim por diante. Desses elementos do “tripé”, destaca a autora, a confiança teria um peso maior do que os outros dois, de maneira que: “[...] se uma falta de solidariedade pode transformar um amigo em colega, a quebra da confiança transforma amigos, e, sobretudo amigas, em inimigos e inimigas” (p. 5). Os trechos acima

parecem sinalizar ainda uma tensão instalada na relação família x rede de amizade. Há coisas que só os/as amigos/as podem saber.

#### 5.5.4 A melhor amiga

Sobre a melhor amiga, Maria, a jovem interlocutora afirma:

**Milena** – Assim... Eu conheço muita gente, mas eu só tenho uma pessoa que eu considero como amiga... [...] ...é... por mais que... assim... eu saio com todo mundo, me divirto, mas sempre tem uma pessoa que você, que passa total confiança, e você pode chamar de amigo, então... eu só tenho uma amiga, e eu sei que eu posso contar sempre.

**Milena** – Porque assim, no momento que eu mais precisei, ela estava ali, no momento mais difícil da minha vida, então eu considere como amigo, já me passou confiança, então considero como amigo, mas a partir do momento que... assim... eu me decepcionei, então eu não considero mais como amigo, eu fico fria... agindo com aquela pessoa... é isso.

Portanto, amizade é poder confiar na outra pessoa e ao mesmo tempo contar com ela. Maria tem namorado e estava grávida no período das entrevistas, mas esse fato não parece ter afetado tal relação:

**Milena** – É... Maria, assim, ela tem namorado, né? vai ter um bebê agora e... durante esses tempo que eu conheço ela, é... ela mesmo namorando, esse... o namoro dela não interferiu em nada; a gente saía, a gente sempre conversava, eu sempre ia pra casa dela, ele mesmo estando lá, então... ali nada interferiu, assim entre a nossa amizade, né? Continuou, assim, sendo a mesma coisa... é com ela que eu tenho assim mais amizade, né? e ela tem mais amizade comigo, né? mas acho que nada interferiu entre a gente, não.

É interessante notar a disponibilidade de Milena à amiga. Em uma das entrevistas ela conta que estava esperando o momento do parto de Maria porque, como aluna do curso de auxiliar de enfermagem, iria ajudar no nascimento do filho da amiga. Chama atenção porém que, embora afirme ter apenas essa e outra relação de amizade<sup>74</sup>, a jovem parece oscilar entre a segurança e o medo diante das novas possibilidades, apontando para o caráter ambíguo e um tanto contraditório dos significados de amizade (FRANCH, 2013). Em vários outros momentos sua narrativa é marcada por situações em que estava ao redor de “amigos/as”. Em que medida o receio de seus familiares fala mais alto e proíbe tal nomeação?

<sup>74</sup> Seu *mapa das amigas* é composto por dois desenhos: Maria e um amigo.

### 5.5.5 Imagens de amizade

A diferenciação entre colega e amiga/o, portanto, enfatiza os aspectos da confiança e da disponibilidade (integral) ao outro.

**Milena** – Amizade para mim... Eu acho que amizade para mim é quando... é... aquela pessoa que passa uma confiança muito forte pra você... é... confia em você, contando os problemas, compartilhando os momentos... enfim eu acho que isso é amizade... pra mim.

**Milena** – Colega eu acho que... é aquela coisa, só aquele momento... eu não posso chamar de amigo, só coisa de momento. E... entre amigo é aquele que tá ali em todas as horas... tem essa diferença, eu acho, né?

Quadro 6 - Síntese 5 – Milena

<b>JOVEM</b>	Milena
<b>IDADE</b>	21 anos
<b>LOCAL ONDE MORA</b>	Ponte dos Carvalhos
<b>RELIGIÃO</b>	Evangélica “não praticante”
<b>RAÇA</b>	Negra
<b>BREVE SÍNTESE DAS NARRATIVAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– É estudante de Curso Técnico em Enfermagem;</li> <li>– Relata prazer ao sair com amigos/as;</li> <li>– Uma questão central é a imagem de confiança x desconfiança no aspecto relacional, provavelmente marcada pelas falas de seu pai e sua mãe;</li> <li>– Rompimento da amizade com Simone (falou “mentiras” sobre ela para os seus pais);</li> <li>– Maria é a melhor amiga: é casada e estava grávida/Milena estava aguardando para parter a amiga.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria.

## 5.6 KRISTEN

### 5.6.1 Aspectos biográficos

Essa jovem, indicada por Milena, tem vinte e um anos, também mora em Ponte dos Carvalhos, é negra, iniciou relacionamento conjugal durante o período da pesquisa de campo, e faz estágio profissional no SENAI. Meu primeiro encontro com Kristen aconteceu no aeroporto do Recife e foi descrito assim no diário de campo:

Conversei com a mesma ao telefone e ela topou se encontrar para a entrevista. De cara uma coisa me chamou atenção: como ela estuda no SENAI, em Recife, sugeriu que a entrevista fosse no aeroporto. No momento da entrevista me deixou claro que “lá” (região onde mora) “não é bom”... [...] Sentamos numas cadeiras no segundo andar e comecei a explicar

novamente o que era a proposta. O som do aeroporto chega a incomodar um pouco. Descubro então que ela participou do projeto Diálogos. [...] E então descubro uma jovem um tanto tímida, cheia de personalidade, sincera, com jeito de ser braba quando pisam no seu pé. De cara começa falando de uma discussão com seu pai e das tensões familiares. Conta-me que foi praticamente criada pela avó paterna, que foi assassinada; percebo que não há muito esclarecimento sobre o homicídio, a família preferiu “deixar quieto”... Kristen cuidou do avô e parece ter se privado de viver sua vida em função dessa obrigação/responsabilidade. A briga com o pai foi de certa maneira uma libertação nesse sentido. Atualmente o tom é outro (“acordei pra vida”; “tirei um grande peso”), assumiu as rédeas de sua vida? Quais serão os preços a pagar? Depois me fala de uma amiga (falsa?) de infância que “aprontou” com ela, coisa que descobriu recentemente. Muito interessantes as questões que ela me faz pensar. Amizade mista. Amizade e confiança. Amizade e tempo. Diz que tem 4 amigos/as: dois homens e duas mulheres. Kristen não quis fazer os desenhos [propostos por mim], mas descreveu as pessoas amigas. Saí animada do encontro com ela. À noite, recebo uma mensagem espontânea de *WhatsApp*: “Gostei muito da entrevista!” Na próxima terça nos encontraremos no mesmo local! (Trecho do Diário de Campo, 22 de março de 2017).

### 5.6.2 “Simone falsiane”: a imagem da “falsa amiga”

A mesma amiga de Milena (narrativa anterior), Simone, é apontada como “Falsiane”<sup>75</sup> por uma outra jovem entrevistada na pesquisa. Isso chamou a minha atenção e me fez buscar entender um pouco mais sobre a ideia de “falsa amiga”.

A relação com Simone é algo que a mobiliza bastante quando narra a experiência de decepção com aquela que foi a “melhor amiga de infância”. Foram criadas juntas: “Tudo junto, a gente foi criada junto também, quando eu morava com a minha avó, a minha avó ia sempre lá na casa da mãe dela”. Kristen sabe muitos segredos da amiga e, apesar de algum distanciamento, ainda mantém uma relação relativamente próxima. Parece difícil para ela definir se considera ou não Simone sua amiga:

**Entrevistada** – Hoje tu considera que ela é uma das tuas amigas?

**Kristen** – Não. Assim, já foi, né?... Mas agora não dá... ainda posso até considerar, em termo, assim... sei lá, se valer a pena, se eu ver que... sei lá,

<sup>75</sup> “Falsiane” é um **neologismo** que se popularizou na internet e é utilizado como **sinônimo de pessoa falsa** e que finge ser amiga de alguém unicamente para atingir objetivos egoístas. A palavra “falsiane” é muito comum entre os **usuários das redes sociais** (como o *Facebook* e *Twitter*, por exemplo), principalmente em tom de brincadeira entre os/as amigos/as. Uma pessoa “falsiane” é caracterizada por ser aparentemente simpática e amiga de todo mundo, mas basta se afastar das pessoas para começar a falar mal dos “amigos”. As “falsianes” também costumam fazer falsos e exagerados elogios. Esta expressão se tornou um dos “memes” mais populares da internet em 2015 no Brasil, sendo utilizada desde montagens de imagens, em músicas, vídeos e etc. Essas informações sobre tal expressão foram encontradas em *sites* não científicos na internet, porém consideramos importante para a nossa pesquisa, sendo um termo interessante de ser analisado.

nem eu mesmo sei explicar isso [...] ...Então eu tô relevando, né? tô aos pouquinhos. Mas eu digo... Eu tento... eu ainda tento saber o porquê. Mas só perguntando, né?

**Entrevistadora** – Sim.

**Kristen** – Mas eu não quero tocar nesse assunto com ela.

**Entrevistadora** – Tu não quer...

**Kristen** – Quero deixar quieto. Prefiro... deixar quieto.

A jovem me conta que recentemente ficou sabendo que a amiga ficara com um ex-namorado seu ainda na época em que namoravam. O que contribuiu para que tivesse essa percepção de Simone, embora já discordasse do modo como esta se comportava no sentido de “mentiras” em relação a seus parceiros, em uma certa desaprovação moral das atitudes da amiga. Nossa conversa continua:

**Entrevistadora** – Ela não imagina que tu saiba, não?

**Kristen** – Acho que imagina, né? mas mais ou menos, porque eu tô me afastando dela” [...] Quando ela... quando eu passo um bom tempo sem ir lá, ela diz, ‘tá sumida’, eu digo, ‘imagina’. Eu posso estar em casa, mas... ah... pronto. Eu fui lá quando? Eu fui no domingo, né? Eu vou lá, né? ver a menina (a filha)... e fui na se... na segunda feira que eu fui no postinho... [...] “...Aí eu fui com ela que ela ia dar... levar a menina pra tomar vacina. [...] Eu fui com ela, mas tipo, a gente... não falava nem no assunto, eu nem, pronto, nem procuro tocar no assunto besta que não tem nada a ver.

**Entrevistadora** – E o que é que tu acha de perguntar?

**Kristen** – Sei lá. Não sei. Não sei... eu acho que eu tenho medo da resposta.

**Entrevistadora** – Tu tem medo da resposta. Tu acha que ela responderia o quê?

**Kristen** – Sei não. Também acho que ela não iria me dizer, né? Eu [iria dizer]: “não, é mentira”. Aí eu deixo quieto. [...] Já passou, o que passou não volta mais...

**Entrevistadora** – Sim, é verdade, mas de todo modo repercutiu aí nessa relação de amizade de vocês.

**Kristen** – Machuca, né? Magoa. Você não se sente mais totalmente confiando...

Novamente, como em todas as outras narrativas, a questão da confiança é associada à amizade: “Confiança... você tem que estudar primeiramente a pessoa, como a pessoa é, se você se encaixa no nível dela... o nível, não, assim, no que... no seu dia a dia”. O que seria tal “estudo” e verificação de uma pessoa potencialmente amiga? Parece ficar claro certo distanciamento dos seus códigos e valores em relação aos de Simone.<sup>76</sup>

Em outro momento de entrevista, em que pergunto sobre a questão da “falsa amiga”, ela retoma Simone dizendo: “[...] porque é falsa... é a... compra aqui, vende ali. Compra aqui,

<sup>76</sup> Kristen relata, em tom de crítica, que a amiga mentiu sobre a identidade paterna do filho para o atual companheiro, que pensa ser o pai da criança.

vende ali. Ou senão apronta alguma coisa com você que, mais na frente, você vai ver”. Quando questiono sobre o termo “falsiane” ela coloca que há uma “moda” na internet, o que nos faz pensar sobre uma certa popularização da ideia da amizade falsa ou mesmo uma maneira bem humorada de lidar com algo frequente às relações entre amigas. Ao mesmo tempo em que parece trazer à tona a necessária crítica, feita por algumas autoras, em relação a tais construções sociais compartilhadas que acabam por disseminar A dificuldade das mulheres de serem amigas umas das outras (FRANCH, 2013, 2010; IONTA, 2007).

Para Mônica Franch, “o tema da “falsa amiga”, sobretudo, suscita um forte impacto emocional, pois diz respeito à quebra de confiança, principal elemento no modelo ideal da amizade das jovens” (FRANCH, 2010, p. 10). Por outro lado é interessante, novamente, refletir sobre os sentidos que parecem permear o imaginário das amizades entre mulheres, configurado muitas vezes em uma incapacidade feminina para esse tipo de relação (FRANCH, 2010; MACHADO, 2017; IONTA, 2007). Um resultado encontrado nesta pesquisa foi: em todas as entrevistas foram narrados episódios de decepção ou reorganização (renegociação?) de amizades, particularmente na configuração amiga-amiga. Assim como na pesquisa com as jovens na região recifense, aqui, nos perguntamos junto com Franch:

[...] podemos indagar até que ponto a repetição do tema da “falsa amiga” não se encaixa numa expectativa social sobre a juventude feminina, que enfatiza a concorrência pela atenção dos homens nesta fase da vida. Sem negar que tais conflitos possam acontecer, é possível situá-los como parte de uma mensagem pública que não fala apenas da possibilidade ou não da amizade intragênero, mas trata sobretudo de uma definição social de si a partir da disponibilidade para estabelecer parcerias afetivo-sexuais (FRANCH, 2010, p. 11).

### 5.6.3 Território e violência de gênero

O mesmo contexto, apontado como violento e vulnerável pelas outras jovens, é trazido na fala de Kristen, que conta que na infância quase não tinha amigos/as. Com a perda súbita e extremamente violenta da avó – que foi arrastada de dentro da própria casa e assassinada em sua frente quando tinha seis anos de idade – a forma como se relacionava com as outras pessoas foi marcada pela dificuldade em formar laços para além da família. Hoje já se percebe diferente – algo que ela reafirma várias vezes durante os encontros de entrevista.

**Entrevistadora** – Ao longo da tua vida, como é que foi essa coisa, assim, na infância... o que é que tu lembra, assim, das amizades?

**Kristen** – Porque eu era meio... bem fechada, eu era mais na minha

**Kristen** – Devido a tudo, né? ao... à morte da minha avó, aí... [...] Aí eu preferia ficar na minha...

**Kristen** – Falar a verdade, antes eu não conseguia nem ter af... afeto de ninguém, não conse... falar a verdade, antes eu não conseguia nem abraçar... [...] Conseguia nem... nem chegar perto. [...] Aí fui tratando aos poucos...

**Entrevistadora** – ... a forma como tu era, assim, marcava um pouco a tua relação com as pessoas, né?

**Kristen** – Oh, meu Deus, ninguém queria chegar perto de mim. Ainda lembro. Pronto, as meninas mesmo me imitando: “tu, bruta”. Eu... [...] Rakely mesmo diz, “tu era muito bruta, vi? Agora tá... menina! quanta diferença, agora tá um amor de pessoa”, [eu] digo, “tá bom, pára, pára, para”. [...] Daniel também di... também, quando eu comecei a... conheci Daniel, eu dava cada tora... assim, tá...

**Entrevistadora** – E tu acha que esse teu jeito vem... vem de onde, assim? O que foi que fez...?

**Kristen** – Tipo, foi depois que minha avó morreu, né? também, como eu... [...] ...aí eu, de lá pra cá, a coisa não me toque. Eu tinha minha dificuldade, né? Mas... aí o povo perguntava, “porque tu é assim?”, eu digo, “por nada”, eu não queria falar. Agora eu falo normal.

Aqui cabe pensar a violência de gênero (na cena do feminicídio de sua avó) de forma ampliada, na dimensão dos efeitos que gera para as outras mulheres da família, da vizinhança, da região. Qual o recado que é dado às outras que ficam vivas quando há uma morte como essa?<sup>77</sup>

#### 5.6.4 Rakely e a questão da afinidade

A amizade com Rakely, estudante de fisioterapia, se dá pela via do compartilhamento de interesses – as duas amigas costumam trocar ideias sobre livros, filmes e músicas, indicando uma forte relação de afinidade. Kristen considera que estão “no mesmo nível”. Para ela nos parece que Rakely seria um exemplo de “boa companhia” ou de amizade boa. Rezende (2002) fala da afinidade como “maneira de ver a vida”, no sentido de uma semelhança dos valores estabelecidos. Diferente da relação com Simone, com Rakely é possível compartilhar valores.

#### 5.6.5 Daniel e a “amizade colorida”

A relação com Daniel é narrada como tendo sido em algum momento uma “amizade colorida”, mas hoje a jovem o considera como melhor amigo.

<sup>77</sup> Tal crime não foi investigado porque a família não procurou denunciar. Portanto fala de um silenciamento que, certamente, atinge outras famílias da região.

**Kristen** – É. Consideração eu acho que é. [ ] Pela... pelo tempo que a gente teve, assim, saía junto, tudo... ele sempre tava presente, tipo, aconteceu também uma situação que... conversei com ele, foi a única pessoa que eu consegui falar. Foi a única pessoa. [ ] Que eu consegui falar o que aconteceu... [ ] ...comigo uma vez... Então... acho que eu considero isso, né? Nesse sentido aí, que é uma pessoa que eu sei... que realmente, eu tenho confiança nele.

Kristen refere-se a um tempo em que estudaram e conviveram juntos, vivenciando riscos e experimentando movimentar-se na fronteira entre uma relação afetivo-sexual e uma relação amiga-amigo. Assim viveram experiências consideradas por ela como transgressoras, como dizer em casa ao pai que ia fazer trabalho e ir à casa de Daniel, ocasião em que “ficaram” juntos pela primeira vez; assim como momentos de lazer em grupo, junto a outros amigos e amigas. Ao mesmo tempo a jovem destaca a relação de confiança construída com esse amigo, que propiciou que lhe contasse segredos que só ele sabe. O que significa contar um segredo a algum/a amigo/a em uma história de amizade? Qual o valor que coloca confiar (e conseqüentemente guardar) um segredo a alguém?

Kristen concebe o ano de 2013 como marco em sua trajetória de vida: “Minha história começa em 2013”. Isso está associado ao fato de ter iniciado um curso no SENAI, tempo em que conheceu pessoas novas: “Foi daí que eu consegui construir uma amizade, né? com... com Daniel, acho que foi bem... não sei. Não que o... anteriormente, tempos antes de 2013 não foram marcantes, mas eu acho que em 2013 foi o pontapé inicial”.

Outro amigo a quem a jovem se refere é da época em que cursou o ensino médio, tempo que Kristen parece guardar com zelo na memória afetiva. Ao narrar os eventos mais significativos na sua “linha do tempo”, ela conta um episódio em que fica evidente a relação entre amizade e solidariedade.

**Kristen** – [na época do ensino médio] Eu fiquei entre os três melhores no projeto de leitura

**Entrevistadora** – Foi?

**Kristen** – Fiquei a segunda, né? fiquei no segundo lugar, que ficou em segundo... o primeiro lugar foi meu colega, meu ami... assim, que é meu amigo, eu considero amigo meu

**Entrevistadora** – Sim. Como é o nome dele?

**Kristen** – O que... é Daniel. Daniel Amaral.

**Entrevistadora** – Outro Daniel.

**Kristen** – Outro Daniel [...] Eu tava em primeiro lugar, mas só que eu digo assim, eu pensei na... no lado dele... porque e... va... era o primeiro prêmio pra quem cons... conseguir ler mais livros, eu acho que era um *notebook*. O segundo... o segundo era... uma câmera digital, eu não... e ou... tinha outro negócio lá. O terceiro lugar era um... um MP tre... um MP4 sei lá... Aí eu tava no primeiro lugar, mas assim, como eu conversava com ele bastante,

que eu via que ele não tinha condições de... a mãe dele também, era bem... era desempregada, o pai dele também tava desempregado, eu digo “[sabe de] uma coisa, eu vou deixar o primeiro lugar pra ele”. Aí eu passei assim, uns...

**Entrevistadora** – Foi mesmo?

**Kristen** – ... seis di... assim, umas... uma semana sem pegar livro [...]. Aí eu, “eu vou deix... eu vou fazer isso por tu”, aí eu digo “eu não vou ficar em primeiro lugar, não, não é justo, eu vou deixar o primeiro lugar pra Daniel”. Aí o povo, “tu vai deixar o primeiro lugar pra quem, menina, pra Daniel?”, vou deixar, deixe, deixei ele em primeiro lugar” Até hoje ele me agradece. [risos]

**Entrevistadora** – É?

**Kristen** – Eu digo “mas não quero, não, eu não quero o primeiro lugar, não”. Eu... eu fico no segundo lugar.

### 5.6.6 A escrita de si e estilização da vida

Desta forma, destacamos outro ponto a respeito de Kristen: a sua relação com a escrita. Sua fala mostra que escrever é um ato de “desabafo”, quando se quer falar algo para alguém, mas não é possível naquele momento. Então passa-se ao ato da escrita. Na tristeza, na melancolia. Segundo ela, escrever não é para qualquer hora, qualquer momento. Ao mesmo tempo, afirma que não pretende escrever no período em que estamos a realizar os encontros de entrevista. Escrever dói e Kristen parece viver um momento onde busca romper com lembranças e sentimentos dolorosos.

**Entrevistadora** – E tu escreve outras coisas depois disso [conta que escreveu uma letra de música, no período do ensino médio], assim, diário, coisas só pra tu, assim? Como é isso?

**Kristen** – É muito ruim. Não sei, não. Eu já escrevi, mas não quero escrever mais não, isso não...

**Entrevistadora** – Não? Por quê? quando escreve é o quê?

**Kristen** – Sei lá, você bota tudo que você sente. [...] Tudo que você sente, o que você quer falar pra... pra alguém, você bota tudo no papel. [...] Agora acho que não vou escrever, não. Por enquanto, não. [...] Pronto, eu só... eu começo a escrever quando eu tô triste.

**Entrevistadora** – Hum.

**Kristen** – Quando eu tô numa melancolia... É melancolia, né? eu acho, que fala.

**Entrevistadora** – Sim, melancolia.

**Kristen** – Aí eu, pronto, monto tudinho, escrevo. Você imagina coi... vem coisa que você nem pensava passar, você passa. Escreve.

**Entrevistadora** – Depois tu lê?

**Kristen** – Depois...

**Entrevistadora** – Outros tempos, assim, tu lê ou...

**Kristen** – Só quando eu vou... quando eu vou... tô a fim de ver alguma coisa, né? Aí eu vou, às vezes eu nem acredito.

**Entrevistadora** – Não acredita o quê?

**Kristen** – Que foi eu mesma que escrevi.

**Entrevistadora** – É?

**Kristen** – É. Que é bem diferente mesmo. É uma coisa que, assim, do jeito que eu tô aqui, acho que eu não escrevia. [...] Mas se for uma coisa que me marque mesmo, que me toque, que... como é que se diz, tô precisando desabafar... [...] ...desabafo aí.

**Entrevistadora** – E tu mostra a alguém? Tu falou que...

**Kristen** – Não. [...] ...Rakely viu... Só... só viu essa, mas não mo... não gosto muito de mostrar, não...

Observa-se que a questão do medo na vida de Kristen parece paralisá-la diante dos desafios. Ao longo de sua narrativa relata um medo de entrar na faculdade, medo de elevador, medo de multidão. A jovem “medrosa” e “fechada pro mundo” parece encontrar na escrita uma possibilidade de entendimento e de elaboração, criação de si. É com a amiga Rakely que ela parece sentir-se mais à vontade para esse tipo de abertura.

Também é digno de nota o modo como a nossa relação entrevistadora-entrevistada/Emília-Kristen se estabeleceu. Desde o nosso primeiro encontro senti que havia algo de disponibilidade (das duas partes, talvez) e empatia entre nós duas. De acordo com os escritos dos diários de campo “percebia uma ansiedade dela em relação aos nossos encontros, um certo brilho no olhar”.

Fui até Ponte dos Carvalhos, à casa de Kristen, buscar a *produção narrativa* – que ela fez em narrativa escrita. Fui um pouco apreensiva em não acertar o lugar. Mas as coordenadas da jovem me levaram ao seu cantinho. Pra quem só se encontrava comigo no aeroporto [as três entrevistas aconteceram no aeroporto, em Recife], foi muito interessante poder conhecer sua morada. Estava com o companheiro. Fez questão que eu subisse (mora em uma laje, em um primeiro andar) e assim o fiz; conversamos, ficamos juntas um pouco. Que lugar era aquele que eu ocupava naquele momento? Voltei pensando no significado desse “chamado”... (Diário de campo, 17 de agosto de 2017).

Um tempo após a pesquisa de campo, Kristen me conta que está grávida, divide comigo a escolha do nome da filha e me convida para ir ao chá-de-fraldas que acontecerá em breve. Coloco-me a refletir sobre a potência da relação pesquisadora-jovem entrevistada. Como “analisar” tal encontro à luz de construtos teóricos e metodológicos? Quais os limites na/da produção científica?

Quadro 7 - Síntese 6 – Kristen

<b>JOVEM</b>	Kristen
<b>IDADE</b>	21 anos
<b>LOCAL ONDE MORA</b>	Ponte dos Carvalhos
<b>RELIGIÃO</b>	Não informou
<b>RAÇA</b>	Negra

<p><b>BREVE SÍNTESE DAS NARRATIVAS</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Estuda no SENAI, em Recife;</li> <li>– Amigos/as: Daniel e a “amizade colorida”, Bernardo (ex-namorado)/fronteiras amigo x namorado/rolo...); Simone (a “amiga falsa”); Rakely (afinidade intelectual);</li> <li>– Imagens de amizade: confiança, afinidade (“ser do mesmo nível”), são centrais;</li> <li>– História de violência na família/feminicídio da avó;</li> <li>– Fala muito em “ter acordado para a vida”... antes não conseguia se relacionar, se abrir ao outro, tinha dificuldade: “...ninguém queria chegar perto de mim...”/ “fechada para o mundo”;</li> <li>– Escreve quando está triste/melancolia/quando precisa “desabafar”/escrita de si e estética da existência;</li> <li>– Refere-se a muitos medos...</li> </ul>
--	--

Fonte: Elaboração própria.

## 6 ALGUMAS COSTURAS POSSÍVEIS

A partir das breves apresentações acima<sup>78</sup>, retomando a metáfora do desenho de linhas costuradas, percebemos os pontos convergentes dessas narrativas, ao passo que cada jovem apresenta singularidades em suas experiências. O quadro a seguir tem a intenção de ajudar o/a leitor/a a visualizar as aproximações e idiossincrasias das imagens e sentidos traçados nas seis narrativas.

Quadro 8 – Síntese 7 – Aspectos centrais das narrativas

ELEMENTOS PRESENTES NAS NARRATIVAS	
<b>APROXIMAÇÕES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– As jovens e os seus atos de resistência: os <i>blogs</i> de Rayane e Veronika como escritas de si; a escrita de Kristen; a questão do feminismo na prática do <i>jiu-jítsu</i> de Ágata;</li> <li>– A confiança como imagem primeira nas relações de amizade;</li> <li>– O sentido da solidariedade/ajuda mútua/o poder contar com a outra pessoa/amigo é com quem se pode contar;</li> <li>– A amiga é quem cuida, que se preocupa com a outra;</li> <li>– Amiga/o é aquela/e que passa segurança;</li> <li>– Afinidade/identificação/gostar das mesmas coisas/ter conversa/estar no “mesmo nível”;</li> <li>– Tem que haver afeto;</li> <li>– Amizade x intimidade;</li> <li>– Histórias de violência na família;</li> <li>– Histórias de opressão (por raça, por gênero, entre outros aspectos);</li> <li>– Questão da não circulação ou circulação restrita nos bairros onde moram;</li> <li>– As igrejas (evangélicas) como espaços de sociabilidade e amizade;</li> <li>– Vivências de rupturas e afastamentos de amigos e amigas;</li> <li>– A questão da “falsa amiga” x possibilidades de re-invenção;</li> <li>– Certo desestímulo por parte da família (sobretudo pais) nas experimentações de amizade;</li> <li>– A mãe como “melhor amiga”;</li> <li>– Imagem da “amiga-irmã”;</li> <li>– Lealdade x amizade;</li> <li>– Efeitos nocivos ou não da sinceridade (<i>parresia</i>) nas relações de amizade;</li> <li>– Amizades intergeracionais: Ágata e Rayane e as amigas conselheiras;</li> </ul>

<sup>78</sup> As narrativas das seis jovens trazem uma riqueza de informações sobre juventude, território e amizade, entre outras, as quais não caberiam no “espaço” de uma tese.

	– Traumas decorrentes da violência (doméstica, no caso de Ágata; feminicídio da avó de Kristen) x relações sociais restritas.
<b>O QUE É SINGULAR</b>	– Noção de “amizade herdada” (narrativa de Rayane); – Adoecimento psíquico a partir das experiências de violência/racismo/“ <i>bullying</i> ” (narrativa de Veronika); – Experiência da maternidade “selecionando” as amigas (narrativa de Ágata); – Amizade colorida (narrativa de Kristen).

Fonte: Elaboração própria.

Sendo assim, quais os sentidos, códigos e imagens produzidas pelas seis jovens entrevistadas? São comuns nas narrativas apresentadas as referências à metáfora familiar. A instituição família aparece como uma estrutura a ser repetida nas relações de amizade. São termos como a amiga-irmã ou a amiga-mãe, frequentemente formuladas para representar essa ligação em que se parecem ultrapassar as fronteiras das relações de amizade, passando a fazer parte da família (SCHWERTNER, 2012). Percebemos ainda, nas palavras de Ágata e Vanessa a atribuição da mãe como melhor amiga, remetendo a essa ideia de que somente tal como o âmbito familiar uma amizade poderia ser verdadeira. Parecem ideias condensadas entre as esferas pública e privada.

Na direção de entendimentos de filósofas/os como Hannah Arendt, ao exaltar a questão do parentesco nas relações perde-se em potencial político, uma vez que a família seria o espaço do antipolítico, não comportando a diferença e a pluralidade. Aqui cabe ressaltar que a atribuição dos discursos sobre amizade associados à família se faz muitas vezes baseando-se em uma idealização dessa imagem, distanciando-se da família real, em que nem sempre existe um casal parental (heterossexual) e seus filhos habitando uma mesma casa harmoniosamente<sup>79</sup>.

No tempo em que estive no campo<sup>80</sup> observei, nos vários encontros (físicos e virtuais) com essas jovens, uma capacidade para a amizade em movimento e uma certa “elasticidade” em relação às noções elaboradas, o que pode ser visto como fluidez do termo. Havia sempre, a cada nova comunicação, a cada novo encontro, um novo nome de amigo/a que surgia e algum daquele falado nas entrevistas ou produções que já não era mais considerado como amigo/a. Foi o caso da indicação de Vanessa por veronika. Esta não havia falado nessa amiga durante os momentos de entrevista, no entanto não hesita em indicá-la para ser entrevistada por mim quando lhe peço um nome de amiga a ser entrevistada. Algum tempo depois, na ocasião em que nos encontramos, me conta que já não eram mais amigas.

<sup>79</sup> Modelo hegemônico da família nuclear (Sarti, 2007; Fonseca, 2004).

<sup>80</sup> No capítulo onde discutimos as bases epistemológicas e metodológicas da pesquisa dissertamos sobre o tempo do campo: quando começa e quando termina?

Implica entender a amizade em movimento constante tal qual a vida. Isso nos leva a refletir sobre a questão do tempo da/amizade. Em alguns casos observaram-se amizades estratégicas, ou seja, diante de um sentimento de injustiça é possível juntar-se àquela amiga para lutar contra efeitos da desigualdade de gênero, por exemplo. Amizade em movimento, não como uma relação descartável e sim como liberdade para ser amigo ou amiga. Movimentar-se ao encontro de novas amigas e novos amigos com liberdade.

Sabemos que o campo de estudos da amizade ficou potencialmente aberto após a morte do filósofo Michel Foucault, em 1984. Pode-se dizer que essa questão permanece continuamente em movimento de construção por outros autores e outras autoras. A amizade é entendida aqui como ponto de partida, onde não há uma teoria pronta e acabada. Os estudos do próprio Foucault sugerem que a amizade pode ser concebida como relação aberta, como espaço que precisa ser inventado aos poucos com diferentes cores e gradações. Por isso “Pensar a partir da amizade é lançar o desafio para que novas formas de sociabilidade sejam possíveis, novos modos de relacionamentos possam surgir para além do modelo familiar nuclear” (PELLIZZARO, 2015, p. 122).

Em que medida podemos considerar algumas das vivências narradas aqui como experimentações políticas da amizade? Ortega (2000), em sua leitura sobre os pensamentos acerca da política de Hannah Arendt, Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, entende que as obras desses autores sugerem a recuperação do espaço público, sendo a política compreendida como atividade de criação e experimentação. Assim a amizade representaria “[...] um exercício do político, um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade, a procurar alternativas às formas tradicionais de relacionamento” (ORTEGA, 2000, p. 24). Ou seja, em que medida as narrativas das jovens apontam para aspectos dessas experimentações? Aqui destaco as vivências de veronika no que se refere à experiência de transição capilar, com tudo o que pôde viver no âmbito individual, mas, sobretudo no que se refere aos efeitos dos encontros com outras pessoas – quais sejam as que já tinham passado por similar experiência e outras que foram afetadas pelo movimento de “ajuda” de jovens mulheres (e negras) como ela, a partir das relações “virtuais” (*blog* criado junto com uma amiga; *Facebook*). É possível considerar as dimensões ética, política e estética nessas construções. A experiência de transição capilar pode ser vista como estética de si e os seus desdobramentos expõem a dimensão ético-política da relação de amizade.

Outro ponto a ser analisado é a questão do uso das mídias digitais, redes sociais, o campo da tecnologia. O *WhatsApp* como dispositivo de comunicação entre amigas foi observado em todas as construções narrativas. Pesquisas sobre amizade x tecnologia discutem

mudanças em relação às preferências por redes sociais da internet e novos modos de relacionamento (SILVA, 2016; SCHWERTNER, 2012). Praticamente todas as entrevistadas afirmaram ter “amizades virtuais”, no entanto chama a atenção que nenhum desses/as amigos/as virtuais foi colocado nos desenhos ou foi lembrado/a como melhor amigo/a – para dar alguns exemplos - nos fazendo problematizar se a “amizade pela convivência” estaria alçada a um maior grau ou um maior estatuto de amizade.

Uma questão convergente nas narrativas refere-se a situações de traição e “falsidade”. A questão da “falsa amiga” frequentemente tem a ver com não saber ou não conseguir guardar um segredo/contar um segredo a outrem. Rayane afirma que “coisas que eu contava a ela e ela saía espalhando talvez pra outras amigas, que era só pra ela, pra ela guardar e ela não guardava”. É aquela em quem não se pode confiar. Diante dessas experiências pontua-se o sofrimento que é vivido nessas situações, cabendo perguntar se a confiança seria algo inegociável nas relações entre amigas. Seria possível “reatar” as amizades fissuradas? Neste sentido tomamos como aposta as próprias entrevistas narrativas como possibilidades de elaboração dessas decepções, desses desencantos e mesmo dessas dores. É interessante retomar a articulação com a questão de um determinado imaginário impositivo de um modo de sociabilidade e relações entre as mulheres, cabendo refletir sobre o enfrentamento dessa questão. Haveria outra saída além do rompimento? Como vimos, há aí um viés de gênero relacionado à cultura ocidental que coloca em questão a “capacidade das mulheres para a amizade”. A masculinidade seria ligada à sociabilidade, ou ao espaço público enquanto que as relações entre mulheres são tomadas a partir da esfera privada, do espaço doméstico, do parentesco. Essa ideia associaria as amizades entre jovens mulheres comumente atribuídas a uma busca por encontrar um parceiro, estando, por isso, destinadas à descontinuidade e ao rompimento (FRANCH, 2010; IONTA, 2007). Ainda nesta direção, Machado (2017) faz uma leitura crítica sobre o modo como a série *Stranger Things*, produzida pela *Netflix*, acaba por reforçar imagens sobre a impossibilidade das amizades entre mulheres:

*Stranger Things*, ao optar, pela enésima vez, por reinterpretar a amizade entre mulheres como algo frágil, pelo qual não se luta, ao contrário, se repudia sempre que houver ocasião e um homem em jogo, promove uma visão misógina que afirma que as mulheres não podem confiar umas nas outras, visto que não são seres dignos de um sentimento tão nobre quanto a amizade” (MACHADO, 2017).

Porém demonstramos ao longo do texto os muitos exemplos em que as jovens negam tal estereótipo enfatizando as redes de solidariedade e convívio entre as mulheres.

Apostamos na perspectiva feminista como empreendimento político que pode contribuir para a releitura dessas “mensagens”, uma vez que se propõe uma crítica a modos de relação estabelecidos entre gêneros e, mesmo, intragênero. Todas as entrevistadas narraram experiências de ruptura/afastamento de alguma amiga, em algum momento da vida. bell hooks (2013) propõe a “solidariedade feminista”, no caso entre mulheres negras e brancas, imaginando a possibilidade de criação e invenção de novos modelos de interação que possam ir além dos modos como se convencionou estabelecer essas relações entre mulheres (muitas vezes de servidão da parte da mulher negra) ao longo da História. Para isso diz que é necessário que as mulheres negras explorem o seu apego coletivo a uma raiva e ressentimento contra as mulheres brancas. Para que assim surja espaço para “investigar possibilidades de transformar a raiva interiorizada numa energia construtiva e autoafirmativa” (p.147), possibilitando a resistência à dominação das mulheres brancas e forjando laços com estas. “Abrindo mão de parte da mágoa, poderemos criar um espaço para o contato corajoso, sem medo nem acusações” (p.147). Propomos pensar, então, em uma amizade feminista, que ative novos modos de se relacionar, sobretudo entre mulheres amigas, possibilitando estratégias de convivência e até mesmo de resistência nos territórios onde vivem as mulheres jovens.

Daí coloca-se outro ponto comum às narrativas de Rayane, veronika, Vanessa, Ágata, Milena e Kristen que foi a questão de uma restrição de circulação (subjetivamente imposta) das jovens no espaço público, decorrente das evidentes ameaças de violência e desigualdades sociais próprias do território Suape.

O aspecto da confiança, tão recorrente nas narrativas, parece colocar em evidência também certa expectativa de segurança nas relações, algo que justamente se afastaria da perspectiva do risco e da imprevisibilidade da amizade, discutida ao longo da pesquisa. É interessante pensar que o movimento da amizade a coloca entre expectativas de modos tradicionais de vivenciá-la ao mesmo tempo em que pudemos perceber a abertura à novidade e à diferença entre as narrativas estudadas. Ocorre que mais do que diferença, observamos situações de desigualdade nas relações vividas pelas jovens no território “Suape”: racismo, misoginia, violência doméstica são alguns exemplos.

Conforme argumentamos anteriormente este é um estudo sobre amizade no campo da psicologia e se articula ao tema da juventude em uma dimensão macropolítica – em que foram considerados os discursos do crescimento econômico, em uma perspectiva biopolítica de governo das jovens e de suas práticas sociais e em uma dimensão micropolítica – em uma perspectiva ético-política e estética na qual é compreendido o risco de dizer a verdade

(parresía) na experimentação da relação de amizade; o risco dos incômodos, dos deslocamentos, dos descentramentos, do mal-estar.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convido bell hooks (2013), através da força que tem a sua narrativa, para iniciar a tecer os comentários finais da pesquisa: “Confio em que as mulheres têm capacidade (desenvolvida em relações interpessoais em que confrontamos as diferenças de gênero) para criar um espaço produtivo para o diálogo crítico da dissidência ao mesmo tempo em que expressam emoções intensas” (p.148). Percebo nas palavras da ativista e feminista que há uma aposta na potência da relação que se constrói na diferença, no contraponto, na assimetria. Assim como buscamos trazer à tona as dimensões ética, política e estética das relações de amizade. Concordo com o argumento de Pellizzaro (2015) que vê na amizade a “melhor relação de poder” do ponto de vista ético. Amizade como incitamento recíproco:

[...] ela é uma grande experiência humana na qual cada um é estimulado a cuidar de si por meio da experiência do encontro, numa relação agonística, de luta, de confronto, mas, ao mesmo tempo, numa relação em que cada um dos amigos ganha, porque é marcada pela troca de afetividade, de conhecimentos, extrapolando assim os padrões de relacionamentos institucionalizados de nossa sociedade (p.124).

A liberdade possível nas relações de amizade, a perspectiva narrativa e a ancoragem em uma epistemologia feminista me permitiram pensar (e fazer) a escrita da análise das entrevistas e produções das jovens mulheres com as quais me encontrei como uma narrativa mais livre, com menos amarrações categóricas e deixando fluir um ritmo trazido pelas próprias entrevistadas. Desse modo, optei por apresentar as narrativas de si a partir dos trechos e pontos que dialogavam mais diretamente com as nossas questões de pesquisa. Os entrelaçamentos dos conteúdos narrados nas entrevistas e nas produções das jovens se misturam propositalmente com as minhas próprias construções narrativas (fragmentos dos diários de campo e íntimo) no intuito de me fazer parte da tessitura final do texto.

Distanciando-me da posição ilusória de que na conclusão de um trabalho é preciso revelar verdades, me proponho a fazer uma tentativa de fechamento desta escrita dispondo de alguns pontos de reflexão os quais serão, em maior ou menor grau, comentados.

Sobre os efeitos do “encontro geracional” em mim, destaco a minha disponibilidade para aprender com as jovens ao mesmo tempo em que aponto para uma esfera estética da pesquisa, em que pese as possibilidades de criação e experimentação. Uma vez convidadas Rayane, Veronika, Vanessa, Ágata, Milena e Kristen aceitaram inventar outros modos de relação pesquisadora-interlocutora, recusando preceitos de neutralidade, distanciamento, entre outros. Como redigir a beleza de falas e textos que chegaram aos meus olhos e ouvidos? Como transcrever a força, a esperança, o senso de coletividade e (por que não dizer) as relações de amizade que me foram dados/as viver nesse tempo de doutoramento?

E a questão do tempo na/da produção de uma tese? O que cabe em uma pesquisa? Aqui assinalo a sensação de falta que nos habita ao finalizar uma caminhada desta natureza. A serviço de quem (ou do que) estamos trabalhando? Quais as implicações que nossos estudos têm na vida das pessoas neles envolvidas?<sup>81</sup> O que concretamente queremos transformar com o conhecimento que produzimos? Por que (e para que) fazemos pesquisa? Essas e outras questões fazem sentido quando empreendemos a uma reflexão ética sobre as nossas próprias produções (CORDEIRO, FREITAS, CONEJO e DE LUIZ, 2014).

Um aspecto a ser comentado, a partir das narrativas aqui expostas, é que ainda que predominem imagens e compreensões ancoradas em um modo de pensar as relações de amizade pautadas na intimidade, fraternidade, familiaridade, afinidade, abrem-se espaços de liberdade para que as jovens experimentem outros modos de relações intersubjetivas. Talvez essa discussão sirva para que possamos olhar para elas como atrizes da sua história; podendo cada vez mais, quem sabe, viver experiências de amizade livres, originais e potentes.

Nesse sentido e nos termos de criação, invenção e experimentação me autorizo a apresentar minha “ode à amizade” – tentando contribuir para a discussão de modo a fomentar o respeito em torno dos diversos modos de existir: seja em família, na “solidão”, em grupos de amigos/as, em relações homoafetivas, entre tantas outras possibilidades. Estaríamos diante do caráter utópico da amizade? Democratizá-la é pensar sobre a produção de diferentes modos de ser feliz e que sejam estes para todos e todas.

Dito isso, antes de terminar esta narrativa, tecida junto a tantas outras, proponho três modos de pensar a amizade, preenchendo o espaço aberto das produções nessa área. Reitero

---

<sup>81</sup> Acredito que os encontros com as jovens nesta produziram efeitos políticos de reflexão sobre suas experiências de amizade, uma vez que a partir das suas falas puderam olhar diferente para eventos passados e situações de fissuras e distanciamentos das amigas. A partir daí foi possível se perguntar se poderiam ter agido de outro modo, talvez, o que as levaria a reinventar relações intersubjetivas.

que tais “resultados” devem funcionar muito mais como chaves de análise – com possíveis desdobramentos - do que como “verdades absolutas”.

Um ponto que chamou a atenção desde os primeiros encontros com as jovens foram as “semelhanças” entre as entrevistadas. Significa dizer que, além de viverem em um mesmo território (de crescimento econômico), suas narrativas muitas vezes se aproximavam quanto aos aspectos de raça (das seis cinco são negras), religião (das seis cinco são evangélicas), além de classe e geração. Durante o processo de pesquisa foi ficando evidente, portanto, o quanto esses “cruzamentos” exerciam efeitos na maneira como se lançavam ou evitavam as relações sociais e de amizade. Isso nos levou a pensar sobre a questão da interseccionalidade enquanto um “achado” de pesquisa e não como um recurso metodológico. Quero enfatizar a “multidimensionalidade” das experiências vividas por sujeitos/as de certa forma marginalizados/as ou oprimidos/as. Interseccionar as dimensões que marcam as condições dessas jovens nos ajudam a evitar generalizações sobre um ou outro assunto.

O segundo ponto que quero propor é, como dissemos antes, o aprofundamento da relação amizade x feminismo que, certamente, poderá suscitar novos estudos. A aposta na amizade entre jovens mulheres. E também entre estas e jovens homens. Evitando a reprodução (machista) de algumas imagens, como disputa e rivalidade entre mulheres; ou como a impossibilidade de amizades mistas. Penso que o fortalecimento de uma psicologia feminista crítica pode promover estudos nessa direção. Segundo Michelle Fine:

um olhar crítico sobre o poder e o gênero, embora não seja apenas sobre gênero. Ele se torna um espaço reservado para interseccionalidade, para pensar sobre a subjetividade, sobre as políticas e epistemologias subalternas. Eu acredito que, desde o princípio, a psicologia feminista contribuiu ao tratar de conteúdos tais como a violência contra as mulheres, as creches, a reprodução, o aborto e a sexualidade. Atualmente, um olhar realmente crítico emergiu para estudar o poder, os métodos, as epistemologias e a relação entre políticas e ativismo. Dessa maneira, acredito que este é um importante espaço privilegiado. A psicologia feminista é diferente da sociologia feminista ou do feminismo porque estamos interessados/as nas subjetividades, nos relacionamentos e ações, bem como nas teorias feministas (ADRIÃO, 2015, p. 481).

Nesta pesquisa considero que foi possível atestar a capacidade das mulheres para o exercício da amizade; daí o enfrentamento da questão.

O que me leva ao terceiro propósito: a ideia de olhar para a amizade entre jovens como uma noção que se movimenta (no tempo, nos desejos, nas contradições). “[...] amizade como território movediço, plástico, moldável” (IONTA, 2007, p.213). Não podemos esquecer que

durante muito tempo, no discurso dos filósofos, esta não era possível entre as mulheres. Desta maneira falar de amizade é sempre falar de um ponto de vista, de um espaço que não é previamente regrado. Daí seu caráter inventivo.

No que concerne ao território “Suape”, não podemos desconsiderar o aspecto de denúncia que as narrativas produziram. Denúncias sobre o que significa ser mulher na região estudada: as violências sofridas pelas mães, avós e, em alguns casos, a elas mesmas. Sobre racismo, misoginia. Denúncias sobre a violência contra a população jovem masculina negra. Denúncia sobre o fracasso da promessa de melhorias de vida para a juventude local, tão propagada no período das grandes obras.

Como ponto final, considero que um tema de pesquisa que nos encanta e seduz não se encerra com o fim de um trabalho acadêmico, seja ele qual for. É por isso que afirmo que o interesse pelos estudos da amizade apenas iniciou-se neste estudo, sendo meu desejo continuar investigando essas relações.

Retomando bell hooks, quando for possível criarmos esse espaço entre mulheres (feminino) e “valorizar a diferença e a complexidade, a irmandade feminina baseada na solidariedade política vai passar a existir” (2013, p.149).

## REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Karla Galvão. Feminismo, psicologia e Justiça Social: um encontro possível? Uma entrevista com Michelle Fine. **Revista Psicologia e Sociedade** – UFRGS. Porto Alegre, v.3 n.27, 2015 p.479-486.
- AGUIAR, Odílio Alves. A amizade como *amor mundi* em Hannah Arendt. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 19, n. 28, p. 131-144, dec. 2010. ISSN 0104-6675.
- ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. p.129-143
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade. **Estudos feministas**, Florianópolis 21 (2): 336, maio-agosto, 2013.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. 1º semestre 2000. p.229-236
- ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de. (Orgs). **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 265-280.
- AREVALO, Amaral Palevi Gómez. *Análise: Juventude de risco – o estigma dos jovens em El Salvador*. 2014. Disponível em: <<http://grupoamericacentral.wordpress.com/2014/11/02/analise-juventude-de-risco-o-estigma-dos-jovens-em-el-salvador/>>
- AZEVEDO, D.G. Hannah Arendt e o amor ao mundo: a amizade, a coragem e o respeito. **Thaumazein**, Ano VII, Número 13, Santa Maria (Julho de 2014), p. 89-96.
- BACELAR, Rafael Prosdocimi; CASTRO, Lucia Rabello. Modos de subjetivação de jovens em um território de conflito socioambiental. **Psicologia & Sociedade**, 28(3), 463-472.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 89-117.
- BAPTISTA, Tatiane Alves. Fragilidades da Política Pública para a Juventude em Face dos Agravos da Questão Social. Em: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues;
- BERNARDINO-COSTA, Joaze & GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2ª ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei Federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), p.329-376, 2006.

BURGOS, M; CANEGAL, A.C. entrevista com Lúcia Rabello de Castro. Desigualdade e Diversidade – **Revista de Ciências Sociais da PUC RIO**. Rio de Janeiro, n.15.p. 161-187, jul/dez. 2015

CASSAB, Clarice. **O lugar da juventude**: espaço-temporalidades da noção de juventude. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007.

\_\_\_\_\_. MENDES, Juliana Thimotéo Nazareno. **Juventude e seus territórios usados**: um estudo em Campos dos Goytacazes. V Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís, Maranhão: 2011. Disponível em <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Jornada-Maranhao.pdf>>

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Muller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Oman Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

CASTRO, Lucia Rabello de. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In \_\_\_\_\_ (org.). **Crianças e Jovens na Construção da Cultura**. Rio de Janeiro: Nau/FAPERJE, p. 19-46, 2001.

\_\_\_\_\_. Subjetividades públicas juvenis: a construção do comum e os impasses de sua realização. *Estudos de Psicologia*, 21(1), janeiro a março de 2016, 80-91

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da ‘invenção do outro’. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

CERQUEIRA D. *et al.* **Atlas da Violência 2017**. IPEA. N.18, Rio de Janeiro: junho de 2017.

CORDEIRO, Mariana; FREITAS, Thiago; CONEJO, Simone & DE LUIZ, George. Como pensamos ética em pesquisa **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas / Mary Jane Paris Spink; Jacqueline Isaac Machado Brigagão; Vanda Lúcia Vitoriano do Nascimento e Mariana Prioli Cordeiro, organizadoras. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual).

COSTA, Claudia de Lima. Feminismos descoloniais para além do humano. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

DA SILVA, Flávio José Rocha. O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar. **Revista Pegada** – vol. 17 n.2 170 Dezembro/2016

DIAS, L.R.R. **A assessoria jurídica universitária em direitos de gênero como uma estética da amizade**, 2011. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FEIXA, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Política & trabalho Revista de Ciências Sociais* n. 31 Setembro de 2009 - p. 13-28

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. Estudos subalternos: uma introdução. **Raído**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 83-92, jan./jun. 2010.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos V).

\_\_\_\_\_. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal *Gai Pied*, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf> acesso em: maio de 2015

FRANCH, Mônica. Amigas, colegas e “falsas amigas”. Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. *Sexualidad, Salu y Sociedad. Revista Latinoamericana*: n 4 2010, p. 28-52 Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/rt/printerFriendly/205/374> acesso em: 24 de ago. 2015

\_\_\_\_\_. “Moça é lugar de moça, mulher é o lugar de mulher”. Amizade e iniciação sexual entre mulheres jovens de grupos populares. **Juventudes em trânsito**: a iniciação sexual em debate. Mônica Conrado (org.) – Belém: Paka-Tatu, 2013. 282p

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395-403, jul./dez., 2013.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**. n.13: 149-153, 2005

GOMES, L.G.N. **Semânticas da amizade e suas implicações políticas**. Familiarismo e alteridade entre amigos nas classes populares. 2005. 216 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela internet**. 2010. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GOMES, L. G. N. & SILVA JUNIOR, N. (2014). Experimentação política da amizade na internet. **Psicologia & Sociedade**, 26(2), 384-396.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. v.5, p.07-41, 1995.

HEUER, W. Amizade política pelo cuidado com o mundo: sobre política e responsabilidade na obra de Hannah Arendt. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 46, p. 91-109, 2007. Editora UFPR Available from: <[https://www.researchgate.net/publication/274171328\\_AMIZADE\\_POLITICA\\_PEL\\_O\\_CUIDADO\\_COM\\_O\\_MUNDO SOBRE POLITICA\\_E\\_RESPONSABILIDADE\\_NA\\_OBRA\\_DE\\_HANNAH\\_ARENDT](https://www.researchgate.net/publication/274171328_AMIZADE_POLITICA_PEL_O_CUIDADO_COM_O_MUNDO SOBRE POLITICA_E_RESPONSABILIDADE_NA_OBRA_DE_HANNAH_ARENDT)> [accessed Jan 16 2018].

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica* (2006), 3. (XXIV): 363-372.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks>

\_\_\_\_\_. **Ensinando a transgredir** – a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IONTA, Marilda. **As cores da amizade**: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

\_\_\_\_\_. & CAMPOS, Natália Ferreira. Da arte da amizade entre antigos e modernos. **Subjetividades antigas e modernas**. Organização Margareth Rago e Pedro Paulo A. Funari. São Paulo, Annablume, 2008

KEHL, Maria Rita. Existe a função fraterna? Em Kehl, M. R. (Org.), **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 31-47.

LANZA, Fabio; SILVA, Cláudia Neves. Religião, religiosidade e juventude: manifestação cultural ou forma de resistência? *Anais dos Simpósios da ABHR*, Vol. 13 (2012)

LÉON, Oscar Dávila. **Adolescência e juventude**: das noções às abordagens. Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005

LIMA, J.B.E. **Adolescentes e jovens e suas bases de apoio**: relações de amizade como suporte social no enfrentamento à violência. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género: hacia um feminismo descolonial. Em **Género y descolonialidad** /Walter Mignolo [et.al.]; compilado por Walter Mignolo. - 2a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Del Signo, 2014.

MACEDO, João Paulo & DIMENSTEIN, Magda Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. **Mental** - ano VII - n. 12 - Barbacena - jan.-jun. 2009 - p. 153-166

MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**; 16 (1): 146-150; Número Especial 2004

MACHADO, Liliane Maria Macedo. A fragilidade dos laços femininos: as representações sobre o rompimento da amizade entre duas garotas na série Stranger Things. **Mulheres e violências: interseccionalidades**. Brasília: TECHNOPOLITIK, 2017

MAGNANI, J. G. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, n. 1, p. 8-12, maio 1997.

MARQUES, Pâmela Marconatto & GENRO, Maria Elly Herz. Por uma ética do cuidado: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados. **Estud. sociol.** Araraquara v.21 n.41 p.323-339 jul.-dez. 2016

MAYORGA, Cláudia; PINTO, Geíse Pinheiro. Juventudes: a pluralização da experiência ou a invisibilidade das relações de poder. Em: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de (orgs). **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 101-114.

MENEZES, Jaileila de Araújo. **Do si mesmo ao outro: Vicissitudes da subjetivação política na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Instituto de Psicologia, 241f. 2004.

MIRANDA, Emília Bezerra. **Juventude e Família: um estudo sobre jovens que “deram certo na vida”**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Psicologia, 113f. 2009.

NANDY, Ashis. **A imaginação emancipatória: desafios do século 21**. Organização Lucia Rabello de Castro; tradução Joannes de Knegt. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

OLIVEIRA, Mariana Lins. **A gestão dos riscos nas políticas de juventude: um estudo a partir dos egressos do Projovem**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

ORELLANO, Claudia Marcela & GONZÁLEZ, Sergio Gabriel. Acerca de la opción decolonial en el ámbito de la psicología. **Perspectivas en psicología - Vol 12 - Nº 2 - Noviembre 2015 - (pp. 1 - 8)**

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999. 184 p.

\_\_\_\_\_. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 118 p.

\_\_\_\_\_. Hannah Arendt, Foucault e a reinvenção do espaço público. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 24, n. 1, p. 225-236, 2001. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732001000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732001000100015&lng=en&nrm=iso)>. access on 14 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732001000100015>.

\_\_\_\_\_. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002. 173 p.

PELLIZZARO, Nilmar. A amizade na perspectiva de M. Foucault. **Argumentos**, ano 7, n. 14 – Fortaleza, jul/dez. 2015

QUEIROZ, T. A. N. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. *Para Onde!?*, 8. (2): 154-161, ago./dez. 2014 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, Brasil

RAGO, M. *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

REZENDE, Cláudia Barcellos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 168 p.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; MATTAR, Cristine Monteiro. *Parresía Clínica e Política: Heroísmo filosófico e psicologia social*. ECOS, V.2 N.2, 2012.

RODRIGUES, Rafael Coelho; MACHADO, Silvio Ricardo Munari. *Amizade e contracondutas. Coleção Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos*, 2015.

ROSENEIL, Sasha. *Viver e Amar para lá da heteronorma: Uma análise queer das relações pessoais no século XXI*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 76, dezembro, 2006: 33-51

SANTANA DOS SANTOS, Mariana. et al., Excluídas pelo desenvolvimento: mulheres e o complexo industrial portuário de Suape. **Revista de Geografia** (Recife) V. 33, No. 3, 2016

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2007

SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Laços de amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

\_\_\_\_\_. Palavras e Imagens sobre Amizade Jovem na Contemporaneidade. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 163-185, jan./abr. 2012. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>

SCOTT, Parry; SANTOS, Dayse Amâncio dos; SOUZA, Rosângela Silva de; ACIOLY, Rafael de Freitas. **Patrilocalidade precarizada: práticas parentais e gravidez na adolescência no Porto de Suape**. Trabalho apresentado na XV Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais – PréAlas, Brasil, no GT Gênero, Política, feminismos e desenvolvimento, de 04 a 07 de setembro, em Teresina, 2012.

SCOTT, Russell Parry; SANTOS, Dayse Amâncio; Rosângela Silva, SOUZA. **Migrações, desenvolvimento e mulheres jovens no complexo portuário de Suape e Porto de Galinhas** (Resumo enviado intitulado “Impactos do desenvolvimento econômico e migracional na vida de adolescentes que engravidaram na adolescência no Complexo Portuário de Suape e Porto de Galinhas”). IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Fortaleza, CE, 2013.

SHUÑA, Rocio del Pilar Bravo. **Diálogos sobre sexualidade com as/os adolescentes/jovens de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca** – PE. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Psicologia, 163 f., 2014.

SILVA, Bárbara G. Ribeiro S. da. **A amizade em tempos de tecnologia**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016

SÍVERES, Luiz & SANTOS, José Roberto de Souza. O conhecimento como princípio da colonialidade e da solidariedade. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 18, n. 3, p. 124-137, set./dez. 2013

SOUSA, Diogo Araújo; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. *Rev. Psicopedagogia*, 2011; 28 (85): 53-66.

\_\_\_\_\_. Relacionamentos de Amizade e *Coping* entre Jovens Adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Jul-Set 2012, Vol. 28 n. 3, pp. 345-356

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra** – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Ciências Sociais, 2008

SOUZA “**Quando não tem bebida, morga logo!**” *Um estudo interseccional sobre juventude e consumo de álcool*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Psicologia, 149f, 2015.

SPINK, Mary Jane. A Ética na Pesquisa Social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, v. 31, n. 1, jan./jul., p. 7-22, 2000.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**; 15 (2): 18-42; jul./dez.2003

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STENGEL, Márcia. Discursos de pais e mães sobre a amizade em famílias com filhos adolescentes. **Paidéia** maio-ago. 2011, Vol. 21, No. 49, 217-225

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 272-284, maio-ago. 2014

ZANELLA, Andréa Vieira. Ética e paradigmas na psicologia social. Reflexões sobre pesquisa em psicologia, método(s) e “alguma” ética. *In: PLONER, KS., et al., org. Ética e paradigmas na psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 46-58.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Os jovens do Brasil. **Mapa da violência 2014**. Brasília: 2014.

\_\_\_\_\_. Mortes MATADAS por Armas de Fogo. **Mapa da Violência 2015** Brasília: 2015.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA I

### Relações significativas de amizade

*Olá, (nome da entrevistada), de acordo com o que eu já te expliquei durante o nosso acordo de entrevista, eu estou interessada em saber sobre como são as relações de amizade quando se é jovem, particularmente nesta região... então vou te fazer algumas perguntas que penso que podem nos ajudar nesta conversa; lembrando que você pode parar a entrevista se e quando você quiser.*

- 1) Quais as relações mais importantes, significativas, que você foi construindo ao longo da tua vida? (Pessoas da família? Quais? Namorados/as?) Me fala um pouco sobre isso?
- 2) Quem são teus amigos?
  - 2.1) E de onde vêm?
  - 2.2) Como são?
  - 2.3) Onde moram? (tentar observar diferenças e questões de raça, gênero, classe, geração...)
- 3) Como foram tuas vivências de amizade na infância? O que é que tu lembrás?
- 3.1) E na adolescência? Me fala um pouco sobre essas experiências?
- 4) O que é AMIZADE pra você?
- 5) O que é importante pra você em uma relação de amizade?
- 6) Tem diferença entre ser colega e ser amigo/a?
- 7) Tem diferença entre ser amigo/a de alguém do mesmo sexo ou de outro sexo? Quais?
- 8) Amigos/as conversam sobre o quê?
- 9) Como é que você escolhe os/as teus/tuas amigos/as? (o que leva em consideração?)
  - 9.1) Como lida com as diferenças?
- 10) Com quem você morou ao longo de sua vida? Já morou com algum/a amigo/a?
- 11) Como são os teus dias e noites?
- 12) E quanto aos momentos de lazer? Tem tempo para os/as amigos/as? Fazem o que juntos/as?
- 13) Vocês aprendem/ensinam coisas uns/umas com os/as outros/as? (Aprendizado, o que é que se aprende junto?)
- 14) Como se comunicam? (Telefone? Redes sociais? Quais meios?)
- 15) Conheceu algum/a amigo/a na internet? Como foi?
  - 15.1) Quando tu consideras que ele/a passou a ser teu/tua amigo/a? quais as expectativas que esse tipo de amizade geram?
  - 15.2) Quais são as diferenças das relações físicas? (Observar como é que ficam essas relações (entre amigos/as) com o advento das redes sociais? É diferente se falar pessoalmente e virtualmente?)
- 16) Quem é teu/tua melhor amigo/a?

16.1) Por que você o/a considera teu/tua melhor amigo/a?

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA II

### Fronteiras com as relações afetivo-sexuais

*Gostaria de continuar a conversa que tivemos no dia x... para isso, em alguns momentos vou retomar alguns pontos de nossa conversa passada e queria que você ficasse à vontade pra falar se, nesses dias que se passaram, você pensou mais alguma coisa sobre amigos/as e amizade.*

- 1) Tu tens namorado/a? (explorar a vida afetivo-sexual)
  - 1.1) Há quanto tempo namoram?
  - 1.2) Como foi que vocês se conheceram?
  - 1.3) Tu considera teu/tua namorado/a teu/tua amigo/a?
- 2) Tu já ficasse com algum/a amigo/a? como foi? E com algum/a do mesmo sexo?
- 3) Tu tens amigos/as gays/lésbicas, bissexuais?
- 4) Tu já namorasse com algum/a amigo/a? como foi?
  - 4.1) Aconteceu de você passar a namorar um/a amigo/a?
  - 4.2) E o contrário, de virar amiga/o de um/a ex-namorado/a? como foi?
- 5) Já aconteceu de algum/a amigo/a gostar de você de um “jeito diferente”? Como foi? O que aconteceu?
- 6) De acordo com tua própria experiência (ou mesmo de uma outra pessoa), como ficam as amizades quando se acaba um namoro?
  - 6.1) Tu pensas que é possível ser amigo/a de um/a ex-namorado/a? Por que sim? Por que não? Por que não pode amizade com sexo diferente ou por que aconteceu alguma coisa?
  - 6.2) O que é que você ouve as pessoas falarem sobre isso? Tem alguma situação na tua família? Próximo a ti?
- 7) Já ouviu falar em “amizade colorida”? (se não tentar explicar o que é) Já viveu algo parecido?
  - 7.1) Como é isso aqui onde tu vives?
  - 7.2) Tem algum outro nome pra isso? (buscar categorias nativas)
- 8) Já aconteceu de você e um/a amigo/a muito próximo/a gostarem/paquerarem uma mesma pessoa? Como foi?
- 9) O que você acha que ameaçaria uma relação de amizade como essa?

## APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA III

### Continuidades e descontinuidades das amizades...

*(nome da entrevistada), hoje é nosso terceiro encontro de entrevista. Ainda tenho algumas perguntas pra te fazer e imagino que você tenha coisas a me dizer sobre tudo isso que a gente vem conversando...*

- 1) Tu consideras que tem alguma inimizade? Algum/a inimigo/a? O que houve?
- 2) Já chamou alguém de “amiga falsa”/amigo falso ou “falsa amiga”? Por que? Como é que tu observas isso entre as pessoas que tu conheces?
- 3) Que exemplos de “boas companhias” tu poderias me dar? e de “más companhias”? o que falam sobre isso?
- 4) Já brigasse com algum/a amigo/a? Como foi?
  - 4.1) O que motivou?
  - 4.2) Como foi resolvido?
- 5) O que não dá pra aceitar em um/a amigo/a?
- 6) Você já perdeu algum/a amigo/a por morte? Como foi? Como tá sendo?
- 7) Tu já perdesse algum amigo de outra forma? (As uniões civis, os casamentos, podem provocar mudanças nas relações entre amigos e amigas? O que tu pensa a respeito?)
- 8) Tu pensa em ser mãe/pai?
  - 8.1) Tu achas que vai dar pra manter as tuas relações de amizade quando tu fores mãe/pai?
- 9) Dessas perguntas que eu te fiz qual foi a que tu mais gostou?
- 10) A quem menos gostou?
- 11) A que foi mais difícil responder?
- 12) E a mais fácil?
- 13) E qual a pergunta que eu não te fiz?
- 14) E qual a pergunta tu queres me fazer sobre amizade?

## ANEXO A – MÚSICA “AMIGO É CASA”

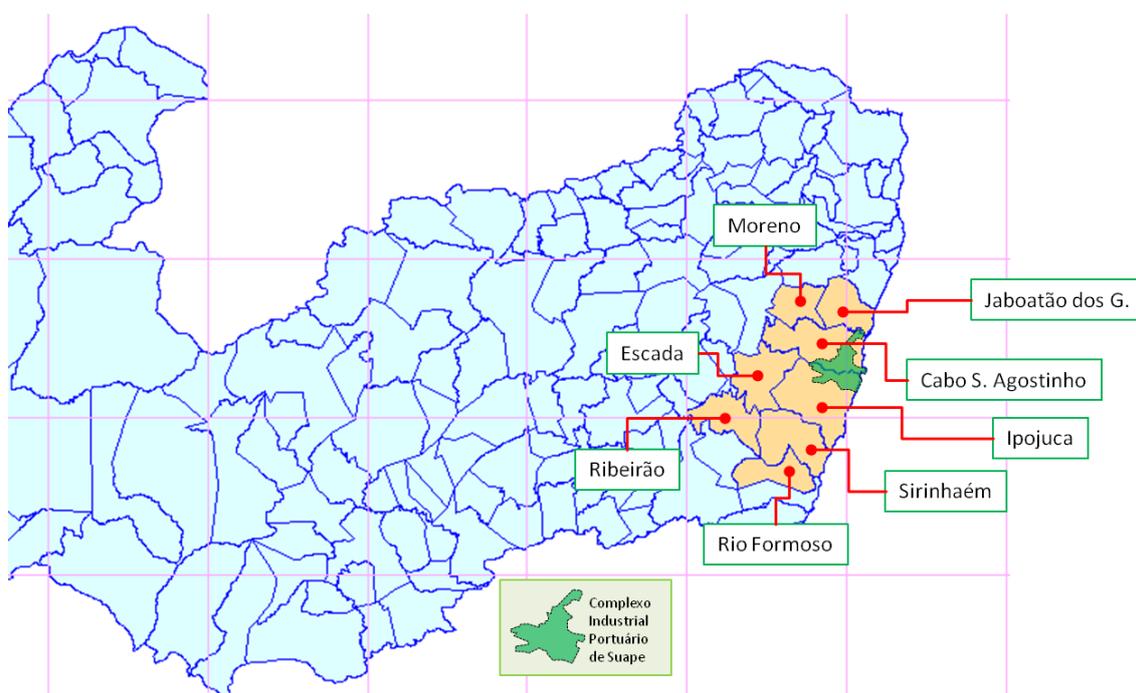
### AMIGO É CASA

Capiba e Hermínio Bello de Carvalho

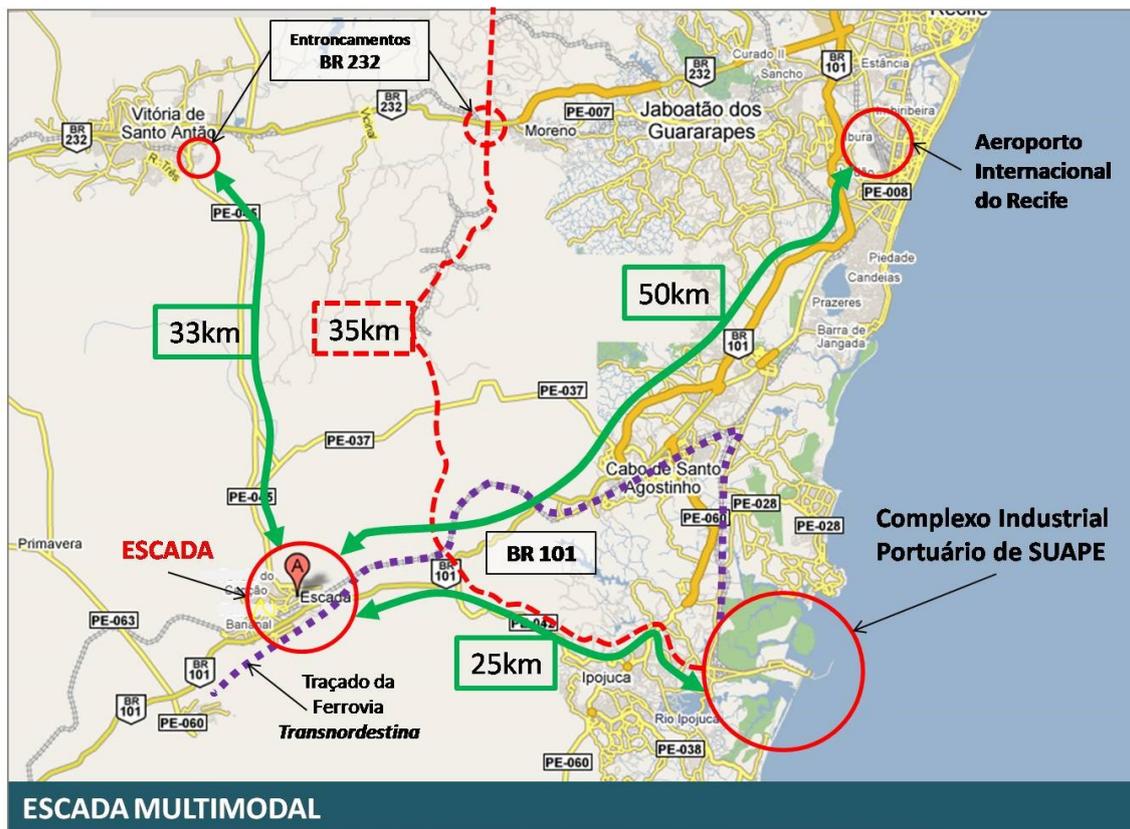
Amigo é feito casa que se faz aos poucos  
e com paciência pra durar pra sempre  
Mas é preciso ter muito tijolo e terra  
preparar reboco, construir tramelas  
Usar a sapiência de um João-de-barro  
que constrói com arte a sua residência  
há que o alicerce seja muito resistente  
que às chuvas e aos ventos possa então a proteger  
E há que fincar muito jequitibá  
e vigas de jatobá  
e adubar o jardim e plantar muita flor toiceiras de resedás  
não falte um caramanchão pros tempos idos lembrar  
que os cabelos brancos vão surgindo  
Que nem mato na roceira  
que mal dá pra capinar  
e há que ver os pés de manacá  
cheínhos de sabiás  
sabendo que os rouxinóis vão trazer arrebóis  
choro de imaginar!  
pra festa da cumieira não faltem os violões!  
muito milho ardendo na fogueira  
e quentão farto em gengibre  
aquecendo os corações  
A casa é amizade construída aos poucos  
e que a gente quer com beira e tribeira  
Com gelosia feita de matéria rara  
e altas platibandas, com portão bem largo  
que é pra se entrar sorrindo  
nas horas incertas  
sem fazer alarde, sem causar transtorno  
Amigo que é amigo quando quer estar presente  
faz-se quase transparente sem deixar-se perceber  
Amigo é pra ficar, se chegar, se chegar,

se abraçar, se beijar, se louvar, bendizer  
Amigo a gente acolhe, recolhe e agasalha  
e oferece lugar pra dormir e comer  
Amigo que é amigo não puxa tapete  
oferece pra gente o melhor que tem e o que nem tem  
quando não tem, finge que tem,  
faz o que pode e o seu coração reparte que nem pão

## ANEXOS B – ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DE SUAPE



FONTE: ASSESSUAPE – ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DE SUAPE. DISPONÍVEL EM <http://www.assesuape.com.br/2013/02/sustentabilidade-prioridade-para-os.html>



FONTE: PEDESENVOLVIMENTO. DISPONÍVEL EM <https://pedesenvolvimento.com/2009/05/02/transporte-intermodal-e-potencial-logistico-de-escada-parte-i/>